

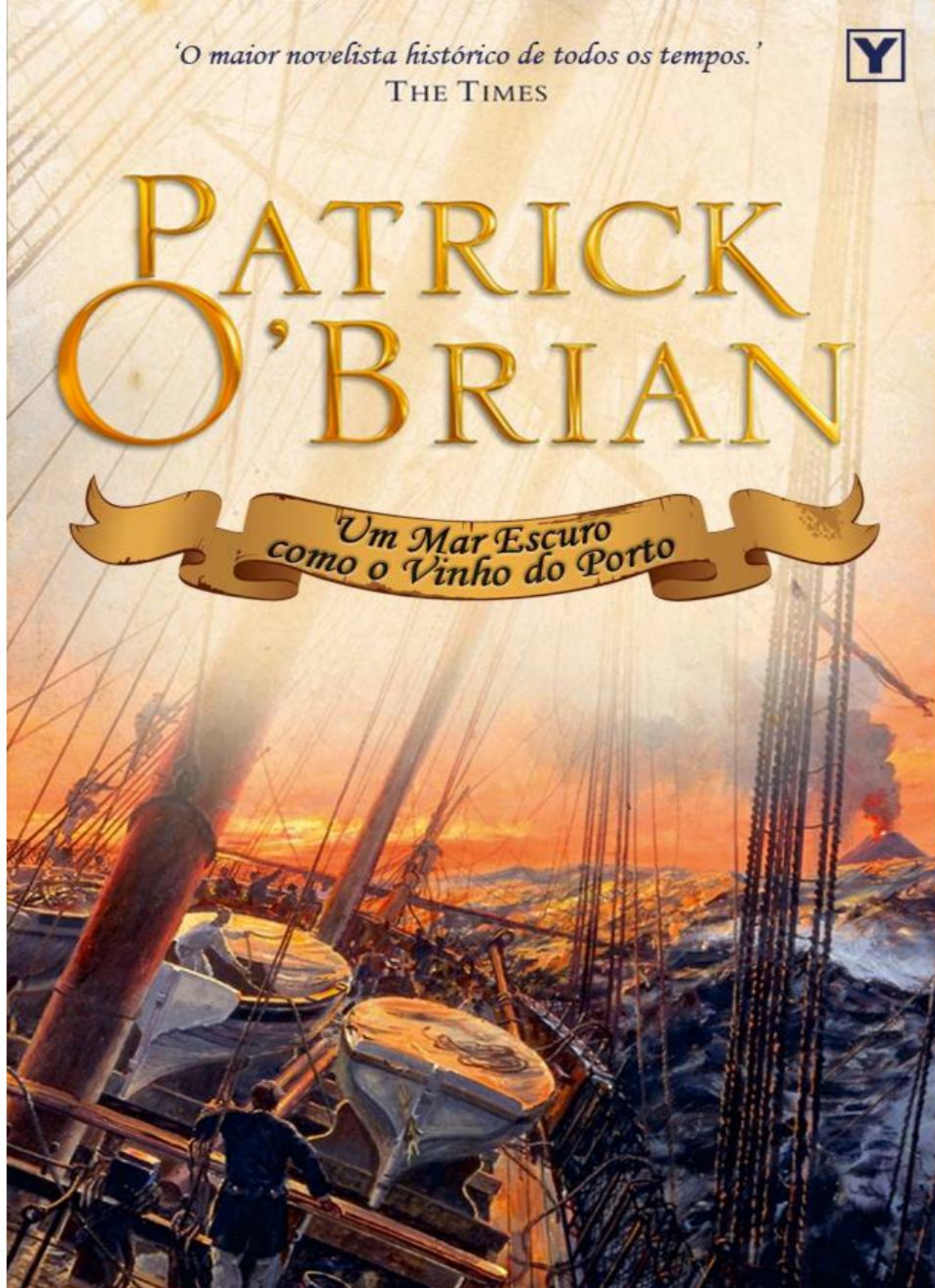
'O maior novelista histórico de todos os tempos.'

THE TIMES



PATRICK O'BRIAN

*Um Mar Escuro
como o Vinho do Porto*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

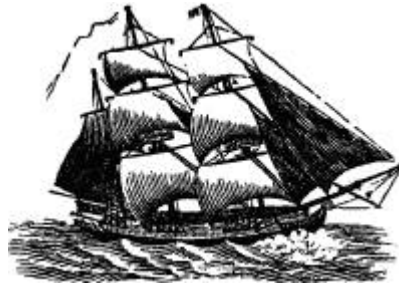
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Mestre dos Mares XVI

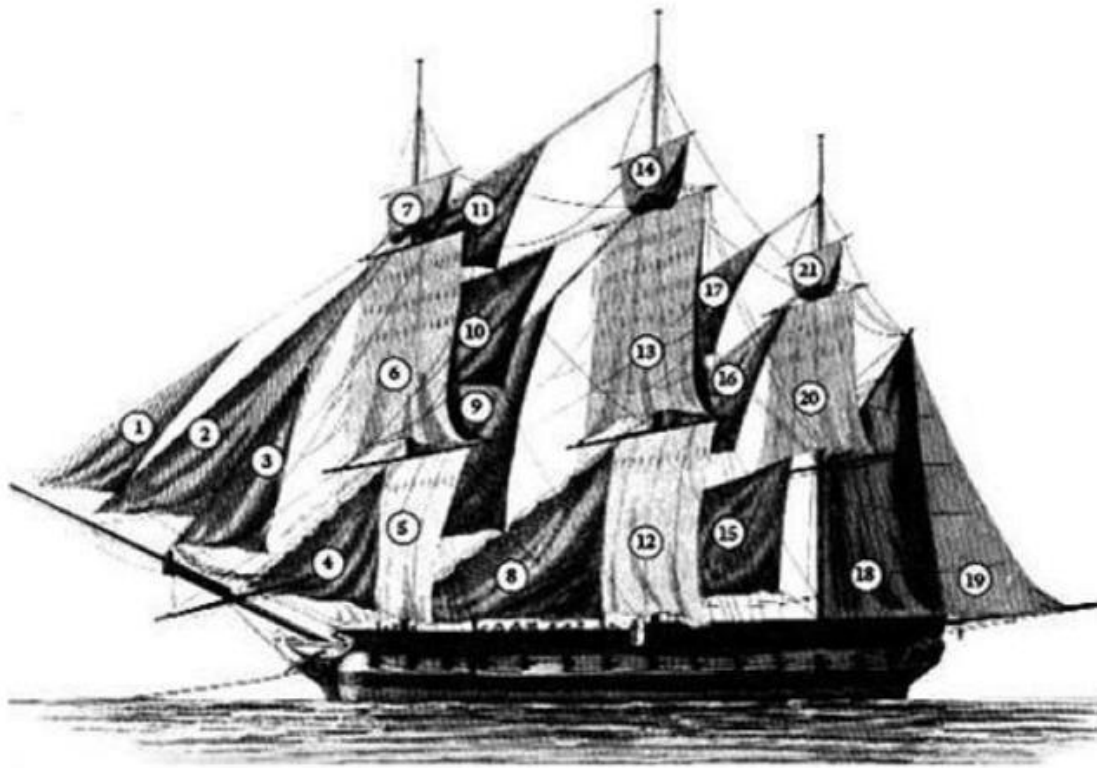
PATRICK O'BRIAN



*Um Mar Escuro
como o Vinho do Porto*

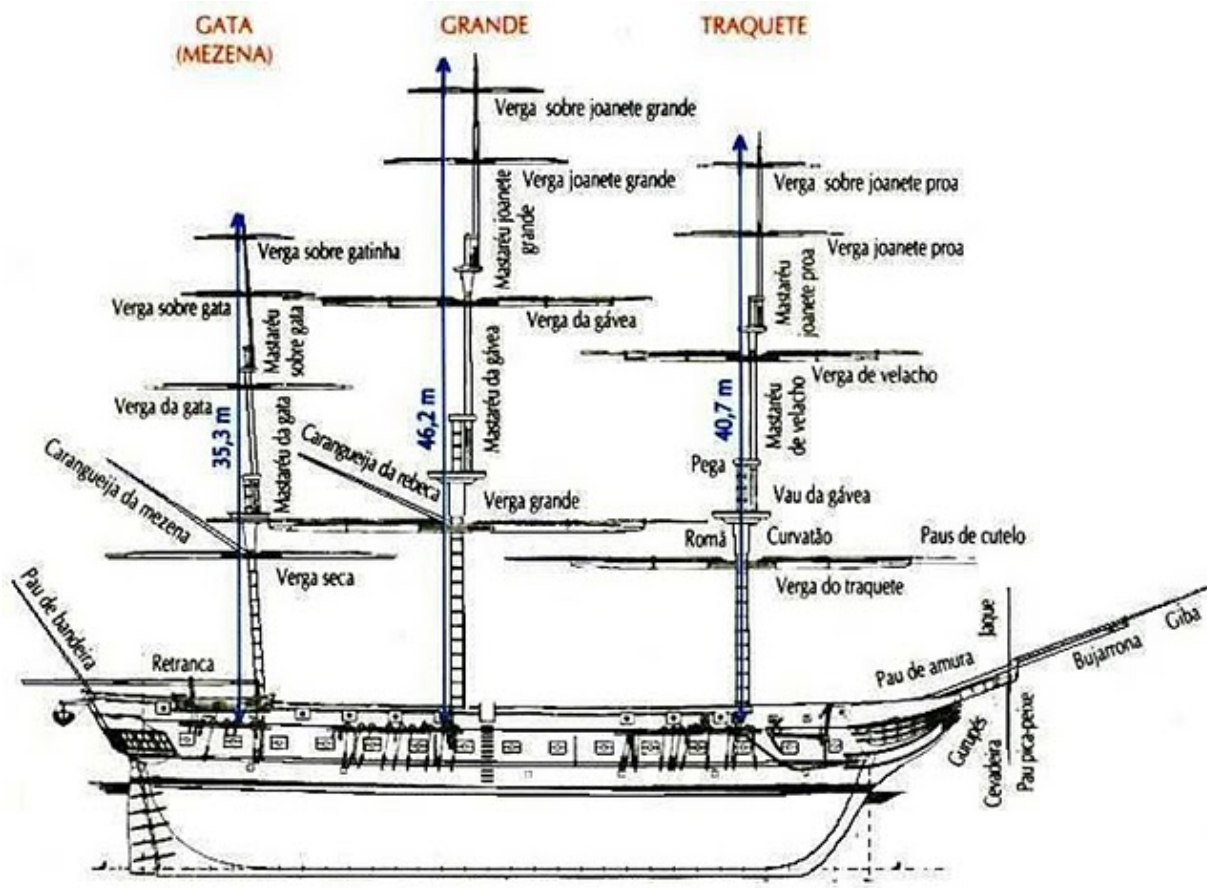
série **Mestre dos Mares**

Mestre dos Mares
O Capitão
A Fragata Surprise
Expedição à Ilha Maurício
A Ilha da Desolação
O Butim da Guerra
O Ajudante de Cirurgião
Missão em Jônia
O Porto da Traição
O Lado Mais Distante do Mundo
O Outro Lado da Moeda
A Patente de Corso
Treze Salvas em Honra
A Escuna Noz-moscada
Clarissa Oakes, Clandestina a Bordo
Um Mar Escuro como o Vinho do Porto
O Comodoro
Almirante em Terra
Os Cem Dias
Azul na Mezena



- 1— Giba
- 2— Bujarrona
- 3— Vela de Estai
- 4— Polaca
- 5— Traquete
- 6— Velacho baixo
- 7— Sobrejoanete de proa
- 8— Estai entre mastros
- 9— Estai do Mastaréu da gávea
- 10— Estai do meio
- 11— Estai principal do joanete

- 12— Grande
- 13— Gávea do grande
- 14— Joanete Grande
- 15— Estai da Mezena
- 16— Estai da gávea da mezena
- 17— Estai do mastaréu da mezena
- 18— Estai do joanete da mezena
- 19— Mezena
- 20— Gávea da Mezena
- 21— Sobrejoanete de popa



Um mar escuro como o vinho do porto tem a virtude de transmitir com extraordinária força a passagem da fragata Surprise pelo cabo de Hornos, uma das experiências mais duras e perigosas que o capitão Jack Aubrey enfrenta. Mas não menos arriscada é a missão que o espião Stephen Maturin deve enfrentar, em um momento em que o espírito revolucionário parece ter aceso como a pólvora nos países sul-americanos.

Nota da edição

espanhola

Este é o décimo sexto romance da mais apaixonante série de novelas históricas marítimas jamais publicada; por considerá-lo de indubitável interesse, ainda que os leitores que desejem prescindir disso podem perfeitamente fazê-lo, inclui-se um arquivo adicional com um amplo e detalhado Glossário de termos marítimos.

Foi mantido o sistema de medidas da Armada Real inglesa, como forma habitual de expressão da terminologia náutica.

1 jarda = 0,9144 metros.

1 pé = 0,3048 metros — 1 m = 3,28084 pés.

1 cabo = 120 braças = 185,19 metros.

1 polegada = 2,54 centímetros — 1 cm = 0,3937 polegada.

1 libra = 0,45359 quilogramas — 1 kg = 2,20462 libra.

1 quintal = 112 libras = 50,802 kg.

1 pinta = 0,47 litros.

1 celemine = 4,6 litros.

CAPÍTULO 1

Sob o céu se estendia um imenso oceano roxo, onde não havia mais sinais de vida que dois diminutos barcos navegando velozmente por sua vasta extensão. Navegavam quase exatamente contra com os instáveis ventos alísios e levavam desdobradas todas as velas que era possível sem correr risco, ou inclusive mais, com as bolinas retesadas e vibrantes. Avançavam assim já fazia dias, às vezes tão afastados que só viam as gáveas do outro por cima do horizonte, e outras vezes a um tiro de canhão, e nestes casos se disparavam com os canhões de proa e popa.

A embarcação que ia na frente era o Franklin, um barco corsário norte-americano de vinte e dois canhões de nove libras, e a que o perseguia era a *Surprise*, uma fragata de vinte e oito canhões que havia pertencido à Armada Real, mas agora também fazia o curso tripulada por corsários e voluntários. Estava nominalmente sob o comando de Thomas Pullings, um oficial de meio soldo, porém, de fato, sob o de Jack Aubrey, seu antigo capitão, um homem com uma posição muito alta na lista de capitães de navio, mais alta que a de quem geralmente governava um barco tão pequeno e antiquado. A *Surprise* era um barco realmente anômalo, pois ainda que aparentasse ser um corsário, era oficialmente um barco alugado por Sua Majestade. Iniciara sua viagem com o objetivo de levar à América do Sul a Stephen Maturin, o cirurgião, para pôr-se em contato com os proeminentes habitantes que desejavam independentizar ao Chile e Peru da Espanha. Maturin, além de ser médico, era um agente secreto excepcionalmente preparado para essa missão, pois era catalão por parte de mãe e se opunha à opressão de seu país pela Espanha, isto é, Castelo.

Na realidade, opunha-se a qualquer tipo de opressão, e em sua juventude havia apoiado ao grupo United Irishmen (seu pai era um militar irlandês católico que havia servido na Espanha) em tudo menos nos atos violentos de 1798, e, sobretudo, detestava a que Bonaparte exercia. Oferecera seus serviços com prazer ao governo britânico para contribuir para o seu fim. Mas os havia oferecido *grátis por Deus* para que não tivesse a possibilidade de lhe darem o odioso nome de *espião*, alguém desprezível contratado pelo governo para delatar seus amigos, um nome que em sua infância na Irlanda associava ao de Judas, o delator da quarta-feira antes da Paixão.

Havia retomado sua missão atual, depois da comprida interrupção provocada por um traidor que passou informação de Londres para Madri, e lhe produzia uma grande satisfação, porque seu êxito não só provocaria o debilitamento dos dois opressores, como também raiva e frustração em um determinado departamento do serviço secreto francês que tentava obter o mesmo resultado, com a única diferença de que os governos independentes da América do Sul deveriam expressar convenientemente sua gratidão e sua afeto por Paris em vez de Londres.

Tivera muitos motivos de satisfação desde sua partida da ilha Polinésia de Moahu para perseguir ao *Franklin*. Um era que os norteamericanos, confiando na enorme capacidade de seu barco de navegar bem de bolina, escolheram uma rota que conduzia diretamente ao seu destino; outro era que apesar de que o capitão, um velho marinheiro do Pacífico, nascido em Nantucket, governava o barco com grande perícia, fazendo todo o possível para manter afastados seus perseguidores ou livrar-se deles durante a noite, não podia comparar-se com Aubrey em habilidade nem em astúcia. Quando os marinheiros do *Franklin*, na escuridão, desciam uma balsa pelo costado e colocavam nela lanternas acesas ao mesmo tempo que apagavam as do barco e mudavam o rumo, ao riscar a alvorada viam a *Surprise* navegando em sua esteira, pois Jack Aubrey tinha a mesma intuição, o mesmo senso do tempo e muito mais experiência na guerra.

Outro motivo de satisfação era que quase todas as observações de meio-dia indicavam que se aproximavam do Equador de forma

oblíqua e estavam aproximadamente a umas duzentas milhas do Peru, um país que o doutor Maturin relacionava não só com a possível independência, mas também com a coca. Costumava mascar as folhas secas desse arbusto, como os peruanos, para acalmar a mente e o espírito, para eliminar o cansaço físico e intelectual e para conseguir uma sensação de bem-estar geral, ao sul do trópico de Capricórnio os ratos se tinham comido as folhas que tinha, e, como não era possível obtê-las em Nova Gales do Sul, onde a fragata passou várias semanas horríveis, desejava ansiosamente consegui-las porque estava muito angustiado com as últimas notícias recebidas de sua esposa nas cartas que haviam chegado à fragata diante da ilha Norfolk, e pensava que as folhas de coca ao menos dissipariam a parte irracional de sua angústia. As folhas limpavam a mente de forma extraordinária, e lhe animava a idéia de sentir seu conhecido sabor, o adormecimento da parte interior da boca e da faringe e a tranqüilidade que ele denominava "ataraxia virtuosa", uma sensação de liberdade que não tinha relação com o álcool, esse desprezível refúgio, nem com seu antigo companheiro, o ópio, aos quais poder-se-iam pôr objeções do ponto de vista médico e talvez também do moral.

Era improvável que uma pessoa tão discreta e reservada como Stephen Maturin falasse de um assunto desse tipo, e ainda que passou por sua mente quando viu aparecer um pedaço de alga verde nas ondas que a proa formava, limitou-se a dizer a seu companheiro:

— É um grande prazer ver que o oceano tem um colorido tão parecido ao do vinho do porto, a alguns tipos de vinho do porto, quando sai aos borbotões da prensa.

Ele e Nathaniel Martin, seu ajudante, estavam de pé no beque da fragata, um espaço aproximadamente triangular situado diante e debaixo do castelo. Essa parte era a mais anterior da embarcação, de onde partia o gurupés e onde ficava o reservado dos marinheiros. Ali os dois galenos atrapalhavam menos não só aos marinheiros que estavam ajustando as velas para conseguir o maior impulso possível do vento, mas também, e sobretudo, aos artilheiros que manejavam os dois canhões de proa do castelo e que apontavam quase

diretamente para frente. Os artilheiros em questão estavam ao comando do próprio capitão Aubrey, que apontava e disparava o canhão de barlavento, um longo canhão de bronze de nove libras chamado *Belzebu*, e pelo capitão Pullings, que fazia o mesmo com o de sotavento. Os dois marinheiros tinham uma forma de disparar muito similar, o que não era estranho, porque o capitão Pullings fora um dos guardas-marinhas de Jack quando estava ao comando de seu primeiro barco, muito tempo atrás, no Mediterrâneo, e aprendera com ele tudo o relativo à prática da artilharia. Agora apontavam cuidadosamente os canhões para as vergas das gáveas com a intenção de cortar as adriças, os brandais e todos os cabos que estabeleciam conexões ao nível da verga maior e, com sorte, romper a própria verga; quer dizer: com a intenção de dificultar o avanço do barco sem estragar o casco. Não tinha sentido destroçar o casco de uma presa, e o Franklin parecia destinado a converter-se nisso, a longo prazo ou talvez nesse mesmo dia, pois a *Surprise* se aproximava perceptivelmente. A distância era agora de umas mil jardas ou um pouco menos, e tanto Jack como Pullings apenas esperavam subida com as ondas para lançar as balas sobre a ampla faixa de água.

— Mas isto não agrada ao capitão — disse Maturin, referindo-se às águas de colorido vinho do porto. — Diz que não é natural. Não lhe parece raro a cor, que todos já vimos às vezes no Mediterrâneo; tampouco acha as ondas raras, que apesar de serem extraordinariamente grandes não são incomuns, mas a cor e as ondas juntos...

Foi interrompido pelo estrondo do canhão do capitão, seguido quase sem pausa pelo estrépito do de Pullings. A fumaça e alguns pedaços de buchas fumegantes passaram assobiando sobre suas cabeças, porém, antes de que desaparecessem por sotavento, Stephen passou a olhar pela luneta. Não pôde ver a trajetória da bala, mas três segundos depois viu formar-se um buraco na parte inferior da gávea do barco francês, onde havia um monte mais. Para seu assombro, também viu sair jorros de água pelos embornais de sotavento e acima dele ouviu a Pullings gritar:

— Estão jogando a água, senhor!

— Que significa isto? — perguntou Martin muito baixo.

Ainda que Martin não consultou uma fonte confiável, porque o doutor Maturin era um homem do interior, esta vez Stephen pôde responder-lhe com certeza que estavam jogando a água pela borda para aliviar o barco com o fim de que navegasse mais rápido, e acrescentou:

— É possível que também joguem os canhões e os botes pela borda. Já vi isso antes.

Os furiosos vivas que deram todos os marinheiros da *Surprise* que ficavam na proa lhe indicaram que o veria outra vez. E depois de ver os primeiros salpicos, passou a luneta para Martin.

Jogaram pela borda os botes e os canhões, ainda que não todos. Enquanto a velocidade do *Franklin* aumentava, os dois canhões de proa seguiam disparando ao mesmo tempo, e a branca fumaça se estendia sobre sua esteira.

— Que desagradável é quando disparam em nós! — exclamou Martin, encolhendo-se para ocupar o menor espaço possível.

Enquanto falava, uma bala deu na âncora de leva, que ficava atrás deles, produzindo um forte som metálico. Os pontiagudos fragmentos, junto com a segunda bala, cortaram quase todos os cabos que sustentavam o mastaréu de joanete de proa. O mastaréu e sua vela caíram muito lentamente, rompendo outras perchas à direita e à esquerda, quase não dando tempo para a resposta dos canhões de proa da *Surprise*, cujas balas deram na proa do *Franklin*. Mas antes que os artilheiros das brigadas de Jack e de Pullings pudessem voltar a carregar os canhões, já estavam envolvidos pela vela. Ao mesmo tempo, todos os marinheiros da popa gritaram:

— Homem ao mar!

A fragata orçou e pôs todas as velas em paio com um ruído enlouquecedor. O *Franklin* disparou um único canhão, formando uma imensa nuvem de fumaça, e se ouviu um extraordinário informe que foi afogado pelas ordens do capitão Aubrey.

— Enrolem a vela, enrolem a vela! — gritou, e imediatamente saiu de baixo dela e perguntou: — Onde?

— Pela alheta de bombordo, senhor — gritaram vários marinheiros. — É o senhor Reade.

— Continue, capitão Pullings — disse Jack, tirando rapidamente a camisa e lançando-se ao mar.

Era um excelente nadador, o único na fragata, e de vez em quando, como uma foca, saía um pouco da água para comprovar a direção que estava. O senhor Reade, um guarda-marinha de catorze anos, nunca tinha conseguido mais que manter-se flutuando, e desde que perdera um braço em uma batalha recente, não tinha se banhado no mar. Afortunadamente, com o braço que lhe restava se agarrara às barras de um galinheiro que seus companheiros lhe lançaram do castelo de popa, e ainda que estivesse empapado e arroxedo, ainda conservava a sensatez.

— Oh, senhor! — gritou quando estava a uma distância de vinte jardas. — Oh, senhor, sinto muito! Espero que não tenhamos perdido a presa!

— Está ferido? — perguntou Jack.

— Não, em absoluto, senhor, mas sinto muito que o senhor tenha tido que...

— Então, agarre-se ao meu cabelo — disse o capitão, que tinha o cabelo longo e arrumado em uma trança. — Coloque-se sobre meus ombros. Ouvia?

Quando regressavam à fragata, Reade sussurrava para Jack de vez em quando alguma desculpa ou suas esperanças de que não tivessem perdido a presa. Contudo, grande parte do tempo ficava meio afogado na água salgada, porque Jack nadava contra o vento e a corrente e se afundava bastante em cada braçada.

Reade foi recebido a bordo com menos frieza da que podia se esperar. Por um lado, todos os marinheiros o apreciavam muito, e por outro, era óbvio para todos que seu resgate não havia atrasado a perseguição da presa, pois tanto se Reade tivesse caído pela borda como se não, antes que a fragata pudesse continuar sua rota tinham que substituir a destroçada cruzeta e subir ao alto da exércia novos paus, velas e cabos. Os poucos marinheiros que não estavam muito ocupados com o enredo de proa lhe lançaram um cabo formando um seio, subiram-no a bordo e lhe perguntaram com sincera amabilidade como se encontrava. Depois o deixaram nas mãos de Sarah e Emily Sweeting, duas meninas negras de uma remota ilha

de Melanésia que pertenciam ao doutor Maturin e que gostavam de ajudar na enfermaria, elas o acompanharam abaixo para que pusesse roupa seca e tomasse uma xícara de chá. Ao passar por Davies *O Lerdo*, que havia sido resgatado duas vezes e amiúde lhe molestava compartilhar essa distinção, gritou:

— Fui eu que lhe joguei o galinheiro, senhor. Eu o joguei pela borda. Ah, ah, ah!

Quanto ao capitão, imediatamente começou a falar com o senhor Bulkeley, o contramestre, e a única felicitação que recebeu foi de Pullings, que, antes de avançar até os moitões da proa, disse:

— Bem, assim que o fez outra vez, senhor.

Jack não esperava mais, nem sequer isso, pois durante sua vida no mar havia tirado tantas pessoas da água que quase não pensava nisso. E os homens que estavam sob suas ordens desde que tomara o comando de seu primeiro barco, como seu timoneiro Bonden, seu despenseiro Killick e vários mais, já o haviam visto fazê-lo tão amiúde que lhes parecia natural e só diziam: “Um maldito marinheiro de água doce caiu e o capitão o tirou da água”. Por outra parte, os corsários e os contrabandistas, que compunham a maior parte do restante da tripulação, tinham adotado quase a mesma atitude fleumática que seus companheiros.

De toda forma, estavam tão concentrados em acondicionar a fragata para que pudesse retomar a perseguição que não podiam permitir-se o luxo de ocupar sua mente com pensamentos gerais. Para espectadores objetivos como Maturin e seu ajudante, era um prazer ver trabalhar àquele grupo de marinheiros experimentados que sabiam exatamente o que fazer e o faziam com diligência, que trabalhavam duro, com precisão, com muita energia e quase em silêncio. Os galenos saíram agachados debaixo do contrafoque, foram para baixo, e encontraram Reade perfeitamente bem, a quem as meninas davam de comer bolachas da enfermaria. Depois se puseram a observar a intensa atividade desde o castelo de popa, onde alguns poucos continuavam a vida rotineira da fragata: West, o oficial de guarda, permanecia em seu posto com a luneta sob o braço, e os timoneiros e o suboficial encarregado dos sinais estavam detrás do leme.

— Gire o relógio de areia e toque o sino — ordenou o suboficial em voz alta e com gravidade.

Naturalmente, ali não havia ninguém para obedecer a ordem, pelo que ele mesmo girou o relógio e avançou para o campanário para tocar o sino. Contudo, como ambos os corrimãos estavam obstruídos por paus, cabos e uma multidão de esforçados marinheiros, foi obrigado a descer ao castelo. Tinha que passar entre o carpinteiro e seus ajudantes, que, sudorosos sob o sol abrasador, agora a meio caminho do zênite no céu acobreado, estavam fazendo a nova cruzeta e, também, a base do novo mastaréu do joanete de proa. Era um grupo de homens diligentes que trabalhavam extraordinariamente bem em um barco em movimento e com instrumentos afiados, e lhes impacientava a mais mínima interrupção. Mas como o suboficial era um homem obstinado e tinha servido no *Agamenon* e no *Vanguard* sob o comando de Nelson, não ia se deter por um punhado de carpinteiros, e pouco depois soaram as quatro badaladas com o dobro batidas. O suboficial regressou seguido de blasfêmias, e trouxe consigo os dois timoneiros que iam demonstrar sua habilidade com o leme.

— Senhor West — disse Stephen, — acha que almoçaremos hoje?

A expressão do senhor West era difícil de interpretar. A falta do nariz, que havia se congelado ao sul do cabo de Hornos, dava ao seu rosto, de gesto doce, amável, quase estúpido, um aspecto malvado que acentuavam uma série de escuros sulcos recentemente adquiridos.

— Oh sim! — exclamou distraidamente. — A menos que estejamos em meio de uma batalha, sempre fazemos as medições solares e chamamos para almoçar ao meio-dia.

— Não, não. Me refiro a nossa cerimônia na câmara de oficiais.

— Oh, certamente! — replicou West. — Com a queda de Reade pela borda, nossa parada por causa da presa e sua fuga rápida como o raio no momento que íamos ultrapassá-la, eu havia esquecido. Ei, do tope! — gritou. — Que vê?

— Quase nada, senhor — respondeu uma voz que desceu flutuando no ar. — Há uma espessa névoa, uma espécie de névoa

alaranjada ao sudeste, mas às vezes parece que vejo o brilho de umas joanetes.

West moveu a cabeça de um lado para o outro, mas continuou falando:

— Não, não, doutor, não se preocupe com o almoço. O cozinheiro e o despenseiro a prepararam muito bem e, ainda que seja possível que a comamos um pouco tarde, estou seguro que a comeremos. Olhe, vê?, estão subindo a cruzeta. Imediatamente guindarão o mastaréu de joanete.

— De verdade? Haverá ordem depois do caos tão rápido?

— Naturalmente que sim. E não se preocupe com o almoço.

— Não me preocuparei — disse Stephen.

Admitia que os marinheiros lhe falassem dos barcos com a mesma simplicidade que ele lhes falava de seus corpos. Ele lhes dizia: “tome este comprimido, que estabilizará os humores completamente”, e eles, apertando o nariz (porque amiúde continha assa-fétida), esforçavam-se para tragar aquela massa redonda, ofegavam e imediatamente se sentiam melhor. Agora, mais tranqüilizado, virou-se para Martin.

— Vamos fazer a ronda da manhã — disse, e depois desceram.

Quando West ficou sozinho, voltou para suas reflexões, talvez um termo inadequado para descrever sua preocupação com o futuro e sua angústia com o presente. O capitão Aubrey havia começado esta viagem, interrompida numerosas vezes, com seu antigo companheiro de prisão John Pullings no posto de imediato e com dois oficiais afastados do serviço, West e Davidge, como segundo e terceiro. Só reconhecia a estes como marinheiros competentes, mas sabia que as penas a que haviam sido condenados pelos conselhos de guerra eram consideradas exageradamente duras na Armada (West fora expulso por duelar e Davidge por assinar as contas de um desonesto contramestre sem tê-las comprovado) e que seu objetivo na vida era ser reabilitado. Até data muito recente, ambos tinham estado muito perto de consegui-lo, mas quando a *Surprise* se achava aproximadamente a mil milhas de Sydney, navegando para leste pelo Pacífico, descobriu-se que um dos guardas-marinhas de mais antiguidade, de sobrenome Oakes, havia escondido uma jovem na

coberta inferior, o que provocou que todos os oficiais, menos o doutor Maturin, se comportassem totalmente mal. O imediato matrimônio da jovem com Oakes a libertou, pois deixou de ser uma fugitiva que podia ser aprisionada novamente, mas não a liberou dos desejos, das proposições adúlteras e dos ciúmes de seus companheiros de tripulação. West e Davidge foram os piores, e o capitão Aubrey, que se informou tarde da situação, disse que se não deixassem de demonstrar abertamente sua profunda aversão, que provocava a discórdia e a ineficiência na fragata, ele os largaria em terra e perderiam para sempre suas esperanças de serem reabilitados.

Davidge fora morto em uma batalha recente, pela qual a ilha Polinésia de Moahu havia se convertido, pelo menos nominalmente, em parte do Império britânico, e Oakes tinha zarpado para Batavia com Clarissa em uma presa que haviam recuperado. Porém, até agora, o capitão não dissera nada; e West não sabia se por ter preparado com diligência a batalha de Moahu, trasladar as caronadas por um terreno acidentado e ter uma pequena participação na batalha lhe perdoara, ou se ia deixar-lhe em terra quando chegassem ao Peru, e esta idéia lhe atormentava. Mas do que tinha certeza era que uma valiosa presa, da qual lhe corresponderia uma parte ainda que mais tarde fosse expulso, provavelmente tinha conseguido escapar. Não a alcançariam antes de que escurecesse, e, em meio da névoa, em uma noite sem lua, poderia avançar cem milhas e perder-se de vista.

Aquilo era um tormento para ele, ao que tinha que acrescentar que essa manhã o capitão Aubrey tinha ascendido Grainger, um marinheiro do castelo da guarda de estibordo, para que ocupasse a vaga deixada pela morte de Davidge, e também a Sam Norton, para que substituísse a Oakes. West tinha que admitir que Grainger era um excelente marinheiro que esteve ao comando de um bergantim na rota de Guinéu até que alguns piratas de Berbería o aprisionaram frente ao cabo Spartel, mas não lhe agradava em absoluto como pessoa. Já sabia o que era ficar encerrado na câmara dos oficiais com um companheiro que detestava, vendo-lhe em cada refeição e ouvindo sua voz, e agora parecia que devia passar novamente por

essa amarga experiência; pelo menos enquanto atravessavam o Pacífico. Mas além disso, achava que a câmara dos oficiais e o castelo de popa, os lugares privilegiados de um barco de guerra, não só eram sagrados por si mesmos, mas que também conferiam a seus legítimos moradores uma espécie de santidade, uma identidade, um modo de ser particular. Estava convencido disso, ainda que a idéia era difícil de expressar, e, morto Davidge, não tinha ninguém com quem falar dela. Pullings era filho de um pequeno terratenente; Adams, ainda que trabalhasse como contador, na realidade só era o escrevente do capitão; Martin não parecia dar muita importância à família nem à casta; o doutor Maturin, que vivia quase permanentemente com o capitão porque era seu melhor amigo, era filho ilegítimo, por isso não se podia falar desse tema com ele. Porém, ainda que West gozasse do favor do capitão, teria sido inútil lhe dizer que se era necessário ascender aos marinheiros, como neste caso, que os nomeasse ajudantes de oficial de derrota, porque assim teriam que alojar-se com os guardas-marinhas e a câmara dos oficiais estaria protegida. Teria sido inútil, porque Jack Aubrey pertencia à antiga Armada, onde o segundo oficial de um carvoeiro como James Cook podia morrer sendo um honorável capitão de navio e um marinheiro como William Mitchell podia começar sua vida profissional açoitado diante dos barcos de toda a frota e terminar como vice-almirante; e em troca, na moderna Armada, para que concedessem uma ascensão a um oficial, não só ele tinha que ser aprovado no exame de tenente, como também demonstrar que era um cavalheiro.

O doutor Maturin e seu ajudante tinham que tratar as habituais doenças de marinheiros e vendar umas poucas feridas. As feridas não eram produto da batalha recente, que tinha sido uma carnificina (um ataque com disparos a curta distância em um inimigo pego em um desfiladeiro rochoso), mas de arrastar trabalhosamente os canhões pela ladeira de uma montanha coberta de vegetação. Também tinham um caso interessante, o de um marinheiro que, por andar menos firme em terra que em um barco, havia caído na ponta de um ramo de bambu cortado que se cravara nele, pelo qual o ar

entrara na cavidade torácica e na pleura, produzindo um estranho efeito num pulmão. Falaram sobre ele em latim durante muito tempo, para grande satisfação dos que estavam na enfermaria, que voltavam seu rosto grave um para o outro, assentindo com a cabeça. Enquanto isso, o paciente se mantinha com a vista no piso, e Padeen Colman, um irlandês quase exclusivamente monolíngüe que era o servente do doutor Maturin e também seu ajudante na enfermaria, tinha um gesto reverente próprio dos que estão na missa.

Não ouviram as ordens que acompanharam o processo de erguer o novo mastaréu de joanete, um processo angustiante devido à grande altura e à marejada. Tampouco ouviram o grito "Colocado!", que deu o ajudante do contramestre quando cravou a cunha na base do mastaréu de joanete para que ficasse apoiado sobre a cruzeta do mastaréu. Ademais, perderam a complicada tarefa de assegurar o comprido mastaréu de joanete, muito complicada porque, apesar de que antes de guindá-lo se colocavam por cima do tope os amantilhos, os brandais, os gradis, os contraestais e o estai, tinha que puxar com moitões e amarrar todos esses cabos simultaneamente, o mais rápido possível, para que exercessem a mesma força pelos lados, pela frente e por trás. Também passou despercebida para eles a operação de envergar a verga joanete e colocar todos os acesórios, assim como duas coisas típicas da marinha, que às vezes pareciam contraditórias: por um lado, que os marinheiros mais magros fossem os que se deitassem sobre a verga para soltar a vela, e por outro, que depois de soltá-la e caçar e puxar as escotas, o capitão, que pesava umas 225 libras, subisse ao alto da exércia com sua luneta para observar a parte do horizonte que ainda se distinguia vagamente através da espessa névoa.

Mas tanto os médicos como os pacientes ouviram os gritos de alegria que os marinheiros deram quando a fragata retomou o rumo anterior, e notaram como afundava a popa a medida que ganhava velocidade. Agora se movia com mais energia, e a mistura do som do vento na exércia e da água passando pelos costados indicavam que tinha reiniciado a perseguição.

Quase imediatamente depois de que a *Surprise* começou a avançar à velocidade habitual, provocando altas e largas ondulações nas águas de estranho colorido, chamaram os marinheiros para almoçar, e a seguir se ouviram os costumeiros gritos e golpes de bandejas próprios da cerimônia, que recordavam a Bedlam^{1}.

Stephen regressou ao castelo de popa, e encontrou o capitão junto ao lado de barlavento olhando fixamente para o leste. O capitão sentiu a presença de Stephen e o chamou.

— Nunca tinha visto nada igual — disse, indicando com a cabeça o mar e o céu.

— A névoa é muito mais espessa que quando desci — observou Stephen. — E agora uma luz ocre se estende por toda parte, como se um Claude Lorraine tivesse ficado louco.

— Não fizemos medições ao meio-dia, sem dúvida — Jack informou. — Não se via o horizonte, e como tampouco fazia sol, não se podia calcular a distância até ele. Mas o que realmente me admira é que de vez em quando, a margem da marejada, o mar tem *espasmos*, forma dobras corno a pele de um cavalo quando há moscas ao redor. Olhe! Viu aquilo? Formou-se uma onda tripla quando as ondas subiam.

— Vi — disse Stephen. — É muito curioso. Pode atribuir-lhe alguma causa?

— Não — respondeu Jack. — Nunca ouvira falar de algo assim.

Ficou pensativo por vários minutos, e, enquanto isso, cada vez que a fragata subia a proa, a água salpicava e deslizava para popa.

— Porém, deixando isto de um lado — continuou, — terminei a carta oficial esta manhã, antes de que estivéssemos a um tiro de canhão. Agradeceria muito que, antes que Adams faça as cópias, desse uma espiada para corrigir os erros e qualquer coisa inapropriada e acrescentasse algumas expressões para melhorar o estilo.

— Melhorarei o estilo e tudo o que possa. Porém, por que vai fazer cópias e por que tem tanta pressa? Pelo amor de Deus, ainda tem que percorrer a metade do mundo ou mais para chegar a Whitehall!

— Porque nestas águas é possível que qualquer dia nos encontremos com um baleeiro que vá de regresso para a Inglaterra.

— De verdade, de verdade? Incrível! Muito bem. Regressarei tão logo terminemos convenientemente o almoço e escreverei para Diana.

— O almoço? Ah, sim! Espero que vá bem. Sem dúvida, terá que se trocar muito rápido.

Não tinha nenhuma dúvida, porque seu despenseiro, que ajudava ao doutor Maturin nas questões de forma, acabava de aparecer e se mantinha a uma respeitosa distância, olhando-lhes fixamente com seu habitual gesto mal-humorado e desaprovatório. Killick havia viajado com eles durante muitos anos, em todos os climas, e ainda que não fosse inteligente nem agradável, por seu senso de justiça tinha sobre eles certa autoridade, da qual ambos se envergonhavam. Tossiu nesse momento.

— E se vir o senhor West — acrescentou Jack, — por favor, diga-lhe que quero falar com ele um par de minutos.

E quando Stephen lhe deu as costas, acrescentou:

— Espero que o almoço vá bem.

A refeição em questão era para dar as boas-vindas à câmara dos oficiais a Grainger, agora o senhor Grainger. Stephen também esperava que fosse bem, e ainda que geralmente comia com Jack Aubrey em sua cabine, nesta ocasião queria ocupar seu posto na câmara dos oficiais, já que o cirurgião era um oficial e sua ausência poderia considerar-se uma ofensa. Grainger, um homem solitário e reservado, era muito respeitado na fragata, pois, apesar de não ter servido na *Surprise* nos gloriosos dias em que fazia o curso, quando recuperou um barco espanhol carregado até os topos de mercúrio, apresou um mercante norte-americano e tirou a *Diane* do porto de Saint Martins; pelo menos a metade da tripulação o conhecia muito bem. Chegara a bordo no início desta viagem, muito bem recomendado por seus conterrâneos de Shelmerston, um porto que tinha proporcionado à *Surprise* montes de marinheiros de primeira. Era um curioso lugar da região West Country onde existia muitos contrabandistas, corsários e pessoas religiosas praticantes. Tinha quase tantas igrejas como casas, e Grainger era um antigo membro

da congregação dos traskites^{2}, que se reuniam aos sábados em um edifício austero e de colorido apagado atrás do estaleiro. Ainda que as idéias dos traskites levantassem polêmica, tanto ele como os membros mais jovens que chegaram a bordo se achavam em casa na *Surprise*, que era um arca de divergência onde havia arminianos e seguidores de Brown, Seth, Muggleton e muitos outros; porém, quando navegavam, costumavam ser tolerantes uns com os outros, como os bons marinheiros, e em terra se mantinha unidos pelo ódio ao dízimo.

Stephen o conhecia bem como companheiro de tripulação e, sobretudo, como paciente (tivera duas febres e uma clavícula quebada), e apreciava suas muitas qualidades; contudo, também sabia muito bem que um homem admirado e afeiçoado em seu próprio círculo podia sofrer quando o tiravam dele. Pullings era a bondade personificada, e Adams também, mas a bondade não era suficiente para um homem tão vulnerável como Grainger. Sem dúvida, Martin tinha boas intenções, mas sempre fora mais sensível aos sentimentos das aves que aos dos homens, e a prosperidade o tornara egoísta. Ainda que viajasse como ajudante de Stephen, era na realidade um clérigo, e recentemente Jack lhe dera um par de benefícios eclesiásticos incluídos em sua herança e lhe prometera um terceiro muito importante quando ficasse vago. Martin tinha informação detalhada de todas as paróquias, falava delas constantemente e refletia sobre a possível arrecadação de formas diferentes do dízimo ou seu equivalente e de melhorar as glebas. Mas pior que a insipidez dessa conversa era o convencimento, que Stephen jamais tinha visto nele anos atrás, quando não tinha nem um penique e nunca era chato. Não estava seguro sobre West, porque também nele havia se produzido uma mudança. O West que se encontrava nessa longitude atual, sem nariz, inconstante e irascível, era muito diferente do alegre jovem que tão paciente e amavelmente lhe levara de um lado a outro de Botany Bay em um bote de remos para buscar algas.

— Ah, senhor West! — exclamou ao abrir a porta da câmara dos oficiais. — Antes que me esqueça, o capitão diz que gostaria de falar com o senhor um ou dois minutos. Acredito que está na cabine.

— Jesus! — exclamou West, com expressão assustada, mas depois se controlou e disse: — Obrigado, doutor.

Correu para sua cabine, pôs sua melhor casaca e subiu a escada correndo.

— Entre — disse Jack.

— Acho que queria ver-me, senhor.

— Sim, senhor West. Não lhe roubarei nem um minuto. Ponha esses processos de um lado e sente-se no escaninho. Queria falar com o senhor antes, mas estive muito ocupado com os papéis que foram se acumulando dia após dia. Só queria lhe dizer que estou muito satisfeito com seu comportamento quando estivemos em Moahu, especialmente seu esforço para subir as caronadas por aquela endemoninhada montanha. Um comportamento próprio de um bom oficial. Eu o mencionei em minha carta oficial e acho que, se tivesse sido ferido, poderia estar seguro de ser reabilitado. Talvez tenha melhor sorte da próxima vez.

— Oh, farei todo o possível, senhor! — exclamou West. — Nos braços, nas pernas, em qualquer parte... Mas permita-me dizer que lhe agradeço muitíssimo que tenha me mencionado.

— Senhor Grainger, seja bem-vindo à câmara dos oficiais — Tom Pullings o cumprimentou, com seu esplêndido uniforme. — Este é seu lugar, junto ao senhor West. Mas primeiro, companheiros, vamos brindar à saúde do senhor Grainger.

Os outros oficiais, esvaziando suas taças, disseram:

— A sua saúde!

— Isso é!

— Hurra!

— Bem-vindo!

— Obrigado, cavalheiros — disse Grainger, sentando-se.

Usava uma boa casaca que seu primo o carpinteiro lhe emprestara, e ainda que estivesse moreno, tinha a cara um pouco pálida e um gesto austero e espantoso.

Mas um gesto austero não bastava para socavar a boa vontade de Pullings e Stephen, e muito menos o surpreendente bom humor de West. Sua alegria se traduziu em uma grande loquacidade e uma

extraordinária amabilidade, e excedeu sua capacidade normal para contar anedotas e fazer versos cômicos. Não havia dúvida de que Grainger se agradou com a recepção, pois comeu bem, sorriu e inclusive riu uma ou duas vezes; contudo, Stephen notou que durante todo o tempo passava o ansioso olhar de um prato para outro para ver como os oficiais comiam, usavam o pão e bebiam o vinho. Quando chegou o momento de comer a sobremesa e fazer o brindes, a ansiedade tinha desaparecido, e Grainger cantou com eles a canção *Adeus, adeus, bonitas damas espanholas* e inclusive propôs cantar outra, *Quando saí uma manhã de verão para ver os alegres campos e as flores*.

— Pelo que pude ouvir do convés, o almoço foi muito animado — disse Jack a Stephen quando se reuniu com ele para tomar café.

— Foi melhor do que esperava — respondeu Stephen. — O senhor West estava muito alegre. Contou piadas, adivinhações, enigmas e imitou capitães famosos e cantou canções. Não sabia que possuísse esses dotes para amenizar reuniões sociais.

— Alegro-me muito — disse Jack. — Mas parece um pouco fatigado, Stephen.

— Sim, estou um pouco fatigado, sobretudo por ter subido ao convés para respirar um pouco de ar. O aspecto do oceano me desanimou. Perguntei a Bonden o que pensava e se amiúde ficava assim, mas se limitou a mover de um lado para o outro a cabeça e a dizer que esperava que estivéssemos aqui no próximo domingo. O que pensa, Jack? Já refletiu sobre isto?

— Estive refletindo a maior parte do tempo que durou o bacanal, e não recorro de ter visto nem lido nada sobre algo assim, nem sei o que significa. Quando tiver lido meu rascunho, talvez possamos regressar ao convés e ver se posso chegar a alguma conclusão.

Jack nunca ficava tranqüilo quando lia suas cartas oficiais, e sempre interrompia o fio dos pensamentos do leitor.

— O fragmento sobre as caronadas não está muito bem redigido, mas temo que... — disse. — É só um rascunho, compreende? Não está acabado em absoluto... Qualquer coisa que

não esteja bem gramaticalmente ou que não lhe agrade, por favor, pode tirá-la... Não sou um bom escritor...

Mas afinal de contas esses anos, Stephen não lhe prestava mais atenção que ao fino chuvisco irlandês. Sem que a voz de Jack como ruído de fundo, nem o cabeceio, nem o balanço da fragata, nem o choque do mar contra a proa o fizessem perder a concentração, Stephen leu um sucinto relato contado com o estilo seco da Armada. Contava que quando a *Surprise* navegava para o leste seguindo as instruções dos lordes do Almirantado, fora interceptada nos 28° 31' de latitude sul e nos 168° de longitude este por um cúter procedente de Sydney, que informou oficialmente ao capitão Aubrey de que os habitantes da ilha Moahu estavam em guerra uns com os outros e tinham cometido abusos contra marinheiros britânicos e retido seu barco, pelo que teria que ocupar-se do problema imediatamente e apoiar ao bando que tivesse mais probabilidade de reconhecer a soberania britânica. Depois narrava que o capitão tinha rumado para Moahu sem perda de tempo, detendo-se somente para carregar água e provisões em Anamooka, onde encontrara o baleeiro *Daisy*, que havia zarpado recentemente de Moahu, e que o senhor Wainwright, seu capitão, informou de que a guerra entre o chefe da parte norte da ilha e a rainha da parte sul havia se complicado pela presença de numerosos mercenários franceses que apoiavam o bando do chefe e de um barco corsário de bandeira norte-americana, o Franklin, ao comando de um francês também aliado do chefe, o senhor Dutourd. De acordo com esta informação, continuava, o capitão Aubrey se dirigiu rapidamente para Pabay, o porto da parte norte de Moahu, com a esperança de encontrar o Franklin ancorado ali; mas como não estava, depois de liberar o barco britânico retido, o *Truelove*, junto com os sobreviventes da tripulação, e depois de destruir a guarnição francesa, com o resultado de um único oficial morto e dois marinheiros feridos, foi rapidamente até o porto do sul, que ia ser atacado pelo chefe da parte norte desde as montanhas e provavelmente pelo barco corsário desde o mar. Finalmente, informava que a *Surprise* chegara a tempo e seus tripulantes tiveram a satisfação de derrotar as forças de terra, sem nenhuma baixa,

antes da chegada do barco corsário, e a rainha deu sua palavra ao capitão Aubrey de que seria uma fiel aliada de Sua Majestade. Em continuação havia um relatório mais detalhado das duas batalhas, e depois o relato prosseguia com a aparição na manhã seguinte do *Franklin*, que tinha menos tripulantes, e o capitão contava como havia escapado e expressava suas esperanças de que, apesar de suas excelentes qualidades para a navegação, pudesse capturá-lo logo.

— Acho que é um relato muito preciso e próprio de um bom marinheiro — disse Stephen fechando a pasta. — Está admiravelmente preparado para Whitehall, com excessão de algumas pequenezas que assinalei na margem. E compreendo por que West está tão contente.

— Sim. Pensei que ele merecia. Acho que o tratei com rigor porque lamentava muito por Davidge. Obrigado, Stephen. Vamos ao convés.

A vista era realmente assombrosa e horripilante. O céu estava coberto e uma luz difusa meio alaranjada e meio ocre iluminava as turbulentas águas, manchadas até onde alcançava a vista (que não era muito mais que três milhas). As ondas, que deveriam ser brancas mas tinham adquirido um desagradável e intenso colorido verdoso, mais apreciável nas que a proa formava para sotavento. Eram ondas irregulares porque agora, apesar de ainda haver uma forte marejada procedente do nordeste, nas cristas se formavam ondas pequenas.

Permaneceram em silêncio. Ao longo dos corrimãos e no castelo havia pequenos grupos de marinheiros que olhavam com igual atenção, e alguns poucos murmuraram algumas palavras.

— Isto não é muito diferente ao tufão que quase nos destróu quando navegávamos rumo às ilhas Marquesas, ao sul do Equador — disse Jack. — Mas tem diferenças fundamentais, e uma delas é que o barômetro está fixo. Apesar de tudo, acho que baixarei os mastarés de joanete.

Alçando a voz, chamou o contramestre e lhe deu a ordem. Imediatamente se ouviram apitos e gritos totalmente inúteis.

— Todos os marinheiros a descer os mastaréis de joanete! Todos os marinheiros! Todos os marinheiros! Estão me ouvindo?

Os pacientes tripulantes da *Surprise* subiram ao alto da exércia para desfazer o que tinham feito com tanto trabalho na guarda da manhã, mas sem nenhuma queixa nem cara amarrada, porque eram da mesma opinião que o capitão. Soltaram todos os cabos que tinham que soltar, amarraram a guindaleza e, com grande esforço, içaram a joanete de proa para poder sacar outra vez a cunha e descer todo o conjunto. Fizeram o mesmo sucessivamente aos outros mastaréis de joanete, meteram o botaló, amarraram tudo e reforçaram os botes com cabos duplos.

— Ficaria como um tonto se estes pobres homens tivessem que guindar os mastaréis de joanete amanhã outra vez — murmurou Jack. — Mas sendo muito jovem, aprendi uma lição: não se deve tardar em descer os mastaréis de joanete ao convés. Que lição! Agora que estão no convés poderia contar-lhe tudo sobre isso, mostrando os diferentes cabos e paus.

— Eu gostaria muito — disse Stephen.

— Foi quando regressava do Cabo na *Minerva*, uma embarcação que não era estanque, sob o comando do capitão Soules. Quando chegamos ao norte do Equador nos encontramos com um tempo horrível, uma série de tormentas que vinham do oeste, mas no dia seguinte ao Natal o vento amainou e nós só tiramos um rizes da gávea maior e guindamos o mastaréu de joanete com sua verga. Durante a noite o vento aumentou novamente de intensidade e voltamos a aferrar as gáveas, descemos a verga joanete para o convés e preparamos o mastaréu de joanete.

— Então ainda não estava preparado?

— Que tipo mais raro é Stephen! Preparar um mastro significa pô-lo em condições adequadas para baixá-lo. Contudo, quando estávamos fazendo esta operação e os marinheiros estavam amarrando a guindaleza, a que o eleva um pouco para que possa descer sem dificuldades, compreende?, o barco deu um tremendo solavanco lançando para os embornais todos os marinheiros, ainda agarrados à guindaleza. E posto que todos, como bons marinheiros, seguiram agarrados, subiram a base do mastaréu de joanete por

cima da cruzeta, assim que não se podia descer apesar de terem tirado a cunha. Entende o que digo da cunha, a base e a cruzeta, Stephen?

— Perfeitamente, meu amigo. Era uma situação muito desagradável.

— Garanto que era. Antes que pudéssemos fazer algo, os contraestais do mastaréu se romperam, e depois o estai, pelo que o mastro cedeu alguns poucos pés para cima do tamborete e caiu sobre o penol de sotavento da verga da gávea e a derrubou. Então caiu outra peça sobre a verga maior, soltando o amantilho de sotavento. Esse é o amantilho de sotavento, o vê? Então o extremo de barlavento da verga maior bateu no cesto da gávea e destruiu a parte de barlavento da cruzeta, de modo que, no referente às velas, o mastro maior ficou inutilizado. Nesse mesmo momento, o barco orçou e uma enorme massa de água entrou pela popa. Sobrevivemos, mas desde então talvez seja muito precavido. Mas esta tarde, de toda forma, queria diminuir o velame.

— Não tem medo de perder a presa?

— Naturalmente que tenho medo de perder a presa. Não diria nada que traga má sorte como “Não, a presa é nossa”. É possível que a perca, sem dúvida, mas já viu que jogou a água pela borda, não?

— Certamente que a vi jogar a água e os canhões, e também vi como se afastava liberada desse peso. E depois de passar alguns momentos tirando os escombros da latrina sobre o pobre Martin, que tem tanto escrúpulo pelos excrementos, voltei a alçar a vista e vi que parecia muito mais pequena e avançava a uma velocidade sobrenatural.

— Sim, pode pegar muito vento, mas não pode atravessar o Pacífico com a pouca água que lhe resta. Além disso, vi que tiravam desesperadamente toneladas de água com as bombas, assim que creio que regressará a Moahu. As ilhas Sanduíche estão muito mais longe. Acredito que começará a navegar com o vento em popa em torno das dez para tentar passar por nosso lado com as luzes apagadas na guarda de meia, e não há lua, sabe? Assim que poderia ficar a oeste da fragata ao amanhecer, enquanto que nós

seguiríamos navegando rapidamente como loucos rumo leste. O plano que tracei é pôr a fragata ao paio dentro de pouco e manter no alto um serviola de vista muito aguda. Se não me equivoco, ao riscar o dia a avistaremos um pouco ao sul, com o vento pela alheta e a maior quantidade possível de velame desdobrado. Deveria acrescentar que deve-se levar em conta o abatimento — disse depois de uma breve pausa, na qual Stephen parecia estar pensativo. — Eu o estive calculando desde que começou a perseguição. Minha intenção é pegá-la a considerável distância ao sul.

— Eu pensava o mesmo — disse Stephen, — ainda que não queria ter a presunção de dizê-lo. Mas diga-me, não acha que antes de pôr a fragata a pairar poderíamos acalmar nosso espírito se interpretarmos, por exemplo, a Corelli, em vez de contemplar esta vista apocalíptica? Quase não tocamos algumas notas desde que saímos de Moahu. Nunca pensei que me desagradaria ver um pôr do sol, mas este acrescenta um aspecto sinistro ao que está à vista, que já era desagradável antes. Além disso, essas nuvens de colorido ocre passando em todas as direções, essas ondas irregulares e esses redemoinhos me produzem melancolia.

— Adoraria — exclamou Jack. — Não vou chamar os homens para seus postos de combate esta noite, porque já trabalharam bastante hoje, e assim poderão começar muito cedo amanhã.

Começaram muito cedo, e as ondas irregulares, que haviam mudado a idéia que Stephen tinha sobre a ordem da natureza, fizeram com que ele caísse de cabeça da escada do castelinho^{3}. O senhor Grainger, que estava ao pé da escada, pegou-o com a mesma indiferença que tivesse agarrado meio saco de ervilhas secas, pôs ele de pé no piso e lhe disse que sempre deveria usar “uma mão para ele e outra para o barco”. Como o doutor tinha começado a cair de lado, e depois, ao roçar a grade, girara sobre si mesmo até ficar na posição vertical, e como Grainger, ao pegá-lo, apertou muito forte com uma mão no estômago e outra na coluna e o dobrou muito, quase não tinha fôlego para dizer uma palavra de agradecimento. Quando por fim recuperou o fôlego e a capacidade de falar, soube que teria que amarrar sua cadeira a duas cavilhas

para poder tocar o violoncelo com comodidade e de uma forma segura.

Tinha um Gerónimo Amati em sua casa, assim como Aubrey tinha um Guarneri, mas ambos viajavam com velhos instrumentos que podiam suportar temperaturas extremas e muita umidade. Ao princípio da tarde os velhos instrumentos desafinaram muito, mas com o tempo conseguiram afiná-los como desejavam, e, fazendo-se uma sinal com a cabeça, começaram a tocar um dueto que conheciam muito bem porque o haviam executado juntos amiúde por mais de dez anos, mas no qual encontravam sempre algo novo, alguma frase meio esquecida e particularmente feliz. Revezavam-se para acrescentar fragmentos próprios, como pequenas improvisações ou repetições, e poderiam ter agradado ao fantasma de Corelli, porque demonstravam o atrativo que sua música ainda tinha para as gerações posteriores; mas não agradavam a Preserved Killick, o despenseiro do capitão.

— Tin, tin, tin! — zombou Killick para seu companheiro ao ouvir os conhecidos sons. — Já estão tocando outra vez. Fico com vontade de pôr-lhes veneno para ratos nas torradas com queijo.

— Não podem seguir muito tempo — disse Grimble. — A agitação está aumentando extraordinariamente.

Era verdade. A fragata estava fazendo movimentos tão bruscos que mesmo Jack, que era como um tritão, teve que sentar-se sobre um escaninho para ficar encaixado em um lugar. Quando trocou a guarda, depois de comer as tradicionais torradas com queijo, subiu ao convés para aferrar as maiores e deixar a fragata pairar com a gávea maior rizada, pois, pelo menos conforme a estimativa que tinha feito, já havia alcançado o ponto ao qual se dirigia. Esperava que ao amanhecer o inevitável abatimento tivesse feito o resto, e que agora o movimento da fragata fosse menos violento.

— É muito desagradável ficar lá encima? — perguntou Stephen quando Jack regressou. — Ouço o estrondoso ruído da chuva na clarabóia.

— Não é tão desagradável como estranho — respondeu Jack. — Está negro como uma boca de lobo e nem por assomo se vê uma estrela. Tudo está molhado. Também há uma forte agitação com

ondas que parecem ter três direções diferentes, o que é ilógico, e se vêem relâmpagos de um intenso colorido vermelho acima das nuvens. Mas há algo mais que não sei como chamar.

Então aproximou a lanterna do barômetro, moveu a cabeça de um lado para o outro e voltou a se sentar no escaninho dizendo que, sem dúvida, o movimento da fragata era menos violento e talvez poderiam regressar ao andante.

— Com muito gosto — disse Stephen, — se puderem me amarrar à cadeira com um cabo ao redor da cintura.

— Certamente que sim — disse Jack. — Killick! Killick, amarre o doutor à cadeira e traga outra garrafa de vinho do porto.

O andante seguiu seu lento curso com um curioso, imprevisível e ofegante ritmo, e ambos o levaram até o vacilante final, lançando-se um olhar de censura cada vez que algum dava uma nota falsa.

— Proponho que brindemos a Zéfiro, o filho de Astreo — disse Jack.

Quando estava se servindo de uma taça de vinho, a fragata deu um violento cabeceio, como se tivesse caído em um buraco. Esteve a ponto de cair e o vinho da taça saltou pelo ar, formando uma massa compacta durante um segundo.

— Isto não sairá bem — disse Jack. — Que demônios foi esse estrépito?

Por um momento ficou imóvel escutando, e depois, ao ouvir que batiam à porta, gritou:

— Entre!

— Senhor, o senhor West, o oficial de guarda, diz que se ouvem disparos pela amura de bombordo — informou Norton, um jovem recém nomeado guarda-marinha, jorrando água sobre o piso de quadros brancos e negros.

— Obrigado, senhor Norton — disse Jack. — Irei imediatamente.

Guardou rapidamente o violino no estojo e subiu correndo para o convés. Ainda estava na escada quando ouviu outro estrépito, e tão logo chegou ao castelo de popa, sob a copiosa chuva, ouviu vários mais pela proa.

— Ali, senhor — disse West, assinalando uma vermelha labareda borrada por causa da chuva morna. — Vão e vêm. Acho que estamos sob o fogo de morteiros.

— Chame todos para seus postos — ordenou Jack, e o ajudante do contramestre fez a batida. — Senhor West... Senhor West! Está me ouvindo?

Então, alçando muito a voz, pediu uma lanterna, e pôde ver a West estendido de bruços, sangrando.

— Larguem o velacho! — gritou Jack.

A fragata se pôs com o vento a favor, e enquanto ganhava velocidade, dois marinheiros da guarda de popa levaram West para baixo.

— Larguem também a vela de estai de proa e a bujarrona! — acrescentou.

A fragata voltou à vida, e todos voltaram a ocupar seus postos de combate tão ordenadamente e com tanta rapidez que Jack, se tivesse tido um momento para observá-lo, teria se sentido satisfeito.

Stephen ainda se encontrava na enfermaria com Martin, ainda sonolento, e com Padeen, ainda a meio vestir, quando desceram West. E atrás dele trouxeram meia dúzia de marinheiros da proa, dois dos quais ainda podiam caminhar.

— Tem uma fratura na sutura coronal — disse Stephen, depois de examinar West debaixo da potente luz de uma lanterna. — E também, esta laceração que aparentemente não tem importância. Está em coma profundo. Padeen e Davies, levantem-no com muito cuidado e o ponham no colchão que fica ali detrás no piso. Ponham-lhe de bruços com um travesseiro sob a testa para que possa respirar. O seguinte!

O seguinte era um caso de fratura no braço esquerdo e vários talhos no lado, e requereu um prolongado processo: costurar, cortar com tesouras e vendar. O homem tinha uma fortaleza extraordinária inclusive para um marinheiro, e entre ofegos lhes contou o ocorrido. Era o serviola do lado de bombordo da coxia e tinha visto de repente uma labareda vermelha por barlavento e depois um resplendor sob as nuvens. Quando avisou ao convés, ouviu um ruído como se caíssem pedras ou metralha na gávea, depois um estrondo, e

imediatamente se encontrava abaixo. Passou um tempo estendido no corrimão, olhando pelos embornais e empapado pela chuva, antes de compreender o que havia ocorrido, e viu outras duas labaredas. Eram parecidas com as dos canhões, mas de um vermelho mais intenso e podiam ver-se durante mais tempo. Talvez fossem de uma bateria, talvez de sucessivos disparos. Depois, pela agitação e por um solavanco da fragata, caiu no castelo, onde ficou até que o velho Plaice e Bonden o recolheram.

As lamúrias de um homem que estava de um lado se converteram quase em gritos.

— Ai, ai, ai! Desculpem-me companheiros, mas não posso suportar. Ai, ai, ai!

— Senhor Martin, por favor, vá ver o que podemos fazer — disse Stephen. — Sarah, querida, dá-me a agulha com fio de seda.

Quando lhe deu, Sarah disse ao seu ouvido:

— Emily está assustada.

Stephen assentiu com a cabeça enquanto segurava a agulha com a boca. Não estava, por assim dizer, assustado, mas temia pôr um instrumento ou uma sonda no lugar inadequado. Mesmo ali embaixo, a fragata se movia com uma violência que nunca havia visto antes. A lanterna oscilava a uma velocidade vertiginosa e com um movimento arrítmico, e ele quase não podia se manter de pé.

— Isto não pode continuar — murmurou.

Mas continuou, e pela noite, enquanto ele e Martin trabalhavam, a parte de sua mente que não se ocupava de sondar, serrar, enfaixar, costurar e vendar, atendia e registrava em parte o que passava ao seu redor: a conversa dos marinheiros que curava e dos que esperavam para ser atendidos, as notícias sobre os novos casos, a interpretação que os marinheiros faziam dos diversos sons e gritos que se ouviam no convés.

— O mastaréu de proa caiu.

Seguiu uma longa conversa sobre as bombardadas e os morteiros que levavam, e houve assentimento e opiniões contrárias. Stephen, que necessitava ter a mente muito clara e o pulso firme, pensou: “Se tivesse folhas de coca!”.

Os marinheiros diziam a meia voz que, ainda que o cesto da gávea do maior estivesse partido, rachado ou quebado, deveriam baixar ao convés o mastaréu de toda forma, porque a marejada era muito forte e a pobre fragata ia virar de um momento para o outro. Compadeciam-se com os companheiros que estavam no convés e acreditavam que a situação era pior que na rápida corrente diante do cabo Sumburgh.

— Em um dia como o de hoje nasceu Judas Iscariote — lembrou um marinheiro de Orkney.

— Senhor Martin, a serra, por favor. Segure o penduricalho e esteja preparado para o torniquete. Padeen, não deixe que se mova.

Stephen se inclinou sobre o paciente e disse:

— Isto doerá um pouco, mas não durará muito. Não se mova.

A amputação foi seguida de outro desconcertante exemplo de feridas com rasgadura. Então chegou Reade, e detrás Killick com uma xícara de café tapada.

— O capitão lhe apresenta seus respeitos, senhor — disse Reade. — Diz que provavelmente o pior já passou, porque se vêem estrelas ao sul-sudoeste e a marejada já não é tão forte.

— Muito obrigado, senhor Reade — respondeu Stephen. — E que Deus te bendiga, Killick.

Bebeu a metade e passou a outra para Martin.

— Diga-me, abriram muitos buracos no casco? Ouvi que as bombas estão funcionando e que há bastante água no fundo.

— Oh, não, senhor! Os mastros e o cesto da gávea do maior sofreram danos, mas a água se deve a problemas da fragata, porque a pressão sob os pescantes fez com que as juntas se abrissem um pouco. Poderia dizer-me como estão o senhor West e os marinheiros de minha brigada Wilcox e Veale?

— O senhor West ainda está inconsciente. Acredito que terei que abrir-lhe o crânio amanhã. A Wilcox lhe amputamos os dedos faz um momento. Não disse nem uma palavra, e acho que ficará bem. E esperarei que amanheça para atender ao Veale, porque os olhos são muito delicados e necessitamos de luz natural.

— Bem, senhor, já não tardará em chegar. Canopo está baixando e amanhecerá muito logo.

CAPÍTULO 2

Um desanimado amanhecer e um sol vermelho-sangue; e apesar do mar estar se acalmando com rapidez, ainda estava mais agitado do que muitos marinheiros já tinham visto, com gigantescas ondas e uma extraordinária marejada. Agora era uma massa cinza que fazia violentos movimentos sob o céu, de um mortíço colorido branco, mas os únicos sinais de vida que ainda havia nele eram os dois barcos, agora desmantelados, que cabeceavam como barquinhos de papel em uma calha. Encontravam-se a certa distância um do outro, ambos aparentemente destroçados e sem controle. A certa distância deles, para barlavento, acabava de aparecer uma ilha formada por negras rochas e cinzas vulcânicas. Já não saía fogo da cratera, mas de vez em quando, com um som estridente, saía um jorro de vapor de água mesclado com cinzas e gases vulcânicos. No momento que Jack avistou a ilha, tinha uma altura de cento e oitenta pés, mas as ondas já haviam varrido grandes quantidades de escória de hulha, e quando o sol terminou de sair da escuridão, tinha menos de cinqüenta.

A embarcação que estava mais ao norte, a *Surprise*, encontrava-se muito perto. Estava a pairar com uma estai do trinquete no único mastro macho que não havia sofrido danos. Os tripulantes faziam tudo o que um grupo de homens fatigados podia fazer (todos tinham trabalhado durante toda a noite) para reparar o destroçado cesto da gávea do maior e colocar pelo menos a verga maior. Tinham muitos motivos para fazê-lo, pois a presa, que estava desmantelada, girando sobre si mesma de tal maneira que as ondas cobriam as bordas, encontrava-se muito perto por sotavento. Mas não estavam seguros de que, apesar de parecer inutilizada, seus

tripulantes não colocariam uma bandola e se afastariam, passando despercebidos graças ao mau tempo, entre as cegantes tormentas que se aproximavam.

— Puxem das bolinas de bombordo! — gritou o capitão Aubrey, olhando ansiosamente o mastaréu de reserva. — Puxem! Amarrem-no! — Voltou-se para o imediato e disse: — Tom, quanto eu gostaria que o doutor subisse ao convés antes que a ilha se perca de vista.

Tom Pullings moveu a cabeça de um lado para o outro.

— Quando o vi pela última vez, faz uma hora mais ou menos, caía de sono e tinha sangue até o pescoço e perto dos olhos, por onde passara a mão.

— Seria uma lástima que perdesse isto — disse Jack.

Ainda que não fosse um naturalista, desde as primeiras luzes estava impressionado não só por aquela paisagem formada por minerais, como também pelos animais mortos que havia ao redor, até onde a vista alcançava. De ambos os lados da fragata, formando uma faixa de quase a metade de seu comprimento, havia inumeráveis peixes mortos, a maioria desconhecidos para ele, entre os que flutuavam uma baleia de um cinza não muito escuro, criaturas dos abismos e enormes lulas. Mas não se via nenhuma ave, nem uma só gaivota. Nesse momento, uma rajada de vapor sulfuroso da ilha quase o afogou.

— Não me perdoaria nunca se não lhe digo — continuou Jack. — Acha que se deitou para dormir?

— Bom dia, cavalheiros — cumprimentou Stephen desde a escada do castelinho. — Que é isso que me contaram de uma ilha?

Estava muito bagunçado, sem se lavar nem se barbear, sem peruca, com a camisa manchada de sangue seco e ainda um sangrento avental atado à cintura, e era óbvio que achava inapropriado seguir adiante até aquele lugar sagrado.

— Deixe-me ajudar-te — disse Jack, avançando pelo empinada convés.

Stephen tinha lavado as mãos, não os braços, e pareciam brancas luvas em contraste com o marrom-avermelhado destes. Jack lhe pegou por uma mão, ajudou-lhe a subir e o conduziu até o costado.

— Ali está a ilha — indicou. — Porém, diga-me, como está West? E algum dos outros marinheiros está ferido gravemente?

— West não experimentou nenhuma mudança e não posso fazer nada até que haja mais luz e mais estabilidade. E quanto aos outros, ainda há risco de infecção e gangrena, porém, se Deus quiser, ficarão bem. Então que essa é a ilha. Porém, meu Deus, como o mar está! Parece um cemitério movediço. Jesus, María e José! Tem baleias, sete, isto é, oito espécies de tubarões, peixes acantopterigios, cefalópodes... e todos meio cozidos. Isto é exatamente do que nos falou o doutor Falconer, do *Daisy*: uma erupção submarina, uma grande turbulência, a aparição de uma ilha de rocha e cinzas vulcânicas com um cone do qual saem chamas, vapores venenosos, bombas vulcânicas e escória. Em nenhum momento me dei conta do que sucedia, apesar de ter visto lá embaixo as típicas feridas com rasgadura, às vezes acompanhadas de queimaduras, e da prova de que enormes objetos esféricos golpearam as velas, os mastros e, certamente, ao pobre West. Você sabia o que se passava, né?

— Não até que começamos a amarrar e ecaixar com as primeiras luzes — respondeu Jack. — E quando me trouxeram algumas dessas bombas... Aí tem uma, junto ao cabrestante, que deve pesar cinqüenta libras... e me mostraram as cinzas vulcânicas que a chuva não havia varrido. Então vi tudo claramente. Acho que teria percebido antes se a ilha houvesse lançado labaredas de forma constante durante certo tempo, como Stromboli, mas só saíam rajadas muito parecidas com as de uma bateria de morteiros. Pelo menos não estava tão equivocado sobre o Franklin: está justamente aí, a sotavento. Terá que subir na carreta da caronada para vê-lo. Aqui está minha luneta.

Ao doutor Maturin lhe interessava infinitamente menos o Franklin que a enciclopédia da vida marítima que se movia com as ondas ali embaixo, mas subiu, olhou pela luneta e disse:

— Está em muito más condições, sem nenhum mastro. E como se balança! Acha que poderemos capturá-lo? Parece que nossas velas não estão bem.

— Talvez — respondeu Jack. — Dentro de uns cinco minutos a fragata já terá suficiente velocidade para manobrar. Mas não há pressa, porque no convés do barco há poucos marinheiros e não são muito rápidos. Prefiro que nos aproximemos quando estejamos totalmente preparados, para que não haja problemas nem se percam paus nem cabos e, muito menos, vidas.

Soaram as seis badaladas e Stephen disse:

— Tenho que descer.

Jack o levou pela mão até a escada e, depois de recomendar que se agarrasse bem para proteger sua apreciada vida, perguntou se iam reunir-se para desjejuar, e acrescentou que aquela infernal marejada diminuiria tão rápido como tinha aumentado.

— Um desjejum tardio? Com muito prazer — respondeu Stephen, descendo de um em um os degraus e movendo-se como um homem velho, conforme notou Jack pela primeira vez.

Foi depois desse tardio desjejum que Stephen se sentou debaixo de um toldo para contemplar o Franklin, que se via cada vez maior. Estava um pouco mais repostado e convencido de que não teria valido a pena conservar como exemplares os animais marinhos mortos porque estavam muito estragados pelo calor, os golpes e as grandes mudanças de profundidade. Ele e Martin se conformaram em contar pelo menos os principais gêneros e recordar tudo o que o doutor Falconer dissera sobre a atividade vulcânica submarina, tão freqüente nessa região, pois quase não tinham energia para mais. O vento amainara, uma lufada de chuva havia levado a poeira vulcânica, e o sol brilhava com extraordinária intensidade sobre as agitadas águas. A *Surprise*, com a traquete e a gávea maior, aproximava-se lentamente do barco corsário, raras vezes superando os três nós. Os artilheiros carregaram e sacaram os canhões, e os marinheiros que iam passar para abordagem tinham suas armas a mão, mas já não tinham medo. A presa tinha sofrido muitos mais danos que a fragata, tinha muitos menos marinheiros e provisões e não tentava escapar. Havia que admitir que só com um pedaço do mastro maior e outro do mastro mezena de apenas três pés, além do mastro traquete partido pela base, sua situação era

desesperadora; contudo, podia ter feito algo com a exércia rompida que estava por cima da borda, pendendo dos amantelhos e dos estais, com os paus que ainda se viam no castelo e com o gurupés, que estava intacto, e por isso os marinheiros da *Surprise* a olhavam com certo desprezo. Posto que as monstruosas ondas estavam diminuindo rapidamente, tinham aceso os fogos da cozinha muito cedo, e como era quinta-feira, todos eles tinham comido uma libra de carne de porco razoavelmente fresca, meia pinta de ervilhas secas, parte das batatas-doces de Moahu que restavam e, como algo adicional, uma grande quantidade de pudim de passas. Também tinham tomado um quarto de pinta de rum de Sydney, declaradamente diluído com três quartos de pinta de água e suco de limão, e como agora tinham o estômago cheio e bom estado de ânimo, achavam que todas as coisas voltavam a sua ordem natural, que a fragata, apesar de ter sofrido muitos danos, logo estaria arrumada e seguiria aproximando-se da presa.

Se aproximou mais e mais, e quando a caprichosa brisa virou a proa, Jack fez rumo ao sudoeste para que a fragata avançasse paralela ao *Franklin* com as velas amuradas para o lado contrário. Quando no barco viram que a fragata mudava o rumo, ouviram-se a bordo gritos confusos e caiu pela borda uma espécie de balsa, tripulada por um só homem com uma bandagem ensangüentada ao redor da cabeça. Jack soltou as escotas para que a velocidade da fragata diminuísse, e quando se aproximou um pouco com a marejada, o homem gritou:

— Por favor, poderia dar-nos um pouco de água para os marinheiros feridos? Estão morrendo de sede.

— Rendem-se?

O homem se ergueu pela metade para responder (notou-se que não era um autêntico marinheiro) e gritou:

— Como pode falar assim em um momento como este, senhor? Deveria ter vergonha.

Falava com voz escandalosa e em tom indignado. A expressão de Jack não mudou, mas depois de uma pausa em que a balsa seguiu aproximando-se, gritou para o contramestre, que estava no castelo:

— Senhor Bulkeley, ordene baixar o esquife do doutor com um par de barris de água.

— Se têm um cirurgião a bordo, agiria como um cristão se aliviasse a dor desses homens — disse o marinheiro, ainda mais perto.

— Por Deus que... — Jack começou a dizer ao mesmo tempo que se ouviram exclamações no corrimão, mas como Stephen e Martin já haviam descido para buscar seus instrumentos, limitou-se a acrescentar: — Bonden e Plaice, levem-nos ao barco. E joguem um cabo para essa balsa. Senhor Reade, tome posse do barco.

Desde que havia começado a perseguição, Stephen estava refletindo sobre qual seria sua linha de conduta no caso de que triunfassem. Sua missão, em qualquer caso, seria muito delicada, pois pressupunha atividades que iam contra os interesses da Espanha na América do Sul, em um momento em que era, pelo menos nominalmente, aliada do Reino Unido. E agora que o governo britânico se vira obrigado a negar a existência dessa missão, era muito mais delicada ainda. Não queria que Dutourd, a quem conhecera em Paris, lhe reconhecesse, não porque fosse partidário de Bonaparte ou estivesse relacionado de alguma forma com o serviço secreto francês, mas porque tinha muitas relações e falava muito; demais para que um serviço secreto pensasse em utilizá-lo. Dutourd era o homem que estava na balsa, o dono do *Franklin*, e uma série de fatos lhes levaram a ficar tão próximos, separados por um cabo de não mais de vinte pés. Dutourd, um homem veemente e apaixonado, havia se entusiasmado, como muitos de sua época, com a idéia de formar um paraíso terreno em um lugar de clima perfeito, onde houvesse igualdade e justiça e, também, abundância sem trabalho excessivo, atividades comerciais ou uso do dinheiro, uma verdadeira democracia, uma Esparta mais alegre. Ao contrário da maioria, era rico o bastante para pôr em prática a teoria e adquiriu esse barco corsário norte-americano, encheu-o de futuros colonos e certo número de marinheiros, a maioria franco-canadenses e da Luisiana, e zarpou para a ilha de Moahu, situada ao sul do Havaí, onde, com a ajuda do chefe da parte norte e sua própria capacidade

de persuasão, esperava fundar sua colônia. Mas o chefe do norte cometera abusos contra alguns marinheiros e barcos britânicos, e o capitão da *Surprise*, que fora enviado para resolver a situação, derrotou ele antes de que o Franklin, um barco de guerra privado com bandeira norte-americana, regressasse de patrulhar a zona. A perseguição começara em um lugar que parecia outro mundo, e agora estava chegando ao seu fim. Quando o abarrotado esquife subia e descia com as ondas, atravessando o último quarto de milha, Stephen sentiu alívio ao pensar que há muitos anos em Paris usara o segundo de seus sobrenomes, Maturin e Domanova — pois Mathurin, que se escrevia com uma agá, mas se pronunciava sem ele, curiosamente se associava com a idiotice na gíria daquele tempo, — e que era mais fácil fingir-se de estúpido que de sábio, assim que, ainda que poderia ser um erro aparentar que não sabia francês, não tinha que falá-lo muito bem.

— Aproximar o balsa do pescante — ordenou Reade.

— Aproximar o balsa do pescante, sim, senhor — repetiu Bonden, e, olhando por cima do ombro, atento à marejada, seguiu remando com força. A balsa, dando um solavanco, aproximou-se do costado do *Franklin*, que estava tão afundado na água que Dutourd não teve que dar um passo; muito grande para subir a bordo. Depois de esperar que as ondas subissem duas vezes, Bonden engatou o croque. Com uma mão Dutourd ajudou Stephen a subir pela destroçada borda, e com a outra tirou o chapéu, dizendo:

— Estou profundamente comovido porque teve a bondade de vir, senhor.

Stephen compreendeu imediatamente que se inquietara desnecessariamente, porque no agradecido olhar que acompanhava estas palavras não havia a menor indicação de que o reconhecesse. Era lógico que um homem público como Dutourd, que constantemente se dirigia a multidões e conhecia a vintenas ou mesmo centenas de pessoas diariamente, não recordasse de alguém que tinha conhecido vários anos atrás e com quem só se encontrara três ou quatro vezes no salão de madame Roland, antes da guerra, quando suas idéias republicanas o fizeram trocar o nome de Du Tourd para Dutourd, e depois em dois ou três banquetes durante a

curta paz. Contudo, ele teria reconhecido a Dutourd, um homem surpreendente, com mais vitalidade que a maioria, pelo que dava a impressão de ser mais corpulento do que na realidade era, e com uma expressão alegre e uma grande loquacidade. Era muito charmoso e mantinha a cabeça erguida. Ao mesmo tempo que estes pensamentos passavam por sua mente, observou que de proa a popa havia uma grande desolação, maranhas de velas e cabos e paus quebrados, e que os tripulantes estavam desmoralizados. Alguns ainda bombeavam mecanicamente, mas a maioria deles estavam bêbados ou esgotados.

Martin, Reade e Plaice subiram a bordo do *Franklin* em três sucessivos movimentos ascendentes das ondas, enquanto Bonden os protegia. Então Reade tirou o chapéu e, com voz alta e clara, disse:

— *Monsieur, je prends le commandement de ce vaisseau.* (*Senhor, estou assumindo o comando deste navio*).

— *Bem, monsieur* — respondeu Dutourd.

Reade avançou para o pedaço do mastro maior que restava; Plaice amarrou o botaló de um ala que estava solto. Depois, em meio da indiferença dos tripulantes do *Franklin*, içaram a bandeira britânica e se ouviram alguns vivos na *Surprise*.

— Cavalheiros — disse Dutourd, — a maioria dos feridos estão na cabine. Eu os conduzirei até lá.

Quando desciam pela escada, ouviram Reade pedir a Bonden, que tinha uma potente voz, que chamasse o contramestre da fragata, seu ajudante, Padeen e todos os marinheiros de que pudessem prescindir porque a presa estava a ponto de afundar.

No lado de estibordo da cabine, uma dúzia de homens estavam deitados uns junto aos outros, e outro estava estendido sobre o escaninho próximo das janelas de popa, e como fazia muito calor, tinham uma sede terrível. O barco estava tão inclinado para bombordo que no outro lado havia uma mistura de vivos e mortos que se molhavam com cada onda, e dali saíam lamúrias, gritos que pediam ajuda e que lhes resgassem, e um desagradável odor.

— Vamos, senhor, tire a casaca — disse Stephen.

Dutourd obedeceu, e os três tiraram dali aos homens com muito cuidado. Arrastaram os mortos até a meia coberta e

colocaram os vivos os em ordem conforme a urgência de seu caso.

— Seus homens lhe obedecem? — perguntou Stephen.

— Acredito que alguns — respondeu Dutourd, — mas a maioria está bêbada.

— Então, diga-lhes que joguem os mortos pela borda e que tragam baldes de água e esfregões para limpar o lugar que ocupavam. — Assomando-se por uma janela de popa destruída, gritou: — Barret, Bonden! Pode subir o barrilete para que o senhor Martin e eu o peguemos?

— Vou tentar — respondeu Bonden.

— Teremos que tirar esse homem daí — disse, assinalando com a cabeça para o que estava no escaninho. — Está morto.

— Era o capitão — informou Dutourd. — O último disparo da fragata causou sua morte e a da maioria da tripulação. E um canhão explodiu.

Stephen assentiu com a cabeça. Já vira o terrível estrago que podia provocar uma descarga e também um canhão ao explodir.

— Podemos deixá-lo cair pela janela? Tenho que atender a estes homens imediatamente.

— Muito bem — disse Dutourd.

Quando o rígido cadáver caiu ao mar, Bonden gritou:

— Agarre-o quando suba com as ondas.

Então o barrilete subiu a bordo, e Martin tirou a tampa com um maço. Só tinha uma lata velha para servir a água, mas com aquele calor abrasador nem a lata nem a sujeira tinham importância, somente a infinitamente valiosa água.

— Uma pinta é suficiente, senhor; se não, vai se arrebentar — disse Stephen para Dutourd. — Sente-se aqui e deixe-me ver sua cabeça.

Debaixo do lenço, o sangue seco e o cabelo assanhado, tinha um corte no couro cabeludo. Parecia feito com uma navalha, mas provavelmente havia sido produzido por um pedaço de metal que saltara pelo ar. Stephen o recortou, lavou e costurou, sem que tivesse nenhuma reação quando introduzia a agulha. Depois lhe pôs uma venda em cima.

— Isto é suficiente pelo momento. Por favor, suba ao convés e ordene aos seus homens que bombeiem mais rápido. E pode dar-lhes o outro barrilete.

Stephen estava muito acostumado a ver as consequências de uma batalha naval, e Martin não pouco, mas aqui as habituais feridas causadas pelos canhões e pedaços de madeira desprendidos e o terrível efeito da explosão de um canhão estavam acompanhados pelas estranhas feridas provocadas pela erupção vulcânica, lacerações piores que as que tinham visto na *Surprise* e, como o Franklin navegava quase contra do vento, queimaduras mais graves. Os dois estavam exaustos, tinham provisões escassas e lhes faltavam as forças e a respiração na atmosfera enrarecida da cabine, e sentiram um grande alívio ao ver Padeen aparecer com estopa, vendas, ripas e tudo o que um homem inteligente poderia pensar, e ao ouvir ao senhor Bulkeley, o contramestre, ordenar aos tripulantes do *Franklin* que bombeassem. Era possível que não compreendessem o francês do contramestre, mas não podiam equivocar-se com respeito ao açoite, as indicações com o dedo e seu terrível vozeirão. Jack tinha mandado com Padeen, além do contramestre e todos os marinheiros experimentados de que podia prescindir, a Davies *O Lerdo*, que obedecia em tudo Stephen. E os dois médicos atenderam por turnos aos pacientes com a ajuda desses dois homens fortes, que podiam carregar, segurar e impedir seu movimento.

Quando iam cortar uma perna na altura do quadril, Reade desceu e, virando seu pálido rosto, disse:

— Senhor, vou levar o capitão do *Franklin* com seus papéis para a fragata. Quer mandar alguma mensagem?

— Nenhuma, obrigado, senhor Reade. Padeen, segure-o agora.

— Antes de ir, pode dizer ao contramestre que tire a capa da escada do castelinho?

Stephen não pôde ouvir sua voz pelo lamuriento e prolongado grito que o paciente deu, mas um momento depois tiraram a capa que estava sobre eles e a fedorenta cabine se encheu de brilhante luz e de uma fresca e limpa brisa marítima.

Desde o primeiro momento, Jack não gostou de nada do que ouviu de Dutourd. Stephen o descreveu como um homem benevolente a que fora enganado por aquele “maldito miserável do Rousseau” e mais tarde havia se deixado levar pela paixão que sentia por sua doutrina, baseada, era verdade, no ódio pela pobreza, a guerra e a injustiça, mas também na presunção de que os homens eram bons e iguais por natureza e que só necessitavam de uma mão firme e amiga que os levasse para o caminho adequado, o caminho de tornar realidade todo seu potencial. Isto, obviamente, requeria a abolição do presente ordem, que tanto lhes havia pervertido, e das igrejas estabelecidas. Essa era uma antiqüíssima teoria e com muitas variações conhecidas, mas Stephen nunca tinha ouvido expressá-la tão claramente nem de forma tão apaixonada nem com tanta convicção. Mas nem a paixão nem o convencimento chegaram a Jack com o resumo de Stephen, ainda que estava muito clara a doutrina que igualava a Nelson a um de seus barqueiros, e agora olhava friamente o bote que se aproximava.

A frieza se converteu em franca desaprovação porque Dutourd, depois de subir a bordo da forma tradicional, com marinheiros colocados no costado oferecendo-lhe cabos, não cumprimentou aos oficiais no castelo de popa. Além disso, esquecera de levar uma espada para fazer a rendição formal. Jack se retirou imediatamente para sua cabine, dizendo a Pullings:

— Tom, por favor, traga esse homem abaixo com seus papéis.

Recebeu Dutourd sentado, mas não ordenou a Killick que lhe trouxesse uma cadeira, e ao próprio cavalheiro disse:

— Conforme acredito, senhor, o senhor fala inglês com soltura.

— Com certa soltura, senhor. E usarei toda a que tenho para agradecer-lhe o gesto humano que teve com meus homens. O cirurgião e seu ajudante se comportaram de forma extraordinária.

— O senhor é muito amável, senhor — disse Jack, fazendo uma cortês inclinação de cabeça; e depois de perguntar-lhe por sua ferida, acrescentou: — Pelo que entendi o senhor não é um marinheiro de profissão e não conhece bem os costumes que imperam no mar.

— Quase não os conheço, senhor. Já governei um barco de recreio, porém, para navegar por alto mar, sempre contratei a um capitão. Não posso me considerar um marinheiro, pois passei muito pouco tempo no mar.

Jack pensou: “Isso muda um pouco as coisas”. E depois lhe pediu:

— Por favor, mostre-me seus papéis.

O último capitão que Dutourd tinha contratado era uma pessoa muito organizada, além de um experimentado navegante e um excelente marinheiro, assim que Dutourd lhe entregou um conjunto de documentos muito completo envolvido em um pedaço de lona alcatroada.

Jack os revisou com satisfação, mas depois franziu o cenho e voltou a olhá-los.

— Onde está sua licença, sua patente de corso?

— Não tenho nenhuma patente de corso, senhor — respondeu Dutourd, negando com a cabeça e sorrindo timidamente. — Sou um simples cidadão, não um oficial da marinha. Meu único propósito era fundar uma colônia em benefício da humanidade.

— Não tem licença, nem norte-americana nem francês?

— Não, não. Nunca me ocorreu pedir uma. É uma formalidade necessária?

— Muito necessária.

— Recordo que recebi uma carta do titular do Ministério da Marinha na qual me desejava uma feliz viagem. Acha que me servirá?

— Acho que não. Sua felicidade incluiu capturar algumas presas, conforme acredito.

— Pois... sim, senhor. Não pensará que é uma impertinência dizer que, infelizmente, nossos países estão em guerra.

— Isso eu sei. Mas as guerras se fazem conforme certas normas. Não são revoltas nas quais qualquer um pode participar e se apropriar do que possa vencer. Temo que se não pode mostrar nada melhor que uma carta desejando-lhe feliz viagem, deverá ser enforcado por pirata.

— Lamento ouvir isso. Mas tanto com relação às presas como aos aspectos puramente relacionados com fazer o curso, o senhor Chauncy, o capitão, de fato, tem autorização de seu governo. Navegávamos com bandeira norte-americana, como recordará. Encontra-se em um envelope que tem escrito Dotes e referências do senhor Chauncy e que está em cima de minha escrivaninha.

— Não o trouxe?

— Não, senhor. O jovem cavalheiro com um só braço me disse que não tinha nem um momento a perder, assim que deixei todas minhas coisas pessoais.

— Mandarei alguém para procurá-lo. Por favor, descreva a escrivaninha.

— É uma escrivaninha ordinária de nogueira com tiradores de latão e com meu nome em uma placa, mas quase não há esperanças de que possam encontrá-la agora.

— Por que diz isso?

— Meu amigo, já vi o que fazem os marinheiros a bordo de um barco capturado.

Jack, sem responder, olhou pela escotilha e viu que Bulkeley e seus ajudantes haviam colocado um pau no pedaço do mastro mezena. O barco estava a pairar, com uma improvisada vela ao terço, e se movia muito mais suavemente. A *Surprise* ia se atracar com ele dentro de poucos minutos.

— Há algum oficial sobrevivente que não esteja ferido? — perguntou.

— Nenhum, senhor. Todos morreram.

— Algum servente?

— Sim, senhor. Escondeu-se abaixo com os reféns.

— Killick! Killick! Chame o capitão Pullings.

— Sim, sim, senhor — disse Killick, que sabia responder cortesmente quando havia convidados ou prisioneiros de classe superior. — O capitão Pullings.

Mas em vez do capitão Pullings, apareceu o jovem Norton, que disse:

— Com sua permissão, senhor. O capitão Pullings e o senhor Grainger estão no tope tratando de colocar a cesto da gávea. Posso

levar-lhes uma mensagem?

— Já chegaram tão longe, tão cedo? Não os moleste em um momento tão delicado, senhor Norton. Vá correndo ao convés, peça emprestado um alto-falante e grite ao *Franklin* que Bonden e Plaice tenha preparados ao servente do senhor Dutourd com seu baú e sua escrivaninha para que os tragam a bordo assim que disponham de um momento. Mas antes leve este cavalheiro à câmara dos oficiais e diga ao despenseiro que lhe sirva o que peça. Vou subir ao cesto da gávea do traquete.

— Sim, sim, senhor. O servente, o baú e a escrivaninha do senhor Dutourd tão cedo como disponham de um momento. E o senhor Dutourd para a câmara dos oficiais.

Dutourd abriu a boca para dizer algo, mas já era muito tarde. Jack jogou para um lado a casaca e saiu rapidamente da cabine, fazendo tremer a coberta a sua passagem.

— Por aqui, senhor, por favor — disse Norton.

Bonden ouviu a mensagem alguns minutos depois, quando estava subindo a bordo um mastaréu pelos amantilhos. Então falou com o contramestre.

— Senhor Bulkeley, tenho que levar o servente do senhor Dutourd, seu baú e sua escrivaninha para a fragata. Posso pegar o esquite?

— Sim, companheiro — disse o contramestre com a boca cheia de estopa, — a menos que possa caminhar. E traga-me um par de lanteones^{4} e de moitões e, também, um rolo de cânhamo de Manila de uma plegada e meia que está atrás da escotilha de proa.

Jack regressou à cabine muito satisfeito. Apesar da ausência do senhor Bulkeley e de muitos marinheiros de primeira, a *Surprise* se recuperara de forma extraordinária. Era verdade que pelo menos restava meia dúzia de marinheiros do castelo que, independentemente dos papéis, podiam ter servido como contramestres em barcos de guerra, e também era verdade que, como Jack era rico, tinha uma grande quantidade de apetrechos; porém, de toda forma, a mudança do estado de caos que havia ao amanhecer para o atual, quase de perfeita ordem, era realmente

assombrosa. A esse passo, a fragata, com os quatro pares de contraestais que lhe colocaram pela manhã, poderia estar navegando com as gáveas e as maiores no dia seguinte, pois os ventos alísios já haviam se fixado sobre o mar, agora em um estado quase normal.

— Diga ao senhor Dutourd que venha.

— Mas seu nome é Turd — comentou Killick a seu companheiro Grinshaw, antes de ir à câmara dos oficiais para despertar ao francês de olhos avermelhados.

— Aqui tem, senhor — disse Jack quando fizeram o francês entrar na cabine. — Aqui está seu baú e aqui está o que parece ser sua escrivaninha — acrescentou, assinalando uma caixa com uma prancha de metal que Killick tinha polido, e que tinha escrito o nome Jean du Tourd.

— Assombroso! — exclamou Dutourd. — Nunca pensei voltar a vê-la.

— Espero que possa encontrar o envelope de que me falou.

— Estou seguro de que sim, porque ainda está fechado com chave — disse Dutourd, buscando a chave.

— Com sua permissão, senhor — Adams, o apreciado escrevente de Jack, interrompeu-lhes. — Falta menos de um minuto para a hora.

— Desculpe-me, *monsieur* — disse Jack, levantando-se de um salto. — Voltarei dentro de alguns momentos. Por favor, busque esse papel.

Jack e Adams faziam uma série de observações a determinados intervalos: a direção e intensidade do vento, a corrente, a pressão barométrica, as variações da bússola, a umidade, a temperatura do ar e a do mar, junto com a salinidade a diferentes profundidades e a intensidade do azul do céu. Esta série de observações tinham que ser feitas ao redor do mundo e entregues a Humboldt e à Royal Society, e era uma lástima que rompessem a seqüência em um momento tão importante.

Uma comprida pausa; gritos próprios da navegação; o clique-clique-clique das lingüetas do cabrestante. Nesse momento uma

grossa verga subiu e, quase imediatamente depois do grito "Amarrar!", o capitão Aubrey regressou.

— Encontrei o certificado — anunciou Dutourd, saindo de sua letargia e entregando-lhe um papel.

— Alegro-me de sabê-lo — disse Jack.

Sentou-se em sua escrivaninha e, depois de ler o documento atentamente, franziu o cenho e disse:

— Sim, está muito bem. Isto permite ao senhor William B. Chauncy, que presumivelmente era o capitão contratado pelo senhor, apresar, queimar e destruir barcos ou navios que pertençam a Sua Majestade ou levem sua bandeira, mas não menciona ao senhor Dutourd; não o menciona em nenhuma parte.

Dutourd não disse nada, mas ficou pálido e levou a mão à cabeça. Jack teve a impressão de que já não lhe importava se iam lhe enforcar ou não por pirataria, mas que o deixassem deitar-se um pouco tranqüilamente.

Jack ficou pensativo alguns momentos e depois disse:

— Bem, senhor, devo confessar que o senhor é um tipo de prisioneiro anômalo, como a criatura que não é humana nem é uma ave nem um arenque, mas tem algo de todos: a esfinge. O senhor é o dono de um barco, uma espécie de capitão, mas não está no rol, e é também uma espécie de pirata. Não estou seguro do que devo fazer com o senhor. Como não tem um comando por escrito, não posso tratá-lo como a um oficial e não pode ficar na câmara dos oficiais.

Após uma pausa, durante a qual Dutourd fechou os olhos, Jack prosseguiu:

— Porém, afortunadamente, a *Surprise* é uma embarcação bastante grande com uma tripulação pequena, e na coberta inferior, justo na proa, fizemos cabines para o condestável, o contramestre e o carpinteiro. Ainda restam dois livres, pode ficar em uma. Posto que nenhum de seus oficiais sobreviveu, terá que comer sozinho, mas provavelmente os oficiais lhe convidarão amiúde. E, sem dúvida, terá liberdade para ficar no castelo de popa.

Dutourd não disse nada sobre a oferta. Baixou a cabeça, e por causa do balanço, caiu da cadeira de cabeça. Jack o recolheu, deitou

na parte superior do escaninho de popa, que era acolchoado, e chamou a Killick.

— O que pensa, senhor? — perguntou seu despenseiro. — Não vê que está sangrando como um porco por debaixo da venda?

Killick foi correndo ao sanitário para buscar uma toalha e a pôs debaixo da cabeça de Dutourd.

— Agora tenho que tirar todas estes cobertores e metê-los em água fria imediatamente, mas não há água, porque o barril do convés está vazio e até que Astillas não venha não reparará a manivela da bomba.

— Não se preocupe com os cobertores manchados de sangue — disse Jack; e seu repentino mau humor, devido ao terrível cansaço, alcançou inclusive a Killick. — Vá rapidamente com Grinshaw à cabine que fica junto à do contramestre, peça uma maca ao senhor Adams, pendure-a, e deite-o nele. E ordene que levem também seu baú, ouviu?

O terrível cansaço havia se estendido aos dois barcos, equiparando os alegres vencedores aos tristes vencidos. Os dois grupos teriam renunciado ao butim ou à liberdade contanto que lhes permitissem descer para descansar. Mas isso não era possível. Os poucos prisioneiros que se achavam bem tinham que bombear constantemente para manter seu barco flutuando ou puxar um cabo ao ouvir a ordem; e em ambas embarcações, todos os marinheiros deviam permanecer no convés até que tivessem desdobrado velame suficiente para ficar ao paio sem correr risco em caso de tormenta, pois nem ao meio-dia nem agora, pela tarde, o céu parecia confiável.

De todos, os únicos que aparentemente estavam inativos eram os médicos. Haviam voltado para a fragata fazia pouco tempo, fizeram as rondas da enfermaria e seus arredores, e agora esperavam para que houvesse um momento de pausa na atividade geral e alguém levasse Martin para passar a noite no *Franklin*, atravessando a estreita faixa de água turbulenta que separava as embarcações. Ainda que os dois soubessem remar, a sua maneira, não podiam se permitir machucar os dedos, porque era muito provável que tivessem que fazer alguma operação.

Estavam observando como extraíam os pedaços dos mastros quebrados e os substituíam por bandolas, e de vez em quando Stephen explicava as diferentes operações.

— Ali, vê? — perguntou. — Onde estão aquelas pernas longas que se unem à altura do cesto da gávea, com dois grandes moitões no ponto de união. A base descansa nas pranchas situadas de cada lado do convés. Essa é o tripé com braço de que lhe falei. Olhe, os marinheiros os sobem retos com um cabo, talvez uma guindaleza, que entra em outro moitão ou polia, como eu diria, e depois ao cabrestante. Ao mesmo tempo, qualquer movimento indevido é contrariado pelo... Senhor Reade, qual é o nome desses cabos que vão de proa a popa e para os lados?

— Guias, senhor. E aqueles, na base do tripé, são os rabichos.

— Obrigado, meu amigo. E permita-me aconselhar-lhe que não corra com tanto ímpeto.

— Oh, senhor, não estava correndo com ímpeto!

— Senhor Reade, foi dormir outra vez? — perguntou Pullings em tom duro, muito irritado.

— Agora, como vê, Martin, o braço do tripé está completamente vertical e estão descendo o moitão inferior. O contramestre o está engatando ao mastro quebrado com um nó determinado. Agora ordena içá-lo, anima os marinheiros com gritos e apitos. Esses devem de ser os preguiçosos prisioneiros. Sobem o pedaço do mastro, o separam, e depois o desatam. Agora trazem o mastro novo. Me parece que é um de nossos mastaréis de reserva. Agora o amarram. E sobe, sobe e sobe até que fica pendendo em cima do buraco, e ao redor põem uma peça para segurá-lo. Mas como se move, com o balanço do barco! O senhor Bulkeley o agarra. Agora grita e os marinheiros descem o moitão e então o mastro desce. Está firme, sem dúvida, porque fica preso com parafusos e ajustado com uma cunha. Estão subindo alguém até a cruzeta, provavelmente a Barret Bonden, para colocar a exércia por cima na devida ordem.

— Com sua permissão, senhor — Emily o interrompeu. — Padeen pergunta se Willis pode tomar agora sua poção de limo.

— Poderá tomá-la quando soar a última das três badaladas — disse Stephen.

A menina se partiu correndo, e sua delgada figura negra passou despercebida, enquanto desviava os grupos de marinheiros concentrados em diferentes tarefas, muito cansados para fazer brincadeiras.

— Se deixo a um, terei que deixar a todos, e logo virá o caos.

Frequentemente dizia isso, e Martin se limitou a consentir com a cabeça. Observaram em silêncio como o braço do tripé se movia para frente, até onde ficava o pedaço do mastro maior do *Franklin*, ao qual uniram um curioso objeto feito com outro mastaréu de reserva e outro pau unidos por dois tamboretas no centro e por um duplo por cima do recém reparado cesto da gávea.

Stephen não tratou de explicar essa operação porque nunca a tinha visto antes. Até agora não falaram da morte de West, salvo em uns breves momentos na enfermaria, mas durante uma pausa do martelo que se ouvia atrás deles e dos repetidos gritos do *Franklin*, Stephen disse:

— Em minha opinião, o cérebro tinha sofrido tanto estrago que ter feito uma operação antes e com mais destreza não teria produzido um resultado diferente.

— Tenho certeza disso — respondeu Martin.

Stephen pensou: “Oxalá que eu também a tivesse. Porém, por outro lado, o que é satisfatório para o ego não é necessariamente mentira”.

A trabalhosa colocação do tamborete duplo seguiu e seguiu, e ambos a observaram como aturcidos, sem compreender.

— Boas notícias, senhor! — exclamou Reade, passando por seu lado. — O capitão ordenou colocar uma vela latina no mastro mezena. Será um magnífico espetáculo. Não tardará.

O sol quase roçava o horizonte, e tanto na *Surprise* como no outro barco podia se ver aos marinheiros enrolando cabos e arrumando. Os carpinteiros estavam recolhendo suas ferramentas; Stephen, embargado pela melancolia, recordava seus movimentos com a clareza que levam aparelhada certos níveis de cansaço e alguns sonhos. Podia sentir as vibrações do trépano ao cortar o

crânio ferido, uma operação que havia feito muitas, muitas vezes sem falhar, e podia ver como levantava o disco de osso e o fluxo de sangue extravasado.

Ambos estavam com o pensamento longe. Stephen quase havia esquecido que não estava sozinho, quando Martin, com os olhos fixos na presa, disse:

— Sem dúvida, o senhor entende mais destas coisas. Por favor, diga-me que ações acha que um homem de minha posição e meu cargo deve comprar, da Navy Fives ou das Companhias do Pacífico?

Chamaram Stephen somente duas vezes essa noite. Seu terceiro sono foi muito agradável, e saiu de algo parecido a um coma para um estado consciente e totalmente relaxado, de paz mental e de bem-estar físico. Permaneceu deitado, pestanejando na luz da manhã e pensando em uma grande variedade de coisas agradáveis: a amabilidade com que Diana lhe tratara quando estava enfermo na Suécia, os falcões columbarius que vira, uma sonata para violoncelo de Bocherini, baleias... Um ruído constante, estridente e familiar traspassava essa agradável quietude, porém várias vezes, depois de identificá-lo, recusou o resultado por absurdo. Conhecia a Armada há anos e estava familiarizado com seus excessos, mas isto era estranho demais. Contudo, ao ouvir a última combinação dos sons produzidos ao polir e atritar com o choque de baldes, roucos sussurros, e o ruído da água que corria, dos esfregões que a empurravam para os embornais e de pés descalços, já não podia negar que a guarda de bombordo e os marinheiros do castelo limpavam o convés, tirando a poeira e as cinzas vulcânicas de debaixo do gradeado, das carretas e de lugares insuspeitos, como os caixotes da bitácula.

Mas quando a parte consciente de sua mente aceitou isto, voltaram todas as lembranças do dia anterior, e a atividade dos marinheiros deixou de parecer-lhe extravagante. O senhor West havia morrido. Iam sepultá-lo no mar durante a guarda da manhã, e todos procuravam deixar a fragata em bastante bom estado quando o jogassem pela borda. Não era um oficial muito popular nem muito inteligente, e às vezes era arrogante e presumia de ser um oficial,

não um marinheiro raso, mas não era mau (nunca informava ao capitão que um marinheiro tinha cometido uma falta) e sua coragem não podia ser posta em dúvida. Havia se distinguido quando a *Surprise* tinha tirado a *Diane* do porto de Saint Martin, e na última batalha, em Moahu, fizera tudo o que um oficial bom e diligente podia fazer. Porém, sobretudo, os marinheiros estavam acostumados com ele, pois haviam navegado em sua companhia há muito tempo. Eles gostavam daquilo a que estavam acostumados, e sabiam o que se devia fazer por um companheiro.

Se tivesse existido o perigo de que Stephen esquecesse isso, o aspecto do convés lhe teria recordado quando saiu ao ar livre e à luz brilhante depois de fazer a longa ronda matutina. O castelo, a parte entre o castelo de popa e o castelo proa, que geralmente era ocupado por uma massa de vergas, mastros e perchas de reserva cobertos por uma lona alcatroada, entre os quais se encontravam os botes, estava quase vazio porque a maioria dos paus tinham sido usados e alguns botes estavam ocupados e outros eram rebocados pelos barcos pela popa. Isso dava à fragata um aspecto austero. Mas, além disso, havia se produzido uma mudança da aparente confusão e sujeira do dia anterior para a ordem dominical, pois as velas estavam aferradas à flamenga, os objetos de bronze reluziam ao sol, as vergas se mantinham perfeitamente no esquadro pelos amantilhos e pelas braças. E havia uma mudança ainda maior no ambiente, a formalidade e a seriedade de Sarah e Emily, que estavam no alto da escada. Ambas tinham terminado suas tarefas na enfermaria fazia uma hora e estavam no castelo, com seus melhores vestidos, olhando o Franklin. Perto do outro extremo estava Jack Aubrey, que, vestido com seu magnífico uniforme de capitão de navio e em companhia de Martin, era transportado por seus barqueiros remando a intervalos exatos.

— Esse era o magnífico espetáculo de que lhe falei — disse Reade, que se achava junto de Stephen.

Stephen seguiu seu olhar, que foi além do bote de Jack, até o Franklin. Tinham soltado o cabo com que o rebocavam, e agora navegava paralelo à *Surprise*, a cinco nós. Levava as maiores

desdobradas e, também, a vela latina no mastro mezena, que estava tensa como um tambor e brilhava sob o sol.

— É realmente magnífico — exclamou.

— Lembra-me o velho *Victory* — disse Reade depois de um momento.

— Meu Deus, não é possível que tenham afundado o *Victory* nem que a Armada o tenha vendido! — exclamou Stephen, admirado. — Sabia que era velho, mas acreditava que era eterno, como a grande arca do mundo.

— Não, senhor, não — replicou Reade pacientemente. — Nós vimos faz muito pouco nas agitadas águas do canal da Mancha. O que quis dizer é que, no passado, em outro tempo, antes da guerra, usava uma vela latina. Temos um quadro dele em casa. Meu pai era o segundo a bordo em Toulon, sabe? Mas venha, senhor, terá que trocar de casaca ou ir para baixo, porque o capitão subirá a bordo de um momento para o outro.

— Talvez seja melhor que desapareça — disse Stephen, passando a mão por seu queixo sem barbear.

A *Surprise* reduziu a velocidade e os tripulantes receberam ao capitão com tanta cerimônia como puderam nessas circunstâncias. Os ajudantes do contramestre tocaram apitos junto ao costado, Tom Pullings, como primeiro oficial, o senhor Grainger, como segundo a bordo, o senhor Adams, que era o escrevente e contador de fato, e os dois guardas-marinhas, todos com roupa de gala, tiraram o chapéu. Depois, o capitão tocou o seu para cumprimentar aos oficiais, fez um sinal com a cabeça para Pullings e foi abaixo, onde Killick, que lhe observava desde que tinha deixado o Franklin, tinha seu café preparado.

Então, Stephen entrou com uma navalha na mão, atraído pelo odor, mas ao notar que Jack e Pullings queriam falar de coisas relacionadas com a fragata, só bebeu duas xícaras e se retirou para a parte anterior da cabine, onde geralmente se alojava. Quando virou as costas, Jack disse:

— Tão logo Martin tenha trocado de roupa, subirá para o convés, sabia?

E ao mesmo tempo, Killick, cujo caráter, que nunca fora muito doce, havia se azedado depois de atender durante tantos anos ao capitão e ao doutor, lançou-se à porta com a melhor casaca de Stephen sobre o braço e, com voz escandalosa e tom lamuriento, perguntou:

— Mas ainda nem sequer se barbeou? Meu Deus! Trarão a vergonha à fragata!

— Bem, Tom — disse Jack Aubrey, — contarei brevemente como vão as coisas no Franklin. Grainger, Bulkeley e os outros trabalharam extraordinariamente bem, e poderemos colocar os mastaréis amanhã. Estive pensando na tripulação da presa, e, ainda que não podemos prescindir de muitos homens, nós a arrumaremos. Tem vinte e um marinheiros em condições de trabalhar, e junto com os que o doutor possa remendar e três dos reféns ingleses e um carpinteiro que pegaram de um baleeiro de Hull para substituir ao seu, teria uma tripulação adequada sem necessidade de reduzir demais a da *Surprise*. Quero que sejam capazes de disparar com a bateria de um costado pelo menos, não somente levá-la a um porto. A maioria dos marinheiros do *Franklin* entendem um pouco o inglês, assim que lhes disse as coisas normais: que os que se oferecerem como voluntários ficarão com nossos homens na coberta inferior e receberão rações completas, grogue e tabaco e, quando chegarem à América do Sul, um pagamento de acordo com sua classificação, enquanto que os que não se oferecerem permanecerão no porão de proa e receberão dois terços de ração, mas não receberão grogue nem tabaco e serão levados diretamente para a Inglaterra. Um dos reféns, um garoto, fala francês como o doutor, e lhes explicava as coisas quando não me entendiam. Disse que pensassem, e estou quase seguro de qual será o resultado. Quando o tenhamos armado com nossas caronadas, será um admirável companheiro. O senhor tomará o comando e promoverei a Vidal. Sem dúvida, poderemos mandar-lhe três homens que possam encarregar-se da guarda. Um deles será Smith, que aumentará sua capacidade de manejar os canhões. Ainda que não tivéssemos tantos tripulantes, dois dos reféns eram capitães de seus próprios barcos, um de um mercante

dedicado ao comércio de peles no estreito de Nootka e o outro um baleeiro. Tem alguma observação a fazer, capitão Pullings?

— Bem, senhor — disse Pullings, devolvendo-lhe timidamente o sorriso. — Eu lhe agradeço muito que me dê o comando, naturalmente, e com relação a Vidal, não há dúvida de que é um excelente marinheiro. Mas é o líder dos seguidores de Knipperdolling, e os seguidores de Seth e os de Knipperdolling estão estranhados desde que se celebrou o ágape na capela metodista em Botany Bay. E como sabe muito bem, os marinheiros mais respeitados a bordo são seguidores de Seth ou seus amigos íntimos, assim que ter um dos seguidores de Knipperdolling acima...

— Maldita seja! — exclamou Jack. — Tem muita razão. Eu havia me esquecido.

Não deveria ter se esquecido, porque Shelmerston, além de ser conhecido por seus excelentes marinheiros (o próprio Vidal havia armado seu próprio barco e se enfrentara com corsários de Berbería com êxito), era ainda mais por sua assombrosa variedade de seitas religiosas, algumas, como a dos seguidores de Seth, antigas e de origem incerta; outras, como a dos seguidores de Knipperdolling, modernas e com certa tendência a brigar por questões doutrinárias. No ágape de Botany Bay, um desacordo com respeito a uma delas terminara com muitos olhos roxos, narizes quebados e cabeças partidas.

Jack, reprimindo-se de fazer alguns comentários sobre os marinheiros e a teologia, e sobre certos oficiais e o espaço, disse:

— Muito bem. Reorganizarei a tripulação da presa para que haja paz por toda costa. Pode ficar com os seguidores de Seth e mandarei regressar a todos os seguidores de Knipperdolling que haja no Franklin. A propósito, quem era Knipperdolling?

Pulling ficou perplexo e moveu a cabeça de um lado para o outro muito devagar.

— Bem, não importa. O doutor saberá, ou melhor ainda, Martin. Já ouço sua voz no convés. Tocarão o sino imediatamente.

CAPÍTULO 3

O funeral de West foi celebrado nos 12°35'N e 152°17'O, e vários dias depois, de acordo com uma costume marinho, venderam sua roupa junto ao mastro maior.

Henry Vidal, um oficial de derrota que fazia esta viagem como marinheiro do castelo, comprou os calções e a casaca de gala de West. Ele e seus amigos seguidores de Knipperdolling lhe tiraram todos os galões e todos os ornamentos que pudessem ser considerados um sinal de classe, e, depois de ser ascendido, apresentou-se com essa austera vestimenta no primeiro jantar na câmara dos oficiais.

Também nesta ocasião Stephen jantou abaixo, mas esta janta era completamente diferente. Por um lado, a fragata estava ainda muito longe de virar a sua rotina diária, pois ainda havia muito o que fazer ali e no Franklin, assim que o jantar não podia ser como aquela tranqüila cerimônia com que deram as boas-vindas a Grainger. Por outro, a atmosfera se parecia muito mais com a de uma reunião de civis que não tinham nada a ver com a Armada. No extremo da mesa, de ambos os lados de Adams, estavam sentados dois dos sequestrados, os homens que foram tirados das presas do *Franklin* como garantia de que seus donos pagariam a soma combinada para deixá-las em liberdade; na ausência de Pullings, Grainger estava na cabeceira, e tinha Stephen à direita e Vidal à esquerda; no centro da mesa estava Martin, e em frente Dutourd, a quem Adams havia convidado seguindo a sugestão do capitão.

De forma que o jantar não foi muito desagradável para Vidal, porque não havia ninguém com galões que o intimidasse, porque muitos dos outros também se sentavam a essa mesa pela primeira

vez e porque se encontrava muito a vontade com quem estava junto dele, de um lado Grainger, a quem conhecia desde a infância, e do outro Dutourd, com quem tinha grande afinidade. Além disso, o doutor Maturin, que fora seu companheiro de tripulação em três missões, não era um homem que desconcertasse aos recém chegados. Na realidade, depois de dar as boas-vindas ao novo oficial, não houve necessidade de que lhe atendessem de um modo especial, pois logo tomou parte na animada conversa. Pouco depois, Stephen, esquecendo suas obrigações sociais, como fazia amiúde, se limitou a prestar atenção a sua comida e seu vinho e a observar seus companheiros.

Os reféns que estavam dos lados de Adams, um deles um encarregado da carga e o outro um comerciante, ambos dedicados ao comércio de peles, ainda estavam radiantes de felicidade por sua liberação e às vezes riam sem motivo aparente. E riam ao ouvir brincadeiras como esta: "O que responderia a alguém que tratasse de dissuadir-lhe de que se casasse com uma mulher porque não era muito inteligente? Dir-lhe-ia que só quero que minha esposa tenha inteligência suficiente para distinguir minha cama da de outro homem". Era óbvio que os dois tinham boas relações com Dutourd, e Stephen achava que não era só consequência de terem sido libertados, mas algo já estabelecido.

Em quanto a Dutourd, Stephen sabia muito bem em que estado se encontrava atualmente, porque todos os dias visitava aos feridos do *Franklin* que foram trasladados para a Surprise para serem atendidos na enfermaria. Stephen tinha que falar em francês com esses pacientes, e com um contato tão freqüente, teria sido uma ingenuidade tratar de ocultar que o dominava. Dutourd, por seu lado, não deu importância a isto nem fez nenhum comentário, e Stephen tampouco fez nenhum sobre o inglês que Dutourd falava, uma variante dialetal muito exata, ainda que ocasionalmente marcada por um som vibrante típico das colônias do norte, onde passara muitos anos. Estava sentado muito erguido no centro da mesa e se mostrava alegre. Vestia uma casaca de cor azul-claro, não exibia peruca e usava o cabelo cortado ao estilo de Bruto. Falava com quem estava a sua direita e a sua esquerda, adaptando-se a

todos, e parecia desfrutar da janta. Contudo, perdera tudo, e esse tudo navegava agora a sotavento da *Surprise*, ao comando de quem lhe havia feito prisioneiro. Aquilo era insensibilidade, estoicismo ou magnanimidade? Stephen o ignorava, porém, sem dúvida, não era leveza, pois sabia que Dutourd tinha uma grande inteligência e era um espírito curioso, quase inquisitivo. Agora estava tentando obter informação de Vidal, que estava sentado a sua direita e de frente a Stephen, sobre o governo municipal na Inglaterra.

Vidal era um marinheiro de meia idade e tinha uma grande dignidade, como Stephen tinha reparado em todos os que eram especialistas em sua profissão; contudo, se não fosse por seus brincos, ninguém o tomaria por marinheiro. Seu rosto bonachão e moreno, quase acaju, tinha um aspecto mais parecido ao de uma pessoa culta, e não teria sido surpreendente vê-lo pegar um par de óculos. Tinha a expressão grave própria de um homem mais velho, mas muito mais alegre. Não era um beato, e se sentia muito a vontade com a vulgar tripulação de um barco e em uma sangrenta batalha penol a penol. Ria das velhas brincadeiras de seus companheiros de mesa, das piadas dos jovens e do aspecto cômico de seu primo o contramestre, mas ninguém, em nenhum momento, teria se atrevido a rir dele.

Stephen se pôs a refletir sobre a autoridade, sua natureza, sua origem e sua base ou bases. A autoridade podia ser inata ou adquirida, mas se era adquirida, quais eram os meios? Se autoridade se opunha ao poder, como podia ser definida exatamente? E quanto a sua etimologia, estava relacionada com *auctor*. De suas reflexões o tirou um expectante silêncio que notou diante de si, e quando levantou a vista viu que Dutourd e Vidal o olhavam do outro lado da mesa com os garfos apoiados nela, e no fundo de sua mente pôde encontrar o eco da pergunta: "Que pensa da democracia?"

— O cavalheiro perguntava que pensa da democracia — repetiu Vidal, sorrindo.

— Infelizmente, não posso dizer-lhe, senhor — disse Stephen, sorrindo também. — Ainda que não seria apropriado chamar esta embarcação de um barco do rei, mais que em um sentido amplo, seguimos estritamente a tradição da Armada, que proíbe falar de

religião, mulheres e política na mesa. Dizem que esta regra conduz à insipidez, e é possível que assim seja; porém, por outra parte, tem suas vantagens, já que neste caso, por exemplo, evita que um membro da tripulação lastime a um cavalheiro dizendo que não acredita que o sistema político que levou Sócrates à morte e deixou Atenas prostrada seja a máxima expressão da sabedoria humana ou, repetindo as palavras com que Aristóteles definiu a democracia, “o governo da ralé”, a depravada versão de um Estado.

— Pode indicar um sistema melhor? — perguntou Dutourd.

— Senhor, minhas palavras foram as de uma pessoa hipotética — respondeu Stephen. — No que diz respeito a minhas próprias idéias, a tradição sela meus lábios. Como lhe disse, aqui não falamos de política na mesa.

— Muito bem — assentiu o comerciante que estava à esquerda de Adams. — Se há algo que detesto mais que os tópicos é a política. Malditos os *whigs*, os *conservadores* e os radicais. E também malditos todos os tópicos como “um Estado dos pobres e dos escravos” e “a reforma”. Falemos de cercar o terreno comunal, dos aluguéis anuais e das ações das companhias do Pacífico, como estes cavalheiros, e de como tirar duas moedas de quatro peniques de onde só há uma, ah, ah, ah!

Então, agarrando Martin pelo ombro, repetiu:

— Tirar duas moedas de quatro peniques de onde só há uma.

— Sinto muito ter violado a tradição, cavalheiros — Dutourd se desculpou, pondo-se sério, — mas não sou marinheiro e, além disso, nunca tivera a honra de sentar-me à mesa dos oficiais ingleses.

— Bebamos a sua saúde, senhor — disse Stephen, fazendo-lhe uma inclinação de cabeça.

Como havia tanto trabalho a fazer dentro e fora das embarcações, estava previsto que o almoço terminasse cedo, e, depois de limparem a mesa, chegou rapidamente o brinde ao rei.

— O senhor já sabe, senhor — disse Grainger a Dutourd com palavras que tinha preparado de antemão, — que aqueles que não têm a sorte de serem súditos do rei não têm que brindar por ele.

— O senhor é muito amável, senhor Grainger — replicou Dutourd, — mas desejo brindar à saúde do cavalheiro. Que Deus o

bendiga.

Pouco depois, a mesa ficou vazia e Stephen e Martin subiram para dar um passeio pelo castelo de popa até que soassem as seis badaladas, quando estavam convidados a tomar café com o capitão, que, conforme o costume, independentemente do faminto que estivesse, tinha que almoçar mais tarde que os demais. Depois de estar na sombria câmara dos oficiais, o brilho da luz do dia era quase intolerável. O céu era azul, as brancas nuvens passavam por ele empurradas pela cálida brisa, formavam-se pequenas ondas jaspeadas de branco e havia um cabeceio e um balanço não muito fortes. Caminharam de um lado para o outro com os olhos semicerrados até que se acostumaram ao brilho, e então Martin disse:

— Esta manhã me ocorreu uma coisa muito estranha e desconcertante. Regressava do *Franklin*, quando Johnson assinalou um pássaro, um pequeno pássaro de cor clara que se aproximou de nós, deu várias voltas ao redor do bote e depois se foi. Sem dúvida, era um petrel, provavelmente da espécie Hahnemann. Ainda que observá-lo me produziu satisfação, de repente me dei conta de que não me interessava realmente, de que não me importava como se chamava.

— Nunca vimos um petrel da espécie Hahnemann.

— Não, e isso é o que me preocupa. Não vou comparar as coisas grandes com as pequenas, mas se ouve falar dos homens que perdem a fé, que despertam uma manhã e descobrem que não acreditam no que diz o credo e que têm que rezar diante dos fiéis dentro de poucas horas.

— Sim. E considerando um nível infinitamente menos importante, mas onde também produziria angústia, contarei que um primo meu de County Down descobriu uma manhã, exatamente como o senhor diz, que já não amava a jovem a quem havia proposto matrimônio. Ela seguia sendo a mesma jovem, com as mesmas qualidades físicas e os mesmos méritos, não tinha feito nada censurável, mas ele já não a amava.

— Que fez o pobre homem?

— Casou-se com ela.

— Foi um matrimônio feliz?

— Quando o senhor busca entre suas amizades, encontra muitos matrimônios felizes?

Martin ficou pensativo.

— Não — respondeu. — Não. Mas o meu é muito feliz, e com isso — acrescentou, assinalando a presa com a cabeça, — é provável que seja mais feliz ainda. Além disso, todos os marinheiros que hão navegado pelo estreito de Nootka dizem que está cheio de riquezas. Às vezes me pergunto se com uma esposa como a minha, uma paróquia e a promessa de uma ascensão, minha vida errante tem justificativa, ainda que em dias como este seja tão agradável.

Soaram as seis badaladas e ambos desceram rapidamente pela escada do castelinho.

— Entrem, cavalheiros, entrem — disse Jack.

Sempre se excedia um pouco na cordialidade com que tratava a Martin, com quem não simpatizava muito e a quem não convidava com tanta freqüência como achava que devia. A chegada de Killick com o café, seguido de seu ajudante, que trazia finas torradas feitas com fruta-pão seca, ocultaram sua leve, levíssima perturbação. Quando todos estavam sentados comodamente, com as xícaras na mão e olhando para a fileira de janelas que formavam a parede traseira da grande cabine, Jack perguntou:

— Que notícias tem a respeito de seu instrumento, senhor Martin?

O instrumento em questão era uma viola que agora estava quebada e que Martin tocava de forma regular, porque não tinha muito bom ouvido nem muito senso de ritmo. Ninguém esperava voltar a ouvi-la durante esta viagem, ou, pelo menos, não até que fizessem escala em Callao, mas pelas vicissitudes da guerra, havia chegado no Franklin um francês que reparava instrumentos, um artesão que fora enviado para Luisiana por diversos delitos e que tinha escapado quando estava em liberdade sob confiança.

— Gourin diz que o senhor Bentley lhe prometeu um pedaço de *lignum vitae* tão logo tenha um momento livre. Depois bastará meio dia para que realize o trabalho e a cola seque.

— Alegro-me muito — disse Jack. — Devemos tocar mais música em um destes dias. Também queria perguntar-lhe outra coisa, pois, conforme acredito, sabe muito de seitas religiosas.

— Sim, senhor, porque na época em que era apenas um clérigo sem benefício — disse Martin, fazendo uma inclinação de cabeça ao seu patrão, — traduzi o grande livro de Muller inteiro, escrevi minha versão em um fidedigno exemplar, mandei-o para a prensa e corrigi duas provas de granel. Lia cada palavra cinco vezes, e encontrei seitas muito curiosas. Por exemplo, uma era a dos ascitantes, que costumam dançar ao redor de um odre inchado.

— Eu gostaria de conhecer detalhes sobre os seguidores de Knipperdolling.

— Dos seguidores de Knipperdolling daqui?

— Dos seguidores de Knipperdolling em geral. Não é nada pessoal.

— Bem, senhor, na origem eram seguidores de Bernhard Knipperdolling, um dos anabatistas de Munster que chegou até limites insuspeitos para estabelecer a igualdade e a comunidade de bens, e logo o caso da poligamia... Por exemplo, John de Leiden tinha quatro esposas ao mesmo tempo, uma delas filha de Knipperdolling. E temo que depois provocou alterações ainda piores. Mas acho que em matéria de doutrina deixaram muito pouco para a posteridade, salvo o que ainda sobrevive na dos socinianos e os menonitas e que muito poucos aceitariam. Os que usam seu nome atualmente são descendentes dos *levellers*, que, como se recordará, senhor, eram um grupo de idéias profundamente republicanas que se formou durante a guerra civil. Queriam eliminar as diferenças de classe e levar o país à igualdade, e alguns queriam que a terra fosse uma propriedade comum, que ninguém fosse proprietário da terra. Causaram muitos problemas no Exército e no país, pelo que adquiriram má reputação, e finalmente foram desmantelados, com excessão de algumas comunidades dispersas. Acredito que os *levellers* constituíam um grupo que carecia de unidade religiosa, ao contrário da unidade social e política, ainda que não recordo se algum deles pertencia à Igreja como instituição. Algumas das comunidades dispersas que restavam formaram uma seita com

estranhas idéias sobre a Trindade e recusa ao batismo de crianças, e para evitar o ódio associado ao nome *levellers* e, sobretudo, a perseguição, chamaram a si mesmos de seguidores de Knipperdolling pensando que era um nome mais respeitável ou menos conhecido. Suponho que sabiam muito pouco da doutrina dos seguidores de Knipperdolling, mas recordavam suas idéias sobre justiça social, e pensaram que esse nome era apropriado.

— É assombroso — interveio Stephen, — que ainda que na *Surprise* haja muitas seitas, tenha tanta paz. É verdade que houve uma pequena falta de harmonia entre os seguidores de Seth e os de Knipperdolling em Botany Bay... A propósito disso, senhor, queria assinalar que se nesta fragata se servisse a comida para a tripulação em pratos redondos em vez de quadrados, as diferenças seriam ainda menores, porque deve ter em conta que um prato quadrado tem quatro cantos e cada um o converte em algo mais que um objeto contundente.

Pela inclinação de cabeça do capitão Aubrey e sua expressão grave, Stephen soube que os pratos quadrados que deram à *Surprise* quando foi resgatada de mãos francesas em 1796 ficariam com suas quinas letais enquanto ele ou qualquer outro oficial de princípios estivesse ao comando, pois a tradição da Armada não devia ser rompida por uma ou duas cabeças quebadas.

— Porém, em geral, não há desacordo — continuou Stephen, — apesar de que a menor diferença de opinião amiúde conduz ao ódio mortal.

— Isso poderia dever-se a que tendem a deixar seus ritos em terra — disse Martin. — Os traskites formam um grupo judaizante, e retrocederiam ao ver um presunto em Shelmerston; contudo, aqui, desde que podem, comem carne de porco salgada, e fresca também. E quando fazemos o serviço religioso aos domingos, tanto eles como os demais cantam os salmos e os hinos da cerimônia anglicana com entusiasmo.

— No que diz respeito a mim, não tenho aversão a ninguém por suas crenças, sobretudo se já nasceu com elas. Acho que posso me dar bem com os judeus ou inclusive...

A pê de papistas já havia se formado, e a palavra teve que sair forçosamente, mas como “pagãos”.

Apenas Stephen a escutou, ouviu-se um estrépito e um ruído de vidros que produziram desconcerto. Arthur Wedell, um refém da idade de Reade que se alojava e comia no camarote dos guardas-marinhas, caiu na cabine pela clarabóia.

Fatava para Reade a companhia de alguém jovem há muito tempo, e ainda que amiúde o convidassem para a câmara dos oficiais e para a cabine, sentia falta. A princípio, Norton, um jovem muito corpulento para sua idade, não era um bom companheiro porque era muito tímido, mas desde que Arthur chegara ao camarote dos guardas-marinhas, perdera a timidez, e os três faziam ruído por trinta, rindo e gritando até bem tarde da noite, jogando críquete na entrecoberta quando as macas estavam recolhidas, ou futebol no camarote vazia de bombordo, mas essa era a primeira vez que tinham jogado a um deles para a cabine.

— Senhor Grainger — disse Jack quando o tenente chegou da proa e depois que comprovaram que Wedell não estava ferido, — o senhor Wedell subirá ao tope do pau mezena imediatamente, o senhor Norton, ao do traquete, e o senhor Reade, com sua ajuda, ao do maior. Os três permanecerão nesses lugares até que eu lhes ordene descer. E diga ao carpinteiro ou ao ebanista que venha, se o senhor Bentley não o impede.

— Raras vezes vi um tempo tão agradável em uma zona que poderíamos chamar de tórrida — disse Stephen quando comia na cabine, como era habitual. — Suaves zéfiros, um plácido oceano, dois petréis Hahnemann e possivelmente um terceiro.

— Seria estupendo para ir de excursão a um lago acompanhado de damas, especialmente se elas compartissem sua paixão pelas aves. Mas te digo uma coisa, Stephen: nos últimos quatro dias, estes suaves zéfiros de que fala quase não fizeram a fragata avançar setenta milhas de um meio-dia ao do dia seguinte. É verdade que poderíamos avançar um pouco mais rápido, porém, obviamente, não podemos deixar o Franklin para trás; e com a exércia que tem agora, move-se com torpeza.

— Notei que deixou para trás a elegante vela latina.

— Sim. Agora que estamos avançando com os paus machos, não podemos nos permitir usar a comprida verga latina porque a necessitamos como mastaréu de joanete. Dentro de pouco verá que substituem a bandola que está no lugar do mastro maior por algo menos feio que o senhor Bentley, com ajuda do imponderável carpinteiro que resgatamos, fez com tudo o que possa imaginar: vaus superiores e laterais, peças da quilha, jimeigas^{5}, mergulhes... Ecaixaram-nas, prenderam com parafusos, uniram e as imprensaram a marteladas. Quando tenham terminado o mastro, será mais forte que a Arca de Noé, será um magnífico espetáculo. E quando esteja em seu lugar, com os respeitáveis paus traquete e mezena que já tem, poderemos colocar os mastaréus e os mastaréus de joanete de que lhe falei. E assim poderá aproveitar a maior parte do vento que haja. Quanto desejo ver as sobrejoanetes colocadas! Jurei não tocar o violino até então.

— Vejo que tem muita pressa para chegar ao Peru.

— Naturalmente que a tenho. E você também a teria se visse os paióis do pão e do rum, e se calculasse a quantidade de água e contasse os barris de carne de vaca e de porco, dada a quantidade de marinheiros novos que há a bordo. Não tivemos tempo de encher os tonéis em Moahu, porque o Franklin poderia ter escapado. Além disso, como os tripulantes jogaram a do *Franklin* pela borda, agora estamos em uma horrível situação. Só podemos fazer uma coisa: não permitir que usem água para lavar a roupa nem para nenhuma outra coisa, e dar uma pequena ração para beber em vez de deixar barris abertos por toda parte. Além disso, uma quantidade de água mínima será usada para molhar a carne de vaca e de porco, somente a necessária para tirar o sal que lhe tenha ficado depois de arrastá-la pelo mar em uma rede pendurada do costado.

— Mas se a fragata pode avançar muito mais rápido, não poderia dar uma pequena quantidade ao *Franklin*, e navegar a toda vela e deixar que o barco nos seguisse? Tom encontrou a rota para vir até aqui, assim que poderá encontrá-la para regressar também.

— Como você é, Stephen! Meu plano é armá-lo com nossas caronadas e navegar juntos para capturar todos os barcos que

apareçam na rota da China, tanto mercantes, especialmente os que comerciam peles, como baleeiros. Depois mandar a *Surprise* com uma ou duas presas a Callao para deixá-las lá e para que você desça a terra. Tom estará ao comando, pois já o conhecem em Callao porque capturou algumas presas quando veio, e a fragata demonstrará sua utilidade como barco corsário. E enquanto Tom se ocupa de carregar as provisões, a água e os apetrechos, eu seguirei cruzando a zona sozinho, e de vez em quando mandarei os barcos que capture ou, pelo menos, um bote. Mas se não desdobrarmos mais velame, não chegaremos ali antes de morrermos de sede ou de fome, por isso tenho tanto desejo de ver o Franklin com todos os mastros, de que pareça um barco cristão, não uma maldita coisa rara.

— Eu também — disse Stephen, pensando nas folhas de coca.
— Tenho muitos desejos.

— Tem paciência, e dentro de um ou dois dias verá colocar as sobrejoanetes. Essa noite teremos um concerto, e inclusive poderemos cantar.

Stephen se perguntou por que Jack havia falado com tanta leveza, desafiando ao destino, que sempre costumava aplacar dizendo “talvez” ou “se tivermos sorte ou se a maré e o tempo permitirem”, e como já havia se convertido em um autêntico marinheiro, pelo menos com respeito às superstições, causou-lhe mais pena que surpresa que ao senhor Bentley lhe caísse uma maça no pé na manhã seguinte. A ferida não era grave, mas obrigou o carpinteiro a ficar na maca durante um tempo, e, infelizmente, enquanto isso seus ajudantes tiveram que trabalhar sob as ordens do carpinteiro do *Franklin*. Fora tirado de um baleeiro de Hull e falava um dialeto de Yorkshire quase incompreensível para os habitantes do oeste do país, como os marinheiros de Shelmerston, que o olhavam quase com tanto desagrado e desconfiança como para um porco francês, um turco ou qualquer outro estrangeiro.

Por isso, o trabalho prosseguiu muito devagar, não só a preparação do mastro, como também as inumeráveis tarefas que se requeriam para erguê-lo. As duas embarcações continuaram

avançando com igual ou maior determinação pelas tranqüilas águas com aquele tempo ideal. Isso agradava a Stephen, apesar de estar deseioso de chegar à América do Sul, e tomava o sol desnudo e nadava com Jack pelas manhãs. Também gostava da maioria dos tripulantes, que podiam dedicar tempo a calcular com precisão o valor do *Franklin*, assim como o dos artigos que seus homens tinham tirado de suas diversas presas, e a dividir o total de acordo com a parte que correspondia a cada um. E teria gostado também dos guardas-marinhas se o capitão não tivesse enfrentado eles como um muro de mil tijolos. Ele os proibiu de jogar futebol e críquete, e os mantinha ocupados estritamente em suas tarefas: medir a altitude uma e outra vez, entregar um resumo do trabalho do dia (que raras vezes correspondia a um percurso de mais de cinqüenta milhas) e escrever em seu diário de bordo com clareza e correção. Não permitia borrões, e quem se equivocasse em um logarítmo, ficava sem jantar. Agora todos andavam descalços ou com sapatilhas, e o tom de sua voz quase nunca superava o de um sussurro.

Durante esse tempo, Stephen ia amiúde à cabine do senhor Bentley para trocar-lhe as gazes e a bandagem do pé. Ali encontrava sempre a Dutourd (que se alojava em uma cabine próxima), falando com seu vizinho o contramestre e com outros visitantes, como Grainger e Vidal e muitos mais, a maioria marinheiros do castelo em seu tempo livre. Não prestava muita atenção, mas notava que quando Dutourd falava com um ou dois, usava um tom coloquial normal ou mesmo mais amável, porque sabia ser uma boa companhia, mas quando havia vários mais presentes, tendia a falar-lhes em tom grandiloqüente e sem parar. Mas isso não parecia lhes desagradar, ainda que não havia muitas coisas novas que dizer em favor da igualdade, a irmandade dos homens, a sabedoria, a bondade e o desejo de liberdade inatos no ser humano. Stephen, contudo, percebeu que a maioria dos que o escutavam eram seguidores de Knipperdolling acostumados a escutar discursos ainda mais compridos em seu país.

A inata sabedoria do senhor Bentley lhe indicou que se permanecesse muito mais tempo na lista de pacientes do doutor, o

recém chegado levaria o mérito por fazer o mastro maior do *Franklin*, que agora, a despeito da teimosia de seus ajudantes, estava quase terminado, e isso ele não podia suportar, ainda que fosse um homem bom e benévolo. Apesar da dor, subiu a bordo do *Franklin* na manhã em que se jogou ao mar a última baixa do barco. Os tripulantes não tinham passado juntos tempo suficiente para formar um grupo unido, e o cadáver foi jogado pelo costado com pouca cerimônia e menos tristeza, ainda que em meio da indiferença geral, Dutourd pronunciou umas palavras, e todos, assentindo com a cabeça, mostraram sua aprovação antes de regressar ao trabalho. Todos haviam se oferecido como voluntários para trabalhar temporariamente como tripulantes da *Surprise*, conforme parecia, porque assim obtinham tabaco.

O senhor Bentley quase não chegou a tempo. O capitão já havia subido a bordo do *Franklin* fazia muito, porque queria aproveitar o mar calmo para substituir desde um lado o velho mastro maior, composto de vários, pelo novo, já que nenhuma dos tripés das embarcações estava em boas condições. Com bom tempo, um capitão e um primeiro oficial entusiastas, competentes e capazes de impor férrea disciplina, não restaria tempo livre para que ninguém zombasse de nenhuma palavra de Yorkshire. O carpinteiro sabia que não iam perder nem um momento, e imediatamente subiu pelo costado e foi coxeando até o lugar que lhe correspondia, junto à base do novo mastro maior.

Quase todos os tripulantes da *Surprise* estavam a bordo da presa, preparados para alçar ou recolher qualquer coisa que caísse, no nada improvável caso de que se produzisse um acidente; assim que foi Stephen que levou ao carpinteiro ali em seu esquite, o que foi uma terrível experiência. Depois de deixar o carpinteiro, Stephen levou Martin de regresso. Por um lado, eles não podiam ficar em nenhum lugar do convés em que não atrapalhassem, já que estava cheia de marinheiros muito ocupados e ansiosos e de cabos estendidos em todas as direções; por outro, Martin já não tinha nada o que fazer, porque todos os tripulantes do *Franklin* que tinham permanecido no barco estavam curados ou mortos.

O cozinheiro da fragata, um negro corpulento com uma só perna, e um barbudo traskita lhes ajudaram a subir pelo costado, enquanto Martin sustentava a viola reparada. Os dois médicos, deixando o esquite em mãos mais hábeis, ficaram um tempo apoiados na borda, observando as operações que faziam no outro barco.

— Gostaria de poder lhe explicar o que estão fazendo — disse Stephen, — mas é uma operação muito mais complexa do que a que se faz com o tripé, e com seu limitado conhecimento da linguagem marinha, possivelmente não me entenderia ou faria uma idéia equivocada.

— Como turdo está calmo! — exclamou Martin. — Muito calmo. A fragata tem um suave cabeceio ao qual as vergas e toda a exércia respondem com um sussurro. As ondas não rompem contra os lados nem o vento assobia, e quase não se ouve os poucos marinheiros que há a bordo, agrupados no castelo e olhando fixamente para o Franklin.

— Tão tranqüilo que acho que aproveitarei para escrever em paz durante um tempo — disse Stephen. — Logo se ouvirão passos como de animais selvagens e gritos como: "Amarrar! Parar! Ei, do tope!"

Stephen, continuando uma carta inacabada, escreveu:

Alma minha:

Acabo de trazer Nathaniel Martin de regresso e acho que lamenta ter voltado, porque gostava mais de comer com Tom Pullings na presa. Nas poucas ocasiões em que veio para ajudar-me ou a assistir a uma refeição, notei que se sentia menos a vontade na câmara dos oficiais que antes. Agora se há somado a nosso grupo um dos reféns, que acaba de receber alta na enfermaria, e as risadas do encarregado, do comerciante e desse homem o molestam. Por outro lado, não se pode dizer que a conversa dos dois tenentes interinos seja animada. Os dois são pessoas muito respeitáveis, mas nenhum tem experiência neste tipo de refeições e não sabem manter os reféns dentro dos limites, assim que, na ausência de Tom, o lugar se parece mais a uma taberna da pior

categoria de Portsmouth que à câmara dos oficiais de um barco de guerra. Os oficiais convidam com freqüência a Dutourd, e ele impõe certo respeito, porém, infelizmente, fala muito, e apesar de que algumas vezes se controla muito, tende a fazer reflexões do tipo filosófico que lindam com a política e a religião, respectivamente, com a utopia impregnada de idéias socráticas e uma espécie de confuso deísmo, e ambas as coisas molesta a Martin. O pobre homem lamenta a ausência de Dutourd e teme sua presença. Espero que nossas refeições (é assombroso o longo tempo que passamos na mesa, encerrados com os outros membros da câmara, que parece ainda mais longo quando alguns arrotam, peidam e se coçam) sejam toleráveis quando Tom volte, porque imagino que a presa será vendida na costa, e quando Jack coma conosco.

Mesmo nesse caso, não é provável que Martin seja uma pessoa invejável. Nesta fragata sempre lhe olharam com receio por ser um clérigo, porque traz má sorte que haja um a bordo, e agora que sabem que ocupa o cargo de pároco em duas paróquias que estão em territórios herdados por Jack, o receio aumentou. Além disso, por ser um homem de certa cultura, que conhece o hebraico, o grego e o latim, não é um bom companheiro dos sectários, pois no caso de discrepância em questões teológicas, de uma interpretação diferente da original, eles estão desarmados. Obviamente, é, por definição, contrário à separação da igreja institucional e partidária do bispado, do dízimo e, também, do batismo infantil, que a maioria de nossos companheiros detestam. Por outra parte, como é um homem calado, introvertido, carece por completo da amabilidade que emana naturalmente de Dutourd. Todos a bordo sabem que é um bom homem, um solícito ajudante de cirurgião e alguém que em missões anteriores escrevia cartas por encomenda (agora há pouco tempo para isso, e os poucos analfabetos que tem costumam pedir ao senhor Adams), mas não lhe têm afeto. Foi pobre, inclusive miserável, mas agora, em comparação com os marinheiros, é rico, e alguns acreditam que está muito assoberbado. Mas além disto, sabe-se (em um barco tudo se sabe depois de percorrer várias milhares de milhas) que o capitão não simpatiza muito com ele, e no mar a opinião do capitão é tão importante para a tripulação como a de um

rei absoluto para a corte. Jack nunca lhe tratou desrespeitosamente, mas sua presença lhe coíbe, e os dois têm muito pouco o que dizer-se. Em resumo, Martin não conseguiu a façanha de ganhar a amizade do amigo íntimo de seu amigo. Acho que a tentativa raras vezes tem bom resultado, e, por outro lado, talvez Martin nunca a tenha feito. Seja por que seja, não são amigos, e isso significa que os tripulantes o estimam menos do que acho que ele merece. Isso me surpreende, e devo dizer que pensei que lhe tratariam com mais consideração. Talvez em parte a causa seja, no caso de muitos dos atuais tripulantes da fragata, o maldito dízimo, ao que tantos se opõe, já que ele é uma das pessoas que recebe ou receberá o odiado imposto.

Em qualquer caso, acredito que está perdendo o gosto pela vida. Já não sente satisfação ao contemplar as aves ou as criaturas marinhas, e um homem culto a quem não lhe interessem as ciências naturais não tem lugar em um barco, a menos que seja um marinheiro.

Recordo que em outras missões, em circunstâncias similares, alegrava-se de ver uma baleia distante ou um petrel fedorento, e sua face resplandecia e em seu único olho aparecia um brilho de satisfação. Então, não tinha dinheiro além de seu miserável pagamento. Em momentos em que a relação causa-efeito parece evidente, inclino-me a acreditar que a culpa é de sua prosperidade. Agora possui duas paróquias, ainda que nunca esteve nelas, e uma boa porção do butim; assim que, do ponto de vista mundano, é um homem muito mais importante que antes. Como isso não muda sua importância a bordo, mas sim em terra, acho que dá excessivo valor à felicidade que lhe trarão o bem-estar e a importância e a considera uma compensação pelas decepções sofridas no mar, e por isso sente saudade de estar em terra. Acho que o decepcionei e...

Stephen, sustentando a pena no ar, pensou em Clarissa Oakes, uma jovem a quem apreciava muito, que estava condenada por assassinato e foi deportada e finalmente escapou e viajou de Sydney Cove para Moahu na fragata. Pensou nela sorrindo, e depois pensou em sua ambígua relação com Martin, que também poderia ter influído muito na atitude da tripulação. Se um pastor pecava (ainda

que Stephen não estava convencido de que o fizesse), seu pecado se multiplicava com cada sermão que pronunciava.

... outros também, incluindo ele próprio. Mas como muitos homens pobres, quase certamente confunde a influência da riqueza na felicidade a primeira vez que possui uma soma considerável. Fala do dinheiro muito mais amiúde do que seria agradável, e outro dia, referindo-se a seu matrimônio, que é quase ideal, disse uma insensatez: que seria ainda mais feliz com a parte que lhe correspondia da presa atual.

Stephen fez outra pausa. Em meio do silêncio da fragata, ouviu Martin tocando a viola em sua cabine, cuja porta dava para a câmara dos oficiais. Tocou uma escala ascendente, com bastante precisão, e depois uma descendente, muito mais lenta, mais vacilante, que terminou com um prolongado e infinitamente triste *si* bemol. Então prosseguiu:

Não tenho que dizer-lhe, minha querida, que apesar de ter falado como um asceta do dinheiro, não desprezo e nunca desprezei uma soma suficiente para viver. Refiro-me é a relação do supérfluo com a felicidade. Já sabe que me sinto mais afortunado que você somente com duzentas libras ao ano.

A viola parou de tocar. Stephen guardou a carta sob chave, passou para a grande cabine, deitou-se sobre o escaninho acolchoado que ficava junto ao janelão de popa e, depois de olhar durante um tempo os dançarinos raios de sol refletidos no teto, adormeceu.

Como o velho costume lhe indicava, foi despertado por passos que pareciam de animais selvagens, quando os botes da *Surprise* foram subidos a bordo. Depois se ouviram gritos — como “Tu, estúpido inútil!”, — a voz escandalosa do contramestre chamando os marinheiros, o choque dos moitões, o grito “Devagar, devagar, William!” (de Grainger para seu jovem sobrinho) e, em vez das tradicionais ordens “Amarrar!” e “Basta!”, ouviu-se um unânime e entusiasta viva seguido de risos. Perguntou-se: “Que significará isso?”. E quando procurava uma resposta plausível do ponto de vista marinho, notou que na cabine havia alguém que reprimia o riso.

Eram Emily e Sarah, que estavam ali de pé, muito juntas, com seus aventais brancos.

— Estávamos muito tempo aqui, senhor — disse Sarah, — enquanto estava meditando. O capitão lhe apresenta seus respeitos e pergunta se quer ver uma maravilha.

— Prodígio — corrigiu-a Emily.

— Maravilha — disse Sarah e depois murmurou: — Estúpida inútil!

Quando o capitão viu Stephen no convés, ainda um pouco aturdido, exclamou:

— Ah, está aqui, doutor! Estava dormindo?

— Não, raras vezes durmo — respondeu Stephen.

— Bem, se estivesse dormindo, aqui tem um espetáculo que lhe despertaria ainda que fosse uma epístola aos efesinos. Olhe pela alheta de sotavento. A alheta de *sotavento*.

— Jesus, María e José! — exclamou Stephen, ao reconhecer ao *Franklin* por fim. — Que transformação! Tem três mastros cristãos e grande quantidade de velame. Que esplendor sob o sol! E, sem dúvida, tem velas de todo tipo, incluindo as sobrejoanetes.

— Exatamente. Ah, ah, ah! Nunca pensei que pudesse consegui-lo neste tempo. Desdobraram as velas faz menos de cinco minutos, e a distância que a separa da fragata já se reduziu em um cabo. Sem dúvida, é uma embarcação pequena mas bonita. Teremos que desdobrar as nossas. Senhor Grainger — acrescentou, alçando a voz, — acho que devemos largar nossas sobrejoanetes.

As sobrejoanetes da *Surprise*, que deixavam como velas volantes, fazia pouco que tinham sido colocadas nas vergas e estavam amarradas com adriças às bragas, por sua vez amarradas ao penol de estibordo. Os marinheiros estavam ansiosos para içá-las, mas nenhum tocou nenhum cabo até que Grainger disse:

— Agora, George, podem puxar.

Então, as finas e compridas vergas subiram rapidamente por entre a exércia, e seguiram subindo reto através da maranha de cabos, até que chegaram ao tope dos paus. Em um estava o ágil e esbelto Abraão Dorkin, que cortou o pequeno cabo que unia a verga às adriças, de modo que a verga se pôs em posição horizontal.

Depois a amarrou com beques, amarrou os punhos das velas (as duas pontas inferiores) aos penóis, e então cortou os beques e gritou:

— Terminado!

Seu grito coincidiu quase exatamente com outros no tope dos paus traquete e mezena, e as sobrejoanetes se abriram ao mesmo tempo, inchando-se imediatamente com a suave brisa. Os tripulantes da *Surprise* deram vivas, e depois os cansados marinheiros do *Franklin* fizeram o mesmo. Então Jack, com o rosto radiante e os olhos mais azuis que nunca, olhou para Stephen e disse:

— Não é estupendo? Agora podemos tocar o concerto por fim.

— Estupendo, sem dúvida — respondeu Stephen, perguntando-se por que todos estavam tão contentes.

Naturalmente, os barcos, especialmente o Franklin, tinham um aspecto muito mais bonito com aquelas enormes nuvens brancas que reduziam ao mínimo seus elegantes cascos. Olhou para o Franklin, onde os brilhantes raios do sol faziam que os estais projetassem suas curvilíneas sombras nas maiores, nas gáveas e nas sobrejoanetes. Tinha um aspecto realmente bonito. Além disso, notou um aumento quase não perceptível da velocidade, um impulso levemente superior do vento.

— Senhor Reade, faça-me o favor de jogar a barquilha — ordenou Jack.

— Sim, senhor, a barquilha — disse Reade, ainda muito submisso.

Então seguiu a usual cerimônia. A nacela caiu na água desde a alheta de sotavento e, observada com atenção por todos os marinheiros, deslizou para trás devagar até que se separou dos pequenos redemoinhos que a *Surprise* formava. No momento em que o nó que marcava o final do barbante passou por cima da borda, Reade disse:

— Dar a volta.

Norton girou o relógio de areia de vinte e oito segundos e o aproximou dos olhos. Quando caiu o último grão, gritou:

— Parar!

Reade segurou o barbante pouco depois de que passasse o segundo nó. O suboficial encarregado da medição, que sustentava o carretel, deu um puxão no barbante, tirou um grampo para que a nacela se pusesse de lado, e depois voltou a colocá-lo. Reade mediu visualmente a distância desde onde tinha segurado o barbante até o segundo nó.

— Dois nós e um pouco mais de uma braça, senhor, com sua permissão — disse ao capitão com a cabeça descoberta.

— Obrigado, senhor Reade — respondeu Jack, e então se virou para Stephen: — Bem, doutor, não está assombrado? Dois nós e um pouco mais de uma braça!

— Muito assombrado. Mas recorde de outras vezes em que navegamos ainda mais rápido.

— Claro que sim, por Deus! — exclamou Jack. — Não me refiro à velocidade absoluta, mas à relativa; à velocidade alcançada com este miserável zéfiro. Deus sabe que se ambos os barcos podem navegar a mais de dois nós com este vento, que quase não faria se mover a chama de uma vela, nenhuma embarcação poderá nos escapar, tanto se tem alas como se leva setenta e quatro canhões.

— Escute, escute — disse alguém desde o castelo, e os timoneiros e o suboficial riram.

— Sem dúvida, sempre é um prazer a perseguição — disse Stephen com todo o entusiasmo que pôde e, depois de uma pausa em que pensou que tinha provocado decepção, acrescentou: — Pensou algo em particular para o concerto?

— Bem, nossos velhos favoritos — respondeu Jack. — Recorde que faz muito tempo, quando saíamos de Porto Mahón na *Sophie*, você me contou que na Espanha diziam: “O novo nem sempre é melhor”, e naquele momento pensei que era muito apropriado para a Armada, e acredito que também se pode aplicar à música.

Foi com um de seus velhos favoritos com o que começaram essa tarde, o dueto em dó menor para violino e violoncelo de Benda, e o tocaram extraordinariamente bem. Como a estabilidade da coberta favorece o som do violoncelo e a alegria do violinista favorece o do violino, ambos teriam terminado de modo excepcional se Killick não o tivesse impedido quando tropeçou em um tamborete

que a bandeja não lhe deixava ver e, em um incrível ato de malabarismo, conseguiu salvar a janta.

Em outro tempo a janta consistia em torradas com queijo e se servia em uma elegante vasilha de prata irlandesa com tampa que podia conter até seis unidades e que se mantinha quente sobre um forninho de álcool. Ainda estava presente a brilhante vasilha, mas só continha uma mingau feito com bolachas trituradas, um pouco de leite de cabra e ainda menos casca de queijo Cheddar ralada e dourada com uma chapa de ferro, de maneira que tinha um leve odor de queijo.

Jack Aubrey pesava umas duzentas e vinte e cinco ou trinta e cinco libras, e Stephen apenas cento e vinte e cinco. Para evitar o tédio do sacrifício, os protestos contra o sacrifício e a infinidade de posteriores comentários, tinham combinado que compartilhariam a refeição proporcionalmente. Quando Jack terminou o quarto prato, também terminou a explicação das excelentes qualidades para a navegação que tinham o Franklin e a *Surprise*.

—... Como lhe disse, ainda que atualmente a corrente esteja contrária, acho os barcos poderão aproveitar bem o pouco vento que há. Pelo aspecto do céu e o barômetro, não me assombraria que alcançássemos cinco nós amanhã. Depois, quando façamos rumo à linha do Equador, teremos a corrente a nosso favor.

— Tanto melhor — replicou Stephen. — Que diz agora do concerto em ré maior de Boccherini? O minueto está remoendo em minha cabeça já faz dois ou três dias, mas ainda temos que praticar o adágio.

— Encantar-me-ia — disse Jack. — Killick, Killick! Retire a mesa e traga outra garrafa de vinho do porto.

— Estão restando muito poucas, senhor — queixou-se Killick. — A este passo, teremos que trazer as do butim de noventa e cinco ou contentar-nos com grogue.

— Traga uma, Killick. Vivamos enquanto tenhamos vida.

Quando Killick se foi, com um gesto mal-humorado e desaprovatório, Jack continuou:

— Isso me recorda a Clarissa Oakes. Ela disse algo parecido em latim, conforme me disse, e lhe traduziu para seu esposo. Era uma

jovem muito bonita, Stephen. É tão vergonhoso que a tenha desejado tanto! Porém, naturalmente, isso não podia ser, não em meu próprio barco. E acredito que o pobre Martin também estava muito afetado. Não deixava de pôr olhos de cordeiro degolado. Mas espero que esteja feliz com Oakes. Talvez ele não esteja a sua altura, mas é um marinheiro bastante bom.

— Não sei muito do vinho do porto — disse Stephen. — O ano oitenta e nove foi um bom ano?

— Muito bom — respondeu Jack. — Mas me agrada pelo que leva associado. Nunca o tomo sem pensar no conflito com a Espanha.

— Meu amigo, sabe mais que eu.

— De verdade? Bem, alegra-me muito saber algo que você não sabe. Isso tem a ver com o estreito de Nootka, por onde passam os tratantes em peles. O capitão Cook, aquele grande homem, o descobriu durante sua última viagem, quando navegava pela costa noroeste da América. Nossos homens tinham comerciado ali e mais ao norte durante anos e anos quando os espanhóis, de repente, disseram que essa costa era continuação da Califórnia e, portanto, espanhola. Mandaram uma fragata de vinte e seis canhões desde o México e se apoderaram dos barcos ingleses e da colônia. Quando as notícias chegaram à Inglaterra, houve uma grande agitação; sobretudo porque não fazia muito que nos haviam derrotado na América. As pessoas estavam furiosas. Meu primo Edward se levantou em uma sessão do Parlamento e, iracundo, disse que Inglaterra ia se afundar, e todos o aclamaram. Quando os espanhóis não atenderam à razão, o governo se apressou a mandar barcos com uma missão extraordinária e dotados com marinheiros recém recrutados à força, e também preparou outros novos. Como estávamos contentes! Todos os marinheiros estavam em terra desde o desastre norte-americano. Um dia eu não era mais que um oficial de derrota desgraçado, triste e preocupado, sem ao menos meio pagamento, sentado na praia chorando e acrescentando lágrimas salgadas ao mar, e no dia seguinte era o tenente Aubrey, o quinto a bordo do *Queen*, coberto de glória e de galões dourados; ou pelo

menos, digno de crédito. Foi um golpe de sorte para mim e para o país também.

— Quem poderia negar?

— Quero dizer que foi muito oportuno, porque, quando os franceses nos declararam a guerra um pouco depois, a Armada tinha barcos bem equipados e com boa tripulação para fazer-lhes frente. Bendito seja o conflito com a Espanha.

— Certamente! Porém, Jack, juraria que sua nomeação foi em 1792. Sophie me mostrou cheia de orgulho. Mas o vinho é de 1789.

— Certamente que sim. Foi então quando o conflito começou, quando aqueles porcos se apoderaram de nossos barcos. As conversações e o rearme continuaram até 1792, quando os espanhóis se retiraram, como haviam feito nas ilhas Malvinas algum tempo antes. Mas tudo começou em 1789. Essa é uma data muito apreciada por mim. Foi um ano extraordinário, e eu concebi muitas esperanças em quanto as notícias chegaram à Inglaterra — acrescentou, e depois fez uma pausa para beber vinho do porto, sorriu ao recordar e perguntou: — Diga-me, Stephen, o que você fazia nesse ano?

— Oh! — exclamou Stephen. — Estudava medicina.

Ao dizer isto, pegou a taça e se foi ao jardim^{6}. Era verdade que estudava medicina e percorria as salas do Hôtel-Dieu, mas também passava grande parte do tempo correndo pelas ruas de Paris muito contente, isto é, tão entusiasmado como se possa imaginar; no auge da Revolução, todas as desinteressadas e generosas idéias para conseguir a liberdade pareciam a ponto de realizar-se, pareciam anunciar o amanhecer de uma época infinitamente melhor.

Quando regressou, encontrou Jack colocando a partitura do dueto seguinte nos atris. Como muitos homens gordos, Jack podia ser muito sensível em muitas ocasiões, e sabia que tinha tocado uma área delicada, e que Stephen detestava as perguntas. Foi muito atento com Stephen, porque arrumou as folhas, serviu-lhe outra taça de vinho e, quando começaram a tocar, fez de maneira que o violino parecia ajudar ao violoncelo, cedendo ante ele de forma só perceptível pelos que estão concentrados tocando música e para poucos mais.

Seguiram tocando, e somente uma vez Jack levantou a vista da partitura. A fragata se inclinou um emborno e sob o som das cordas se ouvia quase imperceptivelmente o da exércia. Ao final do alegre, passou a folha com o arco e disse:

— A fragata avança a quatro nós.

— Acho que podemos atacar o adágio imediatamente — propôs Stephen. — Temos vento em popa e nunca tocamos melhor.

Passaram ao movimento seguinte, em que o violoncelo tocou delicadamente, e ambos seguiram tocando sem pausa, separando-se e juntando-se, respondendo um ao outro, sem vacilar nem dar uma nota falsa, até a grande satisfação do final.

— Muito bem, muito bem! — exclamou Dutourd.

Ele e Martin estavam na cálida penumbra atrás da iluminada escada do castelinho. Eram os únicos no castelo de popa, além de Grainger e dos homens que estavam ao leme.

— Não tinha idéia de que pudessem tocar tão bem, sem contenção, sem lutar pelo protagonismo. Diga-me, por favor, quem toca o violoncelo?

— O doutor Maturin.

— E o capitão Aubrey toca o violino, certamente. O tom e o movimento do arco são admiráveis.

Martin não gostava que Dutourd estivesse na câmara dos oficiais. Pensava que o francês falava demais, que tendia a arengar seus acompanhantes e que suas idéias, ainda que indubitavelmente fossem bem-intencionadas, eram perniciosas. Mas a sozinhas com ele, Dutourd era uma agradável companhia e amiúde Martin passeava com ele pelo convés.

— O senhor também toca, conforme tenho entendido, senhor — disse Martin.

— Sim, pode dizer-se que toco. Não estou ao nível do capitão, porém, com um pouco de prática, acho que poderia ser o segundo violino sem descrédito.

— Tem um violino aqui?

— Sim, sim, está em meu baú. O homem que reparou sua viola substituiu as juntas antes de que saíssemos de Molokai. O senhor toca na cabine amiúde?

- Já toquei, ainda que sou medíocre. Toquei em quartetos.
- Quartetos! Que alegria! Isso é sentir verdadeiramente a música!

CAPÍTULO 4

Na manhã seguinte, Jack Aubrey teve uma reunião sobre contabilidade com o senhor Adams. Jack, como o capitão Cook e muitos outros capitães de alta categoria antes dele, era nominalmente seu próprio contador, como Adams era nominalmente o escrevente do capitão, mas dividindo-se o trabalho conseguiam fazê-lo bem, além de suas outras tarefas específicas. Como o estatus da *Surprise* era anômalo, suas contas não tinham que ser revisadas lenta e cuidadosamente pelo Departamento de Aprovisionamento, conforme o qual todos os encarregados de um barco de Sua Majestade estavam supostamente acusados de malversação até que pudessem demonstrar sua inocência com certificados de qualquer natureza com uma autenticação. Nesta reunião, haviam pesado vários sacos de ervilhas secas, e Jack, aproveitando que a balança estava pendurada em um vau, pesou-se. Comprovou com vergonha que tinha aumentado sete libras, e decidiu que as perderia caminhando o quanto antes porque não queria ouvir mais críticas sobre a obesidade, nem mais comentários jocosos sobre o fato de alargar seus coletes, nem conselhos profissionais em que lhe advertiam qual era o preço que os homens grandes e gordos e de temperamento sanguíneo tinham que pagar amiúde por fazer muito pouco exercício e por comer e beber demais: apoplexia, abrandamento do cérebro e impotência.

De um lado para o outro, de um lado para o outro, Jack percorria a parte de barlavento do castelo de popa, sua região privada, uma estreita faixa livre de obstáculos pela qual tinha andado centenas, inclusive milhares de milhas desde que estava ao comando da *Surprise*, um terreno familiar onde podia pensar

livremente. O vento estava agora muito à frente da amura para que os barcos, que navegavam rumo sudoeste, pudessem desdobrar as alas, mas levavam estendidas todas as velas que tinham, incluindo a inusual vela de estai média, e estavam a uma velocidade de quatro nós. Eram dignos de ver-se de certa distância, mas de perto qualquer marinheiro poderia distinguir ainda muitos sinais da batalha que tinham mantido. Ainda tinham que substituir alguns nós, atando ou usando cabos novos. Ainda os conveses não haviam recobrado seu magnífico aspecto e, em alguns lugares, o piso que poderia ser comparado ao de uma sala de baile estava ensangüentado. As nuvens de ardentes cinzas vulcânicas e escória tinham estragado a pintura dos barcos e as vergas e, também, o calafetado. Os marinheiros realizavam uma enorme quantidade de trabalho especializado e minucioso de uma ponta a outra da fragata, e os passeios do capitão Aubrey eram acompanhados pelos rítmicos golpes das maças dos calafates.

Era muito cedo, e ainda que o tempo fosse muito bom, não havia ninguém no castelo de popa que não tivesse que estar ali por obrigação: Vidal e Reade, o oficial e o guarda-marinha de guarda, os homens que levavam o leme, o carpinteiro e dois de seus ajudantes, que estavam junto ao coroamento recuperando as grinaldas talhadas. Seguiu a habitual procissão de Jemmy Ducks, Sarah e Emily, que levavam os galinheiros e a cabra *Amalthea*, e depois, como sempre, Jack pensou no rápido crescimento das garotas e no de suas próprias filhas, na altura que teriam, no possível mas improvável progresso que fariam em boas maneiras, francês e piano sob a tutela da senhorita O'Hara. Mas nem Stephen nem Martin, nem nenhum dos reféns, apareceram. Depois de percorrer uma milha e meia refletindo sobre sua família, pensou outras duas coisas: "Tenho que perguntar a Wilkins se poderá ocupar o posto de terceiro tenente até que chegemos a Callao. Dizem que era oficial de derrota no *Agamenon*". O segundo o levou a refletir sobre os jovens que, depois de passarem no exame de tenente da Armada, continuavam sendo guardas-marinhas ou oficiais de derrota porque não "passaram no exame de cavalheiros", um exame não escrito e silencioso cujo resultado só se conhecia pela ausência da nomeação,

algo cada vez mais freqüente. Pensou nas vantagens que isso tinha: a câmara dos oficiais era mais homogênea e tinha menos atritos, e os marinheiros respeitavam mais aos cavalheiros que aos homens como eles. Mas também pensou nas desvantagens: a exclusão de homens como Cook, a indeterminada preparação e os variados critérios de quem fazia a eleição e a impossibilidade de apelar. Estava refletindo ainda quando, ao chegar à borda e dar a volta, viu que o jovem em questão, um dos reféns, estava ali em companhia de outros a quem se permitia passear pelo castelo de popa. Depois de dar outras quatro voltas, ouviu o grito de Reade:

— Oh, não, senhor, não pode falar com o capitão!

Então viu que levavam a Dutourd, firmemente agarrado, pelo grupo de sotavento.

— Porém, o que eu fiz? — perguntou Dutourd a Stephen, que acabava de subir a escada do castelinho. — Só queria felicitá-lo por sua interpretação.

— Meu amigo, não pode falar com o capitão — disse Stephen.

— Não pode ir ao lado de barlavento sem que o convidem — Wilkins o advertiu.

— Nem mesmo eu posso falar com ele, salvo quando estou de guarda — disse Reade.

— Bem — aceitou Dutourd, recuperando-se de sua surpresa e ocultando bastante bem sua irritação. — Esta é uma sociedade muito formal e hierárquica, pelo que vejo. Porém, espero, senhor — acrescentou, virando-se para Maturin, — que possa dizer-lhe, sem cometer uma falta, que me encantou sua interpretação. O adágio de Boccherini foi interpretado com maestria, com maestria.

Caminharam falando de Boccherini, e Dutourd demonstrou conhecê-lo e apreciá-lo realmente. Stephen, que por natureza não era sociável, tentava evitar falar com Dutourd dos princípios em geral, mas agora, voluntariamente, teria permanecido em sua companhia se não tivessem soado as seis badaladas. A sexta foi seguida de um pandemônio de proa a popa, quando aproximaram ao costado o bote que levavam a reboque, para que descessem para ela ao senhor Reade, a tripulação, barris de água para o sedento *Franklin* e duas caronadas. A valiosa água, afortunadamente, podia

ser bombeada da bodega para os barris que estavam no bote, mas as caronadas não. Tinham que descê-las desde o penol da verga maior, depois de reforçá-lo, e com infinitas precauções, como se fossem feitas de vidro em vez de metal, e tinham que recebê-las com mais precauções ainda. Eram pequenos e horríveis objetos, mas tinham certas vantagens: seu peso era só um terço do dos canhões de doze libras da *Surprise*, mas disparavam balas que pesavam o dobro. Além disso, podiam ser manejadas por brigadas de artilheiros menores: dois homens eram suficientes, enquanto que precisavam de sete ou oito para os canhões longos de doze libras. Por outra parte, não podiam lançar as balas muito longe nem com muita precisão. Por essa razão, Jack, que gostava de utilizar bem a artilharia e ferir a um oponente à distância antes de atracar-se e abordá-lo, levava-as principalmente como lastro, e só as subia ao convés quando ia fazer uma operação de resgate e necessitava entrar em um porto e disparar nas baterias que o protegiam enquanto os botes iam buscar a presa. Nessa ocasião, ia usá-las até que o Franklin, que estava desarmado, tivesse de novo uma bateria de duzentas e quarenta libras.

— Se este tempo continuar — observou Jack, — e o barômetro parece inamovível, o Franklin logo será um acompanhante muito útil. E nos aproximamos da zona por onde passam os mercantes e alguns baleeiros.

— Queria que continuasse — disse Stephen. — A temperatura do Paraíso deve de ter sido assim.

Continuou assim e se sucederam os dias dourados. Pelas tardes, amiúde se ouvia a Martin e Dutourd tocando música, às vezes, obviamente, praticando, porque repetiam a mesma passagem uma e outra vez.

Mas apesar de Martin tocar música e o fazer melhor com o francês que na cabine, não estava contente. Stephen raras vezes estava na câmara dos oficiais, entre outras coisas porque Dutourd, que a visitava com freqüência, era um homem inquisitivo, disposto a fazer perguntas e nem sempre discreto, e evadir perguntas era às vezes pior que respondê-las. Além de ir tomar ar no castelo de popa, Stephen se reunia com seu ajudante na enfermaria ou em sua

cabine, onde guardavam os históricos clínicos. Ambos se preocupavam muito com os efeitos dos tratamentos e tinham escrito cuidadosamente os dados durante um longo período de tempo, e agora boa parte de seu trabalho consistia em estudar e comparar esses históricos.

Em uma dessas reuniões, Stephen disse:

— Uma vez mais, não excedemos os cinco nós em nenhum momento do dia, apesar dos marinheiros darem assobios e tocarem as brandais. E faz muito que não se permite usar água para lavar nada que não seja a roupa dos enfermos, apesar de nossos rogos de que chova. Se não morrermos de sede, consola-me pensar que, mesmo a este lânguido passo, aproximar-nos-emos cem milhas mais das folhas de coca, ao lugar onde poderemos nos banhar em águas mornas, tirar o sal que temos impregnado e mascar folhas de coca.

Martin agarrou um feixe de papéis e, depois de um momento, disse:

— Não sei nada desses paliativos que tão rápido se convertem em habituais. Olhe o que se passou com o pobre Padeen e como tivemos que manter o láudano sob chave.

Olhe o paiol do rum da fragata, o único lugar sagrado, que é necessário vigiar dia e noite. Em uma de minhas paróquias há nada menos que sete cervejarias, e em algumas se vendem licores proibidos. Espero fechá-las todas ou, pelo menos, algumas. As bebidas alcoólicas são a maldição do país. Às vezes penso dar um sermão animando os fiéis a confiar em sua própria capacidade, em sua própria força, em vez de na cerveja, no tabaco e nas bebidas alcoólicas fortes.

— Se um homem mete a mão em água fervendo, acha que não a tirará?

— Certamente que sim, e será uma ação instantânea. O que eu desaprovo é a persistente indulgência.

Stephen olhou para Martin com curiosidade. Essa era a primeira vez que seu ajudante lhe falava com descortesia, inclusive quase grosseiramente, e lhe ocorreram vários comentários, mas não disse nada. Ficou ali sentado, perguntando-se que frustrações, que ciúmes, que desgostos tinham produzido em Nathaniel Martin não só

uma mudança de tom, como também de voz e de identidade. Suas palavras e a forma com que foram pronunciadas eram totalmente impróprias de seu caráter. Depois de alguns momentos de silêncio, Martin disse:

— Espero que não creia que há nada pessoal em meus comentários. Ao falar das folhas de coca, fez-me pensar em outras coisas...

Foi interrompido pelo o ruído ensurdecedor que fez o Franklin ao disparar primeiro a bateria de estibordo, seguida pela de bombordo, e as palavras do capitão, que gritou a seus homens:

— Atentos, atentos e soltem uma mão!

Só dispararam duas para provar o deslizamento com os moitões, mas foram muito precisas e duraram o suficiente para afogar as últimas palavras de Martin e as primeiras de Norton, que chegou nesse momento, ainda que as disse em voz alta. Portanto, Norton teve que repeti-las e, como se gritasse desde o tope de um mastro, disse:

— O capitão apresenta seus respeitos ao senhor Martin e diz que lhe agradaria jantar em sua companhia amanhã.

— Apresente meus respeitos ao capitão e diga-lhe que com muito gosto o visitarei amanhã — respondeu Martin.

Então, voltando-se para o doutor Maturin, disse:

— Desde o Franklin nos gritaram que a mandíbula do capitão Pullings voltou a se desencaixar.

— Irei imediatamente — ofereceu-se Stephen. — Por favor, senhor Norton, ordene que desçam meu esquife. Padeen — disse em irlandês ao seu corpulento ajudante, — desça ao esquife e leve-me ao barco.

— Quer que traga as vendas e o linimento de Batavia? — perguntou Martin.

— Não, não, não se mova. Vi a ferida desde que a fizeram.

Isso tinha ocorrido fazia muitos anos, no mar Jônico, quando um turco feriu o rosto de Pullings com um alfanje e causou tanto estrago ao maxilar e sua articulação que a mandíbula às vezes saía dela, sobretudo quando o capitão Pullings gritava com muita força. Stephen a havia colocado mais ou menos bem então, e agora voltou

a fazê-lo, mas a operação era um pouco delicada e requeria o conhecimento da ferida.

Essa foi a primeira vez que Stephen subiu a bordo do *Franklin* depois dos primeiros dias críticos, quando seu horizonte era formado praticamente pelas paredes das salas de operações e de bandagens, onde só via ossos, ripas, gazes, vendas, serras, retratores e pinças para as artérias. Tivera muito pouco tempo para ver o barco por dentro então, e o capitão Pullings não tivera tempo ainda de mostrar-lhe a embarcação que tinha sob seu comando e que já amava tanto.

— Alegro-me de que não tenha tido que vir antes que tivéssemos todas as armas a bordo — disse. — Agora verá o bem colocadas que estão junto às portalós e o bem que podem mover-se, especialmente as do castelo. E lhe mostrarei as novas bainhas, que colocamos esta mesma tarde. Sondas que recolhem os amantilhos do mastro traquete e do maior, como provavelmente terá notado quando Padeen o trouxe. E há muitas outras coisas que lhe assombrarão.

Na verdade, havia muitas, muitas mais das que o doutor Maturin supunha que pudesse ter em um barco. Há muito, muito tempo, no início da carreira do doutor Maturin na Armada, Pullings, então um guarda-marinha alto e magro, havia lhe mostrado a *Sophie*, uma corveta de Sua Majestade, a pequena embarcação na qual Jack Aubrey exercera o comando. Havia lhe mostrado com amabilidade e conscientização, mas como um subordinado que assinalava suas características a um homem do interior. Agora Pullings era um capitão que mostrava seu novo barco a um homem com muitos anos de experiência no mar, e não ocultou nada de Stephen: os cabos colocados conforme novos princípios, as bainhas, naturalmente, e os desenhos de uma nova base para o leme, que montariam quando o querenassem em Callao. Apesar de que o guia era agora muito mais gordo e quase não se podia lhe reconhecer devido às horríveis feridas, atuava com a mesma amabilidade e com o mesmo amor à vida marinheira. Stephen o seguiu, admirado, exclamando “meu Deus, é estupendo!” até que o sol se pôs e a

penumbra desceu desde o céu com a rapidez característica do trópico, impedindo que Pullings pudesse mostrar mais nada.

— Obrigado por mostrar-me seu barco — disse Stephen, descendo pelo costado. — Para seu tamanho, é muito bonito.

— Oh, não há de quê! — negou Tom, sorrindo. — Acho que fui muito chato.

— De nenhuma maneira, meu amigo. Que Deus lhe bendiga. Vamos zarpar, Padeen.

— Boa noite, senhor — disseram os sete seguidores de Seth, com seus radiantes sorrisos destacando-se sobre as enormes barbas, quando baixaram o esquife com um botaló.

— Boa noite, doutor — disse Pullings. — Esqueci o plano dos moitões móveis, mas lhe prometo que lhe mostrarei amanhã. O capitão me convidou para jantar.

Então Stephen, agitando o chapéu, pensou: “Alegra-me muito. Assim o grupo será menos raro”.

Não voltou a ver Martin essa tarde, mas pensou nele de vez em quando. Quando foi dormir, enquanto estava deitado na maca, balançando suavemente nas tranqüilas águas, refletiu não tanto sobre a grosseria daquela tarde mas sobre a mudança de identidade. A havia visto com freqüência. Um menino ou um adolescente encantador, interessado em tudo, vivaz e afetuoso, podia converter-se em uma besta, em um estúpido, e nunca recuperar-se; um homem que começa a envelhecer podia converter-se em uma pessoa egoísta, indiferente aos que tinham sido seus amigos e avaro. Mas além das desleais paixões que geram as heranças ou a discrepância política, nunca tinha visto a mudança em um jovem nem em um velho. Seguiu balançando-se e refletindo. Seu pensamento vagava, e às vezes se detinha em um tema completamente distinto, a inconstância no amor, e de repente se deu conta de que também passaria aquela noite sem dormir.

A lua estava alta quando subiu ao convés, e tinha um espesso chuvisco. enquanto sentia a úmida borda abaixo de suas mãos se perguntou: “Por que se o chuvisco é tão espesso não oculta a lua nem as estrelas?”.

— Então que veio ao convés, senhor — cumprimentou-lhe Vidal, que estava encarregado da guarda de meia.

— Sim — respondeu Maturin, — e agradeceria que me falasse do chuvisco. Alguns dizem que cai, porém, realmente cai? E se cai, de onde cai? E por que quando cai não oculta a lua?

— Sei muito pouco sobre o chuvisco, senhor — desculpou-se Vidal. — Só posso dizer que aparece quando a noite é clara e o ar está quase imóvel. E todos os marinheiros sabem que endurece muito os cabos, assim que tem que afrouxá-los para que os paus não se torçam. Esta noite o chuvisco é muito espesso, sem dúvida — continuou, depois de refletir, — e colocamos grinaldas nos paus para recolhê-lo a medida que desça. Se escutar com atenção poderá ouvir como cai nos tonéis. Não é muito, e não tem um sabor muito bom porque os paus estão pintados com sebo, mas em muitas viagens foi bem-vindo. Em qualquer caso, é água fresca e poderá tirar o sal das camisas ou, ainda melhor — acrescentou, baixando a voz, — das cuecas. O sal é muito incômodo nas partes pudendas. E isso me recorda, senhor, que tenho que pedir-lhe um pouco de unguento.

— Certamente. Venha à enfermaria quando esteja fazendo minha ronda matutina, e Padeen lhe dará um pote imediatamente.

Silêncio. Um vasto espaço iluminado pela lua, mas sem horizonte. Stephen levantou o olhar para as velas empapadas de chuvisco, cujas escuras sombras projetavam-se à luz da lua. As joanetes e as gáveas estavam abauladas o suficientemente para fazer avançar a fragata com um sussurro, e as maiores estavam flácidas.

— Quanto ao chuvisco — disse Vidal depois de um tempo, — poderia perguntar ao senhor Dutourd. Esse é um homem instruído! Não é um naturalista, sem dúvida, mas que sabe mais sobre filosofia e moral, mas acho que tem em Paris muitos amigos que fizeram experimentos com fluidos elétricos, balões a gás, o peso do ar e esse tipo de coisas. Talvez o chuvisco esteja entre elas. Mas é um prazer ouvi-lo falar de política e moral, dos direitos do homem, a fraternidade e a igualdade. Durante muitas horas, com eloqüência, nos disse coisas edificantes sobre uma república justa. E a colônia que planejou, onde não haveria privilégios nem opressão nem

dinheiro nem avareza, tudo ia ser comum a todos, como na mesa onde se sentam bons companheiros de tripulação. Tampouco haveria estatutos nem advogados, e a voz do povo seria a única lei, o único tribunal. Todo mundo veneraria ao Supremo Criador como quisesse, sem interferências nem obrigação, em completa liberdade.

— Parece um paraíso terreno.

— Isso é o que muitos dos nossos dizem. Alguns asseguram que não teriam se esforçado para deter Dutourd se soubessem a que se propunha, e que inclusive teriam se unido a ele.

— Não pensam que estava aprisionando nossos baleeiros e mercantes e ajudando a Kalahua na guerra contra Puolani?

— Quanto a fazer o curso, era um assunto do oficial de derrota, que era ianque. Eles nunca se teriam se juntado a isso nem se oporiam a seus próprios compatriotas nem, como é natural, teriam ficado de conversa com um estrangeiro. Era a colônia o que tanto lhes agradaria, pela paz, a igualdade, e o fato de oferecer uma vida decente sem ter que romper as costas trabalhando e uma velhice despreocupada.

— Sejam bem-vindas a paz e a igualdade — sentenciou Stephen.

— Mas o senhor nega com a cabeça, senhor, e me parece que pensa na guerra. As coisas foram mal-interpretadas, mas o senhor Dutourd esclareceu tudo. Os dois bandos estavam desejosos de lutar há muito tempo, e quando Kalahua contratou àqueles miseráveis franceses das ilhas Sanduíche armados com mosquetes, não puderam aguentar mais. Mas eles não tinham nada que ver com os colonos de Dutourd. O que ele queria era entrar no porto fazendo alarde de força, estabelecer-se entre eles, fundar depois sua própria colônia e aproximar os dois bandos mediante o exemplo e a persuasão. E com respeito à persuasão... Se o senhor o tivesse ouvido, teria se convencido imediatamente. Tem um dom, uma graça, mesmo falando em uma língua estrangeira. Nossos homens têm muito boa opinião dele.

— Sem dúvida, fala muito bem inglês.

— E não só isso, senhor. É muito bom com seus homens. Sabe que estava sentado ao seu lado dia e noite na enfermaria até que se

curavam ou os jogavam pela borda? E ainda que ao oficial de derrota do *Franklin* e seus ajudantes gostassem dar açoites, nos disseram que o senhor Dutourd sempre os protegia e não deixava que os açoitassem.

Nesse momento, justo antes das oito badaladas, Grainger subiu ao convés, ainda sonolento e dando bocejos, para substituir seu companheiro. Os homens da guarda de estibordo, a maioria dos quais estiveram dormindo no castelo, começaram a se mover. A fragata se encheu de vida, mas silenciosamente.

— Três nós, senhor, com sua permissão — informou o jovem Wedell, que agora era um guarda-marinha interino.

Entre os habituais apitos, gritos e ruídos que acompanhavam a troca de guarda, todos bastante discretos às quatro da madrugada, Stephen foi silenciosamente para a cabine. Quando já estava deitado, com a cabeça sobre as mãos, pensou que os seguidores de Knipperdolling eram muito curiosos por sua credulidade, amabilidade e simplicidade, e ainda sorria quando dormiu.

Dormiu, mas não por muito tempo. Pouco depois chamaram os marinheiros do castelo, que se uniram aos homens de guarda para fazer o diário ritual de limpar o convés. Bombearam grande quantidade de água de mar sobre ele, esfregaram com areia e pedra arenito e terminaram de secá-lo com esfregões quando saía o sol. Havia homens do mar que podiam dormir em meio de tudo isto (Jack Aubrey era um deles, e ainda se podiam ouvir seus roncos), mas Stephen não. Contudo, nesta ocasião isso não o incomodou nem irritou, e permaneceu ali pensando em numerosas coisas agradáveis. Lembrou de Clarissa e pensou que também tinha certa simplicidade apesar da dura vida que tinha levado.

— Está acordado? — perguntou Jack Aubrey em um rouco sussurro por uma fresta da porta.

— Não — respondeu Stephen. — E não quero nadar, mas tomarei café contigo quando regresso para a fragata.

Pensou: “pequena besta! Nunca o ouço levantar-se”. Era verdade. Jack pesava muito, mas caminhava com leveza.

Com este brusco começo do dia, o doutor Maturin chegou cedo para fazer a ronda matutina; algo raro em uma pessoa que tinha uma muito vaga noção do tempo. A ronda levava pouco tempo do ponto de vista cirúrgico, mas ainda tinha que atender alguns obstinados casos de gonorréia e sífilis. Nas viagens longas e relativamente tranqüilas, estes casos e os de escorbuto eram o pão de cada dia dos cirurgiões. Mas enquanto Stephen podia obrigar aos marinheiros a evitar o escorbuto, pondo suco de limão no grogue, nenhum poder na terra podia evitar que corresse para os bordéis tão logo como chegavam a terra. Tratava estes casos com calomelano e guaiacol, e geralmente era Martin quem preparava a poção. Stephen não estava satisfeito com o progresso de dois dos pacientes e no momento em que decidiu medicá-los de uma forma mais radical, conforme a escola veneziana, viu um inseto na cobertura, justo do lado de fora da porta entreaberta, sob a luz da lanterna da enfermaria. Era um inseto amarelo, obviamente, um algavaro, porém, que tipo de algavaro? Em qualquer caso, era muito ativo. Stephen se pôs de quatro, avançou silenciosamente para o inseto, e quando o tinha no lenço, levantou a vista. Em seu avanço havia chegado justo diante da porta, de onde se via claramente o ambulatório iluminado, que parecia estar em outro mundo. Ali estava Martin, muito sério, preparando a poção no último dos copos de uma longa fila, e enquanto Stephen o olhava, levantou o copo e o bebeu.

Stephen se pôs de pé e tossiu. Martin se virou bruscamente e, guardando o copo sob o avental, disse:

— Bom dia, senhor.

O cumprimento foi mecânico, sem um sorriso espontâneo, mas cortês. Era evidente que não tinha esquecido sua descortesia do dia anterior. Parecia que estava incômodo porque não o tinham levado ao *Franklin* e esperava que Stephen expressasse seu ressentimento por seus ofensivos comentários, já que era rancoroso, como sabia muito bem, podia ser considerado vingativo e jamais esquecia uma ofensa. Mas havia algo mais. Parecia como se Martin tivesse evitando que não o surpreendesse fazendo algo que desejava ocultar, e sua atitude era um pouco desafiante e hostil.

Então Padeen chegou e, depois de desejar que Deus bendisse aos cavalheiros, disse com certa dificuldade que a enfermaria estava preparada para receber as suas senhorias. Os médicos foram de um maca para outra. A cada marinheiro Stephen perguntou como se sentia, tomou-lhe o pulso e o examinou suas partes pudendas e depois, brevemente, falou do caso em latim com Martin, que anotou as observações em um livro. Quando o livro se fechou, Padeen deu aos marinheiros a poção e os comprimidos.

Depois voltaram ao ambulatório. Enquanto Padeen lavava os copos, Stephen disse:

— Não estou satisfeito com Grant e MacDuff, e penso aplicar-lhes o tratamento veneziano na próxima semana.

— Meu livro de autoridades o cita, mas não me recordo do nome.

— É o *urias hirargi corrosivus*.

— A ampola que fica junto ao *myrrh*. Nunca o vi usar antes.

— Exatamente. Eu a reservo para os casos mais difíceis porque tem muitas desvantagens... O que foi, Padeen?

A tartamudez de Padeen, sempre acusada, piorava com a emoção. Com o tempo souberam que aparentemente tinha dez copos no armário há uma hora, apenas há uma hora, e nesse momento só tinha nove. Padeen levantou as mãos abertas e com um dedo dobrado e repetiu:

— Nove.

— Sinto muito, senhor — disse Martin, — mas quebrei um quando estava misturando a poção, e esqueci de dizer a Padeen.

Tanto Jack Aubrey como Stephen Maturin amavam muito suas esposas e ambos lhes escreviam com muita freqüência. Mas Jack escrevia as cartas com a esperança de que alguma vez chegassem a sua casa por um meio ou outro (em um mercante, um barco de guerra ou um pacote) ou, em caso de que isso não pudesse ser, com a esperança de que permanecessem em seu baú e pudesse lê-las em voz alta para Sophie, acrescentando a explicação de como soprava o vento ou que direção tinha a corrente, enquanto que Stephen nem sempre tinha a intenção de mandá-las. Às vezes as

escrevia porque assim, de certa maneira, punha-se em contato com Diana, ainda que a grande distância e de forma unilateral; às vezes para clarificar as coisas em sua mente; às vezes para o alívio (e o prazer) de dizer coisas que não podia contar a ninguém mais, e nestes casos, tinham uma vida efêmera. Agora escreveu:

Meu amor, quando o último elemento de um problema, um código ou um quebra-cabeça encaixa, a solução é às vezes tão óbvia que um se dá uma palmada na testa dizendo: "Fui um tonto por não ter visto isto antes!". Há algum tempo, como saberia muito bem se tivéssemos a possibilidade de comunicar-nos com maior fluidez, estou preocupado com a mudança de meu relacionamento com Nathaniel Martin, com sua transformação e sua infelicidade. A última vez que lhe escrevi expus numerosas e sólidas razões, entre elas uma excessiva preocupação pelo dinheiro, pois estava convencido de que possuí-lo lhe permitiria gozar de mais consideração e felicidade que agora, e muitas outras mais, como ciúmes, chateação por ter companheiros desagradáveis dos quais não pode escapar, nostalgia de seu lar, sua esposa e seus amigos, desejos de paz e tranqüilidade e sua falta de preparo para a vida no mar; para uma prolongada vida no mar. Mas não citei a causa principal porque não a descobri até hoje, ainda que fosse óbvia pela grande atenção que prestava aos livros que temos de Astruc, Boerhave, Lind, Hunter e outras autoridades em doenças venéreas (nos faltam Locker e Van Swieten), e o era ainda mais por suas curiosas e constantes perguntas sobre a possibilidade de contágio por usar o mesmo sanitário, beber da mesma xícara, beijar-se, flertar ou coisas parecidas. Não posso estar seguro de que tenha a doença sem examiná-lo como é devido, mas duvido que a tenha fisicamente, ainda que metafisicamente esteja muito mal. Não sei se se deitou com ela ou não, mas desejava fazê-lo, e como é um clérigo, sabe que o pecado está no desejo. Além disso, como está convencido de que está enfermo, sente horror por si mesmo e acredita estar sujo por dentro e por fora. Infelizmente, levou mais a sério que eu nosso desacordo de ontem, e nos tratamos com cortesia mas com frieza, e nestas circunstâncias não me consultará. E evidentemente, não posso oferecer-lhe meus serviços. É mais provável que o ódio a si

mesmo gere ódio aos outros (ou pelo menos mau humor e ressentimento) em vez de ternura. O pobre homem foi convidado para jantar hoje na cabine e para trazer a viola, e temo que se produza um enfrentamento porque está muito nervoso.

Nesse momento bateram na porta com convicção, e o senhor Reade entrou sorrindo, seguro de ser bem-vindo. De vez em quando necessitava vendar-se a parte que lhe restava do braço amputado, e aquele era um dos dias em que tinha encontro para isso. Stephen tinha esquecido, mas Padeen não, e a bandagem estava sobre o último escaninho. Enquanto Stephen lhe punha, fazendo um dobra atrás de outra exatamente à mesma distância, Reade disse:

— Senhor, tive uma estupenda idéia na guarda de meia. Poderia fazer-me um grande favor?

— Poderia — respondeu Stephen.

— Pensei em ir a Somerset House para fazer o exame de tenente quando volte à Inglaterra.

— Mas não tem idade suficiente, meu amigo.

— Não, senhor, mas sempre se pode acrescentar um ano ou dois. Os capitães que examinam só põem “parece que tem dezenove”, sabia? Além disso, completarei dezenove com o tempo, certamente, especialmente se continuarmos avançando a este ritmo, e tenho os correspondentes certificados do tempo de serviço na Armada. O que me preocupa é que vacilem em aprovar-me porque pareço um tripé em vez de um quadrúpede, assim que tenho que ter todas as coisas de minha parte. Nestes dias de calma estive copiando meus diários com cuidado porque um tem que apresentá-los, sabia?, e pela noite, de repente, ocorreu-me que seria um bom golpe, que assombraria aos capitães, incluir alguns detalhes sobre a navegação em francês.

— Creio que teria esse efeito.

— Assim que pensei que seria estupendo incluir em minha brigada a Colin, um dos marinheiros do *Franklin*, um homem honesto e excelente marinheiro, ainda que quase não sabe falar inglês, porque o levaria ao castelo durante a guarda do primeiro quartilho e lhe mostraria tudo o que pertence ao traquete para que me dissesse o nome em francês, que depois o senhor poderia dizer-

me como escrever. Isso deixaria os capitães pasmados. Que golpe! Mas talvez esteja lhe pedindo que me dedique tempo demais, senhor.

— Em absoluto. Segure este extremo da venda, por favor. Assim, bem amarrada.

— Muito obrigado, senhor. Estou-lhe infinitamente agradecido. Então, nos vemos na guarda de primeiro quartilho?

— Nem pense nisso, senhor Reade — disse Killick, que entrou levando no braço a excelente casaca azul de Stephen recém escovada e alguns calções de casimira brancos. — Nem na do primeiro quartilho nem na do segundo. O doutor vai jantar com o capitão e eles não terminarão de tocar música até que termine a guarda. Agora, senhor, por favor — acrescentou olhando para Stephen, — dê-me essa velha camisa e ponha esta que acabam de passar. Não há nem um momento a perder.

A refeição foi muito bem. Ainda que Martin não simpatizasse com Jack Aubrey, respeitava-o como capitão e como chefe. Seria injusto dizer que seu respeito aumentara com a possibilidade de obter outro benefício eclesiástico, mas era possível que isso tivesse tido alguma influência. De qualquer maneira, apesar de parecer tenso e enfermo, pôde representar muito bem o papel de convidado contente e agradecido, se não fosse porque quase não provou o vinho. Contou duas anedotas por iniciativa própria. Uma sobre uma truta que pegou com as mãos em uma represa e outra sobre uma tia. Sua tia tinha um gato ao qual amava muito e vivia perto do Tâmisa. Um dia o gato desapareceu e ela perguntou por ele em toda parte e chorou durante um ano, até o dia em que ele regressou, subiu de um salto para sua poltrona preferida, junto ao fogo, e começou a lamber-se. Por curiosidade tinha subido a bordo de um barco que ia ao Suriname e que acabava de regressar.

Depois da refeição, propuseram tocar música, e como que um dos principais objetivos da comida era acolher a Tom Pullings, tocaram peças que ele conhecia muito bem. Tocaram muitas canções, bailes e outras deliciosas melodias com variações, e de vez em quando Jack e Pullings cantavam.

— O som da viola melhorou muito depois do concerto — observou Jack quando se levantaram para despedir-se. — Seu tom é encantador.

— Obrigado, senhor — respondeu Martin. — Graças ao senhor Dutourd, melhoraram o movimento de meus dedos e minha capacidade de afinar e de mover o arco. Sabe muito de música e lhe encanta tocar.

— Ah, é? — perguntou Jack. — Tom, peço que não se esqueça de sua luneta para olhar o horizonte.

Em seu papel de capitão quase onipotente, Jack podia fazer ouvidos surdos a qualquer sugestão, especialmente se fosse indireta. Stephen, em troca, estava pior situado, e dois dias mais tarde Dutourd, depois de dar-lhe o bom dia e assegurar-lhe que tinha lhe agradado muito ficar no castelo de popa enquanto tocavam, com uma confiança que lhe assombrou a princípio (ainda que depois compreendeu que os ricos estavam acostumados a que atendessem a seus desejos), disse:

— Talvez pareça pretencioso, mas lhe rogo que diga ao capitão que gostaria ainda mais se me permitisse participar de uma dessas sessões. Não sou um virtuoso, mas já toquei em muito boa companhia. Se me permitisse ser o segundo violinista, poderíamos tocar quartetos, que sempre considereei a quinta-essência da música.

— Eu o direi se quer — disse Stephen. — Mas devo advertir-lhe que, geralmente, o capitão considera este tipo de coisas assuntos particulares, totalmente informais.

— Então talvez deveria contentar-me em escutar de longe — propôs Dutourd, aparentemente sem ofender-se. — Mas lhe agradeceria que tivesse a amabilidade de dizer-lhe se se apresentar a ocasião.

Mudou de conversa perguntando como iam as coisas a bordo do *Franklin*. Stephen lhe disse que estavam colocando os botalós das alas da joanete de proa. Então, ao ver que Dutourd lhe olhava com uma expressão que indicava ignorância, como a que ele tinha até o dia anterior quando ajudou Reade a escrever os termos em seu diário, acrescentou:

— *Les bout-dehors des bonnettes du petit perroquet.*

Seguiram falando das velas em geral, e ao cabo de um tempo, quando Stephen já estava deseioso de ir-se, Dutourd o olhou fixamente e disse:

— É assombroso que saiba o nome em francês dos botalós das alas e de muitos animais e aves. Domina, o senhor, nossa língua. — Depois de fazer uma reflexiva pausa, continuou: — Agora que tive a honra de chegar a conhecer-lhe melhor, acho que já nos vimos antes. Conhece a Georges Couvier?

— Apresentaram-me a monsieur Couvier.

— E não assistiu o senhor de vez em quando às *soirées* na casa de madame Roland?

— Provavelmente fala o senhor de meu primo Domanova. Frequentemente nos confundem.

— Talvez. Porém, diga-me, senhor, como pode ter um primo que se chama Domanova?

Stephen o olhou com assombro e Dutourd, visivelmente arrependido, desculpou-se:

— Perdoe-me, senhor. Sou um impertinente.

— Não, em absoluto, senhor — disse Stephen e se afastou.

Então sua voz interior perguntou: “Será possível que este animal tenha me reconhecido, que tenha uma vaga idéia do que trazemos entre as mãos e que represente uma ameaça?”.

A expressão de Dutourd era difícil de interpretar. Em aparência mostrava entusiasmo e a amabilidade própria de sua classe e de seu país, porém, indubitavelmente, isso não excluía a astúcia e a falsidade comuns e normais. Além disso, havia algo em seu olhar insistente, certa confiança em si mesmo, que talvez poderia ter implicações mais profundas.

— Quando aprenderei a manter a boca fechada? — murmurou ao abrir a porta da enfermaria e depois, em voz alta, para responder o cumprimento de Padeen, disse: — Que Deus, a Virgem María e são Patrício estejam contigo. Senhor Martin, Bom dia.

— Sucedem-se um depois do outro os dias tranqüilos, separados somente pelas noites perfeitas — comentou quando

entrou na cabine. — Parece que estamos em terra firme. Porém, diga-me, Jack, não voltará a chover nunca? — Silêncio... — Acho que interrompi seus cálculos.

— Quanto é doze vezes seis? — perguntou Jack.

— Setenta e dois — respondeu Stephen. — Minha camisa está tão cheia de sal que é como um cilício. Se a usasse suja, estaria bastante suave, mas Killick consegue achá-la e levá-la para metê-la na tina de água salgada. E estou convencido de que lhe acrescenta mais sal do que recolhemos por sedimentação.

— Que é um cilício?

— É uma vestidura feita de tecido mais áspero que se conhece e que os santos, os eremitãos e os pecadores desesperados usam colado à pele para fazer penitência.

Jack voltou aos números e Stephen a suas desagradáveis reflexões, perguntando-se: “O que nos conduz à destruição? O orgulho conduz à destruição, isso é, estava tão orgulhoso de que conhecia o nome de todos esses paus em inglês e mesmo em francês que não pude me reprimir e tive que falar como um tonto. Bem sabe Deus que mereço usar um cilício”.

Finalmente, Jack largou a pena de lado e disse:

— Quanto à chuva, sem esperanças, de acordo com o barômetro. Mas calculei o preço do butim, na medida do possível sem a quantidade de moedas que há no Franklin, e é uma grande soma, o que é um consolo.

— Muito bem. Os predadores como eu sempre acham um butim atrativo. A própria palavra provoca um sorriso cobiçoso. A propósito do *Franklin*, Dutourd quer que saiba que lhe agradaria que o convidasse para tocar conosco.

— Isso eu deduzi das palavras de Martin — disse Jack, — e me pareceu uma impertinência. Um tipo de sangue frio que é um regicida de idéias revolucionárias como Tom Paine, Charles Fox, todos esses infames que vão ao Brook's e aquele adúltero... Esqueci seu nome, mas já sabe a quem me refiro.

— Acho que não conheço a nenhum adúltero, Jack.

— Bem, não importa. Um tipo que percorre os mares atacando nossos mercantes sem ter um nomeação nem uma patente de corso

de ninguém, quase um pirata, que provavelmente termine enforcado, eu me maldizera se o convidasse como se fosse outro Tartini, o que não é. Além disso, o achei desagradável desde o início e não gosto nada do que ouvi dele: entusiasmo pela democracia, benevolência com todos... pequenas coisas!

— Tem qualidades.

— Oh, sim! Não é covarde e defendeu bem a seus homens.

— Alguns dos nossos têm uma excelente opinião dele e de suas idéias.

— Eu sei. Alguns dos marinheiros de Shelmerston, que são homens honestos e excelentes navegantes, são quase democratas; quero dizer, republicanos, e se deixam arrastar facilmente por qualquer político inteligente e loquaz; contudo, os marinheiros de barcos de guerra, especialmente os antigos tripulantes da *Surprise*, não gostam. Chamam-no monsieur Turd, e não é possível ganhar sua vontade com uma sorriso afetado e malicioso e falando de fraternidade. Eles detestam suas idéias tanto quanto eu.

— Admito que suas idéias são quiméricas, e é surpreendente que um homem de sua idade e sua inteligência ainda as tenha. Em 1789 eu também esperava grandes coisas de meus semelhantes, mas agora acredito que eu e Dutourd só concordamos com a opinião sobre a escravidão.

— A respeito à escravidão... É verdade que não me agradaria ser um escravo, mas Nelson estava a favor dela e sabia que a atividade mercantil do país se arruinaria se acabassem com esse comércio. Talvez se ache mais natural se for negro... Recordo-me que faz anos, em Barbados, você fez em pedaços àquele desgraçado miserável de Bosville por dizer que os escravos gostavam, que os amos os tratassem amavelmente porque lhes convinha e que abolir a escravidão seria fechar as portas para a piedade aos negros. Disse as coisas mais duras que já lhe ouvi dizer, e me assombra que não lhe tenha pedido uma satisfação.

— Acredito que a escravidão me causa mais repulsão que qualquer outra coisa, inclusive mais que esse canalha do Bonaparte, que representa uma parte dela. Bosville... Esse santarrão hipócrita e desprezível, com suas "portas de piedade"... Que o diabo o leve!

Essa piedade inclui correntes, chicotes e fazer marcas com um ferro candente. De boa vontade lhe teria dado uma satisfação com duas onças de chumbo ou um palmo de aço afiado, ou talvez tivesse sido mais apropriado usar veneno para ratos.

— Vá! Que irritado está, Stephen!

— Sim, é uma irritação retrospectiva, mas ainda a sinto. Pensar que aquele jovem mal-encarado, balofo, falso, vaidoso, ignorante, miserável, mesquinho, covarde, tinha poder absoluto sobre mil e quinhentos negros escravos me faz estremecer, mesmo agora, e me produz irritação. Eu o teria chutado se não tivesse damas presentes...

— Entre!

— O senhor Grainger, o oficial de guarda — disse Norton, — comunica que o vento está rolando para a popa e pergunta se pode desdobrar as alas de barlavento.

— Naturalmente, senhor Norton, quando for possível. Subirei ao convés assim que termine estas contas. Se vir ao cavalheiro francês, diga-lhe que gostaria de vê-lo dentro de dez minutos. Apresente-lhe meus respeitos, certamente.

— Sim, sim, senhor. desdobrar as alas tão cedo como seja possível. Apresentar os respeitos do capitão ao monsieur Turd...

— Monsieur Dutourd, senhor Norton.

— Peço desculpas, senhor. Monsieur Dutourd. E dizer-lhe que deseja vê-lo dentro de dez minutos.

Ao receber a mensagem, Dutourd agradeceu ao guarda-marinha, olhou para Martin sorrindo e começou a passear do coroamento ao canhão de proa de sotavento, olhando o relógio cada vez que dava a volta.

— Entre! — exclamou Jack outra vez. — Entre, monsieur... senhor Dutourd. Sente-se. Estou calculando o preço do butim, e lhe agradeceria que me confessasse que quantidade de moedas, letras de câmbio e coisas desse tipo tem no Franklin. Também tenho que saber onde as guarda, claro.

A expressão de Dutourd mudou extraordinariamente, pois não só sua alegria e confiança passaram ao oposto, como seu olhar inteligente deu passagem a outro estúpido.

— O dinheiro que tirou das presas será devolvido a seus antigos donos — continuou Jack. — Já tenho as declarações juradas dos reféns. E as riquezas que restam no Franklin se repartirão entre os captores, de acordo com as leis que vigoram no mar. Seu dinheiro e suas propriedades seguirão sendo seus, mas tem que descrever a quantidade.

Dutourd tinha recuperado a sensatez e, pela absoluta confiança de Jack Aubrey, compreendeu que qualquer protesto seria inútil. Na realidade, este tratamento era muito melhor que o que dava o Franklin, que despojava de tudo a seus prisioneiros, mas o longo intervalo transcorrido entre a captura e a destituição, muito diferente ao saque imediato que vira antes, fizera-o conceber ilógicas esperanças. Contudo, pôs um gesto despreocupado e, pegando duas chaves de um bolso interno, disse:

— *Vae victis*. E espero que não descubra que meus companheiros de tripulação já estiveram ali antes. Havia uns tipos avaros entre eles.

Também havia alguns tipos avaros a bordo da *Surprise*, se se podia chamar avaros aos homens que gostavam mais de encher as mãos com tilintantes moedas de ouro e prata que receber silenciosos, distantes e quase teóricos pedaços de papel. Por toda a fragata se ouviam risos desde que o oráculo Killick contou que por fim o capitão havia averiguado tudo. O senhor Reade, o senhor Adams e o servente do senhor Dutourd foram ao *Franklin* em um bote e regressaram com um baú. Os marinheiros o subiram a bordo não entre vivas, porque isso não era de boa educação, mas sim com grande alegria, observaram-no com angústia e preocupação enquanto pendia no vazio, receberam-no com brincadeiras quando passou por cima da borda e o desceram delicadamente como se contivesse ovos.

Mas até o dia seguinte Stephen Maturin não se informou disto, não só porque jantou sozinho na cabine, devido a Jack Aubrey estar a bordo do *Franklin*, mas também porque tinha posta quase toda sua atenção nos cefalópodes. Tão logo notou a alegria (que não era rara na *Surprise*, pois era uma embarcação em harmonia), atribuiu-a

ao aumento da intensidade do vento, que agora fazia os dois barcos avançarem a quase cinco nós e prometia aumentar ainda mais no futuro. Nessa manhã teve que fazer a ronda sozinho, já que Martin ficou na maca devido ao que descreveu como uma terrível dor de cabeça. O café da manhã de Jack e Stephen, pela primeira vez, não coincidiu, e Stephen se limitou a saudá-lo com a mão desde o convés antes de sentar-se para estudar sua coleção de cefalópodes. Alguns estavam secos, outros metidos em álcool e um recém morto. Depois de colocar em ordem todos os exemplares e de revisar as etiquetas e o nível de álcool (uma precaução necessária no mar, onde por experiência sabia que se esvaziavam os frascos, inclusive os que tinham áspides e escorpiões), passou a observar o animal mais interessante e o que tinha capturado mais recentemente. Era um decápode que havia metido seus compridos tentáculos com ventosas em uma rede que continha carne de vaca salgada e que ia a reboque para que perdesse um pouco de sal antes de pô-la de molho em água doce, e como tinha as ventosas aderidas tão fortemente, foi trazido a bordo.

Com ajuda de Sarah e Emily, colocadas em cantos opostos e estirando os tentáculos da lula, Stephen pôde praticar-lhe cortes, desenhá-lo, descrevê-lo e analisar vários procedimentos de conservação. Por desgracia, não era possível conservar o animal inteiro ainda que tivesse um frasco grande o suficientemente, pois era propriedade do senhor Vidal, que o havia separado da carne a custa de várias feridas terríveis (era um decápode vingativo) e lhe prometera ao cozinheiro da câmara dos oficiais para o banquete desse dia, essa sexta-feira. Esse era o dia em que do outro lado do mundo, em Shelmerston, todos esqueciam as diferenças de credo e faziam fogueiras e bailavam ao redor delas entonando um cântico cujo significado se perdera, mas que até a época de Leland se cantava em honra da deusa Frig. Ainda agora as palavras conservavam tanto poder que, como Stephen bem sabia, nenhum homem nascido e criado em Shelmerston gostaria de omiti-las.

Em ocasiões como essa geralmente as meninas se comportavam muito bem e guardavam silêncio, mas a proximidade

do banquete e a chegada do butim acabou com a descrição de Sarah, que disse:

— Jemmy Ducks diz que monsieur Turd está de mau humor porque deu em Jean Potin um chute no traseiro. Jean Potin é seu servente.

— Silêncio, minha querida — disse Stephen. — Estou contando as ventosas. E não deve dizer monsieur Turd nem traseiro. Emily apreciava a atenção e a aprovação de Stephen mais que a sua alma, e ainda que fosse uma menina afetuosa, para obtê-las atraí-los ao seu melhor amigo. Por isso agora, desde o canto, gritou:

— Ela sempre fica dizendo monsieur Turd. Justo ontem o senhor Grainger a repreendeu por isso e lhe disse que ficava mal falar de um cavalheiro tão benévolo.

— Mantenha o tentáculo estirado e não se preocupe com os aventais — disse Stephen.

Sabia qual era o destino da lula e trabalhava muito rápido e muito concentrado, mas antes que completasse a descrição, chegou o ajudante do cozinheiro. Depois de desculpar-se, disse a sua senhoria que aquele velho e duro canalha, desculpando a palavra, necessitava passar uma hora na panela. Sua senhoria suspirou, tirou rapidamente o último gânglio e se sentou.

— Obrigado, queridas minhas — disse às garotas. — Ajudem Nicholson com os tentáculos maiores. E você, Sarah, antes de ir pode passar-me o petrel?

Conhecia muito bem os petréis, como qualquer um que tivesse navegado até tão longe pelas águas tropicais. Esfolara muitos, e tinha podido distinguir três ou quatro espécies estreitamente relacionadas e fazer uma detalhada descrição da plumagem, mas nunca dissecara um. Agora se dispunha a fazê-lo e pensava em examinar primeiro os músculos para voar, que permitiam aos petréis chegar mais alto que os albatrozes. Apenas lhe abriu o peito, teve o pressentimento de que estava a ponto de realizar o estudo anatômico mais importante de sua carreira.

A ave, como era natural, tinha uma fúrcula, e desde o início notou que era extraordinariamente firme ao tocá-lo. Enquanto o bisturi avançava delicadamente pela quilha e ele afastava os

músculos com uma espátula, não ouvia o tilintido das moedas nem os vozeirões do outro lado do anteparo, onde o capitão Aubrey, os dois marinheiros do castelo de mais antiguidade (um pouco duros de ouvido) e o senhor Adams estavam contando o dinheiro do *Franklin*, passando-o para moedas espanholas e calculando as partes em que se dividiria. Tampouco ouviu o burburinho do castelo de popa, onde grande número de marinheiros haviam encontrado algo o que fazer perto da escada do castelinho para poder escutar, e faziam comentários sobre as quantidades e o tipo de câmbio das moedas que havia abaixo. Conheciam bem o sistema europeu e o norte-americano e passavam dos florins holandeses aos ducados de Hanover com tanta facilidade como das moedas de ouro de Barcelona aos *joes*^{7} portugueses, os cequíes venezianos ou os guinéus da Jamaica. O burburinho, bastante intenso, cessou quando chamaram os marinheiros para almoçar, mas a recontagem continuou na grande cabine enquanto Stephen, sem pensar em nada mais, continuou deixando ao descoberto a parte superior do tórax do petrel.

Ainda não tinha terminado de descobrir todas as partes vitais quando chegaram Killick e Padeen, que estavam impacientes e lhe disseram que todos já estavam reunidos na câmara dos oficiais e que o banquete estava a ponto de começar. Abandonou o petrel aos seus cuidados e desceu imediatamente corretamente vestido, bastante limpo, com a peruca bem colocada e uma expressão muito satisfeita.

— Bem, cavalheiros — disse ao entrar na câmara dos oficiais, — quase cheguei tarde.

— Não importa — respondeu Grainger. — Bebemos outro trago e nos alegamos com isso. Mas agora pediremos ao senhor Martin que dê a benção e começaremos.

Martin fora mudado de lugar para dar lugar a outros dois marinheiros de Shelmerston que tinham vindo da presa, e agora estava sentado à direita de Stephen. Estava magro e parecia enfermo. Quando se sentaram, Stephen lhe murmurou:

— Parece que se encontra bastante bem.

— Estou perfeitamente bem, obrigado — disse Martin sem sorrir. — Foi uma doença passageira.

— Alegra-me sabê-lo, mas deveria ficar no convés esta tarde — recomendou-lhe Stephen e, depois de uma pausa, continuou: — Acabo de descobrir algo que acredito que gostará. No petrel, o ponto de união da fúrcula coincide com o de união da quilha e as duas costelas superiores estão unidas ao *caracoide*, e cada *caracoide*, por sua vez, está unido a um extremo da escápula.

Sua expressão triunfante se desvaneceu quando viu que Martin não sabia tanto de anatomia para entender isso ou, pelo menos, para perceber suas consequências, e prosseguiu:

— O resultado é, naturalmente, que o conjunto é de todo rígido, com excessão da leve flexão das costelas. Acredito que isto é único entre as aves que existem e está estreitamente relacionado com sua capacidade de voar.

— Tem certo interesse, se seu exemplo não for uma brincadeira — disse Martin. — Talvez isso justifique ter tirado a vida da ave, mas amiúde havemos visto hecatombes que não hão revelado nada significativo, centenas e centenas de estômagos abertos para obter quase o mesmo resultado. Inclusive o senhor White, de Selborne, matou de um disparo a muitas. Às vezes acho que possivelmente a dissecação se faça somente para justificar a morte.

A miúde Stephen tivera pacientes desejosos de ser desagradáveis, algo geralmente unido à irritabilidade produzida por uma doença, em particular nos casos de gangrena, mas só se mostravam assim com seus amigos e parentes, raras vezes com seu médico. Porém, se é que Martin estava realmente enfermo, Stephen não era seu médico nem era provável que ele o consultasse. Stephen, sem responder nada, virou-se para Grainger para elogiar a sopa de lula, mas estava ferido, profundamente decepcionado e insatisfeito.

Diante dele estava sentado Dutourd, aparentemente em um estado de ânimo também indesejável. Durante certo tempo ambos mantiveram uma atitude cortês e inclusive fizeram comentários sobre a lula, ainda que estava claro para a maioria dos que estavam na mesa que não só Dutourd estava mal-humorado como, de certa

forma, responsabilizava o doutor por isso. Para Grainger, Vidal e os demais, tanto se eram corsários ou marinheiros de barcos de guerra, aprisionar e ser aprisionados fazia parte da vida marinheira como o bom e o mau tempo, assim que aceitavam essas coisas como vinham, mas sabiam que essa era a primeira vez que Dutourd fora despojado de tudo, isto é, de quase tudo, e o tratavam com grande respeito e delicadeza, como se houvesse perdido a um familiar recentemente. Isso teve como resultado que fosse mais loquaz que de costume. Quando chegou a sobremesa, sua voz deixou de ter um tom baixo, coloquial, e alcançou um quase tão alto como o empregado para dirigir-se ao público. Stephen compreendeu que iam escutar um discurso sobre Rousseau e a adequada educação das crianças.

O pudim de passas se desvaneceu, retiraram a toalha de mesa e enquanto as garrafas passavam constantemente ao redor da mesa, Dutourd seguia animando-se. Stephen já havia tomado várias taças depois de deixar de escutar-lhe, e às vezes pensava com satisfação em sua descoberta, mas com maior freqüência recordava com irritação o óbvio desejo de Martin de ferir-lhe. Era verdade que Martin era simplesmente alguém que observava as aves com suma atenção, não um sistemático ornitólogo que baseava sua classificação em traços anatômicos, porém, apesar disso...

Os olhos do doutor Maturin eram curiosamente claros e amiúde os tinha cobertos por óculos azuis; contudo, agora não os usava e sua cor parecia mais clara em contraste com seu rosto bronzeado e pela raiva que sentia por seu ajudante, que se obstinava em guardar silêncio.

Estava olhando para frente em um desses momentos de abstração, quando Dutourd, servindo-se outra taça de vinho do porto, fixou-se em seu olhar e achando que refletia sobre ele disse:

— Temo que o senhor, doutor, não comparte minha opinião sobre Jean-Jacques.

— Rousseau? — perguntou Stephen, voltando ao presente imediato e recompondo seu gesto para expressar mais cordialidade ou, pelo menos, para que parecesse menos irritado e sinistro. — Rousseau? Na verdade, não conheço muito sobre ele, além de *Devin*

du Village, que me agradou muito. Mas ouvi falar de suas teorias desde sempre, e uma vez um admirador seu me fez prometer-lhe que leria a *Confissões* e as li, porque as promessas são sagradas. Mas durante todo o tempo me recordei de um primo meu, um sacerdote, que me dizia que a parte mais chata, insignificante e desanimadora de seu trabalho era escutar aos penitentes que tinham feito um ato de contrição por faltas imaginárias, por pecados fictícios, por erros fantasmagóricos. E o mais penoso era dar uma absolvição que poderia ser blasfema.

— Mas não duvidará o senhor da sinceridade de Rousseau, verdade?

— Por caridade tive que fazê-lo.

— Não o compreendo, senhor.

— Recordará o senhor que nesse livro fala dos quatro ou cinco filhos que teve com sua amante e que foram levados a um orfanato. Isto não concorda com seu elogio aos laços familiares, e menos ainda com suas teorias sobre a educação que aparecem em *Émile*, assim que a menos que pensasse que é um hipócrita quando fala da educação das crianças, tinha que considerá-lo um procriador de crianças falsas.

Na cabeceira da mesa, os reféns, que eram toscos e, ao contrário de seus anfitriões, estavam cada vez mais inquietos, soltaram uma gargalhada quando ouviram “crianças falsas” e, dando palmadas nas costas uns dos outros, gritaram:

— Escutem-no! Muito bom! Escutem-no!

— A existência dessas crianças o pôde compreender muito bem qualquer pessoa bem pensada — gritou Dutourd para que o ouvissem apesar do alvoroço, — mas onde há preconceitos, ódio evidente ao progresso e à ilustração, amor aos privilégios e aos velhos costumes, rechaça às qualidades essenciais do homem e malevolência, não tenho nada a dizer.

Stephen lhe fez uma inclinação de cabeça e, virando-se para o perturbado tenente interino, disse:

— Senhor Grainger, espero que me perdoe se parto neste momento. Mas antes de ir, antes de retirar-me, proponho um brinde por Shelmerston. Encham as taças até a borda, cavalheiros, por

favor, e não deixem nada no fundo. Por Shelmerston! Que logo passemos por seu banco de areia sem roçá-lo!

— Viva Shelmerston, Shelmerston, Shelmerston! — gritaram todos, enquanto Stephen se afastava e se dirigia à cabine sentindo que o cabeceio e o balanço aumentavam.

Encontrou Jack terminando de almoçar e se sentou junto dele.

— Posso confessar-lhe um pecado grave? — perguntou.

— Certamente! — respondeu Jack, olhando-lhe com benevolência. — Mas se pôde cometer um delito no trajeto da câmara dos oficiais até aqui, tem uma enorme capacidade de fazer o mal.

Stephen pegou um pedaço de bolacha, o golpeou mecanicamente para que saíssem os excrementos dos gorgulhos e disse:

— Tinha um humor de cachorros e ataquei a Dutourd e a Rousseau.

— Ele também estava mal-humorado e desejoso de brigar. A duras penas pôde comportar-se cortesmente quando o obriguei a entregar o dinheiro do *Franklin*, ainda que bem sabe Deus que isso era normal.

— Assim que lhe tirou seu dinheiro! Eu não sabia.

— Não *seu dinheiro*, pois lhe deixamos sua bolsa, mas o dinheiro de seu barco: o butim que obtive das presas, o efetivo que levava para comprar provisões e apetrechos. É o que se faz sempre, já sabe, Stephen. Deve tê-lo visto montes de vezes. O baú chegou a bordo na guarda da manhã.

— Naturalmente, naturalmente! Mas eu não estava no convés a essa hora nem acredito que ninguém o haja mencionado; contudo, observei uma alegria geral e Sarah disse que Dutourd estava de mau humor.

— Realmente não gostou. E tinha muito dinheiro a bordo. Porém, o que esperava? Não somos uma instituição filantrópica. Adams, dois marinheiros e eu o contamos esta manhã. Havia moedas muito curiosas, sobretudo de ouro. Guardei este montinho para que as visse.

— Não sei muito de dinheiro, porém, indubtavelmente, estas moedas são bizantinas. E esta não se parece muito a um antigo mohur? Pelo buraco e o gasta que está, provavelmente é um amuleto.

— Creio que sim — disse Jack. — E o que pensa desta moeda grande? Está quase lisa, mas se a põe de lado contra a luz, pode-se ver um barco com um mastro inclinado para frente e com muitos amantilhos e também uma espécie do castelinho elevado detrás do castelo.

Jack terminou de comer, e enquanto tomavam o café Stephen disse:

— Fiz uma importante descoberta esta manhã e acho que se armará uma agitação na Royal Society^{8} quando leia minha dissertação. Cuvier se *assombrará*.

Falou da inflexibilidade do peito do petrel, comparando-o com o de outras aves que apenas o tinham mais rígido que uma cesta de vime, e acrescentou que isso provavelmente tinha relação com sua capacidade de vôo. Como era habitual desde que ambos falavam de lugares em terra, de manobras ou coisas parecidas, Stephen estava desenhando linhas com vinho na mesa. Jack o seguia com atenção.

— Entendo e acredito que tenha razão — disse, desenhando um barco visto de cima. — Assim, como sabe, fica a verga maior quando usamos as velas amuradas para estibordo. Nós as ajustamos com a braça de bombordo, que fica aqui; levamos a escota para a popa e as bordas de estibordo para a proa, com as bolinas tão esticadas que vibram, e depois movemos as amuras para o interior e as baixamos até a castanhola e a esticamos bem com um moitão. Quando tudo isto se faz como o fazem os bons marinheiros, há muito pouca folga e a vela fica plana como uma tábua, e um barco com as velas tão bem ajustadas voa. Sem dúvida, aqui há um paralelismo.

— Naturalmente. Se quiser entrar aqui ao lado, mostrarei os ossos em questão e o ponto em que se unem, e assim você mesmo poderá julgar o grau de rigidez comparando-o com o das escotas nas castanholas. Chamaram-me antes que terminasse a dissecação, antes que tudo estivesse tão claro e definido como uma amostra ou

um exemplar preparado para uma lição de anatomia, mas você não se incomodará ao ver um pouco de sangue e baba.

A Stephen não faltava perspicácia em muitos assuntos; contudo, apesar de conhecer Jack Aubrey há anos, não havia descoberto que lhe desagradava enormemente ver sangue e baba ainda que fosse em pequena quantidade, quer dizer, sangue frio e baba. Ainda que nas batalhas estava acostumado a ficar coberto por ambas até o tornozelo sem sentir a menor repulsão, caminhando de um lado para outro em atitude ameaçadora, era incapaz de romper-lhe o pescoço de uma galinha e muito menos presenciar uma operação cirúrgica.

— Pegará a fúrcula entre seus dedos indicador e polegar — continuou Stephen. — Depois de considerar todas as proporções, poderá julgar sua falta de mobilidade.

Jack sorriu timidamente e vieram a sua mente sete desculpas; contudo, como estimava muito a seu amigo e as desculpas não eram boas, avançou para sua antiga cabine-refeitório, que agora, a julgar pelo fedor, era um ossuário.

Pegou a fúrcula, como Stephen queria, e escutou sua explicação com a cabeça inclinada e uma expressão grave, como um cachorro grande que fazia conscienciosamente uma tarefa desagradável. E se alegrou muito quando essa tarefa terminou, quando concluiu a explicação e pôde sair para tomar ar fresco com a consciência tranqüila.

— Tudo está preparado, senhor — informou Vidal, reunindo-se com ele ao lado da escada do castelinho. — O baú já está acima, os franceses estão abaixo e o senhor Adams está junto ao cabrestante com a lista.

— Muito bem, senhor Vidal — replicou Jack, respirando profundamente.

Olhou para o céu e depois para trás, onde estava o Franklin, que, situado a um cabo de distância da fragata pela alheta, formava grandes ondas de proa.

— Vamos aferrar as sobrejoanetes e as alas das joanetes — ordenou.

Apenas Vidal havia acabado de escutar a ordem e os gavieiros começaram a subir correndo. As sobrejoanetes e as alas das joanetes se desvaneceram, a velocidade da fragata diminuiu consideravelmente e Jack disse:

— Todos os marinheiros para a popa, por favor.

— Senhor Bulkeley, chame todos os marinheiros para a popa — ordenou Vidal ao contramestre.

— Todos os marinheiros para a popa, sim, senhor — respondeu o contramestre, e de imediato se ouviram os agudos apitos de chamada seguidos de um grito estremecedor.

Essa foi a primeira notícia oficial que os marinheiros receberam, mas se alguém a bordo fosse tão ingênuo para pensar que se surpreenderiam ao ouvi-la, estaria totalmente equivocado. Todos haviam se arrumado para estar agora limpos, barbeados, vestidos adequadamente, com o chapéu posto e sóbrios. Todos, como um enxame, avançaram pelo corrimão de bombordo e se situaram desordenadamente no castelo de popa, como era habitual. Permaneceram ali sorrindo e dando-se cotoveladas até que Jack disse:

— Agora, companheiros de tripulação, vamos proceder a uma divisão provisória. Tudo o que temos em moedas de prata são moedas espanholas de oito reais, xelins e outras moedas menores, e as que temos de ouro, que todos conhecemos, são guinéus, luses, ducados, *joes* e outras parecidas. As que estão em desuso ou são raras serão vendidas ao peso e divididas como corresponder. Senhor Wedell, não se tocam os ganchos.

O desafortunado garoto ficou vermelho e, tirando as mãos dos bolsos e com a expressão mais tranqüila que pôde, ocultou-se atrás de Norton, que era mais alto.

— As notas, as promissórias e, naturalmente, o casco, os aparelhos e outros objetos e o dinheiro por cada prisioneiro se incluirão na recontagem final.

— Quando esteja disponível — murmurou Vidal.

— Exatamente, quando esteja disponível — sentenciou Jack. — Prossiga, senhor Adams.

— Ezequiel Ayrton — gritou o senhor Adams com o dedo posto na lista aberta.

Então avançou Ayrton, um gavieiro do traquete que pertencia à guarda de estibordo. Estava contente, mas consciente de que estava sozinho e de que todos o olhavam. Atravessou o convés e tirou o chapéu, mas em vez de passar junto ao capitão e avançar pelo corrimão de barlavento, como teria feito em uma ordinária revista, dirigiu-se por onde ficava o cabrestante. E na parte superior, o senhor Adams pôs dois guinéus, um luis, dois ducados (um veneziano e outro holandês) e moedas de oito reais e pequenas moedas da Jamaica suficientes para completar a soma de vinte e sete libras, seis xelins e quatro peniques. Ayrton, rindo, as jogou de um golpe no chapéu, deu dois passos para frente e cumprimentou ao capitão.

— Que as desfrute, Ayrton — disse Jack, sorrindo-lhe.

Continuou a divisão ao longo de todo o alfabeto, com mais risos e comentários criativos do que se toleraria em um barco de guerra normal, até um minuto depois que John Yardley, o encarregado dos sinais, reuniu-se no castelo com seus alegres companheiros. Nesse momento o alvoroço se transformou em um absoluto silêncio por um grito que chegou desde o tope de um mastro.

— Coberta, objeto bem definido pela amura de bombordo! Acho que é um barril!

CAPÍTULO 5

Todos os marinheiros observavam como se aproximava cabeceando o barril, o primeiro objeto inanimado que viam fora de seu mundo de madeira há o que já parecia um século. Quando por fim o trouxeram a bordo Bonden e Yardley, atravessando o mar ondulado no esquife do doutor, a maioria dos antigos baleeiros da *Surprise* foram pelo corrimão até onde era prudente avançar na popa, já que tinha aros de salgueiro em vez de ferro e não parecia ser de um barco de guerra nem de um mercante que fazia o comércio com a China.

— Senhor Vidal — disse Jack, — o senhor que já esteve pescando no Pacífico sul, o que pensa dele?

— Bem, senhor — respondeu Vidal, — eu diria que é um barril dos ianques, mas eu saí do rio de Londres e nunca estive em seus portos. Simón e Trotter saberão mais que eu.

— Chamem a Simón e Trotter — ordenou Jack.

Ambos chegaram imediatamente ao castelo de popa.

— É de Martha's Vineyard — aventurou Trotter, dando girando o barril.

— É de Nantucket — explicou Simón. — Casei-me lá uma vez.

— Então, como é que tem a marca de Isaac Taylor? — perguntou Trotter.

— Bem, seja de onde quer que seja, este é um barril ianque, senhor — disse Simón, olhando fixamente para Jack. — É o que chamam em Nova Inglaterra de um tonel de Bedford. E quase não está na água um par de dias, porque o mar quase não o desgastou e as cavilhas estão intactas. Nunca o teriam jogado pela borda se

não tivessem o porão cheio e se não fossem de regresso ao seu país.

Todos os que puderam ouvir isto riram e se deram cotoveladas. O dinheiro do butim ainda tilintava nos chapéus e lhes encantava a idéia de obter mais.

Jack observou o céu, o mar, o vento e a corrente. Todos os tripulantes da fragata, que eram bons profissionais, fizeram o mesmo. A única excessão foi o doutor Maturin, que observou uma fina fileira de aves distantes que voavam alto. Quando conseguiu vê-las pela luneta de bolso (algo não muito fácil porque a marejada havia aumentado), notou que eram as parentes do sul das gaivotas e que voavam em direção este-sudeste. Por um momento pensou oferecer a Martin a pequena luneta, mas decidiu não fazê-lo. Por sua parte, Martin e Dutourd estavam observando aos marinheiros, que com expressão grave observavam o mar e calibravam o tempo e as possibilidades de fazer uma captura. Então Stephen ouviu Martin dizer:

— *Homo hominis lupus.* (O homem é o lobo do homem).

Mediante sinais, Jack chamou o *Franklin*, e quando estava a um cabo de distância foi até o final da popa e gritou:

— Tom, recolhemos um barril aparentemente fresco que talvez seja de um baleeiro ianque. Vire para sotavento e sigamos nosso antigo rumo.

Não restava muito do dia tropical, mas até que o sol se pôs, no tope de cada mastro havia um serviola que era substituído cada vez que soavam as badaladas e alguns permaneceram durante a breve penumbra. Inclusive os mais otimistas sabiam que era muito remota a possibilidade de encontrar um barco naquele imenso oceano guiando-se somente por um barril e pelos hábitos dos baleeiros do Pacífico Sul. Mas alimentava suas esperanças a presença de aves marinhas (rara naquelas águas azuis) que viajavam na mesma direção. Baseavam principalmente suas esperanças no fervoroso desejo de que se tornasse realidade, e se desvaneceram ao chegar a noite, colorindo de roxo escuro o céu para o este, que já estava salpicado de estrelas. Agora, na guarda do segundo quartilho, quando desciam os últimos marinheiros, muito desalentados,

conceberam ainda mais do que antes quando simplesmente especulavam, porque o Franklin, muito longe por sotavento, fez um sinal luminoso azul e pouco depois fez sinais com uma fileira de lanternas.

Reade, o guarda-marinha encarregado dos sinais, com a luneta colocada sobre o ombro de Wedell, leu os sinais e, em tom formal, informou ao capitão:

— É telegráfico, senhor, e alfabético. C.A.R.C.A.Ç.A. Carcaça, senhor. — Então, em um tom mais humano, acrescentou: — Espero tê-lo interpretado bem.

— Carcaça, ah, ah, ah! — disseram uma dúzia de vozes no corrimão.

O timoneiro sussurrou para Reade:

— É assim que chamamos a um cadáver, senhor, à carcaça de uma baleia da qual se hão tirado o esperma e a gordura.

Jack calculou a posição relativa do *Franklin* e ordenou:

— Senhor Reade, confirme a recepção e faça um sinal indicando “Rumo SSE quarta ao E com as gáveas rizadas”.

Essa rota levou a *Surprise* a passar junto à baleia morta pouco depois de aparecer a lua. À luz das faróis se viam volteando ao redor muitas aves brancas que quase não se podiam identificar e entre as quais havia petréis, possivelmente pequenos albatrozes e gaivotas; mas se distinguia claramente a enorme carcaça balançando nas águas fosforescentes.

— Acho que era uma velha baleia e pode ter dado oitenta barris — disse Grainger, que estava apoiado na borda junto de Stephen. — Não são tão problemáticas como as jovens, porque já não são ágeis, mas afundam muito profundamente. Lembro de uma que puxou os cabos de quatro botes, oitocentas braças, pode imaginar? E quando sobem, podem tornar-se perigosas e partir um bote em dois. Com sua permissão, doutor — acrescentou, vacilante, em voz baixa, — vi seu pobre ajudante vomitando pela borda, por barlavento, e depois descer com cara de estar muito enfermo. Acha que comeu algo...?

— Talvez, ainda que possivelmente a causa seja o violento movimento da fragata pelas ondas tão fortes e tantos salpicos.

— É evidente que o vento sopra contra a corrente agora, e que a corrente é mais forte porque não estamos muito longe de terra.

Apesar de tudo, Martin parecia estar bastante bem na ronda da manhã, ainda que o mar estivesse mais ondulado e a fragata cabeceasse fortemente. A fragata avançava somente com as gáveas rizadas, tratando de abarcar uma zona o mais ampla possível do mar coberto pela bruma, e todos procuravam constantemente sua presa ou olhavam para seu companheiro para ver se fazia sinais. Em teoria, de cada embarcação podiam ver quinze milhas em todas as direções, e apesar de que necessitavam manter-se a certa distância para poder ver os sinais, abarcavam uma vasta área. O vento rolou e trouxe consigo nuvens baixas, e não foi até o início da guarda da manhã, quando o sol, envolvido na névoa, estava a dois palmos do horizonte, que no tope de um mastro se ouviu um exultante grito cujo eco desceu até a enfermaria.

— Barco à vista!

— Nós o encontramos! — exclamou Martin com um tom triunfante que contrastava com sua expressão habitual, onde se misturavam a angústia e o mau humor.

— Podem ir, queridas meninas — disse Stephen às meninas, que haviam terminado suas tarefas.

As duas se afastaram rapidamente pela escura cobertura inferior com um desenho na mão, esquivando ratos e baratas, só visíveis por seus aventais. Stephen terminou de untar Douglas Murd com unguento azul, lavou-se as mãos, tirou a toalha de Martin e, virando-se para Padeen, disse:

— Deixe que os copos se sequem sozinhos.

Depois subiu correndo ao convés, onde se reuniu com todos os tripulantes da fragata que não estavam na exércia.

— Ah, doutor, aqui há um magnífico espetáculo! — gritou Jack do lado de estibordo.

Então assinalou com a cabeça o agitado mar e nesse momento, a menos de dez jardas, uma baleia azul lançou um grosso jorro de água que chegou ao final do convés, inspirou de maneira audível e se submergiu produzindo suaves ondas. Stephen pôde ver

claramente a baleia a estibordo e mais além dois botes juntos e a mais de uma milha ao leste outros três.

— Estavam tão ocupados pescando que não nos viram até um momento atrás — continuou Jack. — Os marinheiros dos botes que estão ao nor-nordeste não nos viram ainda. Mas olhe para os homens que estão a bordo do barco, que parecem um monte de velhas.

Passou-lhe a luneta e então ele pôde ver bem a distante coberta, que estava muito desordenada e suja. Não restavam muitos marinheiros a bordo, mas esses poucos estavam muito ativos e corriam de um lado para outro sem um propósito claro, e um, desde o cesto da gávea de serviola, agitava os braços e apontava para o sul.

— Senhor Grainger, por favor, explique a situação ao doutor — pediu Jack, e, depois de recuperar a luneta e pendurá-la ao ombro, subiu correndo ao tope como se fosse um menino.

— Bem, senhor — começou Grainger com seu suave sotaque do ocidente da Inglaterra, — aqueles botes que estão longe, ao leste, estão amarrados a uma velha baleia e se movem como uma carruagem de seis cavalos por um bom caminho. George, diga a William que traga minha outra luneta, depressa, depressa. — Quando a teve, continuou: — Ali, de pé na proa, está um marinheiro com a lança para matar a baleia quando suba. O timoneiro do bote foi quem lhe cravou o arpão, claro, e agora está de novo na bancada de popa.

— É um homem muito corpulento.

— Geralmente o são. Os outros botes estão esperando muito perto, prontos para passar-lhe cabos se a baleia submergir outra vez. Se voltar a olhar para o barco, senhor, verá que tiveram uma manhã estupenda porque mataram duas baleias e estão atracados a uma terceira. Agora estão esvaziando a cabeça da primeira junto ao costado, ou o estavam fazendo até que nos viram e começaram seus estratégias. Provavelmente lhes era difícil pelas ondas que rompiam e a cobriam. Os dois botes que estão perto rebocam a segunda baleia. Os homens dos botes amarrados à velha baleia não

nos viram ainda porque estão muito ocupados vigiando, mas acredito que dentro de pouco o barco disparará um canhão.

Stephen seguiu olhando. As pequenas figuras corriam de um lado para outro pelo distante baleeiro. Viam-se claramente, mas estavam em silêncio porque eram inaudíveis, o que dava um toque de absurdo a sua angústia. Algumas, incluída a de um homem que parecia o capitão porque golpeava e dava bofetadas nos outros, ficavam na coxia, perto das painéis onde se derretia a gordura, esforçando-se para sacar um canhão dentre os tonéis e da desordem habitual dos baleeiros.

— O homem que está no cesto da gávea de serviola parece muito interessado em conseguir que se vão para a direita. Fica dando saltos.

— Sim, senhor, o Franklin está situado a oeste. Não havia percebido?

— Para dizer verdade, não. Porém, por que ele quer que se aproximem dele?

— Porque tem a bandeira estadunidense e nós a britânica. Essa é uma estratagem do capitão, compreende? Eles o conhecem porque tem feito o curso nestas águas desde março. O serviola quer que se aproximem dele porque ainda têm tempo, mas não sabe que o aprisionamos. Com o vento soprando desta maneira, necessitamos dar duas longas bordejadas para chegar até o baleeiro, compreende?, e então já poderia estar ao amparo do *Franklin*.

— Mas não lhes serviria de muito.

— Não, doutor, mas eles não sabem. E tampouco sabem que canhões levamos.

— Isso não significaria abandonar seus amigos que estão ao leste?

— Oh, sim! Também significaria abandonar três boas baleias, o que romperia o coração de qualquer baleeiro. Duvido que o façam. É mais provável que esperem o Franklin se aproximar para os dois juntos nos enfrentarem. Talvez tenham a esperança de que partamos ou pensem lançar um ataque situando-se com o vento em popa e apoiando-se mutuamente. Mas é possível que o capitão prefira conservar a bodega cheia. O senhor sabia, senhor,—

acrescentou Grainger em tom confidencial, — que os tripulantes de um baleeiro não recebem um pagamento mas somente uma parte dos benefícios? Assim que quanto menos regressem, mais recebem os sobreviventes. Oh, meu Deus, vão fazê-lo! — gritou. — Estão largando para trás seus companheiros!

Os marinheiros tinham largado o canhão para puxar as braças para fazer as vergas girarem. Os dos botes mais próximos haviam soltado a baleia e se aproximavam rapidamente do costado, lutando contra o fluxo de ondas. As velas se abriram, as vergas subiram e a proa do baleeiro virou. Quando os marinheiros dos botes subiam a bordo, o barco começou a ganhar velocidade. Tinha o vento, cuja intensidade permitia usar desdobradas as sobrejoanetes, pela alheta, e começou a mover-se a uma surpreendente velocidade. Os marinheiros desdobraram o velame mais rápido do que parecia possível sendo tão poucos. Seus cálculos eram corretos: o baleeiro, com uma bandeira estadunidense em cada mastro, chegou junto ao *Franklin* antes que a *Surprise*, que se deteve para rebocar os botes que ficaram ao leste.

Quando o baleeiro estava a um tiro de pistola, os marinheiros do *Franklin* arriaram a bandeira com barras e estrelas, içaram a britânica e dispararam uma bala de vinte e quatro libras que passou pela frente da roda do baleeiro. Soltaram as escotas e Tom Pullings gritou:

— Rendam-se e coloquem-se a sotavento!

Ainda estava ali quando a *Surprise* chegou rebocando os dois botes. Jack virou e atracou a fragata com o costado de estibordo do baleeiro.

— Eu o deixei para o senhor, senhor — gritou Pullings, do outro lado do convés da presa.

— Muito bem, Tom — disse Jack, tirando os salpicos da rosto, pois mesmo ali, a sotavento das duas embarcações, as ondas eram muito altas. — Desçam o cúter azul. E o senhor, senhor Grainger, por favor, vá tomar posse dele e envie o capitão aqui com seus papéis. Ei, do baleeiro!

— Senhor?

— Derrame um par de barris pela proa e popa.

— Sim, sim, senhor — respondeu o capitão.

Era um homem de pouco cabelo e feições duras e agora estava desejoso de agradar. Um momento depois saiu óleo de baleia pelos embornais e se estendeu com rapidez. As ondas não cessaram, mas não houve mais salpicos porque não se formou mais espuma entre as embarcações nem a certa distância por sotavento.

— Gostaria de ir, doutor? — perguntou Jack com amabilidade.
— Acho que sempre desejou ver um baleeiro.

Stephen assentiu com a cabeça e imediatamente passou uma tira de bandagem por cima do chapéu e da peruca e a atou debaixo do queixo. Jack projetou a voz para os botes meio cheios de água e disse:

— Amigos, é melhor que subam a bordo antes de que se afoguem.

Tardaram um pouco em descer o doutor até o cúter azul e um pouco mais em subi-lo pelo gordurento costado do baleeiro, onde o capitão o ajudou estendendo-lhe a mão e Bonden empurrando-lhe desde baixo. Quase não havia chegado ao asqueroso convés, quando os tripulantes dos botes do baleeiro subiram com seus instrumentos. Alguns marinheiros levavam lanças e outros brilhantes arpões. A maioria deles subiu pela alheta, tão ágeis como gatos, e avançaram para a proa dando gritos confusos. O capitão retrocedeu para o pau maior.

— Porco, deixou-nos no oceano para que morressemos! — gritou o primeiro.

— Desdobrou as velas e partiu a toda velocidade! — exclamou o segundo, quase não articulando as palavras, enquanto agitava a lança.

— Judas! — gritou o terceiro.

— Bem, Zeek, baixe essa lança — disse o capitão. — Deveria tê-los recolhido...

O corpulento arpoador, o homem que estava amarrado à grande baleia, foi o último a subir. Abriu passagem entre a multidão que gritava e, sem dizer nada, cravou o arpão no peito do capitão, até chegar à madeira.

Stephen voltou à Surprise coberto de sangue, depois de um exame inútil porque o homem tinha o coração e a coluna vertebral partidos, e se informou de que Martin fora levado para baixo porque estava enfermo. Lavou as mãos em um balde de água salgada e desceu correndo. Apesar da atividade que havia no convés, a câmara dos oficiais era um exemplo da inevitável dissipação da vida marinheira. Dois oficiais, com expressão angustiada, estavam sentados à mesa diante de uma tigela de sopa e umas bolachas; o cozinheiro estava de pé na porta com a lista para a comida na mão e a dama cinza e barbuda da câmara dos oficiais estava jogada junto dele. Todos escutavam com preocupação as lamúrias e exclamações de Martin no sanitário, um asqueroso e reduzido espaço situado detrás do paiol do pão que servia de latrina para os oficiais, pois a coberta ficava muito baixa para pôr algo melhor que um balde.

Por fim Martin saiu, arrumando a roupa e com um aspecto inumano. Foi cambaleando até sua cabine e se deixou cair na maca respirando entrecortadamente. Stephen o seguiu, sentou-se em um tamborete e, aproximando-se da cabeça de Martin, disse em voz baixa:

— Querido colega, acho que não está bem. Poderia fazer algo, misturar algum paliativo suave, alguma poção?

— Não, não, obrigado — respondeu Martin. — É uma indisposição passageira. Tudo o que necessito é descansar e ficar tranqüilo — acrescentou, e se virou para o outro lado.

Estava claro para Stephen que nesse momento nada do que dissesse seria eficaz, e quando Martin começou a respirar profundamente, ele o deixou sozinho.

O resto da fragata irradiava vida. Os prisioneiros subiam a bordo com seus baús, e um grupo de tripulantes ia tomar posse da presa. Como era costume, o senhor Adams, o escrevente do capitão, comprovou a presença dos marinheiros do baleeiro pelo rol na grande cabine. Jack e Tom Pullings estavam lá, observando-os, escutando suas respostas e pensando em como dividir-lhes. Agora esses homens estavam tristes e decepcionados porque em um momento tinham perdido o acumulado nos três anos que estiveram sulcando os mares, mas dentro de pouco recobriariam o ânimo. Em

muitas ocasiões os prisioneiros haviam se rebelado contra seus captores e tinham se apoderado do barco. Além disso, os marinheiros das colônias do norte podiam ser tão incômodos e belicosos como os irlandeses.

Parecia que apenas uma vintena pertencia à tripulação original, que procedia de Nantucket, Martha's Vineyard e New Bedford. Em três anos muitos tinham morrido afogados ou por causa da violência e das doenças e dois ou três haviam fugido, pelo que os haviam substituído por habitantes das ilhas do Pacífico sul e pelos marinheiros que encontraram nos estranhos portos do Pacífico: portugueses, mexicanos, índianos de baixa casta e um chinês errante. A divisão foi bastante simples, apesar da escassez de tripulantes que a *Surprise* já tinha.

O último prisioneiro, um jovem corpulento que havia ficado atrás, parou diante da mesa e, com voz potente e um forte e inequívoco sotaque de Wapping, se apresentou:

— Edward Shelton, senhor, lanceiro, guarda de estibordo, nascido em Wapping.

— Que faz o senhor em um barco inimigo? — perguntou Adams.

— Fui pescar baleias em tempo de paz e me alistei neste barco muito antes de que começasse a guerra americana — informou Shelton com certeza. — Posso dizer duas palavras ao capitão?

Adams olhou para Jack, que, em um tom amável mas que não parecia prometer nada, perguntou:

— Que tem que dizer, Shelton?

— O senhor não me conhece, senhor — começou Shelton, tocando a testa com o indicador dobrado, como era costume na Armada, — mas lhe vi muitas vezes em Porto Mahón, quando estava ao comando da *Sophie*. Vi como trazia o *Cacafuego* a reboque, senhor. E lhe vi muitas vezes em Pompey^{9} quando subia a bordo do *Euryalus*, que estava sob o comando do capitão Dundas, Heneage Dundas, pois eu era um dos marinheiros que ajudava a subir pelo costado.

Depois de fazer-lhe uma ou duas perguntas por questões de consciência, Jack lhe disse:

— Bem, Shelton, se quer regressar para a Armada, se quer alistar-se voluntariamente, receberá uma recompensa e será classificado convenientemente.

— Obrigado por sua amabilidade, senhoria — disse Shelton, — mas o que eu queria contar-lhe era algo que ocorreu em Callao. Saímos de lá no dia 7, e quando estávamos subindo as provisões a bordo — alcatrão, cabos, lona e peixe seco — havia no cais um mercante de Liverpool que ia de regresso para a Inglaterra e estava se preparando para dobrar o cabo de Hornos. Saímos no dia 7, que era uma terça-feira, também com destino ao nosso país, ainda que não de todo satisfeitos porque a viagem não havia sido muito boa e não estávamos muito contentes, só pela metade. Na alvorada, quando estávamos diante de Chinchas, vimos um barco de quatro mastros a barlavento. Parecia um barco de guerra, mas nosso capitão disse: “Eu o conheço, companheiros, e é amigo. É um barco pirata francês, de Burdeos”. Então pôs o barco em paio, pois não podia fazer outra coisa porque estava a sotavento de um barco de trinta e dois canhões com enormes vergas e uma bandeira negra ondeando em um mastro. Quando estávamos assim, o capitão começou a passear para cima e para baixo roendo as unhas e dizendo: “meu Deus, espero que se recorde de mim!”. E depois disse a seu ajudante, que era o único filho de sua tia. “Chuck, acredita que é possível que se recorde de nós?” E se recordou. Imediatamente arriou a bandeira negra e nos atracamos com ele. O capitão perguntou pelo mercante de Liverpool e lhe respondemos que sairia do porto em menos de um mês. Então disse que se deslocaria para o oeste, para ver se encontrava um baleeiro inglês ou um mercante dos que fazem o comércio com a China, e que depois voltaria a situar-se diante de Chinchas. Acrescentou que a umas trinta léguas ao oeste-noroeste o mar estava cheio de baleeiros e baleias. Zarpamos juntos e fomos nos separando pouco a pouco. No dia seguinte de deixarmos de ver seus joanetes, chegamos a essa zona, e havia baleias ofegando por todo lado.

— Fale-me de seus canhões.

— Tinha trinta e dois canhões de nove libras ou talvez de doze, mas todos eram de bronze. Além disso, tinha caronadas. Nunca

havia visto um barco corsário armado assim, mas não quis subir a bordo nem demonstrar demasiada curiosidade, muito menos fazer perguntas em meio de uma multidão de pilantras.

— A bandeira negra era autêntica?

— Oh, sim, senhor, era autêntica! Eram homens de armas cruzadas, como nunca tinha visto. Eram capazes de pisotear o crucifixo. Mas o senhor e seu companheiro poderiam acabar com eles. Além disso, acredito que a *Surprise* poderia fazê-lo sozinha, ainda que a batalha seria disputada. E se arriscaria muito, porque eles têm que afundar ou ser afundados. O que quero dizer é que sabem que se forem aprisionados serão enforcados. Há meia dúzia de...

Nesse momento deixou de ouvir-se sua voz e baixou a cabeça, pois notou certa frieza que indicava que havia falado demais.

— Tão duro como longo — disse Jack, com certa amabilidade.

— Bem, Shelton, quer que o senhor Adams lhe inscreva como marinheiro voluntário, ou recrutado à força?

— Como voluntário, senhor, por favor — respondeu Shelton.

— Inscreva-o assim, senhor Adams, e, pelo momento, classifique-o como marinheiro de primeira da guarda de estibordo — ordenou Jack. Então, em um pedaço de papel, escreveu: “Shelton, entregue este papel ao oficial de guarda”.

— Bem, Tom — continuou depois quando Shelton se foi, — o que acha?

— Eu acredito nele, até a última palavra, senhor — respondeu Pullings. — Não dou mais valor à minha opinião que à sua, mas acredito.

— Eu também — disse Jack.

O velho e experiente Adams assentiu com a cabeça. Jack tocou a campainha.

— Digam ao senhor Vidal que venha — ordenou e, depois de alguns momentos, explicou: — Senhor Vidal, quando tenhamos falado com o capitão do baleeiro, vejamos suas cartas marítimas e tiremos do barco toda a água que possamos em trinta minutos, o senhor assumirá o comando e o levará a Callao com uma quantidade moderada de velame desdobrado. Nós nos desviaremos um pouco

com a esperança de encontrar um barco francês, e é provável que alcancemos ao senhor; mas se não for assim, espere lá. O senhor Adams lhe dará os documentos necessários e o nome de nosso agente, que se ocupou das presas da fragata quando saímos. Pode levar alguns de nossos homens e o capitão, o contramestre e o cozinheiro do baleeiro, ainda que, certamente, não poderão levar armas em cima nem nos baús.

— Muito bem, senhor — disse Vidal, impassível.

— Com respeito à água, tem meia hora para tirá-la, assim que não há nem um minuto a perder. Posto que o mar está um pouco agitado, jogue bastante óleo de baleia, não economize. Um ou dois barris não levam a lugar nenhum.

— Sim, sim, senhor. Jogar e não economizar.

— Jack, sabia que os diligentes marinheiros trouxeram uma grande quantidade de barris de água? — perguntou Stephen quando chegou para a janta, mais tardia que o habitual e com menos luz.

— Ah, foi? — perguntou Jack. — Isso me assombra.

— Sim. Posso pegar um pouco para lavar meus pacientes com uma esponja e finalmente lavar suas roupas?

— Bem, pode pegar um pouco para lavá-los. Estou seguro de que uma tigela pequena lhe bastará. Mas com respeito a lavar-lhes a roupa, lavar-lhes a roupa... meu Deus! Isso seria um gasto extraordinário, sabia? O sal não faz mal aos arenques nem às lagostas. Além disso, minha camisa não é lavada com água doce sabe Deus há quanto tempo e parece papel de lixa. Esperemos até que chova. Tem olhado o barômetro?

— Não.

— Começou a baixar na primeira guarda do quartilho, e já chegou a vinte e nove polegadas e segue baixando. Olhe o menisco. Além disso, o vento está rolando para popa. Se não houver fortes rajadas de chuva esta noite ou amanhã, eu lhe darei um dos barris isto é, meio barril, para a roupa.

Depois de um curto e insatisfatório silêncio, o doutor Maturin disse:

— Sem dúvida, não será novo para você que o baleeiro partiu, conforme me disseram, para Callao. Que Deus os abençoe se podem chegar lá.

— Eu notei — disse Jack, cortando o bolo de carne, pescado e vegetais.

— Mas talvez não saiba que dois de seus homens esqueceram seus comprimidos nem que Padeen deu a Smith um linimento mas se esqueceu de dizer-lhe que tinha que fazer fricções com ele em vez de tomá-lo. Contudo, ninguém, ninguém me disse por que navegamos com tanto afã pelo enfurecido mar com marinheiros cujos nomes nem sequer conheço, em direção, a julgar pelo sol, quase oposta ao Peru, aonde estava ansioso para ir, aonde você me fez acreditar que chegaríamos antes do aniversário de Briedie.

— Nunca disse qual aniversário, se este ou o próximo.

— Não sei como pode falar de minha filha com tanta leveza. Sempre falei das suas com o devido respeito.

— Uma vez, quando ainda usavam fraldas, as chamou de “um par de tontas com cabeça de nabo”.

Stephen refletiu alguns momentos e depois disse:

— Deveria ficar envergonhado, Jack, muito envergonhado. Essas foram suas próprias palavras quando me mostrou-as em Ashgrove antes de fazer a viagem para a ilha Maurício. Que o diabo o leve!

— Bem, talvez fossem. Sim, tem razão. Agora o recordo. Você me aconselhou que não as jogasse ao ar porque isso era mau para a mente. Desculpe-me. Mas diga-me, amigo, ninguém lhe disse o que se passa?

— Ninguém.

— Onde esteve?

— Estive abaixo, em minha cabine, pensando no mercúrio.

— Uma estupenda atividade. Mas agora não poderá vê-lo, sabia?, porque está muito perto do sol. Para dizer verdade, sua aparição não é um grande espetáculo nem ajuda muito à navegação, ainda que tem seu encanto do ponto de vista astronômico.

— Referia-me ao elemento metálico. Em estado puro, o mercúrio é completamente neutro e pode tomar-se meia pinta sem

que cause estrago; contudo, em suas diversas combinações às vezes é benigno... onde estariam seus corpulentos marinheiros sem a pílula azul...?; e às vezes, quando está em mãos inexperatas, forma compostos que são letais em doses tão pequenas que parece inconcebível.

— Assim que não sabe nada do que ocorre...

— Meu amigo, em ocasiões pode chegar a ser muito chato. Certamente, ouvi que alguns homens gritavam: "Fodidos, fodidos, nós os fodiremos!". Entre parêntese, Jack, diga-me o que significa a palavra "fodido". Eu a tenho ouvido frequentemente a bordo, mas não pude me informar bem de qual é o significado náutico.

— Não é um termo náutico. A usam em terra tanto como a bordo. É uma grosseria e significa o que copula ou tem relações sexuais.

Stephen refletiu um momento e disse:

— Assim que "fodido" é semelhante a sodomita e a outros insultos piores que se usam para expressar desprezo e desafiar, por exemplo, a um inimigo. E, curiosamente, faz referência às emoções subjacentes dos amantes. Conquista, estupro, subjugação... Pergunto-me se as mulheres têm um linguagem similar.

— Em algumas partes da região ocidental da Inglaterra os carneiros são chamados de fodidos — explicou Jack, — assim como os gatos são chamados de bichanos, e, sem dúvida, isso é parte de seu dever. Mas não sei o que veio primeiro, se o fato ou quem os fez, se o ovo ou a galinha. Não sou bastante instruído para dizê-lo.

— Não é a galinha?

— Não, em absoluto, querido Stephen. Quem falou de uma galinha? Mas permita-me dizer por que navegamos a toda vela em uma noite que promete trazer tão mau tempo. Na tripulação do baleeiro havia um inglês chamado Shelton, um marinheiro do traquete no *Euryalus* quando estava ao comando de Heneage Dundas, e nos falou de um barco francês, o *Alastor*, que ataca a qualquer embarcação de menor potência seja qual for sua nacionalidade. É um genuíno barco pirata e leva a bandeira negra com as tíbias e uma caveira, o que significa: "Rendam-se ou mataremos a todos os marinheiros e grumetes que estejam a bordo

e não daremos nem pediremos trégua”. Comprovamos a informação de Shelton e observamos a carta marítima do baleeiro, onde estava assinalado o percurso, desde que saiu de Callao até ontem ao anoitecer, e sabemos onde é provável que se encontre o *Alastor*. Sua intenção é regressar à costa e esperar diante de Chinchas por um barco de Liverpool que está reabastecendo em Callao antes de regressar à Inglaterra. Escute!

Acima de suas cabeças, três relâmpagos de extraordinário brilho iluminaram a escada do castelinho. Depois se ouviram trovões à altura dos topos dos paus e depois chegou o ruído ensurdecido da forte chuva, não exatamente como um rugido mas de um volume tão alto que Jack teve que inclinar-se sobre a mesa para dizer a Stephen que agora poderia lavar seus pacientes e suas roupas também, que haveria água suficiente para toda a tripulação e que durante os primeiros dez minutos arrastaria toda a sujeira e depois seria recolhida nos botes e nos tonéis.

A chuva não afetou muito as fortes ondas que chegavam do noroeste, mas alisou a superfície quase como o óleo e afogou incontáveis ruídos superficiais de modo que seu som chegou até a enfermaria. Stephen, que estava fazendo a ronda da tarde, teve que repetir suas palavras:

— Assombra-me vê-lo aqui, senhor Martin. Não está em condições de ficar levantado e deve voltar para a cama imediatamente.

Obviamente, não estava em condições de ficar levantado. Tinha os olhos afundados, o rosto ossudo e os lábios apenas visíveis.

— Só tinha uma leve indisposição, como lhe disse — afirmou, mas teve que agarrar-se ao estojo de remédios para manter-se de pé.

— Bobagens — replicou Stephen. — Deve voltar para a cama imediatamente. É uma ordem, estimado senhor. Padeen, pode ajudar o senhor Martin a ir para sua cabine?

Quando Stephen terminou seu trabalho, subiu a escada e foi à câmara dos oficiais. Não se moveu exatamente como um marinheiro, porque o fez com vacilação e como um caranguejo, mas nenhum homem do interior teria prestado tão pouca atenção ao cabeceio da

fragata, que avançava a toda vela com um vento que permitia levar desdobradas as gáveas, a 35 graus pela alheta, enquanto a popa subia e subia com as ondas. Tampouco nenhum outro homem do interior teria ficado ali observando o lugar onde se alojavam seus companheiros oficiais, quase sem perceber o movimento.

A câmara era escura e alongada como um corredor. Tinha dezoito pés de largura e vinte e oito de comprimento. No centro havia uma mesa que era quase do mesmo comprimento e de ambos os lados ficavam as cabines dos oficiais, cujas portas se abriam para fora, pois se abrissem para dentro esmagariam a quem estivesse no interior. Agora não tinha ninguém na câmara exceto um marinheiro que estava polindo a mesa e a base do mastro mezena, que majestosamente se alçava sobre ela, atravessando-a pelo centro; contudo, na cabine mais próxima de popa podiam ouvir-se os roncões de Wilkins, que tinha acabado de terminar a guarda. Quando soassem as quatro badaladas, a mesa se encheria de homens ansiosos para jantar. Como era provável que Dutourd fosse convidado (e, sem dúvida, falaria), e os reféns quase sempre faziam muito ruído, aquele não era um lugar apropriado para um homem enfermo. Entrou na cabine de Martin e se sentou junto a sua maca. Como Martin havia se deitado por ordem sua, sua relação tinha mudado e agora era como a que mantêm um médico e um paciente, e a autoridade que tinha como médico estava reforçada pelo Código Naval. Em qualquer caso, superara um limite e agora Stephen não vacilava em ocupar-se do caso como o teria feito se Martin se tivesse ficado louco de repente e fosse necessário encerrá-lo.

Agora Martin respirava tranqüilamente e parecia estar afundado em um sono semelhante a um estado comatoso, mas Stephen estava preocupado com seu pulso. Pouco depois, negando com a cabeça, saiu da cabine. Ao chegar ao pé da escada viu o jovem Wedell descer, empapado até os ossos.

— Por favor, senhor Wedell, o capitão está no convés? — perguntou.

— Sim, senhor, está no castelo olhando para frente. — Stephen agarrou-se ao corrimão e Wedell perguntou: — Quer que lhe dê uma mensagem, senhor? Já estou empapado.

— O senhor é muito amável. Apresente-lhe meus respeitos e diga-lhe que o senhor Martin está muito mal e que eu gostaria de transferi-lo para o camarote dos guardas-marinhas de bombordo, pelo que agradeceria a ajuda de dois marinheiros fortes e sensatos.

Os marinheiros em questão, Bonden e um corpulento marinheiro do castelo que poderia ter sido seu irmão mais velho analisaram rapidamente a situação, como bons marinheiros, e sem dizer mais que “Pela cabeça, companheiro” e “Com cuidado” soltaram a maca onde Martin estava. Sem tirá-lo dela, dando um trotezinho com seus pés descalços, levaram-no para o camarote vazio, que Padeen havia arrumado e pendurado uma lanterna. Ambos pensavam que o ajudante do doutor estava bêbado como um gambá, e na verdade seu completo relaxamento e sua respiração tranqüila davam essa impressão.

Mas esse não era o caso. Nathaniel Martin se deitara com roupa e parecia inconsciente. Quando Stephen e Padeen o despiram, viram que grande parte de seu corpo estava coberto de chagas aparecidas recentemente.

— Isto é lepra, sua senhoria? — perguntou Padeen, falando com mais vacilação e mais devagar que de costume por causa de seu assombro.

— Não — respondeu Stephen. — Isto é o efeito do sal nas peles muito sensíveis e nas pessoas de constituição débil. Vá pegar água doce, que provavelmente já teremos, e se o fogão estiver aceso, esquite-a. Traga duas esponjas, duas toalhas e lençóis limpos do baú que está junto a minha cama. Pergunte a Killick quais foram as últimas lavadas com água doce.

Então disse para si mesmo: “Sal e algo pior atuando sobre uma mente sensível, sobre uma mente desgraçada”.

Vira muitos casos de lepra; havia visto eczemas, sem dúvida, e o efeito do calor extremo; mas nunca tinha visto nada como isso. Havia muitos aspectos do estado de Martin que não podia entender, e ainda que passavam por sua mente muitas analogias que poderiam servir de pistas para resolver o enigma, nenhuma bastava para fazê-lo.

Quando Padeen regressou, ambos lavaram Martin duas vezes com água morna. Depois lhe untaram com azeite de oliva onde era conveniente e, completamente nu, porque estava quente e não necessitava de uma camisa de dormir, envolveram-no em uma lençol limpo. De vez em quando gemia ou dizia palavras desconexas; duas vezes abriu os olhos, levantou a cabeça e olhou ao redor sem compreender; uma vez tomou um pouco de água com suco de limão; porém, geralmente, seguia ali como se estivesse inerte e já não tinha sua habitual expressão de angústia.

Stephen mandou Padeen ir se deitar e se sentou junto de Martin. Enquanto o lavavam, buscara sintomas da doença venérea que suspeitava que tinha, mas não havia nenhum. Como cirurgião naval, tinha muita experiência na matéria, e não encontrara nenhum sintoma. Sabia, assim como qualquer médico, que a mente podia causar coisas assombrosas ao corpo, como por exemplo, falsas gravidezes em que havia perceptível secreção de leite e outros sinais de gravidez; contudo, as chagas que tinha diante de si eram de outro tipo e mais virulentas. Possivelmente, Martin acreditava que tinha sífilis e essa idéia podia provocar transtornos da pele, certas formas de paralisia, prisão de ventre, secreções incontroladas e, além disso, em um homem como ele, apareciam todos os efeitos de uma profunda ansiedade, sentimento de culpa e ódio a si mesmo, mas não aquele sofrimento horrível. Vira algo parecido em um paciente a quem sua esposa o estava envenenando pouco a pouco. Mais por intuição que por um claro raciocínio, esperava que sofresse uma crise em torno das três da madrugada, durante a guarda do primeiro quartilho, quando geralmente morria muita gente, ou na alvorada.

Continuou sentado ali. A fragata estava cheia de ruídos (o ceceio da água ao passar pelos costados, a combinação de todos os sons da exércia sob a pressão de uma grande quantidade de velame desdobrado, o chiado das bombas, pois com aquele vento e aquela marejada, afundava-se na água até os pescantes e entrava uma considerável quantidade de água, à qual se somava de vez em quando a de um aguaceiro), mas ele estava tão acostumado a eles

que pôde distinguir as badaladas que marcavam o troca de guarda e que amiúde coincidiam com o som de seu relógio de bolso.

Também estava acostumado a ficar nessa cabine. Quando a fragata era um barco de guerra normal, iam a bordo vários guardas-marinhas, ajudantes de oficial de derrota e outros marinheiros, para os quais se necessitavam dois camarotes. Agora, em seu estado atual, que era ambíguo porque sendo um barco alugado por Sua Majestade (cuja missão era a espionagem), atuava como um barco corsário para ocultá-lo, somente iam a bordo três deles e só necessitavam de um camarote, o de estibordo. Pouco tempo depois de sair de Sydney Cove, quando foi descoberta Clarissa, uma clandestina, e imediatamente se casou com o guarda-marinha que a escondera, haviam dado a cabine de bombordo ao casal, e ele se sentara ali com ela muitas vezes quando o tempo era mau e era impossível ficar no convés. Contudo, as freqüentes consultas que ela lhe havia feito ocorreram em sua cabine, que era melhor iluminada.

O doutor Maturin, por ser o cirurgião da fragata, pertencia oficialmente ao grupo de oficiais, e ainda que quase sempre ficasse na grande cabine com seu amigo íntimo Jack Aubrey e dormisse em uma pequena cabine que ficava na parte anterior, seguia sendo membro desse grupo. De todos eles era o único de quem o pobre cornudo Oakes não ficava com receio e, contudo, era o único unido a Clarissa como pessoa, não como um meio para obter um fim, e o único que poderia roubar de Oakes seu carinho, que talvez fosse o que o jovem valorizava mais. Indubtavelmente, Stephen era consciente de seu atrativo, pois nesse aspecto era um homem sensual como qualquer outro, e ainda que durante o período em que tomava ópio seu ardor diminuía tanto que a continência já não era uma virtude, depois havia ressurgido com uma força extraordinária. Porém, em sua opinião, uma relação amorosa só era importante se o desejo e o prazer fossem compartilhados, e desde que conhecera Clarissa tinha compreendido que fazer amor não significava nada para ela, que era um ato sem importância. Para ela não lhe produzia nenhum prazer, e ainda que por sua generosidade ou por seu desejo de agradar aos outros poderia gratificar a um amante, podia dizer-se que sua falta de castidade era casta. Então não estavam implicados

aspectos morais. As experiências de sua infância (a solidão em uma remota casa de campo, o abuso a uma idade temporã e a completa ignorância do mundo real), não um defeito corporal, eram as responsáveis por sua atitude. Não levava nada disso escrito na testa nem confiava em ninguém que não fosse seu médico. Ela e seu esposo, em meio de uma desaprovação geral, foram postos em uma das presas e mandados para Batavia. Dali iriam para a Inglaterra em um mercante que fazia o comércio com as índias e talvez então ela ficaria com Diana enquanto seu esposo voltava a navegar, pois estava deseioso de ter êxito na Armada.

Stephen a lembrou com carinho. Admirava, sobretudo, sua coragem. Ela tivera uma vida difícil em Londres e uma vida horrível no campo de prisioneiros de Nova Gales do Sul, mas as havia suportado admiravelmente e conservara sua integridade e não tinha pena de si mesma nem se queixava. Ainda que sabia que essa coragem estava acompanhado de certa ferocidade (deportaram-na por estourar os miolos de um homem), isso não afetava o apreço que lhe tinha.

Também lhe agradava o seu aspecto. Sua beleza não era evidente de imediato, mas tinha uma figura bonita e esbelta e um porte elegante. Não era tão bonita como Diana, com seu cabelo negro e seus olhos azuis, mas ambas tinham as costas muito erguidas, a mesma graça em seus movimentos e a cabeça pequena e muito esbelta, mas Clarissa era loira. Ambas tinham também a mesma coragem e ele esperava que fossem amigas. Era verdade que na casa de Diana estava Brigit, a filha que Stephen ainda não conhecia, e que Clarissa não gostava de crianças, mas tinha boa educação e era carinhosa a sua maneira, e a menos que a menina fosse extraordinariamente desagradável, o que não podia acreditar, provavelmente ela faria uma excessão.

Badaladas, badaladas, badaladas... E entre elas tinha longos pensamentos e Martim seguia dormindo.

Oito badaladas. Os marinheiros, correndo sob o aguaceiro, desceram para ficarem nas macas até que estivessem mais ou menos secos, depois de passarem um período de muito trabalho e

angústia, pondo e soltando rizes debaixo da chuva e ensopando-se até os ossos.

Jack permaneceu no convés. O vento havia amainado um pouco e agora chegava pela alheta da fragata; o mar estava menos agitado. Se isto continuasse, e era provável que assim fosse, logo poderia abrir as joanetas. Mas nem a calmaria do mar nem o vento eram as coisas que mais lhe preocupavam agora. Durante a noite perderam o Franklin de vista e, a menos que pudessem encontrá-lo outra vez, a busca não seria tão eficiente. Além disso, mesmo com a remota possibilidade de uma batalha, seu objetivo era mostrar que tinha uma potência decisiva. Não se podia dizer que era um covarde, mas preferia uma batalha sem derramamento de sangue. Amiúde arriscara a vida de seus homens e seu barco, mas nunca quando tinha a possibilidade de ficar ao alcance de um inimigo tão potente que ninguém em seu sã juízo resistiria. Então arriava a bandeira e, sem derramar sangue nem sofrer danos, voltava a levar para a santa-bárbara a valiosa pólvora e sua honra ficava intacta. Na realidade, era um guerreiro profissional, não um herói; em troca, o outro barco, conforme diziam, era um barco pirata, e Shelton havia visto sua bandeira negra. E se era um pirata, o mais provável era que resistisse ou fugisse. Também era possível que levasse a bandeira como galhardete ou com o fim de vencer um autêntico barco pirata pelo terror. Jack tinha visto fazê-lo antes. Era muito raro encontrar autênticos piratas naquelas águas, ainda que não o fosse em outras partes; mas alguns barcos corsários, quando estavam muito longe da costa, às vezes superavam o limite. Por outra parte, um autêntico pirata não teria deixado escapar um baleeiro carregado. Não lhe agradava que a *Surprise* tivesse que lutar ou fugir e não queria que tivesse arranhões nem que os cabos e as velas sofressem danos, e poucas coisas lhe agradariam mais que avistar o Franklin.

Enquanto caíam os três primeiros aguaceiros da noite, deixou de ver o farol do cesto da gávea. Quando o céu limpava, na medida do possível com mau tempo, o barco tinha reaparecido no lugar que lhe correspondia, pela amura de estibordo. Mas depois do quarto aguaceiro, que durou muito, não o tinham voltado a vê-lo. Nesse

momento havia vento em popa, e assim era como o Franklin, um barco pequeno mas muito bem construído, poderia afastar-se da *Surprise*. Tom Pullings, um modelo de retidão, nunca teria querido fazer isso, mas com o mar tão agitado a barquilha não podia ser uma guia infalível, e por isso Jack, em meio da escuridão, olhava atentamente para frente pela amura de estibordo.

Cada vez estava menos escuro, e ainda que pelo sudeste, por onde a chuva se afastava, a escuridão era impenetrável, no conjunto de nuvens que estava pela popa se distinguiam alguns claros onde se viam as estrelas. Por um momento pôde ver a Rigel Kent acima da cruzeta, e se podia ver a Rigel Kent a essa altura, o amanhecer não estava longe.

Também viu a Killick junto à bitácula, sustentando um guardanapo desnecessário.

— Senhor Wilkins — disse ao oficial de guarda, — vou descer. Chame-me se o vento mudar ou se avistar algum barco.

Desceu apressadamente a escada do castelinho e entrou na cabine, onde havia um agradável odor de café. A cafeteira estava colocada em um cardam debaixo de uma lanterna. Arrumou o cabelo, que era muito comprido como o da maioria dos tripulantes, ainda que os marinheiros geralmente o usavam arrumado em uma longa trança, ele o dobrava e o atava com um laço. Todos exceto os que usavam o cabelo curto tinham soltado o cabelo para que a cálida chuva lhe tirasse o sal, e seu aspecto era muito desagradável porque tinham mechas amassadas cobrindo seu torso desnudo. Arrumou o cabelo, retorceu e depois o amarru com um lenço. Então tomou três xícaras de café com grande satisfação, comeu uma bolacha velha e pediu toalhas. Deitou-se sobre o escaninho de popa, pôs as toalhas debaixo da cabeça e perguntou pelo doutor.

— Está mais calmo que um morto, senhor — informou Killick.

Jack assentiu. Dormiu imediatamente apesar de que o café era forte e o ruído produzido pelas ondas o era ainda mais. Suas cristas se rompiam por causa do vento e chocavam-se contra o grosso postigo que protegia a fileira de janelas de popa, que se encontrava a seis polegadas de seu ouvido esquerdo.

— Senhor, senhor — sussurrou-lhe uma voz trêmula no ouvido direito.

Mandaram Norton, o jovem alto e forte mas tímido, para despertá-lo.

— O que foi, senhor Norton?

— O senhor Wilkins acredita que escutou disparos, senhor.

— Obrigado. Diga-lhe que subirei ao convés imediatamente.

Jack levantou-se de um salto. Enquanto se servia de um pouco de café frio, Norton voltou a colocar a cabeça pela porta e acrescentou:

— Também ordenou que lhe apresentasse seus respeitos, senhor.

Apenas a *Surprise* deu um cabeceio com um leve retorcimento, Jack chegou ao alto da escada rodeada pela penumbra.

— Bom dia, senhor Wilkins — cumprimentou. — Onde estão?

— Pela amura de estibordo, senhor. É possível que sejam trovões, mas pensei que...

Poderiam ter sido trovões, pois naquela parte se viam relâmpagos na escuridão.

— Tope! Ei, do tope! O que vê?

— Nada, senhor — gritou o serviola. — Tudo está negro como uma boca de lobo.

A bombordo o sol saíra fazia vinte minutos. As nuvens eram cinzas e por entre as clareiras se viam nuvens menos escuras e o céu mais claro. Adiante e pela amura de estibordo tudo estava escuro; pela popa, muito longe, tudo o estava ainda mais. O vento havia rolado alguns graus, mas soprava quase com a mesma força; o mar estava muito mais normal, e ainda que ainda houvesse marejada, não havia correntes cruzadas.

Todos os que se encontravam no convés estavam imóveis, alguns com esfregões e outros com baldes e pedra arenito. Não prestavam atenção ao que lhes rodeava, e todos tinham a cara voltada para o este-sudeste e olhavam atentamente para a azulada escuridão.

Puderam ver ali vários feixes de luz cruzados e se ouviu um distante ruído estrondoso acompanhado de um ou dois rangidos.

Todos os marinheiros olharam para seus companheiros. Wilkins olhou para o capitão.

— Veremos — disse Jack. — De toda forma, subam os baús com as armas para a entrecoberta.

Passaram vários minutos, minutos de indecisão. Reiniciou-se a limpeza do convés, um trabalho sagrado, se algum o era. Wilkins mandou para o leme mais dois marinheiros, porque a chuva que estava pela popa se aproximava com rapidez da esteira.

— Possivelmente esta seja a última — disse Jack, vendo um espaço azul acima de suas cabeças.

Caminhou pela popa, inclinou-se sobre o coroamento e observou como se aproximava a escura chuva, iluminada por inumeráveis relâmpagos como os que haviam passado por cima deles essa noite. O azul desapareceu e o dia se escureceu.

— Subam as escotas — ordenou.

Enquanto percorreram o último quarto de milha a chuva se via com nitidez. Vinha do alto do céu e era uma massa roxa-escura arredondada por cima e rodeada de água branca na base. Já cobria a metade do horizonte e avançava com uma rapidez incrível para seu volume.

Então chegou até eles. Era cegante e os salpicos entre as enormes e fortes gotas eram tão grossos que quase não podiam respirar. A fragata, como se tivessem lhe dado um tremendo empurrão, moveu-se para frente bruscamente nas escuras e agitadas águas. Enquanto a parte anterior da massa de chuva envolvia a fragata e muito depois de ter passado adiante com toda sua violência, o tempo quase não tinha significado. Mas quando o aguaceiro se reduziu a um chuvisco e o vento voltou a se fixar no sudoeste, os marinheiros que estavam no leme deixaram de segurá-lo com força, respiraram tranqüilamente e se fizeram inclinações de cabeça uns para os outros e para o suboficial. Os marinheiros moveram as escotas para popa e a fragata seguiu avançando enquanto a água saía a jorros pelos embornais. Foi acompanhada durante um tempo por algumas nuvens baixas que se tornaram cada vez mais finas, até que de repente deixaram o descoberto céu azul iluminado pelo sol. E poucos minutos depois o sol saiu de detrás do

plúmbeo banco de nuvens a bombordo. Aquela rajada de chuva foi certamente a última da série. A *Surprise* seguiu navegando justamente atrás da chuva, que se afastava para o sudeste e cobria de escuridão uma grande parte do mar.

Adiante, sempre adiante. Agora, com o sol, podiam distinguir a escura frente da massa de chuva do cinza extremo final, que ia seguido por uma grande claridade. Um momento depois o serviola que estava no traquete gritou:

— Barco à vista! Dois barcos pela amura de estibordo! Atenção, convés, dois barcos pela amura de estibordo!

Mas essa notícia não foi uma surpresa porque já não havia escuridão entre eles e todos a bordo podiam ver claramente seus cascos.

Jack já estava subindo ao cesto da gávea antes da repetição da mensagem. Ajustou a luneta para observar os primeiros detalhes, ainda que uma simples olhada havia lhe permitido captar o principal da situação. O barco mais próximo era o *Alastor*, que levava uma bandeira negra e estava unido ao *Franklin* por ganchos. Os marinheiros lutavam corpo a corpo no convés e na entrecoberta, e por isso não havia canhoneiros. Usavam armas leves, não canhões.

— Todos os marinheiros, todos os marinheiros! — gritou. — Joanetes!

Observou que efeito produziam e notou que a fragata ainda podia suportar mais velame. Depois, desde o castelo de popa, ordenou que desdobrassem as alas superiores e inferiores e depois as sobrejoanetes.

— Jogue a barquilha, senhor Reade — ordenou. Agora o *Alastor* estava justo diante, de lado, e pela luneta pôde ver que tratava de soltar-se mas o *Franklin* resistia à tentativa.

— Onze braças, senhor, com sua permissão — disse Reade junto dele.

Jack assentiu com a cabeça. Os dois barcos unidos pelos ganchos se encontravam a umas duas milhas de distância. Se nenhuma vela não se desprendesse, poderia atracar-se com eles em dez minutos, porque a *Surprise* ganharia velocidade. Tom resistiria dez minutos ainda que tivesse que lutar com unhas e dentes.

— Senhor Grainger, chame todos para seus postos.

O estrondoso som do tambor, os apitos e os gritos que se ouviam pelas escotilhas, o ruído dos canhões ao tirá-los e os passos apressados despertaram a Martin.

— É o senhor, Maturin? — sussurrou, olhando aterrorizado para um lado.

— Sim — respondeu Stephen, tomando-lhe o pulso. — Bom dia.

— Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus! — exclamou Martin com voz trêmula pelo terror. — Pensei que estava morto e me encontrava no inferno. Esta cabine é horrível, horrível. — estava muito agitado e seu pulso era muito rápido. — Maturin, não estou bem de cabeça. Quase não acabo de sair de um pesadelo que durou toda a noite. Perdoe-me por ter-lhe ofendido.

— Com sua permissão, senhor — disse Reade, entrando. — O capitão pergunta pelo senhor Martin e quer que diga ao senhor que estamos nos aproximando de um potente barco pirata que sustenta uma batalha com o Franklin. Dentro de pouco se romperão algumas coisas.

— Obrigado, senhor Reade. O senhor Martin não está bem. — E quando já se afastava lhe gritou: — Logo estarei em meu posto.

— Eu posso ir? — perguntou Martin.

— Não — respondeu Stephen. — Quase não pode manter-se em pé, querido colega, está muito enfermo.

— Por favor, deixe-me ir. Não suporto ficar nesta cabine. Eu a odeio. Não tinha coragem nem de passar pela porta. Aqui foi onde eu... onde a senhora Oakes... O castigo do pecado é a morte. Estou me apodrecendo aqui nesta vida, enquanto na outra... *Christie eleison.*

— *Kyrie eleison* — corrigiu Stephen. — Porém, escute-me, Nathaniel, por favor. O senhor não está apodrecendo no sentido que os marinheiros dizem, de nenhuma maneira. Estas chagas são produzidas pelo sal unicamente, a menos que o senhor tenha tomado uma remédio inapropriado. Nesta fragata o senhor não poderia ter contraído uma infecção desse tipo. Não há possibilidade,

nenhuma possibilidade de ter contraído a infecção mediante beijos, carícias ou por beber no mesmo copo que outra pessoa ou de outra maneira. Garanto isso como médico.

O vento havia rolado um pouco para a proa. A *Surprise*, com uma grande quantidade de velame desdobrado e tenso como um tambor, navegava agora a pouca velocidade e a água passava lentamente pelos lados. Do alto da exércia Jack compreendeu bastante bem a situação: os barcos ainda estavam unidos pelos ganchos. Os tripulantes do *Alastor* tinham abordado o *Franklin* pelo castelo, mas Tom, lutando corpo a corpo, opunha-lhes resistência. Vários ainda esperavam detrás, enquanto que alguns tripulantes do *Franklin* tinham invadido o castelo do *Alastor* e lutavam ali contra os franceses. Alguns tratavam ainda de soltar o *Alastor*, e os tripulantes do *Franklin* seguiam tentando impedi-lo. Jack pôde ver os barbudos seguidores de Seth jogarem com fúria a três franceses desde o gurupés. Outro grupo de piratas estava girando uma das caronadas de proa do *Franklin* para a popa para abrir uma brecha entre os que lutavam corpo a corpo, mas o enorme grupo de seus próprios companheiros e os disparos de mosquete desde o castelo de seu barco os impediram, e a caronada deslizou pelo convés sem controle.

Jack, projetando a voz para baixo, gritou:

— Atenção, artilheiros, tirem os canhões!

Chegou ao convés com estrépito e passou entre os grupos de marinheiros bem armados e atentos até chegar à proa, onde o canhão de bronze de sua propriedade, *Belzebu* já estava fora da portaló.

— O velacho! — exclamou.

Então os artilheiros, trabalhando como um só homem, giraram o canhão, e Bonden e ele, entre gemidos e palavras entrecortadas, apontaram-no. Jack olhou pela mira e queimou da rabicho. Depois se arqueou para que o canhão, ao retroceder, passasse por baixo dele, e em meio do estrondo gritou:

— O outro!

A fumaça se dispersou para a frente deles, e quase não tinha se dissipado quando o outro canhão fez fogo. Ambos canhões, que poucos barcos podiam disparar com tanta precisão, cumpriram seu objetivo: perfurar o velacho do *Alastor* para assustar seus tripulantes e animar aos do *Franklin*, cujas vivas podiam ser ouvidas agora, ainda que debilmente.

Mas essas duas detonações, que ressoaram nas entranhas do barco, fizeram que o pobre Martin, cuja mente estava fraca, em um precário equilíbrio, caísse em desvario. Sua ansiedade aumentou tanto que começou a gritar. Stephen o atou à maca com duas vendas e foi correndo à enfermaria. No caminho encontrou Padeen, que lhe disse que haviam chamado todos para seus postos.

— Eu sei — disse. — Vá sentar-se com o senhor Martin. Regressarei já.

Regressou com o paciente que estava em melhores condições, um homem que tinha uma hérnia recente.

— Cuide para que tudo esteja bem lá abaixo, Padeen — pediu.

Quando Padeen saiu, preparou uma forte dose do láudano, a tintura de ópio que guardava em segredo e à qual ele e Padeen uma vez foram viciados.

— John, segure-o pelos ombros — disse ao marinheiro e, depois de uma pausa, acrescentou: — Nathaniel, Nathaniel, meu amigo, aqui tem seu remédio. Peço que o engula de uma só vez. — Depois de outra pausa, acrescentou: — Deite-o devagar. Agora ficará calmo, se Deus quiser. Fique sentado com ele, John, e acalme-o caso se acorde.

— Companheiros de tripulação! — gritou Jack desde a escada do castelo de popa. — Vamos nos atracar com esse barco de quatro mastros o mais rápido possível. Alguns de nossos homens estão no castelo; alguns dos deles estão no Franklin tentando chegar à popa. Tão logo estejamos enganchados, venham comigo para limpar o castelo do *Alastor* e depois iremos ajudar o capitão Pullings. A brigada do senhor Grainger irá diretamente à coberta inferior do *Alastor* para evitar que façam estragos com seus canhões. Ninguém

cometerá um erro se matar um inimigo. Os marinheiros, que tinham um olhar feroz e um aspecto horrível com seu comprido cabelo solto, deram vivas, e sua alegria parecia rara nesse momento em que a fragata se aproximava aos dois barcos que sustentavam uma batalha. Por cima da faixa de água que se estreitava, ouviam-se cada vez mais claramente gritos fortes e os estalidos que acompanhavam a encarniçada batalha.

Avançou para o leme com o pesado sabre pendurado na cintura e aproximou a fragata do barco, com o coração pulsando aceleradamente e o rosto radiante, até que os penóis se engancharam nos amantilhos do *Alastor* e as embarcações ficaram unidas.

— Sigam-me, sigam-me! — gritou, saltando ao barco.

De ambos os lados tinha um enxame de tripulantes da *Surprise* que cruzavam com sabres, pistolas e machados de abordagem na mão. A sua direita estava Bonden; a sua esquerda, Davies *O Lerdo*, jogando espuma pela boca. Os tripulantes do *Alastor* correram para eles furiosos. No primeiro choque, um deles fez o chapéu de Jack voar com um disparo e a bala lhe roçou o crânio. Outro lhe cravou uma lança e o derrubou.

— Derrubaram o capitão! — gritou Davies.

Então cortou as pernas do marinheiro que tinha a lança e Bonden abriu-lhe a cabeça em duas. Depois Davies seguiu dando cortes no cadáver enquanto os tripulantes do *Franklin* chegavam gritando e atacavam aos tripulantes do *Alastor* por um flanco.

Formou-se uma densa amálgama e quase não havia espaço para atacar-se, mas os golpes eram terríveis e muitas pistolas roçavam a cara dos inimigos. A batalha se intensificou na parte dianteira e ao final. Em ambas se somaram a elas mais marinheiros, e todos, com o senso de orientação completamente perdido, pisoteavam a outros marinheiros mortos ou vivos. Amatança foi interrompida pelo estampido da caronada do *Franklin*, que os tripulantes tinham conseguido girar e disparar por fim, mas fizeram fogo com tão pouca precisão que mataram a muitos dos que tentavam ajudar. Os tripulantes do *Alastor* que restavam voltaram em tropel para seu barco, seguidos pelos homens de Pullings, que os

atacavam pelas costas enquanto os tripulantes da *Surprise* lhes atacavam pela frente e pelos lados, pois tinham ouvido o grito “Derrubaram o capitão!” e a luta alcançou um grau de ferocidade extraordinário.

Em pouco tempo só havia marinheiros que fugiam gritando e tratavam de refugiar-se debaixo do convés, mas os perseguiram e os matavam. Finalmente se fez um espantoso silêncio e só se ouvia o rangido dos barcos no mar agonizante e o golpe das velas.

Na coberta inferior do *Alastor* encontraram encerrados uma dúzia de escravos e vários garotos pintados com ruge e perfumados, e os puseram para jogar aos mortos pela borda. Muito antes de que chegassem à parte do convés onde estava Jack Aubrey, o capitão levantou-se de debaixo de três cadáveres e um homem ferido gravemente.

— Foi uma batalha sangrenta como poucas que já vi — disse a Pullings, sentando-se junto dele na braçarola enquanto tratava de deter o fluxo de sangue da ferida e se tocava o olho ensangüentado. — Como está, Tom? — perguntou outra vez. — E, como está o barco?

CAPÍTULO 6

— Concordo em deixar-te, mas totalmente contra minha vontade — disse Stephen, sentado na cabine do *Franklin*.

— É muito amável e lhe agradeço que diga isso, mas passamos por isto muitas vezes antes e tenho que dizer que não tem escolha — sentenciou Jack, mostrando certa obstinação. — Deve ir a Callao com os outros, tão logo tudo esteja pronto.

— Não me agrada como está o seu olho nem a perna — disse Stephen. — E quanto à ferida do couro cabeludo, ainda que seja espetacular, não é muito importante. Acredito que lhe doerá durante umas semanas e que de ambos os lados o cabelo se ficará branco uma ou duas polegadas, mas acho que não deve se preocupar, não terá complicações.

— Ainda faz sentir-me aturdido ou irritável às vezes — disse Jack e depois, pretendendo fazer um esforço para mudar deliberadamente de tema, acrescentou: — Se Sam subir a bordo, ainda que não seja muito provável porque não teria motivos, ou talvez não esteja mais no Peru, por favor, transmita-lhe meu carinho e diga-lhe que espero levar o *Franklin* até lá e que me agradaria muito que comesse conosco. Por agora, se sobir a bordo, o que duvido, também quero que lhe pergunte, por favor, o que podemos fazer com os negros que encontramos no *Alastor*. Não são marinheiros nem são úteis para nada. Mas como eram escravos e o Peru é um país onde há escravidão, não quero deixá-los na costa; poderiam capturá-los e vendê-los. Desagrada-me muito a idéia porque, pelo fato de estarem em um barco inglês, conforme acredito, agora são homens livres. Não sei como isto pode se

armonizar com o comércio de escravos, mas é assim como eu interpreto a lei.

— Tem razão. Houve um caso em Nápoles em que vários escravos subiram a bordo de um barco de guerra e se envolveram na bandeira e nunca os entregaram. Pode-se desobedecer a lei e há muitos comerciantes de escravos navegando, ainda que ilegalmente, pois o Governo aboliu esse desprezível tráfico.

— Ah, foi? Não sabia. Onde nós estávamos em 1807? — Pensou nesse ano durante um momento e lembrou de uma viagem depois de outra. — A propósito! — disse depois. — Vou mandar para Callao os franceses que não querem continuar conosco e os que não têm habilidade para ser marinheiros. Eu prometi que lhes pagaria lá, lembra? E, agora que o penso, tem um francês neste barco — acrescentou referindo-se ao *Franklin*, pois agora estavam sentados na grande cabine deste, onde Jack tinha se trocado, — um homem que foi ajudante de um boticário em Nova Orleans, que quer ficar. Talvez lhe seja útil, pois lhe faltam ajudantes. Acho que a Martin lhe ajudou muito.

— Então deveria deixá-lo contigo — recomendou Stephen.

— Não — respondeu Jack. — Killick, sob suas ordens, tem me atendido desde antes da paz. O homem se chama Fabien. Eu o mandarei. — Stephen sabia que discutir seria inútil e não disse nada. Jack continuou: — Mandarei a um grupo, a todos os que queiram ir.

— Mas não mandará a Dutourd, né? — perguntou Stephen.

— Pensei em fazê-lo — respondeu Jack. — Mandou-me uma nota muito cortês pedindo-me permissão para despedir-se, agradecendo-nos nossa amabilidade e comprometendo-se a não voltar a navegar.

— De meu ponto de vista, isso poderia ser imprudente.

Jack o olhou e compreendeu que tinha que levar o caso com inteligência, e assentiu com a cabeça.

— Tem que fazer objeções ao traslado de mais alguém? — perguntou. — Adams lhe mostrará a lista.

— Não, meu amigo — respondeu Stephen, e olhou para a porta que se abria.

— Com sua permissão, senhor — disse Reade. — O capitão Pullings lhe apresenta seus respeitos e diz que tudo está preparado.

— O doutor irá imediatamente — respondeu o capitão Aubrey.

— Dentro de cinco minutos — assegurou o doutor Maturin. Levantou a venda do olho de Jack e depois examinou a ferida produzida pela lança. — Deve jurar-me por Sophie que deixará que Killick lhe troque a venda das duas feridas e lhes aplique as correspondentes loções e pomadas antes do café da manhã, do almoço e antes de deitar-se. Eu lhe dei instruções precisas. Jure.

— Eu juro — disse Jack, levantando a mão direita. — Estará insuportável, como de costume. Stephen, por favor, agradeça a Martin encarecidamente. Foi muito generoso de sua parte vir ao convés para sepultar nossos homens. Nunca vira um homem tão perto da morte: ossudo, com as faces afundadas e de cor mortíça. Quase não podia sustentar-se de pé.

— Não era somente pela fraqueza, mas porque perdeu a noção do equilíbrio. E não acho que a recupere. Deve deixar de navegar.

— Foi o que me disse. Deixar de navegar... Pobre homem, pobre homem! Mas eu compreendo. Sem dúvida, deve voltar para sua casa. Bem, meu amigo, seu bote está enganchado já faz um século. Estará muito melhor sozinho durante um tempo. Acho que nos últimos dias fui como uma pedra no sapato.

— Não, em absoluto, ao contrário.

— E quanto a Dutourd, Adams responderá a sua nota dizendo que lamento não poder conceder-lhe sua petição e que deve permanecer a bordo do *Franklin*. Também lhe apresentará meus respeitos, certamente, e lhe falará do alojamento. Uma última coisa, Stephen. Desculpe-me a indiscrição, porém, tem idéia de quanto tempo terá que ficar em terra para terminar seus assuntos?

— Se não terminam em um mês, não poderão terminar — respondeu Stephen. — Mas deixarei uma mensagem no barco. Que Deus lhe bendiga.

As embarcações não iam se separar até que o sol estivesse muito baixo, em primeiro lugar porque o capitão Aubrey tinha que falar largamente com os outros capitães e redistribuir os tripulantes,

e em segundo porque queria enganar a um barco que se encontrava longe pelo oeste, uma possível presa. Queria que o distante barco acreditasse que formavam um comboio que avançava sem pressa para o sul, com destino a Callao, falando frequentemente entre si com tranqüilidade, assim que não pensava dar o sinal para se separarem até que fosse impossível ver as joanetes do barco inclusive desde a cruzeta do pau maior.

Mas muito antes disso, o doutor Maturin teve que cumprir com seu dever como cirurgião da fragata. Depois de voltar à *Surprise*, permaneceu um tempo junto ao coroamento olhando o alinhamento dos barcos. O *Alastor* tinha poucos tripulantes, mas com os mastros intactos e a exércia quase completamente livre de estorvos; o baleeiro estava em um estado muito parecido; o Franklin agora tinha o gurupés reparado com paus do barco de quatro mastros. Formavam uma espetacular fileira de vergas e velas, o tipo de fila com que a *Surprise*, a predadora fragata, tinha chegado amiúde a vários portos.

— Perdoe, senhor — disse Sarah, justo atrás dele. — Padeen pergunta se vai tardar muito. Depois de um momento puxou sua casaca e, alçando a voz, repetiu: — Perdoe, senhor. Padeen quer saber se tardará muito e espera que não, pelo amor de Deus.

— Vou contigo, criança — disse Stephen, recobrando a sensatez. — Achei ter ouvido um leão marinho.

Desceu para a enfermaria, ainda bastante fedorenta a pesar de haver duas mangueiras de ventilação e de não estar tão cheia como nos primeiros dias que seguiram à batalha, quando os pacientes jaziam por toda parte da coberta inferior e quase não se podia passar entre eles. Padeen, seu ajudante, que era um dos homens mais amáveis que tinham saído de Munster e nada lhe havia restado da humanidade, estava chorando junto a um tripulante do *Alastor*. O marinheiro tinha caído da maca e, com o braço destroçado, estava no piso meio metido debaixo de outro e se agarrava com todas as forças a um anel cada vez que tentavam ajudá-lo. Estava fora de si não só pelo terrível fim da batalha e o horrível futuro que o esperava, mas também porque a febre lhe havia feito perder o juízo que lhe restava. Mas o que não se pôde conseguir com a

amabilidade, a cautela e a força de Padeen, nem com os argumentos das meninas, o doutor Maturin conseguiu com sua serena autoridade. Quando o marinheiro estava outra vez em sua maca, amarrado e com a ferida vendada, Stephen começou sua esgotadora ronda. Havia poucos sobreviventes do *Alastor*, e desses poucos já tinham morrido três por consequência das feridas. A maioria dos restantes eram prisioneiros e não tinham participado da batalha porque tinham se escondido sem armas na bodega de proa.

Todos os demais eram seus companheiros de tripulação, marinheiros com quem simpatizava e havia feito muitas viagens, e em alguns casos os conhecia desde que tinham entrado na Armada. O enorme corte que tinham feito em Bonden com um sabre, que tão angustiosamente haviam costurado, parecia curar-se bem; contudo, em outros casos achava que seria necessária uma extirpação, e pensava nisso e nos riscos com muita tristeza, acrescia pelo fato de que os marinheiros confiavam plenamente em seus poderes e ficavam muito agradecidos pelo tratamento.

Foi uma ronda esgotadora, e devia ir seguida de uma visita às pequenas cabines da proa, onde dormiam os suboficiais. Como o senhor Smith, o condestável, estava a bordo do *Franklin*, Stephen tinha posto o senhor Grainger em sua cabine porque era mais apropriada para um homem ferido que a dele na popa. Agora se dirigia para lá acompanhado por Sarah, que sustentava uma bacia, gaze e vendas, e quando atravessaram pela parte onde a luz do dia projetava sombras formando molduras ouviram no convés o grito:

— Dê o sinal de separar-nos, senhor!

Então Pullings respondeu:

— Entendido, com todo respeito.

— Senhor, posso subir para olhar? — perguntou Sarah.

— Muito bem — disse Stephen, — mas deixe a bacia e as gazes e vá devagar.

Os barcos se separaram com a inevitável calma que tinham as despedidas no mar, devagar a princípio, mantendo-se a curta distância; mas se um se distraía alguns momentos olhando um pássaro ou uma alga flutuando no mar, notava depois que a distância tinha aumentado de uma milha e já não podia distinguir os

rostos de seus companheiros. E com aquele cálido vento do sul, os barcos que navegavam em direção oposta se separavam a quinze ou dezesseis nós mesmo sem ter as joanetes desdobradas.

O Franklin, ao comando do capitão Aubrey navegava em direção oeste para tentar manter o inimigo afastado até que soubesse que a *Surprise* tinha chegado ao porto, que se preparara para passar pelo cabo de Hornos, que as presas tinham sido entregues e, sobretudo, que Stephen tinha terminado tudo o que tinha que fazer e estava pronto para regressar à Inglaterra. Tinha fundadas esperanças de que o Franklin pudesse enviar presas para lá de vez em quando, mas se não fosse assim, tinha um bote do *Alastor* com aparelho de escuna que poderia enviar desde o alto mar para levar mensagens ou trazer provisões e notícias de Callao.

A *Surprise*, ao comando do capitão Pullings, fez rumo ao sudeste para dirigir-se ao Peru, cujas montanhas já podiam ser vistas dos topos e cuja corrente fria em direção norte já estava presente. Atrás dela navegavam as duas presas, a dois cabos de distância uma da outra.

O sol se pôs quando o Franklin ainda se via no horizonte e deixou atrás de si o céu dourado, que tinha um aspecto tão bonito que fez um nó na garganta de Stephen. Sarah também estava emocionada, mas não disse nada até que desceram outra vez.

— Rezarei sete ave-marias todos os dias até que voltemos a vê-los.

O contramestre foi seu primeiro paciente. Havia abordado o *Alastor* completamente bêbado e, quando subia ao cesto da gávea do maior perseguindo a dois inimigos, tinha caído no castelo em cima de um monte de armas. Era um disforme de cortes e queimaduras, mas o que o mantinha afastado de seu trabalho era uma distensão em uma perna que fora golpeada com uma bainha. Agora estava bêbado outra vez e se esforçava para ocultar seu estado falando o mínimo possível, com sumo cuidado e tratando de projetar sua respiração para baixo. Trocaram-lhe as vendas das feridas e Sarah o tratou com menos ternura que o habitual porque detestava aos bêbados. Sua desaprovação encheu a pequena cabine, e o contramestre se pôs nervoso e, como se quisesse aplacá-

la, esboçou uma sorriso estereotipado. Quando terminaram de vendar-lhe, Sarah regressou à enfermaria e Stephen foi ver ao senhor Grainger, a quem haviam ferido com um disparo de mosquete. A bala seguira uma estranha trajetória, muito diferente da de uma bala de rifle, e depois de uma prolongada busca, Stephen encontrara o lugar onde estava alojada, em contato com a artéria subclávia. A ferida estava se curando muito bem, e Stephen felicitou a Grainger por ter a carne tão suave como a de um menino. Ainda que o paciente sorriu e reconheceu amavelmente a atenção do doutor, era óbvio que tinha algo em mente.

— Faz pouco, Vidal veio do *Franklin* para ver-me e me falou muito do senhor Dutourd — explicou. — Ouvira que sua petição de ser enviado a Callao com os outros franceses foi negada. Como o senhor sabe, Vidal e seus amigos têm um grande conceito do senhor Dutourd e admiram suas idéias sobre a liberdade e a igualdade, a abolição de impostos e a liberdade de culto. Liberdade! Olhe como defendeu aos desafortunados negros que estavam no *Alastor*! Ofereceu-se para comprar sua liberdade pagando de seu bolso o que valem na Jamaica. Disse que pagaria no cabrestante e que o dinheiro engrossaria o butim.

— Ah, foi?

— Sim, senhor. Por isso Vidal e seus parentes, pois a maioria dos seguidores de Knipperdolling são primos em um grau ou outro, não lhes agrada a idéia de que o mandem para a Inglaterra, e possivelmente o levem ante o tribunal do Almirantado para julgá-lo e termine enforcado como pirata só por não ter um pedaço de papel. O senhor Dutourd é um pirata? Isso não tem sentido, doutor. Esses malvados homens do *Alastor* eram piratas, não o senhor Dutourd. São do tipo de homens que se vêem com grilhões no cabo Tilbury, que são uma horrível advertência para os que navegam por ali. O senhor Dutourd é um homem culto e ama seus semelhantes.

A intenção de Grainger era suficientemente clara, mas não podia se permitir que lhe fizesse uma petição direta. Stephen podia recorrer a sua condição de médico. Durante uma pausa, pediu a Grainger que contivesse a respiração e lhe tomou o pulso, calculando-o com o relógio na mão.

— Sabe que nos separamos faz uma hora? Tenho que ir para dizer ao senhor Martin. Acho que com este vento chegaremos muito cedo ao porto, e gostaria de descê-lo a terra firme o quanto antes.

— Separamo-nos tão cedo? — perguntou Grainger. — Não sabia nem Vidal tampouco quando falou comigo esta manhã. Certamente, o senhor Martin — acrescentou depois de recuperar-se. — Por favor, diga ao pobre que lhe desejo um bom dia. Comoveu-nos que se esforçasse para subir ao convés para sepultar os nossos companheiros de tripulação.

— Nathaniel Martin, sinto ter-lhe deixado tanto tempo sem atender — Stephen se desculpou.

— Não tem importância, não tem importância... — respondeu Martin. — O bom Padeen esteve ao meu lado, Emily me trouxe uma xícara de chá e dormi a maioria do tempo. Estou muito melhor.

— Estou vendo — disse Stephen, aproximando a lanterna do rosto de Martin e afastando o lençol. — Os transtornos da pele talvez sejam o mais desconcertante em medicina — comentou, tocando suavemente a pior das chagas. — Em poucas horas houve uma mudança apreciável.

— Dormi com o corpo totalmente relaxado por fim, como não havia dormido Deus sabe a quanto tempo. Não senti irritação, nem dor à mais mínima pressão, nem tive que ficar virando em vão para ficar mais cômodo.

— Não se pode fazer nada sem sono — disse Stephen e continuou com o exame. — Sim — acrescentou, voltando a colocar o lençol. — Eu lhe deixarei em terra com prazer. A pele se curou, mas não me agrada como estão seu coração, seus pulmões e seus excrementos. Além disso, pelo que me diz, sente mais vertigem que antes. Ter terra firme sob os pés e uma dieta vegetariana podem fazer maravilhas. O mesmo pode-se aplicar a alguns de nossos pacientes.

— Muitas vezes vimos que é assim — reconheceu Martin. — Entre parêntese, queria dizer algo curioso. Faz umas horas, quando despertei de um estupendo tempo de sono, acreditei ter ouvido um leão marinho e me enchi de alegria, como quando era um menino

ou quando estava em Nova Gales do Sul. A que distância estamos da costa?

— Não sei, mas antes dos barcos se separarem, disseram que a cordilheira se avistava desde o tope, e é possível que haja por perto algumas ilhotas rochosas onde vivam leões marinhos. O capitão olhava para o oeste... A propósito! Ele me disse que lhe apresentasse seus respeitos. Além disso, eu vi uma revoada de pelicanos, e as aves não ficam longe de terra.

— É verdade. Porém, por favor, diga-me como estão os pacientes da enfermaria. Suponho que não lhe tem faltado trabalho.

Durante um momento falaram de modo profissional das recentes feridas de armas brancas e balas, as fraturas simples, concóides e permutas que tinham chegado abaixo e o êxito ou o fracasso de Stephen ao tratá-las. Depois, em um tom menos distante, Martin perguntou pelo capitão.

— O que me preocupa é seu olho — disse Stephen. — A ferida de lança está se curando bem; a ferida da cabeça, ainda que ainda pode apreciar-se o transtorno que produziu, não tem importância; a perda de sangue tampouco é importante. Mas no olho lhe caiu a bucha que acompanhava a bala que lhe abriu o couro cabeludo. A bucha era grossa, mas estava meio desintegrada. Extraí muitos fragmentos e, certamente, não penetraram na córnea nem sequer a lesionaram; contudo, tem persistente hiperemia e lacrimação...

Esteve a ponto de dizer que não se podia confiar em um paciente assim, porque duplicaria as doses dos remédios e tomaria qualquer remédio de curandeiro oferecido como panacéia, pois Martin escutaria ao primeiro charlatão que se pusesse em sua frente; contudo, absteve-se, e voltaram a falar da enfermaria, dos antigos pacientes que Martin conhecia.

— Como estão Grant e MacDuff? — perguntou Martin.

— Aos quais aplicamos o tratamento de Viena? Grant morreu justo antes da batalha. Ainda que, obviamente, não tive tempo de abrir-lhe, tenho fundadas suspeitas de que foi por causa do sublimado corrosivo. MacDuff está suficientemente bem para fazer trabalhos leves, ainda que seu estado físico está muito deteriorado e duvido que se recupere de tudo.

Depois de uma pausa e com voz alterada, Martin disse:

— Tenho que confessar que eu também me apliquei o tratamento de Viena.

— Com que dose?

— Não encontrei nada em seus livros, assim que me guiei pela quantidade que usamos para preparar as poções com calomelanos.

Stephen não disse nada. Os médicos austríacos mais atrevidos administravam um quarto de grão do sublimado, enquanto que a dose de calomelanos empregada normalmente era quatro grãos.

— Talvez fui imprudente — disse Martin, — mas estava desesperado porque nem o calomelano nem o guaiacol faziam efeito.

— Não podiam curar uma doença que não tinha — respondeu Stephen. — De toda forma, eu lhe deixarei com gosto em um hospital, onde poderão purgá-lo uma e outra vez comodamente e com bastante decência. Temos que fazer todo o possível para eliminar essa substância nociva de seu organismo.

— Estava desesperado — disse Martin, pensando no horrível passado. — Estava sujo, sujo, queimando-me vivo, como costumam dizer os marinheiros. Uma morte vergonhosa... E acho que estava transtornado. Até que o senhor me assegurou que as chagas foram produzidas pelo sal, estava totalmente convencido de que tinham origem pecaminosa. Admitirá que eram muito parecidas, não é verdade?

— Talvez o fossem pelo excessivo uso de mercúrio, mas duvido que um observador objetivo se equivocasse.

— Os maus fogem para onde não possam pegá-los — sentenciou Martin. — Querido Maturin, fui muito mau. Tive muito más intenções.

— Deve beber água de chuva durante a noite — recomendou-lhe Stephen. — Cada vez que desperte, beba pelo menos um copo, para eliminar tudo o que possa. Padeen lhe trará vários frascos para a urina e espero que estejam cheios pela manhã. Tenho muita vontade de deixar-lhe em terra e começar a tomar medidas mais radicais, querido colega, porque não há nem um momento a perder.

Não havia nem um momento a perder, e, afortunadamente, as formalidades que tinha que cumprir no porto de Callao não tardaram muito, graças ao agente comercial, que havia se ocupado das presas da *Surprise* na viagem realizada desde a Inglaterra, e seu irmão, que era o chefe do porto, que deram as boas-vindas à fragata e sua valiosa fila. Assim que terminaram, Jemmy Ducks levou Stephen no esquife até a costa. À esquerda viram uma quantidade de barcos muito grande para aquela cidade tão pequena. Havia barcos de Chile, do México, de outros países do norte e pelo menos dois da China.

— Justo pelo través, atrás da escuna amarela, há um barco que provavelmente tenha vindo de Liverpool — disse Jemmy. — Estão todos muito ocupados nos cestos das gáveas.

A maré estava alta, e na empoeirada margem, quando Stephen subia por um arco da muralha, foi envolvido por uma nuvem da poeira das ruínas a que a velha Callao tinha sido reduzida pelos terremotos. Quando passou, viu de pé abaixo da cornija um grupo de homens mal-encarados de todas as cores, desde negro até amarelo sujo e lhes disse:

— Cavalheiros, por favor, tenham a amabilidade de indicar-me onde fica o hospital.

— Sua senhoria o encontrará junto à igreja dos dominicanos — respondeu um homem de tez marrom.

— Senhor, fica justo antes de chegar ao armazém de Joselito — explicou um negro.

— Venha comigo — disse outro, e conduziu Stephen por um túnel até uma imensa praça sem pavimentação onde a poeira redemoinhava. — Esta é a casa do governador, mas está fechada — acrescentou, assinalando a parte da praça mais próxima ao mar. — E à direita fica o palácio do vice-rei — continuou, assinalando para a esquerda. — Também está fechado.

Ambos se voltaram. No meio da praça, três aves parecidas com o abutre, de plumagem branca e negra e asas de aproximadamente seis pés de envergadura, disputavam os ressecados restos de um gato.

— Como chamam a estes animais?

— A estes animais? Pássaros, sua senhoria. Ali, antes do armazém de Joselito, fica o hospital.

Stephen o olhou com gesto preocupado. Era um edifício baixo com pequenas janelas com barrotes e o teto plano, de barro, e apenas a um palmo de distância do solo. Sem dúvida, era uma construção prudente, porque naquele país havia muitos terremotos, mas como hospital deixava muito a desejar.

— No hospital há pelo menos cem pessoas e as camas estão a considerável distância do piso. Ali vai um maldito herege com um paisano.

— Qual? Aquele cavalheiro baixinho e loiro que cambaleia?

— Não, não, não. Aquele é um bom homem, um velho cristão. E sem dúvida, também sua senhoria é um bom homem e um velho cristão.

— Nenhum é mais velho, mas alguns são melhores.

— É um cristão, ainda que seja inglês. É um grande advogado que veio dar aulas sobre a Constituição britânica na universidade de Lima. Chama-se Curtius Raleigh. Provavelmente terá ouvido falar dele. Está bêbado. Tenho que ir correndo para buscar-lhe seu carro.

— Ele caiu.

— Sim. E aquele miserável alto e de cabelo negro o está levantando. Aquele herege é o cirurgião do Liverpool. Tenho que ir correndo.

— Não o deterei, senhor. Por favor, aceite este agrado.

— Que Deus lhe pague, sua senhoria. Adeus, senhor. Que não encontre novos obstáculos.

— Que não encontre novos obstáculos — repetiu Stephen.

Observou durante um tempo as aves com a luneta de bolso, enquanto o nome ainda seguia no fundo de sua mente. Pouco depois, quando o carro de Curtius entrou na silenciosa e empoeirada praça, duas delas levantaram vôo, uma com os restos do gato e a outra tratando de arrebatá-lo. Partiram voando para o interior, para Lima, que ficava situada a cinco ou seis milhas. Era uma bonita cidade com torres brancas que tinha detrás uma série de montanhas de aspecto ainda mais bonito que subiam e subiam na distância, até

que seus picos nevados se confundiam com o céu e as nuvens brancas.

O carro, puxado por seis mulas, afastou-se, e o senhor Curtius ia cantando *Greensleeves*.

Stephen se aproximou do inglês que ficara ali, tirou o chapéu e cumprimentou:

— Bom dia, senhor Francis Geary.

— Stephen Maturin! — exclamou. — Por um momento pensei que era você, mas tenho os óculos cobertos de poeira. — Ele os tirou e olhou para seu amigo com seus olhos míopes. — Que alegria ver-te! Quanta alegria encontrar a um cristão nesta terra de bárbaros!

— Vejo que acaba de sair do hospital.

— Sim. Um dos homens do *Three Graces*, do qual sou cirurgião, tem sintomas muito similares à febre paratifo, e queria isolá-lo em um lugar onde recebesse os cuidados apropriados até que a doença se declare para evitar que contague a todo o barco. A doença pode ser tão perigosa como o sarampo ou a varíola para os habitantes de nossa ilha, e temos muitos a bordo. Mas eles não querem escutar. Assim que fui ver ao senhor Raleigh, que havia viajado conosco e é um católico romano, para que os persuadissem. Está ensinando direito na universidade e é um homem influente. Mas não, não e não. Deram-lhe uma ou duas garrafas de excelente vinho, como provavelmente terá notado, mas não cederam. Quando vínhamos de Lima, disse-me que não esperava ter êxito porque a recordação do comportamento dos bucaneiros, que inclusive saquearam as igrejas, ainda está vivo. E acredito que nisso tinha razão. Seja pelo que for, não querem ter nada a ver comigo nem com meu paciente.

— Então temo que não tenho esperanças, pois meu paciente não só é protestante, como, além disso, é clérigo. Venha tomar uma xícara de café comigo.

— Com muito prazer. Mas em seu caso não teria esperanças nem mesmo que ele fosse o Papa. A construção é muito baixa e fedorenta e não tem ventilação. Além disso, há muitas pessoas e

estão amontoadas umas sobre as outras indiscriminadamente, assim que nunca admitiriam o pastor ali.

Geary e Maturin tinham estudado medicina juntos e haviam compartilhado um esqueleto e várias vítimas encontradas no Liffey e no Sena. Agora, enquanto estavam sentados à sombra bebendo café, falavam com a falta de inibição própria dos médicos.

— Meu paciente é também meu ajudante — disse Stephen. — Sempre lhe agradou tanto como a você a história natural, especialmente as aves. Ainda que oficialmente não fez nenhum curso, nem plantões, nem assistiu a conferências, converteu-se em um excelente ajudante de cirurgião graças a constantemente ajudar na enfermaria e fazer dissecações com frequência. Por outra parte, como é um homem culto, é uma agradável companhia. Por desgraça, recentemente começou a suspeitar que tinha contraído uma doença venérea, e como passamos um comprido período sem água doce para lavar a roupa, chagas do sal apareceram nele, assim que pensou que suas suspeitas haviam se confirmado. É verdade que nesse momento tinha a mente perturbada, por razões que seria tedioso e quase impossível de explicar, mas entre as quais figuram a inquietação dos ciúmes, o abuso imaginário e a nostalgia do lar. Além disso, suas chagas eram muito maiores que as que tinha visto até agora. Apesar de tudo isso, não sei como um homem de sua experiência pôde convencer-se de que tinha sífilis. Mas foi assim, e secretamente administrou-se calomelanos e guaiacol, que, naturalmente, não fizeram efeito. Então tomou sublimado corrosivo.

— Sublimado corrosivo? — perguntou Geary.

— Sim, senhor — disse Stephen. — E em quantidades que me resisto a dizer. Caiu muito baixo antes de dizer-me, pois nossa relação estava longe de ser cordial, ainda que existia um afeto latente. Com água doce, as loções apropriadas e a convicção de que não está enfermo conseguiram que o estado de sua pele melhorasse consideravelmente, mas persiste o efeito dessa intolerável quantidade de sublimado. Mocinha! — disse, voltando-se para o escuro fundo da bodega. — Tenha a amabilidade de preparar-me uma bola de folhas de coca.

— Com limo, senhor?

— Certamente! E também com um pouco de *llipta*, se tiver.

— Quais são os sintomas agora? — perguntou Geary.

— Forte vertigem, talvez agravado pela perda de um olho há vários anos, dificuldade para seguir a seqüência das letras, certa confusão mental, inquietação e fraqueza física. Também tem o pulso irregular e caóticas evacuações. Obrigado, querida — disse à jovem quando lhe trouxe as folhas de coca.

Continuaram falando do estado de Martin, e quando Stephen disse tudo o que pôde sem tomar como referência suas notas, Geary perguntou:

— Tem dificuldade em distinguir a direita da esquerda e perdeu um pouco de cabelo?

— Sim — respondeu Stephen, deixando de mastigar e olhando atentamente para seu amigo.

— Já vi dois casos similares e ouvi falar de vários mais em Viena.

— Informou-se de como se curam?

— Certamente! Os dois homens que atendi saíram do hospital por seus próprios pés. Um estava perfeitamente bem e o outro tinha um leve impedimento, ainda que em seu caso perdera o cabelo de todo o corpo e inclusive as unhas, o que, conforme Birnbaum, serve de critério. Mas o tratamento foi longo e delicado. Que pensa fazer com seu paciente?

— Não sei. Meu barco está a ponto de ser querenado, e ele não pode permanecer a bordo. Esperava encontrar-lhe um lugar no hospital até que pudesse conseguir-lhe uma passagem em um mercante. É possível que nós estejamos navegando durante muito tempo, e um barco corsário não é um lugar apropriado para um enfermo. Talvez em Lima...

Stephen guardou silêncio.

— Como falou de uma passagem, suponho que o cavalheiro não é um indigente, como os ajudantes de cirurgião costumam ser.

— Em absoluto. É um pastor anglicano com dois benefícios e obteve muito dinheiro de butim. Se olhar para a baía verá dois barcos capturados, dos quais pertence a ele uma parte considerável.

— Digo isso porque nosso capitão, um especialista em náutica e muitas outras coisas, defende os interesses dos donos, homens insaciáveis que ignoram o que é a caridade e a boa vontade, mas este caso não tem relação com nenhuma das duas. Por que seu paciente não embarca no *Three Graces*? Temos duas cabines vazias no centro do barco, que é uma embarcação estanque.

— Isto é muito precipitado, Francis Geary — observou Stephen.

— Sim — concordou Geary, — mas a viagem será lenta e tranqüila. Raras vezes o capitão Hill desdobra as sobrejoanetes, e vamos fazer escala em Iquique, Valparaíso e talvez outro porto a mais no Chile para carregar provisões. E teremos que nos preparar para passar pelo estreito de Magalhães na época do ano mais apropriada para navegar para o leste, pois o capitão Hill não quer arriscar-se a perder os paus dos donos passando pelo cabo de Hornos. Além disso, é especialista em navegar pelo intrincado estreito porque já passou por ele muitas vezes. Essa viagem seria infinitamente melhor para um homem em um estado de saúde tão delicado. Não quer vir comigo para ver o barco?

— Com sua permissão, senhor — Jemmy Ducks os interrompeu. — A maré está mudando e deveríamos ir imediatamente.

— Jemmy Ducks, quando tenha bebido uma quantidade moderada, va sozinho, porque eu vou ao estaleiro ver o barco de Liverpool.

— Muito obrigado, senhor — disse Jemmy Ducks, tragando um quarto de pinta de conhaque peruano sem pestanejar. — E apresento meus respeitos ao cavalheiro.

Quando Stephen, Padeen e as meninas desciam do alto do cabo, de onde tinham se despedido do *Three Graces* agitando a mão durante muito tempo, estavam tristes e silenciosos. O calor do trópico não era sufocante, pois soprava uma agradável brisa marinha, mas na terra que pisavam, seca e de colorido amarelo-pálido, não crescia nenhuma planta nem havia vida de nenhum tipo, e sua esterilidade provocava tristeza em quem já estava decepcionado. A distância até o alto do escarpado era maior do que

pensavam, e tinham caminhado mais lento do que deviam, pelo que o barco de Liverpool já havia se afastado da costa quando chegaram lá e, apesar de usarem a luneta de bolso de Stephen, não podiam estar seguros de ter visto a Martin, que subira a bordo pelo portaló com a ajuda de um só marinheiro e lhes prometeu sentar-se junto ao coroamento.

Caminhavam em silêncio, com o oceano à esquerda e a cordilheira dos Andes à direita, ambos de uma beleza majestosa e sublime, mas impossível de calibrar pelos humanos, pelo menos pelos que estavam tristes, famintos e com uma sede intolerável. Não voltaram a recuperar a alegria até que chegaram ao final do ressecado planalto, de onde se avistava, de um lado, o distante vale verde do Rimac, com Lima, bem definida por suas muralhas, aparentemente a pouca distância, e do outro lado, Callao, com o porto cheio de atividade, o estaleiro e o povoado de forma quadrada. Então uns e outros exclamaram:

— Ali está Lima!

— Ali está Callao!

— Ali está a fragata, pobrezinha!

Para seu assombro, a fragata ainda estava no estaleiro, desmantelada e a ponto de ser querenada.

— Ali está a criada do *Franklin*! — gritou Sarah, assinalando os barcos que estavam no cais.

— Quer dizer a ajudante — Emily a corrigiu.

— Jemmy Ducks diz criada.

— Senhor, ela se refere ao bote do *Alastor* com aparelho de escuna que está junto ao barco do México.

— Com a fragata de meio lado, será possível tomar chá? — perguntou Padeen com mais soltura que de costume.

— Sem dúvida, haverá chá — disse Stephen, avançando pela sinuosa vereda que descia a colina.

Contudo, estava equivocado. Na *Surprise* havia demasiada confusão para poder desfrutar-se de algo tranqüilamente. Tom Pullings recebeu a notícia de que talvez a fragata fosse querenada antes de que tocassem o sino do turno justo depois que Stephen

partisse, e quando ele, o carpinteiro e o único bom ajudante de contramestre, laboriosos como abelhas, iam e vinham por entre as latas de tinta, os cabos, os barris e os paus do armazém de material de guerra, recordando as palavras de Jack (“façam o quanto necessitem e não economizem”), chegou ao bote que ia levar alguns marinheiros ao *Franklin*, que tinha poucos tripulantes.

— Havíamos previsto isto, certamente — disse Pullings quando recebeu Stephen no convés meio inclinado. — De outra forma, o capitão não teria suficientes tripulantes para mandar a presa ao porto. Mas chegou em um mau momento, antes de que pudéssemos encontrar a um grupo de homens do porto. Tão logo soube que podíamos querendar a fragata antes do tempo, ordenei atracá-la ao *Alastor* para passar para lá todos os seus pertences e os da enfermaria, mas quando a operação estava pela metade, chegou o bote com novas ordens e tive que mudar tudo. Também veio nela um marinheiro que se chama Fabien, um tripulante do *Franklin* que ajudou ao senhor Martin quando estava a bordo. O capitão queria mandá-lo para nosso barco antes de que nos separássemos, mas se esqueceu. Ah, doutor! — exclamou, dando uma palmada em sua testa. — Tinha me esquecido que enquanto estávamos tão ocupados subiu a bordo um clérigo, o mesmo que vimos quando saímos de viagem..., o cavalheiro que é igual ao capitão, mas de cor mais escura. Informou-se de que o capitão se ferira e estava muito preocupado. Perguntou-me pelo senhor e disse que voltaria amanhã ao meio-dia, mas me pediu papel e tinta e lhe deixou esta nota.

— Obrigado Tom — disse Stephen. — Eu a lerei no *Alastor*. Poderia me emprestar uma bote? E talvez o marinheiro que o capitão mandou pudesse vir conosco.

Na grande cabine do *Alastor*, por fim totalmente limpa e somente o com cheiro de água do mar, breu e tinta fresca (tinha havido ali uma autêntica carnificina), Stephen se sentou para beber aos tragos chá quente, uma bebida que detestava, ainda que menos que o café de Grinshaw, mas que achava reconfortante depois de ter saído do deserto peruano. E enquanto bebia, leu a nota:

Estimado senhor:

Ontem à noite, quando regressei de um retiro espiritual com os beneditinos de Huangay, informei-me de que a *Surprise* havia chegado outra vez ao porto de Callao, e tinha a esperança de ter notícias do senhor e do capitão Aubrey. Mas quando mandei perguntar ao seu agente pela manhã, soube que ele estivera a bordo mas que agora se encontrava no Franklin, o barco corsário estadunidense que capturou. Também soube, com tristeza, que lhe haviam ferido ao apresar o infame *Alastor*. Corri imediatamente para o porto, onde o capitão Pullings me tranqüilizou, até certo ponto, e mencionou sua agradável presença aqui. Portanto, é meu propósito ter a honra de visitar-lhe amanhã ao meio-dia.

Sou do senhor atentamente, estimado senhor, seu certo e humilde servidor:

Sam Panda

Nem Jack nem Sam haviam reconhecido sua relação expressamente mas de forma tácita, assim como todos os membros da tripulação quando viram pela primeira vez ao jovem subir a bordo da *Surprise* nas Antilhas. Na realidade, era óbvia para qualquer um que os visse juntos, pois Sam, que era filho de uma jovem banto e nascera na base naval do Cabo depois que Jack partiu dali, era a viva imagem de seu pai, mas da cor do ébano e um pouco mais corpulento. Contudo, tinha algumas diferenças entre eles. Jack Aubrey não parecia, nem demonstrava ser muito inteligente salvo em questões relacionadas com a náutica, conduzir um barco ou lutar em uma batalha, e ainda que fosse extraordinariamente dotado para as matemáticas e dera uma conferência sobre a natação na Royal Society, isso não se transluzia em sua conversa. Sam, em troca, fora educado por missionários irlandeses muito cultos, e seu domínio de línguas clássicas e modernas era o orgulho deles. Além disso, lera vorazmente. Stephen, que também era católico e tinha certa influência em Roma, havia lhe conseguido a dispensa que, pelo fato de ser bastardo, necessitava para ser ordenado sacerdote, e agora o jovem tinha uma boa posição na Igreja. Diziam que logo poderia chegar a ser um prelado, não só porque atualmente não havia nenhum negro (ainda que existia alguns de pele amarelada e

marrom escuro, mas nenhum com a pele negro-brilhante como Sam), mas também pelo que aprendera dos padres da Igreja, assim como por seu excepcional e evidente talento.

— Tenho muita vontade de ver-lhe — disse Stephen, e depois de uma pausa na qual bebeu outra xícara de chá, continuou: — Acredito que irei andando em direção a Lima e me encontrarei com ele no meio do caminho. Talvez possa ver algum condor.

Chamou a William Grinshaw, o ajudante de Killick a quem haviam encarregado de atender-lhe apesar de Tom Pullings ter um despenseiro muito bom.

— William Grinshaw, por favor, diga ao marinheiro do *Franklin* que o capitão mandou que desça — ordenou Stephen.

Quando o marinheiro do *Franklin* apareceu, um jovem magro, alto, nervoso e com pouco cabelo, disse:

— Fabien, sente-se nesse escaninho. Pelo que entendi, era ajudante de um boticário em Nova Orleans... Mas antes diga-me que língua fala melhor.

— Ambas quase por igual, senhor — respondeu. — Quando era menino trabalhei como aprendiz para um veterinário em Charleston.

— Muito bem. Conforme me disseram, foi o ajudante do senhor Martin quando ele estava a bordo de seu barco.

— Sim, senhor, porque quando o cirurgião e seu ajudante morreram, fui o único que pôde encontrar.

— Mas estou seguro de que lhe foi útil por sua experiência com um boticário. Acho que me lembro dele tê-lo elogiado antes de ficar tão enfermo.

— Não aprendi muito, senhor, porque a maioria do tempo que passei na loja estive esfolando, dissecando ou desenhando aves e pintando bandejas. Mas aprendi a preparar as receitas mais comuns, como a poção azul e a negra. Além disso, ajudei ao monsieur Duvalier em seu trabalho, ainda que fazendo coisas muito simples.

— É costume em Nova Orleans que os boticários dissequem aves?

— Não, senhor. Alguns gostam de ter na vitrine cascavéis ou um feto metido em álcool, mas nós éramos os únicos que tínhamos aves. Monsieur Duvalier, que tem um companheiro de colégio que

pinta aves em relevo, queria que eu competisse com ele. Viu-me fazer um desenho de um abutre americano e depois pendurá-lo, e então me ofereceu um posto.

— Não lhe agradava ser veterinário?

— Bem, senhor, o veterinário tinha uma filha...

— Ah! — exclamou Stephen, fazendo-se outra bola com as folhas. — Sem dúvida, conhecerá muito bem as aves de seu país.

— Li tudo o que pude encontrar. Li a Bartram, Pennant e Barton, ainda que isso não seja muito. Apesar disso... — acrescentou, sorrindo. — Acho que tinha um ovo, algumas penas e um desenho de todas as aves que se aninham vinte milhas ao redor de Nova Orleans e Charleston.

— Provavelmente isso deve ter sido interessante para o senhor Martin.

Fabien parou de sorrir.

— A princípio, senhor — disse, — mas depois parecia que já não se interessava. Acho que os desenhos não são muito bons. Não agradaram ao monsieur Audubon porque, conforme disse, não eram muito naturais, e monsieur Cuvier não respondeu quando meu amo lhe mandou dois ou três que ele havia retocado.

— Gostaria de ver alguns quando tenhamos tempo, mas agora tenho que atender a vários pacientes na enfermaria. É possível que meus compromissos me retenham fora do barco, e até que não resolva todos os assuntos em terra, gostaria de deixar aqui alguém a quem possa mandar instruções. Já não há casos de urgência; só se tem que trocar vendas e administrar medicamentos a intervalos regulares. Tenho um ajudante excelente, mas ainda que entenda muito bem o inglês, fala-o pouco, e, além disso, gagueja e não sabe ler nem escrever; contudo, tem uma aptidão excepcional para cuidar dos outros, e os marinheiros gostam muito dele. Tenho que acrescentar que é extraordinariamente forte, e ainda que seja tranqüilo e tenro, pode pôr-se muito furioso se o provocam. Ofendê-lo ou a seus amigos em um barco como este seria uma loucura. Venha comigo e lhe mostrarei onde fica a enfermaria. Só restam três casos de amputação e já estão bastante bem, mas ainda será necessário trocar-lhes as vendas uma ou duas semanas mais.

Também há que administrar alguns medicamentos e aplicar loções a determinadas horas; tudo está escrito. Lá encontrará Padeen e estou seguro de que ganhará seu favor.

— Sem dúvida, senhor. Meu lema é fazer qualquer coisa por uma vida tranqüila.

— Apesar disso, estava a bordo de um barco corsário.

— Sim, senhor. Fugia de uma jovem, como quando deixei o veterinário de Charleston.

O caminho que ia a Lima passava por entre grandes canaviais, campos semeados de algodão, alfalfa e milho bem irrigados e bosques de algarobeiras entre as quais havia algumas bananeiras, laranjeiras e limoeiros de todas as variedades. E onde começavam as ladeiras que formavam o vale, havia alguns vinhedos. Às vezes seguia a abrupta margem do Rimac, que agora tinha um grande caudal procedente das neves que se viam ao longe, e era flanqueado por palmeiras espalhadas entre salgueiros de uma espécie que Stephen nunca tinha visto. Havia poucas aves, além das elegantes andorinhas que patrulhavam os tranqüilos charcos junto ao rio, e poucas flores. Aquela era a estação mais seca do ano e somente se via um capim cinzento, que parecia arame salvo por onde passavam os inumeráveis canais de irrigação.

Havia muito tráfego. Iam ou vinham do porto muitas carretas com tonéis e fardos puxadas por bois ou mulas, que fizeram Stephen recordar de sua juventude na Espanha. Tinham os mesmos jugos com uma grande crista, os mesmos arreios de cor carmesim rematados com rebites de latão, as mesmas rodas pesadas e chiantes. Algumas pessoas iam a cavalo ou em burro, mas muitas mais iam a pé. Havia poucos espanhóis, muitos negros africanos e alguns índios baixinhos e fortes, com um gesto grave em seus rostos acobreados e às vezes encurvados sob enormes pesos. E também havia todas as possíveis combinações dos três, junto com outros homens dos barcos que estavam de visita. Todos, exceto os índios, que não falavam nem sorriam, cumprimentavam-lhe em voz alta ao passar ou lhe diziam que o tempo era “tão, tão seco que era insuportável”.

Stephen tinha o costume de olhar o céu a cada vez que avançava mais ou menos um estadião^{10}, especialmente quando caminhava por terreno plano, para ver as aves que estavam fora do campo de visão normal. Depois de caminhar uma hora, depois de uma pausa mais comprida que o habitual, levantou a vista outra vez e viu com profunda satisfação nada menos que doze condores dando voltas no alto do céu claro que mediava ente ele e Lima. Deu alguns passos mais, sentou-se em um marco e os observou através da luneta de bolso. Não havia possibilidade de erro. Eram aves enormes, possivelmente com asas não tão largas como as do albatroz, mas muito mais pesadas. Tinham um modo de voar diferente, faziam uso do ar de um modo diferente. Seu vôo era perfeito, com perfeitas curvas, e sem nunca mover suas grandes asas. Davam voltas e voltas, subindo e descendo. Subiam e subiam e ao final da espiral desciam com uma trajetória reta e em direção nordeste.

Seguiu caminhando com um sorriso de autêntica felicidade. Um pouco depois, justo depois de passar por uma pousada onde as carruagens e carroças ficavam à sombra das algarobeiras enquanto os condutores bebiam e descansavam, o sorriso voltou a aparecer espontaneamente. Agora tinha diante de si um cavalo grande e negro que avançava trotando para Callao montado por um ginete ainda maior e negro. Nesse momento o cavalo aliviou o passo e quando chegou a uma jarda de Stephen, Sam desceu da sela de um salto com uma amplo sorriso.

Eles se abraçaram e começaram a caminhar lentamente. Perguntaram um ao outro como estavam e o cavalo os olhou com curiosidade.

- Diga-me, senhor, como está o capitão?
- Está bem, graças a Deus...
- Graças a Deus.

—... mas a bucha de uma pistola acertou seu olho. Abala lhe roçou o crânio e teve uma contusão e uma breve perda de memória, nada mais. A bucha lhe produziu uma inflamação que não havia baixado quando o deixei; isto é, quando me *ordenou* que o deixasse. Além disso, tem uma ferida de lança na parte superior do coxa que

provavelmente já tenha se curado, ainda que me agradaria estar seguro disso. Mas antes de que me esqueça, ele me disse que lhe transmitisse seu carinho, que espera que o Franklin, seu barco atual, chegue muito logo a Callao e confia em que irá almoçar com ele.

— Espero que se recupere — disse Sam e, depois de um momento, continuou: — Porém, senhor, não quer montar? Segurarei as rédeas para que suba. É um cavalo manso e cavalga-se comodamente nele.

— Não quero — respondeu Stephen, acariciando o focinho do cavalo, — ainda que estou seguro de que é uma doce criatura. Há uma pequena pousada no caminho, a uns dois minutos, e se não tem pressa, deixe o cavalo lá e venha andando a Callao comigo. Não há nada melhor que caminhar quando se conversa. Pense, meu amigo: eu lhe falando montado neste cavalo de dezessete palmos e você olhando para cima como Tobías quando escutava ao arcanjo Rafael. Sem dúvida, seria edificante, mas inapropiado.

Sam não só deixou seu cavalo, como também o chapéu negro que usava com seu uniforme, um chapéu de pele de castor que dava muito calor agora que o sol estava chegando ao zênite. Então os dois começaram a caminhar tranquilamente.

— Tem outra coisa da qual o capitão queria falar contigo — disse Stephen. — Entre as presas capturadas há um barco pirata, o *Alastor*, que neste momento está no porto. A maioria dos tripulantes morreram em uma desesperada luta, na batalha em que o capitão ficou ferido, e o capitão Pullings entregou às autoridades daqui os que restaram vivos. Também havia a bordo vários marinheiros prisioneiros a quem demos a liberdade de escolher entre ficar ou descer a terra, e uma dúzia de escravos africanos, propriedade, se me permite usar a palavra, dos piratas. Estavam encerrados abaixo e não tomaram parte na luta. Não há possibilidade de que sejam vendidos para aumentar o butim de nossos homens porque a maioria são muito religiosos e abolicionistas e arrastam atrás deles os outros.

— Que Deus os bendiga.

— Que Deus os bendiga. Mas o capitão não quer desembarcar os negros porque teme que os peguem e os convertam de novo em

escravos. Ainda que não se oponha à escravidão com tanta veemência como eu, e esse é um dos poucos pontos em que discordamos, opina que ter viajado sob bandeira britânica, ainda que seja por um período muito curto, converte-os *ipsosfacto* em homens livres, e que seria uma injustiça privar-lhes dessa liberdade. Diz que apreciaria seus conselhos.

— O fato de preocupar-se com eles o honra. Com apoio suficiente, não há dúvida de que poderão viver aqui em liberdade. Têm algum ofício?

— Levavam-nos de um plantio de cana-de-açúcar para trabalhar em outro quando seu barco foi aprisionado e, pelo que entendi, porque falam muito pouco francês, só conhecem esse tipo de trabalho.

— Aqui podemos encontrar-lhes trabalho facilmente — disse Sam, voltando-se para um mar de canas verdes e agitando a mão. — Mas o trabalho é duro e mal pago. O capitão não contempla a possibilidade de deixá-los a bordo?

— Não. Só temos marinheiros de primeira e homens especialistas em seu ofício, como os veleiros, os toneleiros e os armeiros. Os homens do interior nunca seriam aceitos em um barco como o nosso. Porém, sem dúvida, mesmo ter liberdade e uma mau pagamento é melhor que ser escravo toda a vida e não ter nenhum.

— Qualquer coisa é melhor que a escravidão — concordou Sam com uma veemência que parecia estranha em um homem tão corpulento e calmo, — qualquer coisa, inclusive vagar pelas montanhas enfermo, congelado ou abrasado, meio morto de fome, desnudo e perseguido pelos cachorros, como os desgraçados fugitivos que ajudei na Jamaica.

— Você também se opõe com veemência à escravidão?

— Oh, sim! Nas Antilhas a situação era muito má, mas no Brasil era muito pior. Como saberá, trabalhei lá entre os escravos negros durante quase uma eternidade.

— Lembro-me muito bem. Essa era uma das razões pelas quais tinha tanta vontade de te ver outra vez no Peru.

Olhou atentamente para Sam, mas Sam ainda pensava no Brasil e, com sua voz grave, mais grave que a de Jack, continuou:

— É possível que haja algum tipo de escravidão tolerável nas casas. Quem não já viu algo parecido em países escravistas? Mas sempre estão aí a tentação, a possibilidade de cair no excesso, a tirania latente, o servilismo latente. E quem está preparado para ficar exposto constantemente à tentação? Por outro lado, acho que não há nenhuma possibilidade de que exista um tipo de escravidão tolerável na indústria, porque destruiria por completo ambas as partes. O povo português é amável e amistoso, mas nas plantações e nas minas...

Depois de um tempo, quando tinham avançado um grande trecho pelo caminho e tinham o rio à direita, Sam se deteve de repente e em tom vacilante disse:

— Amado doutor, desculpe-me. Estou falando sem parar e em voz alta a um homem como o senhor, que poderia ser meu pai e que provavelmente sabe mais que eu e há refletido sobre isto desde antes de que eu nascesse. Que vergonha!

— Oh, não, Sam! Não tenho nem a décima parte de sua experiência, mas sei o suficiente para estar seguro de que a escravidão é má. Ela foi abolida nos primeiros tempos da Revolução na França de minha juventude, mas Bonaparte a reinstaurou. E ele é tão mau como o sistema. Diga-me uma coisa: o arcebispo pensa como você?

— Sua senhoria é um cavalheiro muito velho, porém o vigário geral, o padre O'Higgins, sim pensa igual.

— Muitos de meus amigos da Irlanda e da Inglaterra são abolicionistas — disse Stephen, e decidiu não fazer mais comentários sobre isso. — Acho que posso distinguir o *Alastor* entre os barcos que estão à esquerda da igreja dos dominicanos. Está pintado de negro e tem quatro mastros. Ali nos alojaremos enquanto reparam a *Surprise*, que, conforme acredito, tem os vau da bateria em um estado preocupante. Estou ansioso para lhe apresentar a minhas meninas, Sarah e Emily, que são duas boas, ótimas católicas, ainda que quase não puderam ver uma igreja por dentro. Também estou ansioso para mostrar os negros meio liberados protegidos pelo capitão, que estão tristes e desconcertados, e quero pedir sua ajuda para encontrar um lugar para meus pacientes para o caso da presa

ser vendida antes de que se ponham bem. Ah, Sam! — exclamou quando já entravam em Callao. — Mais tarde, quando esteja livre, gostaria muito de falar sobre a opinião das pessoas no Peru, não só sobre a abolição da escravidão, mas também sobre o livre comércio, a representação, a independência e coisas parecidas.

CAPÍTULO 7

As meninas, cheias de orgulho e assombro depois de serem batizadas, foram ajudadas a subir à carruagem depois da missa pontifícia na catedral de Lima. Alisaram seus brancos vestidos e as faixas marianas azuis e se sentaram muito erguidas e com um gesto tão alegre como o sentimento religioso que as invadia o permitia, pois acabavam de ouvir o forte som do órgão pela primeira vez e de serem abençoadas pelo arcebispo com sua mitra.

A escadaria e as ruas abarrotadas ficaram para trás. A magnífica carruagem do vice-rei, escoltada por dois guardas de uniforme vermelho e escarlata, avançou para o palácio, a quinze jardas de distância, e a branca praça se via cada vez mais claramente.

— No centro fica a mais esplêndida fonte do mundo.

— Sim, padre — disseram.

— Vêem a água saindo por cima? — perguntou Stephen.

— Sim, senhor — responderam.

Depois não se atreveram a dizer mais nada até que chegaram à residência de Sam, situada em uma praça com arcos que ficava atrás da universidade, muito parecida a um quadrângulo das menores faculdades de Oxford. Limitaram-se a dizer “sim, pai” ou “sim, senhor” quando lhes contaram que a fonte tinha quarenta pés de altura (sem contar a figura representando a fama da parte superior, que era rodeada de vinte e quatro peças de artilharia e dezesseis correntes de ferro de extraordinário peso e que a Casa da Inquisição tinha como único rival a de Madri), que duas das ruas pelas quais passavam haviam sido pavimentadas com lingotes de prata para dar as boas-vindas a um vice-rei anterior, que devido aos freqüentes

terremotos os pisos superiores do palácio e alguns inferiores eram construídos com estruturas de madeira recheiadas de fortes juncos, recobertas de gesso e pintadas de cor tijolo e com riscas convenientemente situadas para criar a ilusão de que o eram, e que o melhor que se podia fazer caso ocorresse um terremoto era abrir a porta, porque se não poderia se travar e um ficaria sepultado debaixo das ruínas.

Quando entraram e lhes deram comida se tornaram mais faladoras, mais humanas. O servente de Sam, Hipólito, causou-lhes boa impressão porque usava uma faixa mais larga que as suas, mas da cor violeta usada pelos clérigos; encantaram-se ao ver que a porta ficava aberta e calçada com uma cunha e lhes agradou ainda mais notar que Hipólito se parecia muito com Killick. Os dois tinham a mesma expressão mal-humorada e indignada de quem se acha tratado injustamente e o mesmo desejo de fazer tudo conforme sua própria idéia da ordem. Mas havia uma diferença essencial entre eles: Killick dependia do cozinheiro do capitão para tudo exceto o café e um simples café da manhã, enquanto que Hipólito podia preparar uma excelente refeição só com a ajuda de um garoto que levasse as vasilhas. Contudo, como esta refeição ia ser servida muito cedo e havia convidadas de muito pouca idade, foi a mais simples possível e só consistiu em gaspacho, um prato feito com anchovas frescas e uma paelha com vinho afrutado de Pisco. Depois houve fruta, incluída a de uma árvore anonácea peruano, a fruta do conde, e as meninas comeram tantas que lhes ordenaram conter-se, tantas que não puderam comer muitos bolos de amêndoa, que teriam sido um bom final para o banquete caso lhes tivessem permitido escolher. Mas Hipólito já estava velho, e nem Stephen nem Sam tinham idéia de como ocupar-se das meninas, salvo pondo tomos de Eusebius nas cadeiras para que alcançassem a comida. Encheram suas taças com vinho amiúde e elas o tomaram, e ao final da refeição, quando viram na porta um garoto fazendo caretas pelas costas de seu chefe, não puderam se conter e riram timidamente, mas depois já não podiam controlar o riso e nenhuma se atrevia a olhar para a outra e muito menos para o garoto. As duas sentiram um grande alívio quando as deixaram sair para o pátio e lhes disseram que podiam

brincar e correr sem fazer ruído até que Jemmy Ducks passasse para recolhê-las no coche.

— Sinto muito, padre — disse Stephen. — Nunca tinham se comportado assim. Teria lhes dado alguns açoites se não fosse domingo.

— Oh, não, por Deus, senhor! Teria sido uma lástima se tivessem guardado um silêncio carmelita. Sem dúvida, uma criança saudável deve rir de vez em quando, se não a vida seria muito triste. A verdade é que são muito boas, mantiveram-se sentadas muito formais e com os guardanapos bem colocados.

Passou-lhe os bolos de amêndoas e lhe serviu café, e depois continuou:

— No que diz respeito à opinião pública aqui no Peru, acho que é bastante a favor da independência, especialmente porque o atual vice-rei tomou algumas medidas impopulares que favorecem aos nascidos na Espanha e vão em detrimento dos nascidos aqui. Em alguns casos, o desejo de pôr fim à escravidão está vinculado a esta idéia, mas não acredito que esteja tão estendido como no Chile, já que provavelmente aqui haja dez vezes mais escravos e muitas plantações dependem totalmente de seu trabalho. Mas há homens muito respeitados e influentes que a detestam. Tenho dois amigos, dois colegas, que sabem muito mais disso. Um é o padre O'Higgins, o vigário geral e meu superior imediato, que é muito, muito amável comigo, e o outro é o padre Íñigo Gómez, que ensina línguas indígenas na universidade. É um descendente de uma das grandes famílias incas por parte de mãe. Como provavelmente saberá, ainda há muitas, mesmo depois do último e desesperado levante. São as famílias que se opunham ao rebelde Túpac Amaru e ainda têm muitos seguidores. Obviamente, ele entende essa parte melhor que qualquer castelhano. Gostaria de conhecê-los? Ambos são abolicionistas, mas não há dúvida de que fariam todo o possível para falar sem preconceitos.

O relógio de bolso de Stephen, com som de campainhas que amiúde era como sua consciência, avisou-lhe mais uma vez. Então levantou-se e, falando baixo mas rápido, disse:

— Sam, não quero abusar da confiança de seus amigos e muito menos da sua. Quero que saiba que não só sou totalmente oposto à escravidão, mas também à dependência de um país de outro. Pode sorrir, Sam, porque foi educado por missionários irlandeses, que Deus bendiga, mas quando falo de independência me refiro à de qualquer país de outro, pelo que é possível que as autoridades pensem que tenho idéias políticas subversivas. Não quero que você nem seus amigos se ponham em perigo, pois a Inquisição é suave comparada com os agentes secretos, seus aliados e os que mantêm a ordem estabelecida.

Sam, reprimindo um sorriso que não era de todo inesperado, disse:

— Querido doutor, o senhor é muito mais sincero que os franceses, que são como víboras.

— Agora diga-me uma coisa, Sam. Onde fica a rua dos mercadores? Se fica a dez minutos daqui, chegarei vinte minutos atrasado.

— Se sair pelo estábulo, é a terceira a mão direita. Confiarei as meninas ao marinheiro que venha no coche.

Pascoal Gayongos, apesar de seu nome, era catalão. Depois de algumas arbitrarias perguntas que Stephen lhe fez para comprovar sua identidade, disse em catalão:

— Eu lhe esperava faz muito, muito tempo.

— Sinto muito — respondeu Stephen. — Eu me estendi em uma conversa interessante. Porém, não acha que é excessivo qualificar de “muito, muito tempo” vinte minutos?

— Não me referia aos vinte minutos nem a vinte semanas. Estes fundos estão em meu poder há muito mais tempo.

— Certamente! Alguns dos detalhes de nossa empresa vazaram para a Espanha. — Gayongos assentiu com a cabeça e Stephen prosseguiu: — Então pensaram que era conveniente que trocasse para outro barco e voltasse à Surprise em uma data combinada. Era um plano inteligente e não ia provocar muito atraso, mas não estava previsto que esse barco encalhasse em um isolado lugar das Índias

Orientais nem que nas inevitáveis escalas em Java e Nova Gales do Sul passássemos dias, semanas e meses que nunca voltariam.

— Durante esse período a situação daqui mudou radicalmente — disse Gayongos em tom incômodo. — Agora o Chile está em uma posição muito mais; conveniente para fazer a série de tarefas necessárias para levar a cabo esta empresa.

Stephen o olhou atentamente. Gayongos era um homem de meia idade, com muitas grisalhas, alto e obeso. Agora toda sua gordura vibrava por causa da paixão que tratava de ocultar. Seus negócios sempre lhe proporcionaram muita riqueza e não tinha nada a ganhar com isto, pelo que seus motivos eram puros, se o ódio pudesse ser considerado puro. Odiava aos espanhóis pela forma com que tratavam a Catalunha; odiava os revolucionários franceses e a Bonaparte por destruir o país.

— O governo sabia? — perguntou Stephen.

— Tratei de informá-lo pelos canais habituais, e me disseram que me ocupasse de meus assuntos e que o Ministério de Assuntos Exteriores sabia mais do que eu.

— Eu recebi o mesmo tratamento — disse Stephen e, depois de refletir um momento, continuou: — Mas neste momento tenho que seguir as instruções, pois a ordem de qualquer mudança poderia demorar seis meses para chegar-me, e nesses seis meses, que se somaria ao atraso, terminaria por se destruir a estrutura que formamos aqui e na Espanha. Farei o melhor que possa e ao mesmo tempo tratarei de não distribuir o que temos a nossa disposição até que vejamos que há algumas probabilidades de êxito.

Depois de um silêncio, Gayongos fez um gesto de resignação e disse:

— Se o Ministério de Assuntos Exteriores fosse uma companhia seguradora de mercantes, iria à bancarrota em menos de um ano. Mas que seja como o senhor quer. Vou preparar o quanto antes as reuniões que combinamos, ou pelo menos as que ainda são importantes.

— Antes de falar delas, por favor, tenha a bondade de contar-me como a situação mudou.

— Primeiramente, o general Mendoza morreu. Seu cavalo o jogou ao solo e quando o recolheram estava morto. Era um dos homens mais populares do Exército, especialmente entre os crioulos, e poderia ter arrastado a muitos oficiais. Em segundo lugar, o arcebispo está em estado senil, ainda que não goste de usar essa palavra para referir-me a um homem tão generoso e que defendeu abertamente o abolicionismo, e carecemos de seu importante apoio. Em terceiro lugar, Juan Muñoz regressou para a Espanha e foi substituído no serviço secreto e nas investigações do Governo por García de Castro, que é muito covarde para ser corrupto e totalmente confiável. É inteligente, mas muito débil. O vice-rei e perder seu posto o aterrorizam. É melhor não ter nada a ver com ele nem de perto nem de longe.

— A ausência de Muñoz me preocupa — disse Stephen. — Se Castro tem acesso a seus documentos, minha posição é quase insustentável.

— Acho que não deve se angustiar — tentou tranquilizar-lhe Gayongos. — Atuamos muito bem com Muñoz, e, apesar dos presentes, estava de nosso lado. Não acredito que os bons presentes e os postos que dei em minha companhia a seu sobrinho e a seus filhos naturais não tenham influído nele, mas não era um homem débil nem sem princípios, como Castro, e era capaz de agir decididamente em apoio de seus amigos. Os informes de nossa possível intervenção aqui, que por certo não foram levados muito a sério em Madri, passaram primeiro por suas mãos e lhes tirou quase todo seu valor. Foi fácil para ele, porque então o vice-rei estava a ponto de partir e estava enfermo e farto do país e de tudo o que tinha a ver com ele. Quando a *Surprise* chegou a primeira vez que veio sem o senhor, ele foi secretamente a Callao, corroborou que era o que na realidade diziam, um barco corsário, e no dia seguinte fez que a inspecionassem oficialmente e aprovassem sua entrada. Antes de sair do Peru destruiu muitos processos, e se alguns dos mais volumosos ainda que inócuos informes tivessem se conservado, o senhor apareceria neles com o nome de Domanova, mas duvido que isso tenha ocorrido. E não acredito que o nome do capitão do barco corsário tenha chegado a conhecer-se.

— Isto é tranqüilizador, sem dúvida — disse Stephen, aguçando o ouvido para ouvir algo pela janela.

Por toda Lima os sinos das igrejas e capelas começaram a tocar o ángelus com só alguns segundos de diferença umas das outras, com uma notável mistura de tons.

Os dois homens fizeram o sinal da cruz e permaneceram em silêncio um pouco. Quando Stephen voltou a levantar a vista, disse:

— Exceto em algumas coisas, a Igreja é uma instituição não muito bem organizada, quase desorganizada; contudo, às vezes leva a cabo atos coordenados que demonstram uma grande inteligência e que parecem ainda mais extraordinários por serem inesperados. Talvez haja uma analogia entre esta atuação e a do Governo espanhol. — Gayongos refletiu sobre isto um momento e depois lhe instou:

— Voltemos à administração. O novo vice-rei não é inteligente, mas se destaca por sua atividade e seu zelo. Tem absoluta lealdade ao rei e é inacessível, como os homens que trouxe com ele, seus colaboradores imediatos. Porém, afortunadamente, a maior parte da secretaria não mudou e tenho alguns informes interessantes. Quanto à direção dos departamentos, não houve muitas mudanças. A do departamento que responde pelos assuntos das índias foi ocupada por um homem muito respeitado, um amigo de Humboldt que, como ele, é abolicionista; e no departamento que se ocupa do comércio e aduana, o subinspetor ocupou o posto de seu chefe, mas continua sendo muito amável comigo, e, como tenho tantas conexões, eu lhe dou informação sobre bons negócios, como fazia com seu predecessor. — Fizeram um parêntese e falaram do comércio durante um tempo. Esse era um tema que Gayongos dominava, pois tinha muitos sócios e empregados pela costa do Pacífico e mais para lá do istmo, e inclusive nos Estados Unidos. Dedicava-se a atividades muito diversas, mas a principal era assegurar barcos e seus carregamentos, às vezes seguindo planos que achavam extraordinários. Para conseguir que os planos fossem um êxito, era de vital importância saber com exatidão quais eram as condições, a opinião pública e as intenções dos governos dos distintos territórios.

— Como provavelmente saberá — explicou, — os governadores de todas as cidades, guarnições e distritos importantes mandam informes confidenciais para o vice-rei. Foi Muñoz o primeiro a sugerir que os usássemos quando comecei a deixar que ficasse com uma parte dos ganhos de meus negócios, e agora normalmente me mandam uma das sete cópias. É especialmente importante neste momento, porque contêm um apêndice que fala da opinião política e da lealdade de muitos altos cargos da administração, eclesiásticos e servidores da coroa. — Olhou para Stephen para comprovar o efeito de suas palavras e, satisfeito, continuou: — Isso nos leva diretamente ao Exército. Mas antes de falar dos soldados, queria perguntar se sabe que há uma delegação francesa aqui.

— Eu sei — respondeu Stephen, sorrindo. — Seria estranho que não houvesse. Mas só sei que existe e queria que me dissesse, por favor, quem a compõem e como se encontra.

— É composta por cinco homens, dizem que todos são católicos suíços. O líder e seu irmão, os dois Brissacs, são matemáticos e estão medindo a força da gravidade e a altura de várias montanhas. E dizem que outros dois são naturalistas. O quinto, que fala muito bem o espanhol, aparentemente só coordena as expedições. Trouxeram uma carta de apresentação, ou o que tencionava ser uma carta de apresentação, para Humboldt, e foram bem recebidos na universidade. É evidente que são homens de uma considerável cultura.

— Que progressos fizeram?

— Não muitos. O mais velho dos Brissac, Charles, é um homem que tem muita habilidade e estabeleceu uma relação séria com alguns homens que são a favor da nova ordem. Mas a atual postura dos franceses com relação à escravidão não agrada ao tipo de pessoas que se relacionam com ele, que são abolicionistas, e não tem dinheiro suficiente para tentar aos que não resistem à tentação e que valem a pena tentar. Por outro lado, apesar de tudo, de *tudo*, a França ainda tem *glamour*, e isso, mesclado com o nome de Napoleão e a idéia de independência, provoca o entusiasmo de alguns jovens. Os dois naturalistas, que parecem ter participado na campanha contra a Itália, têm numerosos seguidores. Entre eles

poderia estar Castro, que frequentemente convida o mais jovem, Lathrobe, e que preparou a viagem dos dois ao lugar próximo a Quito onde estava Humboldt, um lugar tão alto nos Andes que se pode tocar a lua desde o solo.

— Provavelmente era Antisana. E se não me equivoco, sua casa fica situada a mais de treze mil pés de altura. Se os agentes franceses não são naturalistas de verdade, a subida deve de ter sido muito, muito trabalhosa. Mas que oportunidade! Tenho muitíssimo desejo de chegar aos lugares mais altos dos Andes. Quero caminhar pela neve virgem, ver o condor em seu ninho e o puma em sua guarida. E também as altas saxífragas.

— Fui a Quito uma vez — disse Gayongos. — Fica a apenas nove mil pés. Um sobe e sobe com os pulmões a ponto de estourar e os músculos da canela como o fogo porque amiúde tem-se que guiar a mula. Não voltarei nunca jamais. Prefiro a condenação da Inquisição. Que curioso! Ali, sem decidir-se a cruzar a rua...

Estavam sentados em uma sacada baixa e sobressalente de onde podiam ver sem serem vistos.

— Ali, aquele cavalheiro vestido de negro é um ministro da Inquisição. Sim, sim, é ele. Isso me recorda que Castro é um convertido. Sua avó era uma judia de Toledo. Talvez por ser um convertido está tão ansioso de gozar do favor do vice-rei e, ao mesmo tempo, deseja assegurar uma posição do outro lado.

— Está em uma posição difícil. Um convertido não pode permitir-se o luxo de buscar inimigos. Uma suposta aversão ao porco, o achado de um candelabro de sete braços em sua casa, seja quem seja o que o tenha posto, e os ministros da Inquisição irão buscá-lo e o acusarão de praticar o judaísmo. E já sabe o resto. Seria melhor que Castro permanecesse em silêncio.

— Castro não pode ficar calado — replicou Gayongos.

Daí passaram a falar dos militares. Da informação e dos apêndices que Gayongos tinha se desprendia que entre os capitães e tenentes havia uma boa dose de idealismo e bastante apoio à idéia da independência. Os oficiais de mais antiguidade se preocupavam principalmente em conseguir poder e privilégios e tendiam a odiarem uns aos outros.

— Há azedas discussões sobre como distribuir os diversos cargos e comandos — disse Gayongos.

Depois contou que existia três generais relativamente desinteressados e que se lhes falasse de forma apropriada poderiam unir suas forças e precipitar a revolução. Isso teria mais probabilidades de ocorrer se lhes fornecessem fundos para basear cinco ou seis regimentos em posições chaves.

— Podemos nos permitir o luxo de fazê-lo — disse Gayongos, — mas os franceses não. Contudo, esses homens são difíceis e arrogantes e é importante como fazer a apresentação do plano. Em qualquer caso, é o senhor quem deve decidir o valor da situação atual. O mais influente é o general Furtado, que agora está em Lima. Gostaria de ir caçar na sexta-feira pela manhã?

— Muito. Não seria prudente lhe pedir emprestado os informes confidenciais, né?

— São muito volumosos, e ainda que eu poderia explicar sua presença, ninguém mais fora do palácio poderia. Quer que busque algo em especial?

— Me interessaria qualquer recente menção ao padre O'Higgins, o vigário geral, do padre Gómez e do padre Panda.

— Agora que o arcebispo se encontra mal, o vigário geral é o homem mais importante da diocese. É um abolicionista, e estaria de nosso lado se não fosse porque deplora a violência e porque a maioria dos ingleses são hereges. O padre Panda, um africano alto, é seu mais estreito colaborador, mas não parece se importar tanto com a violência. Ainda que seja muito jovem, dizem que é muito apreciado em Roma e é possível que logo chegue a prelado, pois o vigário geral tem um grande conceito dele. Também é um abolicionista, naturalmente. Do padre Gómez só o que sei é que é descendente de Pachacútec Inca, que os índios lhe veneram e que é muito instruído, justo o oposto de mim.

— Acredito que logo os conhecerei pessoalmente.

— Estupendo — disse Gayongos e, sustentando no alto a lista das reuniões combinadas, perguntou: — E estes cavalheiros?

— Ao general Furtado na sexta-feira pela manhã. E seria conveniente dar prioridade ao vigário geral e ver os outros depois de

conhecer sua opinião.

— Muito mais conveniente.

Aparentemente, não havia muito mais que dizer na primeira reunião que tinham, além de decidir a hora e o lugar onde se reuniriam na sexta-feira, mas depois de alguns momentos, Gayongos disse:

— Talvez esta seja uma sugestão absurda, porque é muito provável que o senhor não tenha tempo. Como disse que tinha muito desejo de chegar aos lugares mais altos dos Andes, a Antisana, Cotopaxi, Chimborazo e outros lugares... O que quero dizer é que dentro de pouco enviarei mensageiros ao Panamá e Chagres através de Quito, e que deveria ter-lhe oferecido seus serviços para se quisesse mandar cartas para a costa atlântica do istmo, mas me parece que algumas entrevistas tardarão muito em marcar-se porque os mensageiros tardarão muito em ir e vir, sobretudo a Potosí e Cuzco, e talvez o senhor tenha tempo para viajar com eles até Quito. São homens de confiança e conhecem bem o caminho e poderiam indicar-lhe onde encontrar neve, rochas, gelo, vulcões, ursos, guanacos, vicunhas, águias...

— Estou tentado. Queria poder ir porque me encantam as montanhas — disse Stephen, — mas sentiria dor de consciência. Temo que terei que esperar até que nosso plano se leve a cabo. Porém, se me permite, vou incomodar seus homens dando-lhes algumas cartas. Muito, muito obrigado, meu amigo.

Durante dias o vento soprara do leste e agora havia fortes ondas que atravessavam a corrente do norte, fazendo o Franklin cabecear e balançar mais do que podia ser considerado agradável e mais que o conveniente para passar revista à tripulação; contudo, era domingo, o primeiro domingo que Jack estava seguro de que a ferida da perna lhe permitiria fazer exercícios, e decidiu realizá-la. No café da manhã se propagara a ordem “preparem-se para passar revista” e agora o contramestre, assomado à escotilha, gritava:

— Todos me ouvem de proa a popa? Preparem-se para passar revista às cinco badaladas. Camisas de dril e calças brancas.

E o único ajudante que lhe restava gritava:

— Estão ouvindo? Barbear-se e pôr camisas limpas para passar revista às cinco badaladas.

Naturalmente, muitos dos marinheiros eram antigos tripulantes da *Surprise* e para eles isso fazia parte de uma costume imemorial, era algo tão natural em sua vida como comer ervilhas secas na quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira. Já estavam preparados porque haviam lavado suas melhores camisas e no sábado pela tarde ou o domingo pela manhã tinham soltado o cabelo, haviam se penteado e voltado a fazer a trança uns nos outros antes ou depois de acostrar ao barbeiro para que os barbeasse. Agora estavam preparados, mesmo que ainda estivessem ajudando os pobres negros perplexos a se arrumarem, pentearem e vestirem a roupa de marinheiro, enquanto os tranqüilizavam, dando palmadinhas nas costas, dizendo:

— Calma, companheiro, não se preocupe.

O capitão também estava preparado. Estava a ponto de pôr os calções para a cerimônia quando, pela porta aberta, Killick o censurou:

— Não, não. Oh, não senhor! Não até que eu tenha dado uma espiada na ferida da perna e na do olho. É ordem do doutor, senhor, e não pode contradizê-la. Ordens são ordens.

Tinha superioridade moral, e Jack se sentou e lhe mostrou a coxa, onde tinha um grande corte que fora muito doloroso a princípio mas que estava quase curado, como a ferida do couro cabeludo, mesmo que ainda o impedisse de caminhar bem. Com desânimo, Killick admitiu que só necessitava de um pouco de pomada, mas quando lhe tirou a venda do olho disse:

— Teremos que pôr-lhe gotas e um pouco de pomada. Tem um aspecto horrível. Parece um ovo duro e está sangrento. Olhe, senhor, vou acrescentar um pouco de Gregory às gotas.

— O que quer dizer com isso de *Gregory*?

— Bem, todo mundo conhece a solução patenteada por Gregory, senhor, que balança os humores. E não é necessário balancear os humores? Sim, senhor. Nunca vi nada tão feio. Meu Deus!

— O doutor mencionou a solução patenteada por Gregory?

— Bem, pus um pouco na ferida de Barret Bonden, um corte muito comprido e profundo como o de um açougueiro, e olhe como está agora, totalmente curado. Não se preocupe com a dor, porque isto é para seu próprio bem.

— Mas acrescente muito pouco — disse Jack, que conhecia a solução de Gregory, o unguento infalível de Harris, a solução certa de fécula de Tartaruga, a mistura de enxofre e melão que costumava tomar nas sextas-feiras e outros tipos de remédios caseiros que faziam parte da vida em terra, do mesmo modo que as bolachas e passar revista no domingo faziam parte da vida marinha.

Com o chapéu cuidadosamente colocado sobre a nova bandagem (pois apesar de seus inumeráveis defeitos, Killick não carecia de um pouco de ternura), Jack subiu a escada do castelinho meia hora antes das cinco badaladas na guarda da manhã, avançando trabalhosamente degrau depois de degrau. O dia era muito bonito, brilhante, sem nuvens; o céu tinha um colorido azul mais uniforme e intenso que o habitual e o mar, nos lugares onde não havia brancas ondas, tinha uma cor ainda mais escura, o autêntico azul marinho. O vento ainda vinha do leste e sussurrava entre a exércia, mas apesar do Franklin poder ter desdobrado as sobrejoanetes, estava a pairar, cabeceando entre as ondas, com a gávea maior colocada de maneira que recebesse o vento pela parte dianteira e a mezena inclinada. Ao seu lado estava sua presa mais recente, um barco que comerciava peles e que vinha do norte. Era uma embarcação larga e cômoda, porém, obviamente, navegava muito mal de bolina, e como agora tinha os fundos muito sujos, era incapaz de situar-se contra o vento. O capitão Aubrey estava esperando que os ventos alísios do sudeste ou o sul-sudeste regressassem para levá-la ao porto. Ainda que o carregamento do mercante não fosse extraordinário (seus tripulantes iam encher os porões de peles de focas frente a *Más Afuera*), os tripulantes da *Surprise* que haviam estado no estreito de Nootka e tinham falado com os prisioneiros, e eram muitos, sabiam que só a parte que lhes correspondia das peles de nútria e de castor equivaleria a umas noventa e três moedas de oito xelins, assim que a tripulação que o capitão estava a ponto de inspecionar era uma tripulação alegre.

Os homens da guarda de estibordo já haviam subido ao convés seus sacos de roupa e formaram uma pequena pirâmide perto da espicha, e quando os da guarda de bombordo estavam colocando as suas no final do castelo de popa, formando um quadrado, Jack apareceu. Como costumava fazer nestas ocasiões, deu uma espiada no mar, no céu e nos aparelhos, e teve que fazê-lo com um só olho, pois mesmo que o outro não tivesse oculto pela bandagem, não suportaria a brilhante luz nem sua visão seria boa, pois não o era nem na penumbra de sua cabine. Notou o espírito da tripulação, e apesar da aguda dor e da angústia que sentia, contagiou-se de sua alegria.

Cinco badaladas. Jack fez uma inclinação de cabeça para Vidal, o imediato interino, que ordenou:

— Chamem para formar!

Tantos tripulantes tinham passado para outros barcos que a ordem não seguiu a longa série de repetições habitual, cumpriu-se imediatamente enquanto se ouviam os estrondosos toques de tambor. Os oficiais recém promovidos em substituição de outros, a maioria deles de Shelmerston, excelentes marinheiros, informaram que todos em suas brigadas estavam “presentes, devidamente vestidos e limpos”.

Vidal atravessou o convés, tirou o chapéu e anunciou:

— Todos os oficiais deram seu parecer, senhor.

Então percorreram o barco como se fazia tradicionalmente, exceto pela presença de Bonden, o barqueiro do capitão, que os acompanhava para o caso dele dar um passo em falso. Ainda que na batalha com o *Alastor* Bonden sofrera feridas que deixaram descobertas suas costelas e sua clavícula, haviam se curado rapidamente, e seus amigos tinham tomado as medidas que costumavam tomar os marinheiros para assegurar-se de que não se abrissem de novo. Primeiro lhe puseram uma faixa de linho untada com gordura de porco, depois duas de lona número oito e outras duas da número quatro, e por cima uma faixa cânhamo branco de um palmo, com fortes tiras para ajustá-las que estavam tão apertadas que só podia respirar com o estômago.

Os homens da guarda de proa e do castelo, sob o comando de Slade, formavam a primeira brigada; nela estava a maioria dos escravos negros do *Alastor*. Isso era lógico, porque não eram marinheiros e só eram úteis para limpar o convés com pedra arenito ou com esfregões quando fazia bom tempo ou para puxar alguns cabos sob uma estrita supervisão. De repente, Jack se deu conta de que não sabia como se chamavam nem podia distinguir um do outro, e não pôde falar-lhes como era habitual. Estavam muito limpos, quase resplandecentes, corretamente vestidos com camisas de dril e calças e tinham aprendido a manter-se retos e a tirar o chapéu; mas não estavam contentes, senão muito nervosos, e moviam os olhos de um lado para outro com temor.

No grupo seguinte havia mais dois e alguns dos tripulantes do *Franklin* que restavam, e ainda que Jack conhecesse bastante bem todos os homens brancos, assombrou-se ao vê-los nessa brigada. Mas os homens que estavam sob seu comando tinham forçosamente que encarregar-se de diferentes tarefas e mudar de um barco para outro tantas vezes que, mesmo se o capitão não tivesse sido ferido na cabeça e obrigado a permanecer em sua cabine durante algum tempo, teria se confundido. Se saiu melhor quando chegou à brigada dos artilheiros e dos marinheiros do castelo, os mais antigos tripulantes a bordo. Paradoxalmente, estavam sob o comando de Reade, que ainda não terminara de trocar de voz. Jack ainda estava preocupado quando desceu com sua escolta para] inspecionar a cozinha, as cabines e todo o resto, pois sempre pensara que um oficial tinha a obrigação de conhecer todos seus homens e, certamente, saber seus nomes, a que guarda e a que brigada pertenciam e quais eram sua classificação e suas aptidões. Quando Vidal, Bonden e ele voltaram à luz do dia, passaram junto aos marinheiros prisioneiros e foram até a parte de bombordo do castelo de popa, onde se achavam os oficiais prisioneiros. Um deles lhe disse:

— É um prazer vê-lo caminhar e com tão bom aspecto, senhor.

— O senhor é muito amável, senhor — respondeu Jack. Então, dirigindo a vista para o outro lado do grupo, notou a ausência de um. — Onde está o senhor Dutourd? — perguntou, e depois

ordenou: — Bonden, vá a sua cabine e tire-o de lá. E procure seu servente.

Não foi possível encontrar Dutourd nem seu servente, ainda que revistaram o barco, a presa e o bote com aparelho de escuna que levavam a reboque com a característica habilidade de quem está acostumado a esconder coisas dos agentes da aduana e dos homens das brigadas de recrutamento forçoso. Seu baú, com uma placa com o nome de Jean du Tourd gravado e toda sua roupa estava na cabine. Sua escrivaninha tinha as gavetas abertas e desordenadas e parecia que haviam sido tirados deles alguns papéis; contudo, sua bolsa, que Jack lhe devolvera, não estava em nenhuma parte.

Os testemunhos foram muito variados, ainda que concordavam em uma coisa: Dutourd não comia na câmara dos oficiais há tempo porque parecia estar ofendido e todos acreditavam que comia sozinho. Mas ninguém podia precisar quanto tempo; nem mesmo Killick, que era a pessoa mais inquisitiva a bordo, podia. Tampouco sabia, para assombro de Jack, que ele tinha negado a Dutourd a permissão para ir a Callao na *Surprise* com seus antigos companheiros de tripulação nem que Dutourd tinha pedido permissão. Ninguém pode assegurar que o vira no castelo de popa depois que o Franklin se separou da fragata, mas tampouco o contrário. A maioria pensava que estava em sua cabine enfermo ou estudando.

Havia várias possibilidades, e quando Jack por fim se sentou sozinho junto das janelas de popa do *Franklin*, remoeu a questão. Era possível que Dutourd, depois de trasladar seus pertences da *Surprise* para o *Franklin*, regressasse com algum pretexto e se escondesse. Depois poderia ter subido a bordo do *Alastor* quando estava atracado com a fragata, enquanto passavam provisões de uma embarcação para a outra, o mesmo poderia ter ocorrido com o baleeiro. E o bote tinha ido a Callao para buscar tripulantes.

Contudo, o que realmente importava era o resultado. Stephen, de forma discreta, dissera que não seria prudente enviar Dutourd a Callao, e não havia dúvida de que Dutourd estava em Callao nesse momento.

— Que venha o senhor Vidal — ordenou e, quando o senhor Vidal chegou, disse — ; Sente-se senhor Vidal. Quem levou o bote a Callao?

— Eu, senhor — respondeu Vidal, mudando de cor.

— Como se portou?

— Senhor?

— Como se portou? É uma embarcação que navega bem de bolina? Pega bem o vento?

— Sim, senhor. Chega a formar um ângulo muito pequeno com a direção do vento e quase não tem abatimento quando navega de bolina. É uma... — Sua voz se apagou.

— Muito bem. Por favor, tenha-a preparada com provisões e os mastros colocados antes da guarda do primeiro quartilho.

—... jóia — disse Vidal, terminando a frase.

— Que não se esqueçam de pôr material de pesca e uma rede. É possível que passem dois ou três dias antes de que possamos navegar de bolina se o vento não mudar. Eu levarei Bonden, Killick, Plaice, William Johnson e Ben.

Nomeou o último depois de uma pausa infinitesimal, pois enquanto falava chegara à conclusão de que Dutourd fora para a costa no bote, e levar a Ben impediria que Vidal fizesse uma bobagem. Teria sido mais conveniente levar a Vidal, mas como a maioria dos marinheiros responsáveis e experientes haviam partido ou estavam feridos, Vidal era a pessoa mais indicada para se encarregar do comando. Era muito religioso e tinha idéias democráticas, inclusive republicanas, mas era oficial de derrota desde antes de que construíssem o Franklin e, ademais, um excelente marinheiro e um homem muito respeitado e carismático.

— Tome o comando enquanto eu esteja ausente — disse Jack depois de um silêncio. — Se o vento seguir soprando do leste, como acredito que ocorrerá, o senhor não poderá aproximar-se com a presa de Callao nem mais uma milha, ainda que mude de bordo dia e noite. Se o vento mudar de direção, poderá ir a Callao, mas se não puder entrar no porto, nós nos reuniremos diante de Chinchas. Eu lhe darei as ordens por escrito, junto com uma lista de pontos de encontro ao sul das ilhas Lobos.

Na realidade, para poder avançar com aquele vento tão forte e fixo, uma embarcação devia ter aparelho de velas áuricas, e o elegante bote de mogno do *Alastor* o tinha e suas velas eram perfeitamente cortadas. Apesar de sua inquietação, Jack sentia prazer ao aproveitar ao máximo suas qualidades, ao mudar a proa de bordo até que quase tremia e ao fazê-la avançar rapidamente na direção contrária das ondas. O bote respondia como um cavalo brioso e bem adestrado e era bastante estável naquele tempo, assim que antes de que caísse a noite já tinham perdido de vista as gáveas do *Franklin* pelo oeste.

Quando Jack Aubrey sentia fortes emoções, parecia que sua altura aumentava e seus ombros se alargavam. Por outra parte, sem a menor afetação, sua habitual expressão alegre se transformou em grave. Killick não se atemorizava facilmente quando o ouvia criticar pelas garrafas derramadas, pelas inficazes ordens de Whitehall ou do navio almirante, mas essa expressão grave o intimidava. Nessa tarde, quando lhe vendou a perna e a cabeça, só disse as palavras necessárias e em tom submisso.

O interior do bote era dividido de proa a popa em dois compridos compartimentos, cada um com espaço suficiente para sentar-se na parte de proa. Ali, em um colchão, Jack se deitou pouco depois de organizar a guarda. Ainda que a parte anterior do compartimento estivesse cheia de tela e cabos, restava bastante espaço livre para ele e, conforme uma costume de toda a vida, adormeceu em poucos minutos apesar da dor e da angústia. Os marinheiros que estavam no compartimento de bombordo, Johnson e o jovem Ben Vidal, fizeram o mesmo. Ainda que Johnson, um negro de Seven Dials, tenha começado a contar a Ben como venceu ao maldito canalha do suboficial do *Bellerophon* quando se fizera ao mar pela primeira vez, sua voz se apagou ao perceber que não o escutava.

Estava estipulado que os marinheiros estivessem continuamente em guarda. Poucos minutos antes de meia-noite Jack acodou de um sono profundo, mas algumas partes de sua mente deviam ter seguido ativas, porque sabia perfeitamente bem que o

bote virara quatro vezes e que a intensidade do vento diminuía e agora era moderada. Saiu do compartimento à luz da lua, que podia servir de relógio se um soubesse quando saía e seu lugar exato entre as estrelas no início de cada turno de guarda. De repente, quando estava ali de pé balançando ao ritmo das tranqüilas águas, sentiu desejo de se inclinar sobre a borda de bombordo e jogar-se água no rosto, e nesse momento notou que já não sentia uma profunda dor no olho aliás que a dor quase tinha desaparecido, ainda que ainda estava irritado.

— Meu Deus! — exclamou. — Talvez possa voltar a nadar dentro de uma semana ou duas.

— Que oportuna troca, senhor! — exclamou Bonden, cedendo-lhe o posto ao leme.

Então lhe contou exatamente quantas trocas de rumo tinha feito: duas para o sudeste quarta ao leste e duas para o nordeste quarta ao leste. Também lhe falou da velocidade, que agora que o mar estava menos agitado era de dez nós e uma braça. Atrás deles ouviram os abafados ruídos do pequeno grupo de marinheiros que mudavam de guarda.

— Bem, Bonden, deite-se e durma o quanto possa — disse Jack.

Colocou-se no lugar do timoneiro, com o trêmulo leme sob a mão e o antebraço. Seus companheiros bombeavam a água do interior do bote, pois tinha entrado muita anteriormente, ainda que agora só chegavam alguns salpicos, e enquanto isso ele voltou a refletir sobre suas preocupações. Tinha a convicção moral de que Vidal tomara parte na fuga de Dutourd, ainda que fosse irracional, porque só era baseada na instintiva desconfiança que sentiu ao ouvir a primeira resposta de Vidal; contudo, agora que refletia sobre isso, recordando tudo o que ouvira sobre as idéias de Dutourd e as dos seguidores de Knipperdolling, além do que sabia do entusiasmo e até onde um entusiasta podia chegar, achava que a razão e o instinto concordavam, como lhe ocorria às vezes quando refletia sobre uma batalha ou pelo menos sobre a parte da abordagem e da luta corpo a corpo nas quais não tivera tempo algum para pensar. E

depois de refletir, pensou que tinha acertado ao trazer Ben no bote, porque isso poderia ser benéfico e não causaria nenhum dano.

Não valia a pena pensar muito em como Dutourd conseguira escapar. O que importava era que *escapara* e que Stephen dissera que devia ficar a bordo, que de seu ponto de vista era imprudente permitir que desembarcasse no Peru. O ponto de vista de Stephen estava influído pela espionagem, como Jack sabia muito bem. Em uma viagem anterior, Stephen deixara cair uma caixa e ele vira que dentro tinha uma soma tão grande que só podia se destinar à derrocada de um governo. Além disso, suspeitava que aniquilara aos dois traidores ingleses, Ledward e Wray, que tinham relação com uma delegação enviada pelos franceses ante o sultão de Pulo Prabang. Em um parêntese lembrou que Stephen lhe perguntou: “Aniquilar é um termo que se usa na Armada?”, e Jack respondera: “nós o usamos amiúde com o significado de arruinar ou destruir. Às vezes usamos outros mais grosseiros, mas não quero envergonhar-te repetindo-os”.

Pela amura de barlavento, Canopo começava a separar-se do horizonte.

— Preparem-se para mudar de bordo — ordenou.

Seus companheiros correram para seus postos e Jack, girando o leme cinco graus, gritou:

— Leme para bombordo!

Então, abaixando a cabeça para se esquivar da espicha, o bote virou em redondo descrevendo uma suave curva, e, quase sem tocar as braças, as velas ficaram amuradas para estibordo.

A lua estava descendo e, oculta por um escuro véu, dava tão pouca luz que Jack quase não pôde ver Johnson aproximar-se da popa.

— Quer que o substitua agora, senhor? — perguntou, e seus dentes brilharam na escuridão.

— Não, obrigado, Johnson — respondeu Jack. — Ficarei aqui um pouco.

O bote continuou avançando e, como o vento amainava, quase podia mudar de bordo sozinho. As ondas foram diminuindo e as

cristas desaparecendo, e na água podia se observar a fosforescência, uma luz tênue visível de uma ponta a outra da esteira e em corpos amorfos e volumosos a uma profundidade de dez ou vinte braças. Também podiam ver peixes movendo-se a diferentes profundidades, às vezes cruzando-se e outras aparecendo repentinamente.

Jack voltou a suas reflexões. O ponto de vista de Stephen, indubitavelmente, era influído pela espionagem. Isso ocorria há muitos, muitos anos, e em uma ocasião, Jack recebera a ordem de pedir-lhe conselho com respeito a questões políticas. Contudo, não sabia qual era a missão atual de Stephen nem queria sabê-lo, porque a ignorância era a melhor garantia da discrição. Tampouco era capaz de imaginar como um homem como Dutourd poderia ser um obstáculo para essa missão, porque, indubitavelmente, nenhum Governo, por estúpido que fosse, utilizaria como agente secreto ou enviado alguém tão tonto e loquaz.

Remoeu o assunto. Isso era um exercício tão útil como tratar de resolver uma equação com inumeráveis variáveis quando só se conhecem duas. A barlavento ouviu-se uma forte exalação quando saiu à superfície uma baleia, um enorme monstro solitário que sob a forte luz verdosa parecia negra. Lançou um jorro de água que passou por cima do bote, depois aspirou ar e, devagar, submergiu de cabeça, mostrando finalmente sua brilhante cauda. Jack continuou seu inútil exercício, fazendo somente uma pausa quando Johnson o substituiu, ao final da guarda, e terminou sem outra valiosa idéia que a que tinha ao começar: se a presença de Dutourd em terra era, de alguma forma, uma ameaça para Stephen, seu dever era levá-lo a bordo de novo se fosse possível, e se não, pelo menos tirar Stephen dali.

Dormiu das quatro, no final da guarda, até as seis, contente pelo olho, mas desgostoso porque o vento amainava, mesmo que ainda permitisse navegar de bolina, e o bote quase não alcançava uma velocidade superior a cinco nós, medida com generosidade.

Não lhe surpreendeu que o vento estivesse em calmaria ao acordar, mas sim o odor de pescado frito, pois ainda faltava uma hora para o desjejum.

— Bom dia, senhor — cumprimentou Killick, entrando com as vendas. — O vento está em calma e o mar é como um poço de óleo. — Falou sem a habitual satisfação com que dava as más notícias, e depois prosseguiu: — Joe Plaice lhe pede desculpas porque não pôde evitar jogar a rede. O desjejum estará pronto dentro de dez minutos, e seria uma pena deixar que se esfriasse.

— Então traga-me água quente e, tão logo me barbeie, subirei ao convés. Pode vender-me o olho mais tarde. Será melhor.

— Sabia que Gregory lhe faria bem — disse Killick, com gesto alegre e triunfante. — duplicarei a dose. Sabia que tinha razão. Já sabe, balanceia os humores.

Joe Plaice, um corpulento marinheiro do castelo, tinha habilidade para realizar todos os trabalhos que um marinheiro devia fazer, mas era um autêntico artista jogando a rede. Colocado no gurupés e seguro ao estai com a mão esquerda, lançara a rede com a direita, fazendo um movimento exatamente calculado para que as bordas com chumbos se estendessem e toda a rede ficasse plana como um disco sobre a superfície, justo em cima de uma das inumeráveis revoadas de anchovas que, movendo-se em todas as direções, haviam rodeado o bote ao longo de muitas milhas. Os chumbos fizeram as bordas da rede se moverem para baixo e para dentro rapidamente, depois se uniram com uma corda e finalmente os peixes aprisionados subiram a bordo. A metade da primeira rede fora comida pelo timoneiro, a quem sempre se dava de comer primeiro; a outra metade e outras duas redes inteiras os marinheiros estavam comendo, sentados no convés ao redor de uma grande frigideira que estava colocada sobre um forninho de ferro cheio de carvão.

— Meu Deus, isto está muito bom! — exclamou Jack, molhando no caldo um pedaço de pãozinho. — Não há nada melhor que anchovas frescas.

— Devem morrer na frigideira — explicou Plaice. — Se não for assim, são um veneno.

Houve um burburinho de assentimento.

— Muito certo — disse Jack. — Mas lhes direi uma coisa, companheiros — acrescentou, assinalando o este-sudeste com a

cabeça. — É melhor que comam tudo o que possam, porque somente Deus sabe quando voltarão a ter uma refeição quente, ou mesmo fria. Ben, viu algum arco-íris que pressagie vento?

O jovem ruborizou, engasgou-se com o pescado e, com voz débil, olhando nervosamente para seu companheiro, respondeu:

— Bem, senhor, vi os normais.

— Olhe para sotavento, pela amura, e verá um muito diferente aos normais.

— Não estava ali quando começamos a desjejuar — disse Joe Plaice.

— E por sotavento! — exclamou Johnson. — Meu Deus! Que Deus nos ajude!

— Amém — disseram os outros.

Ao longe, em uma indefinida zona entre o céu e o mar, havia um óvalo iridescente de tal tamanho que podia tapar-se com uma mão estendida. Tinha cores que abarcavam todo o espectro, alguns suaves e outros muito fortes.

— Um arco-íris por barlavento significa chuva, como sabem muito bem — disse Jack, — mas um por sotavento indica mau tempo. Joe, deveria jogar a rede outra vez para que comamos o quanto possamos.

As outras criaturas marinhas tinham a mesma opinião. Agora o bote estava no meio da corrente peruana que se movia para o norte e, por alguma razão, os minúsculos animais que viviam ali tinham iniciado um desses aumentos de população que poderiam deixar o mar vermelho ou turvo como purê de ervilhas. As anchovas, com avareza, devoravam enormes quantidades deles; os peixes de tamanho médio e as lulas comiam as anchovas com avidéz, quase sem perceber que a eles os devoravam outros peixes muito maiores, como os bonitos e outros membros de sua parente e os leões marinhos, e também aves como pelicanos, petréis, cormorãos, gaivotas, bonitas andorinhas e ágeis pingüins que nadavam justo abaixo da superfície.

Os tripulantes do bote passaram a maior parte da manhã amarrando tudo, pondo contraestais e amantilhos e preparando todas as velas da melhor lona que possuíam. Pouco antes da hora

do almoço, avistaram pela amura de estibordo, a dez milhas, uma ilhota rochosa habitada por leões marinhos e aves que servia de indicador do cabo de Callao, e atrás dele, a grande distância, ficava a cordilheira dos Andes, cujos picos nevados pareciam nuvens. Então, desde o céu azul-claro, começou a soprar o vento e se via vir do leste, desde a costa, uma névoa de cor parda. O vento não foi violento desde o princípio, aumentou de intensidade pouco a pouco até soprar tão forte que alisou a superfície do mar. Trazia consigo grande quantidade de areia fina e poeira que se metiam entre os dentes e impediam ver com clareza.

No intervalo entre o primeiro rangido agradável da exércia, que encheu de vida o bote, e o estridente som que impedia ouvir tudo o que não fossem gritos, o bote chegou próximo da alta e branca ilhota rochosa. Jack levava o leme; os marinheiros estavam inclinados sobre a borda no lado de barlavento para ajudar o bote a manter o equilíbrio enquanto avançava a uma velocidade que produzia uma sensação entre o pesadelo e o êxtase. Quando passaram a sotavento da ilhota, ouviram os leões marinhos gritarem, e o jovem Ben sorriu. Então Jack disse para si: "Não ria, jovenzinho, se sentisse como este maldito leme vibra com a tensão". Depois notou que Joe Plaice tinha um gesto grave e lembrou que se aproximava dos sessenta e que havia sofrido muitas feridas nas guerras.

O vento estava encrespando o mar. As ondas eram curtas e cada vez mais altas; as cristas se agitavam diante deles. Assim que o bote passou a ilhota, todos compreenderam que não poderia seguir com aquela quantidade de velame desdobrado. Os marinheiros olharam para trás e Jack assentiu com a cabeça. Sem dizer nada, todos juntos levaram a cabo as perigosas manobras para mudar de bordo, pôr o bote a pairar, rizar a vela maior e a traquete, pôr uma vela de capa e voltar a sair para o alta mar.

Enquanto durou a luz do dia, um dia muito claro, sem nenhuma nuvem, tudo foi bastante bem. Os grupos se revezaram para almoçar e a comida consistiu em pãozinhos e aveia mesclada com água e açúcar. Além disso, tomaram grogue, servido pelo capitão. Killick teve bastante tempo para vendar o olho de Jack e observar

que o perderia se não regressasse a um lugar do bote onde pudesse manter-se seco.

— Bobagens — disse Jack. — Está muito melhor. Posso ver perfeitamente bem. O que não posso suportar é a luz brilhante.

— Pelo menos deixe-me cortar um pedaço da aba de seu chapéu para que possa usar as duas juntas e presas com um lenço, para o caso de haver uma tormenta.

Houve uma tormenta. O remendo foi colocado apenas um momento antes de que fosse impossível pô-lo. O sussurro do vento na exércia aumentou meia oitava de tom e o bote foi sacudido com violência. A maior parte da noite, uma noite em que a lua brilhava e o mar estava branco de um lado ao outro do horizonte, foram obrigados a manter-se a pairar com uma vela de capa e uma bujarrona.

Pensaram que no dia seguinte haveria uma tormenta, mas não houve. Os dias e as noites se sucederam e tudo estava sempre a ponto de ser derrubado, em crise perpétua. Às vezes avançavam até que avistavam a ilha situada diante de Callao e seu escarpado e logo eram obrigados a retroceder. Pouco depois, como se aproximava o verão austral, o vento começou a soprar desde o alto da cordilheira e parecia muito mais frio porque todos estavam sempre molhados. Molhados e famintos. O pobre Ben, além de ter lascado a pele das canelas, derrubou o apreciado barrilete com aveia, pelo que na quinta-feira reduziram as rações pela metade.

Quando Jack anunciou isto gritando enquanto todos se abrigavam no compartimento de estibordo, acrescentou as palavras de ritual: “Duas para quatro de nós e graças a Deus que não somos mais”. E viu com satisfação os sorrisos naqueles rostos cansados.

Mas não houve sorrisos no domingo, quando ao amanhecer ouviram muito perto os gritos dos leões marinhos e se deram conta de que era a sétima vez que o vento lhes fazia retroceder, um vento que aumentava constantemente de intensidade, um vento que devia ter afastado muito o *Franklin* e a sua presa para o oeste.

CAPÍTULO 8

Muito tempo de prática, e certa habilidade natural, permitiam a Stephen Maturin fazer mentalmente um relatório semi-oficial bastante comprido e memorizar uma versão em código, de modo que não havia nenhum perigo de que a mensagem ficasse escrita em papel depois de enviar essa versão. Isso requeria uma excepcional capacidade de recordar, mas ele tinha uma excepcional capacidade de recordar e, também, aprendera a desenvolvê-la desde sua infância porque, em boa medida, estudar significou para ele memorizar, até o ponto de que podia repetir a *Eneida* completa. Por outro lado, sabia de memória o código secreto com a qual se correspondia com sir Joseph Blaine, o chefe do serviço secreto da Armada.

Então começou:

Com a ajuda de Deus, querido Joseph, acho que o início da missão é muito promissor e a situação é muito estimulante, pois tudo está sucedendo a um ritmo exageradamente rápido, de sonho. Em primeiro lugar, apresentaram-me ao general Furtado, um antigo cavalheiro da ordem de Malta que, apesar de ser militar está a favor da independência, em parte porque Carlos IV tratou grosseiramente ao seu pai, mas sobretudo porque o atual vice-rei e seu predecessor lhe parecem homens sem classe, adventícios, os quais não são raros de se encontrar na Espanha. Seu ódio aumentou quando o atual vice-rei lhe enviou uma carta em que omitiu o tratamento de excelência que Furtado merece por cortesia. Mas o inesperado é que Furtado se opõe totalmente à escravidão e é pobre, apesar de ter um posto de comando do qual a maioria dos oficiais se retiraram com muitas riquezas, suficientes para usar como lastro dos barcos

que os levaram de regresso à Espanha. Com relação ao ódio à escravidão, o compartilho com alguns de meus amigos que também eram cavalheiros da ordem de Malta, e acredito que começou quando estive nas galeras da ordem; com respeito ao trato grosseiro do rei, o que ocorreu foi que se referiu ao seu pai dizendo *meu parente* em vez de *meu primo*, como merecia ser tratado por sua categoria, e Furtado nunca esquecerá a ofensa porque é muito orgulhoso.

Na realidade, foi graças aos cavalheiros da ordem de Malta que pudemos estabelecer uma relação muito cordial, pois apesar de que nossos encontros, do ponto de vista político, foram excelentes desde o princípio, adquiriram um aspecto diferente por causa de que tínhamos numerosos amigos comuns na ordem e por que estávamos de acordo com o plano de Serra Leoa para o estabelecimento dos escravos libertados, que ambos subscrevemos.

A primeira vez cavalgamos pelo ermo que se estende depois dos campos irrigados ao redor de Lima. Chamam estas excursões de caçadas, e nos dias festivos os cidadãos em melhores condições físicas percorrem a cavalo o deserto rochoso em busca de um animal quase mítico que se parece, conforme dizem, a uma lebre e foge das poucas coisas que se movem ali, geralmente de um pássaro passeriforme de cor escura que não é comestível e que acredito que pertence a uma subespécie anã do *Sturnus horridus*. Recolhi três insetos para o senhor, dos quais somente posso dizer que pertencem aos pentâmeros. Assombra-me que inclusive estas criaturas tão diminutas possam viver no terreno desolado que atravessamos. O general teve mais sorte, pois derrubou uma formosíssima andorinha, a *Sterna ynca* de Suárez. Suponho que a ave trocou de rota e se afastou do rio para ir diretamente a algum lugar próximo da costa onde tinha mais peixes, porém, como isso quase nunca ocorrera, o general sentiu uma grande satisfação e disse que não podia haver melhor presságio do êxito de nossos encontros.

Um bom presságio sempre é bem-vindo, e se não fosse presunçoso de minha parte diria que quase não tenho dúvidas de que nossas conversações darão bons resultados, posto que três dos eclesiásticos de mais alta categoria e quatro governadores já se

comprometeram conosco, junto com as pessoas que representam. Além disso, os oficiais ao comando dos regimentos que teremos que mobilizar são bastante corruptos e temos bastantes fundos; contudo, terão que manter as aparências e usar a persuasão e certa violência antes de claudicar. Na sexta-feira vamos ter uma reunião preliminar sem esses cavalheiros para combinar os detalhes dos pagamentos e para decidir se devemos convidar Castro para a reunião principal na sexta-feira. Nestes momentos lhe estão sondando discretamente no próprio palácio, que está vazio porque o vice-rei partiu apressadamente para o norte do Peru para reprimir uma revolta. Partiu com as tropas do palácio e mais algumas pouco depois de que me reuni com o último dos nossos amigos que restavam em Lima, e já leva dez dias de viagem.

Não podia ter chegado em melhor momento, quando o vice-rei estava a ponto de sair da capital com seus mais fiéis amigos, quando já tinha ganhado o ódio de muitos crioulos e de boa parte do Exército, quando o desejo de independência havia se intensificado, quando o terreno já estava de certa forma adubado. Talvez tivesse sido melhor começar com o Chile, onde Bernard O'Higgins (um familiar achegado de nosso vigário geral) tem muitos seguidores, mas dada a situação atual e as instruções que recebi diretamente acredito que poderemos ter muito êxito aqui. É verdade que o tempo é sumamente importante, pois tem que se coordenar bem o movimento das tropas, as declarações e a criação de um comitê peruano que apresente um *fait accompli*, um sólido *fait accompli*, ao vice-rei ao seu regresso, de maneira que todos estes movimentos se façam corretamente e tenha uma força esmagadora na cidadela. Afortunadamente, o general Furtado tem um extraordinário senso do tempo e é um oficial muito competente, o mais competente do Exército espanhol.

Gostaria muito de comunicar-lhe os resultados da reunião principal, ou pelo menos da preliminar, mas dentro de pouco tenho que ir às montanhas a cavalo e os mensageiros que levarão esta carta para a costa atlântica partirão antes de que eu regresse. Poderia fazer-me o favor de enviar a folha adjunta para Hampshire?

No papel em questão escreveu:

Minha querida:

Faço apressadamente estes garranchos para enviá-los para as duas todo meu carinho desde o último porto em que fiz escala. Também quero dizer que todos estamos bem exceto o pobre Martin, que teve que regressar para a Inglaterra por problemas de saúde. Se Deus quiser, receberá esta nota antes de que chegue, assim que, por favor, diga a sua esposa que estou convencido de que se recuperará.

Este clima é muito agradável, porque a suave brisa atenua o calor; contudo, asseguram para mim que aqui jamais chove, e ainda que haja névoa e umidade no inverno isso não é suficiente para mitigar a esterilidade quase absoluta do deserto, quer seja rochoso ou arenoso, que se estende ao longo da costa, onde a ausência de vida animal e vegetal é quase total. Mas consegui satisfazer uma de minhas maiores ambições: vi o condor. Provavelmente se alegrará ao saber que já recolhi sete exemplares de ratos de espécies diferentes (um que vive no coração do deserto, cinco que habitam na periferia e um que achei fazendo seu ninho entre meus papéis). Mas graças aos rios, que, naturalmente, nutrem-se das neves dos picos das distantes montanhas e portanto são mais caudalosos no verão, existe uma fauna e uma flora importantes nos campos regados por eles e nos vales. O que mais desejo ver é a grande montanha, com suas plantas e seus animais tão diferentes aos do restante do mundo. Neste momento tenho postas as botas e as esporas para iniciar uma viagem para umas montanhas de altura moderada. Minha mula está em um pátio próximo e sobre o arção há um poncho, um pedaço de tecido retangular com um buraco no meio por onde terei que meter a cabeça quando chegue aos cinco ou seis mil pés.

Que Deus lhe bendiga, meu amor. Por favor, dê um beijo em Brigit por mim.

Jogou-se para trás, pensando com ternura em sua esposa, Diana, uma jovem de grande brio, e em sua filha, a quem não havia visto, ainda que a imaginava já usando um vestido, caminhando e inclusive falando. Uma vez mais seu relógio interrompeu o fio de seu pensamento, mas lhe teria servido melhor de guia se lhe houvesse

dado corda na noite anterior. Dobrou os papéis, levou-os ao escritório privado de Gayongos e repassou de novo as instruções para a viagem.

— Não tem perda — disse Gayongos, — mas queria que pudesse chegar antes do anoitecer. Vai sair com mais de três horas de atraso.

Stephen abaixou a cabeça e não lhe restou mais remédio que admiti-lo.

— Sopra um vento muito forte que lhe dará no rosto — acrescentou Gayongos.

Então conduziu Stephen por uma intrincada série de corredores e estábulos até chegar ao pátio onde ficava a mula. Era um animal grande e inteligente que compreendeu que destino o levavam depois das primeiras duas ou três vezes que dobrou pelas ruas de Lima. Sem necessidade de guiá-la, saiu pela porta da cidade situada atrás do convento da Misericórdia, e tomou um caminho que ia às montanhas na direção nordeste e beirava o rio de águas turbulentas, cujo caudal era agora grande e aumentava dia a dia nessa estação.

Ainda que a sexta-feira e o sábado o caminho se encheria de gente que ia ao santuário de Nossa Senhora de Huenca, agora não estava muito transitado e depois de passar pelos campos irrigados ficava ainda menos. A mula movia ao mesmo tempo as duas patas do mesmo lado, dando longos passos, e Stephen se sentia cômodo sentado em seu lombo. Na margem do rio havia bastantes aves e ocasionalmente algum réptil atravessava o caminho; por outro lado, com freqüência se viam grandes insetos nos bosquezinhos de algarobeiras. Uma parte de sua mente tentava recordá-los, porém, apesar de que o forte vento do este e a poeira lhe impediam de vê-los com claridade, nunca se deteve nem pegou sua luneta de bolso porque a outra parte pensava na possibilidade, isto é, a probabilidade de que em oito dias ou menos sua missão alcançaria o êxito. O projeto havia amadurecido tão rapidamente, por suas excelentes relações com Furtado e O'Higgins (e, sobretudo, pela partida do vice-rei), que perdera o controle que geralmente tinha sobre suas emoções e agora estava muito excitado. Com freqüência

vira isto em seus colegas, mas observá-lo em si mesmo lhe desconcertava.

Uma vez mais, refletiu sobre os diversos passos que devia dar: substituir certos regimentos por outros, convocar todos os seguidores incondicionais, criar um comitê, fazer uma proclamação e repartir armas rapidamente para dominar as três pontes mais importantes. Quando os repassou em ordem lhe pareceram muito simples, e seu coração começou a pulsar tão forte que podia ouvi-lo. Contudo, conhecia um pouco a mentalidade dos militares, sobretudo dos militares espanhóis, e também a dos conspiradores espanhóis, e no passado vira que diversas ações que pareciam simples mas tinham que levar-se a cabo forçosamente em certa ordem tinham fracassado por falta do senso do tempo, por falta de eficiência ou por rivalidades latentes.

Desejava não ter usado um tom tão seguro, quase presunçoso, ao escrever para Blaine. Desde tempos imemoriais, os homens pensavam que era uma imprudência, e mesmo uma irreverência, desafiar ao destino, e as antigas gerações não deviam ser menosprezadas. O sistema que achava confiável em sua juventude (com reforma universal, mudanças universais e felicidade e liberdade universais) havia terminado em algo muito parecido a um regime tirânico e opressor universal. As antigas gerações não deviam ser menosprezadas, e uma firme crença dos marinheiros, a de que a sexta-feira era um dia de má sorte, talvez fosse menos absurda que uma convicção dos enciclopedistas, a de que todos os dias da semana podiam tornar-se felizes mediante a aplicação de um sistema enciclopedista de leis.

Ruborizou ao se recordar de sua momentânea fraqueza e voltou a pensar em Furtado. O general tinha algumas idéias absurdas, como estar sempre elegante (sempre usava as medalhas das três ordens a que pertencia) e dar grande importância à ascendência. Gostava mais de falar de seus antepassados, desde Guifredo o Lanoso e até sua avó materna, que falar das quatro batalhas em que alcançara a vitória à frente das tropas ou das outras em que lutara com o mesmo cargo. Contudo, em todas as outras questões não só era muito sensato, como demonstrava ter

uma mente extraordinariamente aguda. Era um homem ativo, um organizador nato e um eficiente aliado em uma missão como essa. Por seus dotes, sua reconhecida honestidade, sua boa reputação no Exército e sua influência em todo o Peru, era o mais valioso amigo que Stephen poderia ter encontrado.

Passou muitos marcos brancos e muitas cruzes que recordavam os mortos em terremotos, acidentes ou assassinados. Há algum tempo, a mula subia a ladeira olhando de um lado para o outro e sem a mesma determinação, e nesse momento, olhando significativamente para Stephen, dobrou ao chegar às últimas algarobeiras. Nesse ponto o caminho ficava a bastante distância do Rimac, cujas águas se ouviam borbulhar perto do desfiladeiro, mas um pequeno córrego passava entre as árvores, e tanto Stephen como a mula beberam muito.

— É um bom animal e tem muito bom caráter — disse Stephen. — Vou tirar-lhe a sela porque confio em que não fará nenhuma bobagem.

A mula se jogou ao solo e girou agitando as patas. Enquanto Stephen descansava à sombra do muro que rodeava uma algarobeira (cada uma tinha ao redor um muro como o de um poço), a mula ficou comendo o pouco capim que havia no bosquezinho. Stephen comeu pão com bom queijo peruano e vinho peruano, e enquanto comia pensou nas meninas, em como tinham pedido desculpas no dia seguinte — Sarah dissera: “Senhor, vimos-lhe pedir perdão por nossa embriaguez e mau comportamento”, e Emily havia dito: “Por nossa embriaguez e péssimo comportamento” — e no que disseram ao senhor Wilkins sob o convés, que ele ouviu desde a proa, aonde Pullings e Adams lhe levaram porque estavam negociando com alguns comerciantes que queriam comprar o *Alastor*. Ouviu-as dizer, alternando-se: “Sim, senhor, e depois da missa”. “havia um órgão. Sabe o que é um órgão, senhor?” “Subimos, com o doutor e o padre Panda em uma carruagem grande puxada por mulas com arreios roxos.” “havia uma praça com uma dama sobre uma coluna no meio.” “A coluna tinha quarenta pés de altura.” “E a dama era de bronze.” “Tinha um trompete e dela saía água.” “E também saía de oito cabeças de leão.” “De doze cabeças

de leão.” “Era rodeada por seis enormes correntes de ferro.” “E de vinte e quatro canhões de doze libras.” “Uma vez os comerciantes pavimentaram duas ruas com lingotes de prata.” “Pesavam dez libras cada um.” “Tinham aproximadamente um pé de comprimento, quatro polegadas de largura e três de profundidade.”

Quase tinha terminado de comer quando sentiu a respiração da mula na nuca. Então o animal baixou sua longa cabeça com grandes olhos e, delicadamente, pegou do joelho o último pedaço de pão que restava, que era um pedaço de casca.

— É uma mula muito dócil — disse Stephen.

Pela docilidade do animal, a tranqüilidade com que se deixou pôr a sela e seu passo decidido, Stephen formou uma boa opinião de seu dono, o vigário geral, um homem austero em todos seus atos. O nome da mula era *Josefina*.

Stephen montou nela. Fora do bosquezinho havia muito mais vento e o caminho era sinuoso e ascendia flanqueado por numerosos cáctus altos como colunas e com muitos galhos e quase nada mais que outros cáctus menores com espinhos ainda mais pontiagudos. Era a primeira vez que Stephen cavalgava por um país estrangeiro prestando tão pouca atenção ao seu redor, e ainda que em várias ocasiões tivera uma posição destacada e inclusive havia dirigido assuntos de muita importância, era a primeira vez que tantas coisas dependiam de seu êxito e que o momento decisivo ia chegar tão rapidamente. Nem sequer observou a presença de dois frades descalços, apesar da mula ter dirigido as orelhas para eles, a um quarto de milha de distância dali. Quase tropeçou em uma curva com eles, que ao ouvirem o ruído de cascos haviam parado e, com as barbas flutuando no ar, olhavam para trás. Tirou seu chapéu, cumprimentou-os e seguiu adiante. E quando chegava a outra curva do caminho, que agora se elevava ainda mais sobre o vale e o rio, ouviu:

— Vá com Deus.

Encontrou-se com vários grupos de índios que desciam das altas zonas de pasto e o caminho chegou a uma garganta onde o vento, que agora era frio, soprava com muita força. Antes de atravessá-lo, levou *Josefina* até um lugar mais baixo e menos

exposto ao vento, onde outros viajantes haviam feito fogueiras com os poucos arbustos que podiam encontrar. Naquele lugar, que conforme seus cálculos ficava a uns cinco mil pés, deu ao animal a outra barra de pão, o que não era um grande sacrifício, porque uma inexplicável angústia havia lhe tirado o apetite. Depois pôs o poncho, uma peça de roupa sem mangas e mais cômoda que uma capa. O céu ainda tinha um colorido azul-claro, mas já não estava oculto pela poeira. Ao voltar-se pôde ver uma fileira de colinas, a planície meio velada por onde o Rimac corria para o imenso Pacífico, o litoral tão bem definido como em um mapa e, para lá de Callao, perfilava-se a ilha de São Lorenzo, com o sol justo detrás, a apenas duas horas do horizonte. Não podia ver nenhum barco no porto, mas a pouca distância mais abaixo viu no caminho um grupo de homens a cavalo, um grupo bastante numeroso que provavelmente se dirigia ao monastério de São Pedro ou ao de São Pablo, que ficavam situados em outras montanhas distantes e aos quais compareciam muitos homens, especialmente militares, para fazer retiro espiritual.

O poncho era muito cômodo. Depois de passar a garganta, o caminho, que descia até um vale atrás do qual havia uma fileira de montanhas ainda mais altas, era muito fácil. Mas isso não durou muito, pois logo começou a subir outra vez. Stephen subiu milha depois de milha, e às vezes a ladeira era tão empinada que desmontava e seguia caminhando junto da mula. O terreno pouco a pouco se tornava mais rochoso.

— Deveria ter estudado mais geologia — murmurou Stephen, pois à direita, além do desfiladeiro, na ladeira de uma montanha via-se brilhar sob o sol da tarde uma faixa vermelha que contrastava com a massa rochosa cinzenta que ficava debaixo e a negra que ficava em cima. — Será pórfido?

Acima e acima. Havia menos ar agora e *Josefina* respirava com dificuldade. Antes de cruzar o extremo do vale, passaram junto a um homem com uma capa e um cavalo que parecia ter perdido uma ferradura ou ter-se cravado uma pedra. Não pôde sabê-lo porque o homem tirou o animal coxeando do caminho e se pôs atrás dele em um lugar onde não podia ouvir. Muito mais importância tinha para ele que ao outro lado o caminho, graças a Deus, voltava a descer;

contudo, sentiu-se decepcionado, e talvez a mula também, porque não estava ante o último vale mas ante o prelúdio de outra cordilheira ainda mais alta, e o caminho voltava a ascender.

A angústia que Stephen sentia aumentou por outro motivo: a idéia de que a noite o surpreenderia ali. O sol já estava muito abaixo deles, havia escuridão na parte mais baixa do vale e o céu, a oeste, tinha um colorido violeta.

Passou outra meia hora, uma meia hora muito difícil na qual *Josefina* zurrava enquanto avançava, e chegaram aonde começava outra cadeia e o caminho se bifurcava em duas apertadas veredas. O da direita ia ao monastério beneditino de São Pedro e o da esquerda ao monastério dominicano de São Pablo. Stephen protegeu seus olhos do vento com a mão e pôde ver os dois claramente, a um palmo da escuridão da noite que ia ascendendo.

Sem a mínima vacilação, *Josefina* tomou a vereda da direita, e Stephen se alegrou. Respeitava a austeridade dos dominicanos, mas sabia a que extremo chegava a religiosidade dos espanhóis e não queria compartilhar tal austeridade essa noite.

— Não acharia tão longe se não tivesse passado tanto tempo no mar — disse em voz alta. — Mas a verdade é que estou destroçado. Quanta alegria saber que terei um bom jantar, uma taça de vinho e uma cama morna!

A mula, que notou sua alegria e talvez também entendeu o significado de suas palavras, avançou com mais brio.

Ainda houvesse certa luz, estava escurecendo com rapidez quando chegaram ao monastério. Fora dos muros cinzentos, diante da porta, havia uma alta e solitária figura dando passos de um lado para o outro. A mula correu as últimas cem jardas, dando débeis relinchos, pois não podia mais, e logo passou o focinho repetidamente pelo ombro do vigário geral. O rosto do padre O'Higgins, tão sério e austero como o da maioria dos religiosos irlandeses, adquiriu uma expressão alegre, que ainda conservava quando se voltou para Stephen, que já havia desmontado, e lhe perguntou se tivera uma boa viagem e se não achara longa com esse vento tão inoportuno.

— Em absoluto, padre — respondeu Stephen. — Se não houvesse estado navegando até faz pouco e minhas pernas não estivessem tão pouco acostumadas a caminhar em terra firme, não teria achado muito longa, muito pelo contrário; especialmente com uma mula que sabe subir montanhas tão bem como *Josefina*. Que Deus a bendiga.

— Que Deus a bendiga — disse o padre O'Higgins, dando palmadinhas no lombo da mula.

— Mas o vento me preocupa pelos que estão no mar; nós podemos encontrar refúgio, mas eles não.

— É verdade, muito verdade — disse o sacerdote, e se ouviu o uivo do vento ao passar por cima dos muros do monastério. — Pobrezinhos! Que Deus os acompanhe.

— Amém — disse Stephen, e entrou.

Tradicionalmente, em São Pedro completas durava muito, e quando o coro de monges ainda cantava *Nunc dimittis*, despertaram Stephen e o conduziram por diversos corredores para a parte traseira da capela. O canto gregoriano, com sua monotonia e sua impessoalidade, despertou a mente adormecida de Stephen e, do outro lado da porta traseira o vento frio do leste a limpou por completo.

O caminho que ele e os outros tomaram, com lanternas na mão e formando uma fila, levava a uma estreita passagem entre montanhas e depois a um alto planalto bastante fértil e com excelente pasto, conforme anunciaram a Stephen. Finalmente conduzia a uma cabana que geralmente os pastores usavam. Pelo que diziam em voz baixa quem estava na frente e atrás dele, Stephen soube que alguns homens tinha chegado depois que ele e inclusive depois que se deitasse. Um pouco depois viu uma fila de lanternas descer de São Pablo, e os dois grupos se reuniram imediatamente. Os que reconheciam a um amigo o cumprimentavam muito baixo, discretamente, e depois iam se sentar nos bancos. Havia pouca luz e estava muito alta.

Primeiro houve uma comprida oração, cantada pelo velho prior dos capuchinhos de Matucana, e Stephen se surpreendeu porque

não sabia que aquele movimento tivesse uma base tão ampla como para que os franciscanos se reconciliaram com os dominicanos. Os debates não lhe interessavam muito. Havia muitos elementos a favor da admissão de Castro, mas também muitos contra, e ele não conhecia Castro o suficiente nem aos que falavam a favor ou contra para formar uma opinião válida nem achava que sua admissão tivesse importância. O apoio ou a oposição a um personagem tão ambíguo não importava muito, agora que as forças armadas estavam a ponto de agir.

Escutou os argumentos em geral, às vezes dormindo, apesar de que o banco sem encosto era um assento incômodo para seu exausto corpo. Por fim escutou com alívio a voz de Furtado, uma voz forte característica dos militares, dizendo:

— Não, cavalheiros, não é bom. Não se pode confiar em um homem que espera para ver o que acontece para ficar de um lado ou de outro. Se tivermos êxito, ele se unirá a nós; se não, ele nos denunciará. Lembrem de José Rivera.

Stephen pensou: "Parece que isto resolverá a questão. Estupendo!".

Pouco depois uma fila se dirigiu a São Pedro e outra a São Pablo, iluminadas pela assimétrica lua, o que era conveniente porque com um vento tão forte não se podia confiar nas lanternas.

De novo em sua querida cama, ouviu remotamente os cantos de prima. Depois um dos irmãos índios lhe trouxe uma bacia com água quente. Depois foi a missa cedo e desjejuou no pequeno refeitório, entre o vigário geral, que lhe cumprimentou amavelmente apesar de ser calado (sobretudo pelas manhãs), e o padre Gómez, que não era calado, ainda que poderia tê-lo sido, a julgar por seu rosto impassível, típico dos índios (parecia um imperador romano moreno). O padre Gómez bebeu grande quantidade de mate de uma tigela feita de abóbora seca e disse:

— Estimado amigo, sei que é uma perda de tempo tratar de afastar-lhe do café. Contudo, permita-me lhe dar estes damascos secos do Chile.

Depois de beber outra tigela, prosseguiu:

— Recordo que o senhor disse que desejava conhecer a grande montanha e algumas das grandes construções incas. Naturalmente, esta não é a grande montanha, nem uma puna, mas é bastante elevada, e meu sobrinho virá esta manhã para ver uma de nossas fazendas de lhamas. Se o tempo não fosse tão desagradável, poderia mostrar-lhe parte da região. Eu lhe falei do senhor da última vez que nos vimos e me rogou que lhe apresentasse. Juntou as mãos e exclamou: Por fim conhecerei alguém que poderá falar-me das aves do Pacífico Sul!

— Com muito prazer lhe direi o pouco que sei — disse Stephen.
— Mas não me parece que o tempo seja tão mau.

— Eduardo tampouco acharia — disse o padre Gómez. — É um grande caçador e escala as montanhas com neve ou gelo. É de ferro. Já subiu a Pinchincha, Chimborazo e Cotopaxi.

Raras vezes Stephen sentira um afeto tão repentino por um novo amigo como o que sentia por Eduardo. Sem dúvida, sempre simpatizara com os jovens afáveis, simples e sinceros que conhecera, mas em Eduardo essas raras qualidades iam acompanhadas de um grande interesse pelos seres vivos, desde as aves até os répteis e inclusive as plantas, e uma profunda consciência dos que habitavam seu imenso e imensamente diverso país. Porém, obviamente, Eduardo não era muito jovem, porque não poderia ter acumulado tanta experiência em poucos anos; contudo, conservava a franqueza, a modéstia e a simplicidade que amiúde desaparece com os anos. Além disso, falava espanhol com fluidez, com um agradável sotaque e usando arcaísmos, o que lembrou a Stephen o inglês que se falava nas antigas colônias do norte, ainda que na pronúncia de Eduardo não se encontravam sons metálicos como em Boston.

Sentaram-se no claustro com as costas apoiadas no muro que dava para o leste, e Stephen lhe contou tudo o que sabia do albatroz, especialmente sobre seu vôo, que não era pouco, porque na ilha Desolação se sentara com eles durante horas no lugar onde aninhavam, às vezes levantando-os para olhar de perto os ovos. Então Eduardo lhe falou com entusiasmo do guácharo, um pássaro

singular que tinha descoberto em uma enorme caverna perto de Cajamarca, nos Andes. A caverna era realmente grande, mas quase não o suficiente para hospedar a todos os guácharos que tentavam entrar, assim que alguns ficavam de fora. Foi um desses o que Eduardo achou um meio-dia, adormecido no lugar mais escuro que pudera encontrar, no oco de uma árvore caída. Era um pássaro aproximadamente do tamanho de um corvo, marrom e cinza e com manchas brancas e negras, um pouco parecido ao bacurau e a coruja, com grandes asas e de vôo rápido. Era uma ave noturna e só se alimentava de frutos secos, sementes e frutas.

— O senhor me assombra — exclamou Stephen.

— Eu também fiquei maravilhado — disse Eduardo. — Mas é assim mesmo. Em certa época do ano, a gente do povoado sobe à caverna, pega todos os pássaros jovens que encontra, que são como bolas de gordura, e os derretem para obter óleo, um óleo transparente que usam para as lâmparinas e para cozinhar. Mostraram-me um caldeirão e vários vasos transbordantes de óleo, e se assombraram com minha ignorância. Entrei até o final da caverna com um chapéu de aba larga para me proteger dos excrementos, e as aves gritavam e arrulhavam acima de minha cabeça; tanto, que me parecia estar no meio de um enorme enxame de gigantescas abelhas e o ruído quase não me deixava pensar. Vi um pequeno bosque de árvores anãs que necessitam de pouca luz e que nasceram das sementes que largaram.

— Por favor, fale-me dos ovos — rogou Stephen, que considerava esse um ponto importante para a taxonomía.

— São brancos e não têm brilho, como os da coruja, e tampouco têm um extremo pontiagudo. Mas os põem em um ninho redondo muito bem feito de... O que foi? — perguntou a um irmão que estava perto dali.

— Um cavalheiro quer ver o doutor — respondeu o irmão.

Entregou a Stephen uma cartão e Stephen se desculpou.

— Está diante da porta, com seu cavalo — informou-lhe o irmão.

Havia por ali dois ou três pessoas que respondiam a essa sucinta descrição, e Stephen teve que esforçar-se para identificar a

Gayongos, que estava com um uniforme militar, um bigode e um grande chapéu, o que o surpreendeu porque era raro se disfarçar quando se estava a esse nível no serviço secreto; contudo, tinha que admitir que apesar de não ser profissional, era efetivo. O cavalo que Gayongos segurava era robusto e tinha espuma na boca, o que indicava claramente que subira pelo caminho a grande velocidade.

— Um homem chamado Dutourd chegou a Lima desde Callao — disse em voz baixa quando já passeavam o cavalo de um lado para o outro. — Vai por toda parte dizendo que quando era prisioneiro na *Surprise* o maltrataram e o roubaram, que o capitão Aubrey não é o que parece, que a *Surprise* não é um barco corsário mas de Sua Majestade e que o senhor é provavelmente um espião britânico. Reuniu-se com vários membros da missão francesa e os arengou no abarrotado café de Julibrissin até que se sentiram incomodados e se foram. Depois contou a história de uma república ideal. Cria muito alvoroço e, ainda que não fale muito bem o espanhol, pode-se entendê-lo bastante bem. Diz que é estadunidense e que tinha um barco corsário que navegava com bandeira de seu país.

Stephen se perguntou como poderia ter escapado, e imediatamente lhe ocorreu a provável resposta.

— É um chato — disse a Gayongos. — Poderia ter provocado inconvenientes ou mesmo um desastre se tivesse chegado antes, mas agora não tem muita importância. Nem os franceses nem ninguém nunca o levarão a sério nem se comprometerão com alguém tão exaltado e loquaz. É um estúpido e não é capaz de manter-se calado. Mas acredito que as coisas avançaram muito para que seus arrebatamentos as afetem. Pense que qualquer queixa que apresente terá que ser considerada pelas autoridades civis, mas dentro de umas vinte e quatro horas um governo militar estará no poder e até que se proclame a independência não haverá autoridades civis.

— Sim — concordou Gayongos, — é isso que eu acho, mas pensei que deveria lhe dizer. Como foi a reunião?

— Decidiram não admitir Castro.

Gayongos assentiu com a cabeça e, com uma expressão preocupada, voltou a montar.

— O que devo fazer com Dutourd? — perguntou. — Quer que mande eliminá-lo? Faz muito alvoroço.

— Não — respondeu Stephen sorrindo. — Denuncie-o à Inquisição. É um herege.

Gayongos não estava acostumado a brincar, e não respondeu com um sorriso quando partiu por São Pablo, entre uma chuva de seixos e uma nuvem de poeira, para dar a sua viagem outro aspecto. A poeira se dispersou para o oeste, muito mais devagar do que teria feito poucas horas antes.

— Fazem o ninho de barro — continuou Eduardo e, enquanto Stephen assimilava isto, preparou uma bola de folhas de coca, passou-lhe a bolsa de couro e acrescentou: — O vento está diminuindo de intensidade.

— Sim — disse Stephen, olhando para um grupo de gente que acabava de entrar no claustro, provavelmente peregrinos que agora começavam a chegar aos dois mosteiros. — Espero que sua viagem à fazenda de lhamas não seja muito dura.

— Oh, não! Mas lhe agradeço seu interesse. Estou acostumado a cavalgar pelas montanhas, inclusive pela mais alta, e pelas punas, mas confesso que é muito raro que deste lado da cordilheira haja este vento tão forte nesta época do ano. Ficaria encantado se perdesse um pouco de força (e parece que será assim, a julgar pelo aspecto do céu), porque dessa forma poderia convencer-lhe a vir pelo menos até Hualpo, nossa principal fazenda de lhamas.

— Fortalecido pelas folhas de coca, não hesitaria em partir dentro de quinze minutos — disse Stephen. — Quando meu corpo assimile suas benéficas propriedades, poderei suportar tranquilamente o embate do vento com o peito descoberto. Não tardará muito. Já posso notar a falta de sensibilidade na laringe. Mas primeiro, por favor, fale-me da lhama. Lamentavelmente, não conheço essa família e nunca vi um exemplar vivo, mas apenas alguns ossos.

— Bem, senhor, só há duas espécies selvagens. Uma é a vicunha, um animal pequeno e de pêlo longo e alaranjado que vive

em lugares muito altos, perto de onde fica a neve, ainda que às vezes vemos algumas por cima de Hualpo. A outra é o guanaco, que, apesar de se encontrar com mais freqüência no Chile, inclusive até na Patagônia, também vemos às vezes ali... Onde estaria o puma se não fosse pelo guanaco? E pode ser domesticada com mais facilidade que a vicunha. Mas ambas são os antepassados da lhama e da alpaca. A lhama é criada para ser usada como animal de transporte e de carga; a alpaca, um animal menor que mantemos em lugares mais altos, são criadas só pela lã. As duas dão muito boa carne, sem dúvida, ainda que alguns dizem que não é tão boa como a de cordeiro. Em minha opinião, o cordeiro...

Tossiu, coçou o nariz e preparou outra bola de folhas de coca. Para qualquer um que o tivesse escutado atentamente, era óbvio que o inca (Eduardo tinha puro sangue inca) considerava a ovelha uma desafortunada importação espanhola.

Isto se observou melhor mais tarde, quando cavalgavam em direção leste para atravessar o planalto. Ao rodear uma colina cheia de altos cáctus com muitos galhos, que Stephen já conhecia, viram um rebanho de ovelhas pastando em um vale resguardado e movendo-se para o mesmo lugar. Eduardo, que havia percorrido umas poucas milhas falando animadamente, contando a Stephen que encontrara um urso de focinho branco em um bosque de coca e mostrando muitas aves pequenas — essa região, ainda que tivesse poucas árvores, era muito distinta do deserto da costa, — deixou de ter uma expressão alegre ao ver que todas as ovelhas corriam na mesma direção.

— Ovelhas! — exclamou indignado. — Veja o nome que têm!

Pôs os dedos na boca e deu um assobio que as fez correr ainda mais depressa. Os índios pastores saíram de trás das rochas. Um deles, com os cachorros, reuniu as ovelhas, enquanto os outros corriam em direção aos cavalos gritando em tom de queixa. Mas Eduardo continuou cavalgando e tardou vários minutos em recuperar sua alegria. Então descreveu o lago de Chinchaycocha, a pouca distância ao leste porém mais acima, pois se achava situado a treze mil pés. Estava rodeado de juncais e povoado de numerosas aves aquáticas.

— Por desgraça, só sei o nome em quíchua, a língua de meu povo, e não encontrei descrições científicas, com os nomes, o gênero e a espécie em latim. Por exemplo, tem um esplêndido ganso que chamamos *huachua* que tem as asas de cor verde-escuro mesclado com violeta...

O planalto terminava em amplos terraços que conduziam a um rio situado mais abaixo. Essa região era muito mais rica, pois tinha faixas de terra semeadas de quinoa, uma espécie das quinopoidáceas, e vários campos de cevada rodeados por muros de pedra. Havia também grande quantidade de pedras formando vários montes e uma ovelha desgarrada na borda de um dos campos.

— Outra vez as ovelhas — disse Eduardo em tom desaprovatório.

Muito longe, à direita do rio, havia um povoado de índios, mas Eduardo girou à esquerda. Então, com certa angústia, disse a Stephen que, ainda que a colina do outro lado parecesse mais alta, não era nem ficava mais longe, e que a fazenda de lhamas se encontrava justo do outro lado do cume, ainda que era um lugar um pouco baixo para as lhamas, e que por essa vereda chegariam muito mais rápido.

E foi assim. Mas custou muito a Stephen; ofegava e tinha que concentrar-se muito para poder guiar a mula pela rochosa vereda e seguir os rápidos passos de Eduardo o melhor possível, o que tinha como consequência que perdeu a explicação referente a várias pequenas aves e plantas e uma lagartixa. Além disso, os insetos atravessavam a vereda e não os recolhia nem os examinava. Subiam muito próximos ao muro situado ao leste. Podiam ouvir o vento acima de suas cabeças, mas só notavam alguns ocasionais redemoinhos, e os raios de sol ainda traspassavam o escasso ar. Cada vez que Eduardo percebia que havia adiantado mais de umas poucas jardas, parava e tossia ou coçava o nariz, e essa foi a primeira vez que Stephen notou que o jovem modificava seu passo por consideração a sua idade. Pegou outra bola de folhas de coca, inclinou a cabeça e se olhou os pés. Ainda que o que dissera a Gayongos fosse sensato, o maldito Dutourd tinha conseguido meter-se em sua mente, até o nível justamente inferior ao consciente, e

Ihe provocara uma absurda ansiedade. Ainda que o exercício físico o ajudasse a combatê-la e as folhas de coca tivessem um efeito tranqüilizador, não percebeu que havia chegado ao cume até que uma lufada de vento lhe acertou de cheio, e então a angústia deu passagem a um grande interesse no presente.

— Já chegamos — disse Eduardo.

De fato, tinham chegado. Havia grandes construções de pedra em outra elevação, currais e distantes rebanhos. Uma menina índia que estava montada em uma lhama desmontou, aproximou-se correndo de Eduardo e o beijou nos joelhos.

Stephen foi conduzido a um celeiro bastante grande e se sentou em um feixe de lenha coberto por um capim parecido ao lampaso. Depois lhe trouxeram uma tigela com mate e um canudinho de prata. Os índios eram muito corteses, mas não lhe sorriam, assim como ocorrera com os poucos índios que conhecera até então, e achava que formavam um povo triste, pouco sociável e reservado. Por isso se assombrou ao ver que, apesar do profundo respeito que tinham a Eduardo, ao ver-lhe puseram uma expressão alegre e inclusive deixaram escapar risos, que nunca tinha ouvido. Eduardo só se dirigia a eles em quíchua, que falava com fluidez, e de antemão havia pedido desculpas por isso a Stephen, explicando-lhe que a maioria dos indígenas não sabia espanhol e que alguns o sabiam mas preferiam ocultá-lo.

Mas agora, virando-se para Stephen, falou em espanhol:

— Senhor, permita-me mostrar-lhe um guanaco que está aí fora. É o antepassado selvagem da lhama, como o senhor recordará, mas este exemplar foi caçado muito jovem e é muito dócil.

— É um bonito animal — disse Stephen, olhando o esbelto animal de cor ocre e ventre branco, que mantinha erguido seu comprido pescoço e devolveia o olhar sem medo. — E medirá uns doze palmos.

— Doze palmos exatamente, senhor. E aqui vem pela vereda nossa melhor lhama. Seu nome em quíchua significa *neve imaculada*.

— Um animal ainda mais bonito — disse Stephen, virando-se para observar a delicadeza com que a lhama caminhava ao lado de

um menino índio, balançando a cabeça.

Apenas pôs atenção à lhama, tentando calcular sua altura e seu peso, quando o guanaco, reunindo suas energias, deu um salto para a frente com os dois joelhos dobrados e, desferindo-lhe um golpe abaixo dos omoplatas, o fez cair boca para baixo.

Entre a gritaria recolheram Stephen e o sacudiram a poeira e levaram o guanaco puxando-o pelas orelhas. E enquanto isso, a lhama permaneceu impassível e com um olhar depreciativo.

— Mãe de Deus! — exclamou Eduardo. — Sinto muito. Estou envergonhado.

— Não foi nada, não foi nada — disse Stephen, — só uma tola queda sobre a grama. Vamos ver como está a lhama.

A lhama permaneceu imóvel enquanto se aproximavam. Olhava para Stephen de forma muito parecida à do guanaco e quando esteve muito perto lhe cuspiu na cara com muito boa pontaria e abundante saliva.

Formou-se outra gritaria, mas só Eduardo parecia realmente envergonhado. Enquanto lhe lavavam e secavam, Stephen viu no fundo a dois meninos índios que se partiam de riso.

— Não sei o que dizer — Eduardo tentava desculpar-se. — Estou desolado, desolado. A verdade é que às vezes fazem isso às pessoas que os molestem, e aos homens brancos ainda que não os molestem, e deveria ter me lembrado, mas depois de ficar falando um tempo com o senhor me esqueci de sua cor.

— Poderia me dar um pouco de mate? — perguntou Stephen. — É uma bebida muito refrescante.

— Já, já — respondeu Eduardo.

Depois, quando regressou com a tigela, disse:

— Justo atrás desse pico tão alto é onde temos as alpacas. De lá às vezes pode-se ver uma manada de vicunhas, e amiúde as pequenas aves trepadoras que chamamos de pica-pau. Não fica muito longe e pensava levar-lhe até lá, mas acho que é muito tarde e que talvez esteja cheio das lhamas e sua família.

— Não, em absoluto, em absoluto! — exclamou Stephen. — Mas é verdade que não devo chegar tarde ao convento.

Durante o descida, Eduardo ficava mais triste a medida que perdiam altura. Seus ânimos baixavam ao mesmo tempo que a ladeira. Quando pararam para descansar entre as pedras cobertas de musgo que outro grande desprendimento de terra havia arrastado, como consequência do mais recente terremoto, Stephen, para distrair-se, disse:

— Alegro-me de ter visto a sua gente tão contente. Conforme minha curta experiência em Lima e seus arredores, tinha a falsa impressão de que eram mal-humorados e tristes.

— Um povo ao qual lhe tiraram seus costumes e suas leis, cuja história e cuja língua foram ignoradas e cujos templos foram saqueados e derrubados, tem motivos para ser mal-humorado e triste — disse Eduardo e, depois, recobrando-se, acrescentou: — Não digo que esta seja a situação do Peru, e acredito que seria uma heresia negar os benefícios da verdadeira religião. O que digo é que isso é o que pensam os índios mais obstinados, que provavelmente façam secretamente os antigos sacrifícios... Por favor, não se mova — acrescentou em tom enfático, assinalando com a cabeça o outro lado do vale, por onde os terraços e os campos chegavam até o rio. Na montanha havia uma revoada de condores que voavam em círculo, mas não a grande altura. Stephen os observou e três deles pousaram nas rochas. — Se dirigir sua pequena luneta para a borda do campo de cevada, na metade da ladeira, verá a ovelha desgarrada — sussurrou Eduardo.

Stephen apoiou a luneta no espaço que havia entre duas rochas, enfocou de modo que visse a borda do campo de cevada e a moveu até que pôde ver um vulto branco, ainda que estivesse oculto quase por completo por um puma que lentamente comia a ovelha.

— Comumente fazem isso — explicou Eduardo. — Os condores vêm pouco depois que o puma matou sua presa, pois parece que o vigiam quando vai de um lado a outro, e esperam que se encha e se retire para um lugar resguardado para descer. Mas o puma não suporta ver que os condores o comem e sai correndo e eles sobem. Então ele come um pouco mais, retira-se e eles regressam. Olhe, agora se vai.

— Nossos abutres são mais discretos — disse Stephen. — Esperam horas, enquanto que estas aves vêm imediatamente. Meu Deus, como comem! Não queria tê-lo perdido por nada deste mundo. Obrigado, estimado Eduardo, por mostrar-me o puma, essa admirável besta.

Durante a volta falaram do ocorrido tendo em conta até o mais mínimo detalhe, como o ângulo exato que formavam as primárias dos condores e sua extensão quando pousavam nas rochas, o movimento da calda, a expressão de desgosto do puma quando regressou pela terceira vez e viu que só restava um monte de grandes ossos. Chegaram ao monastério em um tempo razoável, mas roucos, pois falavam quase gritando para poder-se ouvir porque o vento, ainda que estivesse diminuindo de intensidade, ainda era muito forte. Jantaram com muitas mais pessoas no grande refeitório, e Stephen se retirou para sua cela tão logo como acabou a oração para dar graças a Deus.

Não comeu muito e bebeu menos. Agora não tinha sono (outro dos efeitos comuns de mastigar coca), mas isso não lhe desagradava porque podia pensar em tudo o que tinha ocorrido nesse dia. Lamentava ter ouvido a notícia da chegada de Dutourd, inoportuna mas sem importância, mas estava satisfeito do restante. Ao mesmo tempo seguia o cântico dos monges. Esse monastério beneditino era muito rigoroso e separava matinas de laudes, pelo que a primeira se rezava a meia-noite, fazendo o serviço religioso realmente longo, com o noturno inteiro, as lições e o tedéu, e a segunda se rezava de maneira que o salmo do meio coincidisse com a saída do sol.

Estava meio adormecido, pensando em Condorcet, um homem muito mais corpulento que Dutourd, mas que seguia tontamente ao estúpido e sem-vergonha de Rousseau, quando ouviu alguns passos que se aproximavam pelo corredor. Contudo, já estava completamente acordado quando Sam entrou com uma vela.

Estava a ponto de fazer um comentário ao estilo dos do capitão Aubrey, como, por exemplo: “Ah, veio até o monastério, Sam!”, quando notou a gravidade de seu rosto e parou de sorrir.

— Desculpe-me por despertar-lhe, senhor, mas o padre O'Higgins quer falar com o senhor.

— Naturalmente — disse Stephen. — Por favor, pace-me os calções. Como vê, deito-me de camisa.

— Doutor — cumprimentou-lhe o vigário geral, levantando-se e aproximando-lhe uma cadeira, — sabe que há aqui uma missão francesa clandestina que ajuda aos independentistas?

Stephen assentiu com a cabeça.

— Recentemente se uniu a ela, ou melhor, tentou unir-se a ela um homem exaltado e loquaz que provocou seu descrédito e, conforme acredito, tenham decidido abandonar o país. Além disso, ele assegurou que o senhor é um espião britânico. É verdade que o Santo Ofício o aprisionou por dizer em público blasfêmias como as que Condorcet disse, mas Castro se aproveitou do caso para congregar-se com o vice-rei. Fala do "ouro dos estrangeiros hereges" e mandou um grupo para protestar diante do consulado britânico e outro para romper as janelas da casa onde estavam os franceses. Até que o vice-rei regresse não pode fazer mais nada, e o general Furtado provavelmente o eliminará amanhã, quer dizer, fará com que guarde silêncio. Mas não pudemos encontrar o general em Lima nem na casa de seu irmão. Não o veremos até a reunião de amanhã ao meio-dia, e ainda que acredite que é uma fraqueza de minha parte, estou preocupado. Um homem como Castro é capaz de fazer muito estrago, e acho que foi um erro recusar-lhe. Eu lhe digo tudo isto porque quero que tome medidas para o caso de termos razão.

Stephen fez os pertinentes comentários e disse:

— No que diz respeito à recusa de um homem que não é de confiança, acho que possivelmente o senhor esteja equivocado. Nunca poderíamos ter confiado nele e, por outro lado, ele teria chegado a estar em posse de muitos nomes.

Voltou a sua cela com várias penas, tinta e um monte de folhas de papel, e enquanto andava refletiu sobre a imprudência de suas palavras. Passou o resto da noite escrevendo, e ao amanhecer, ainda sem sono, dobrou os papéis, meteu-lhes no peito e entrou na capela para ouvir o benedictus.

Ao final da manhã, grande número de pessoas começaram a chegar aos dois monastérios, entre elas muitos peregrinos que chegavam cedo para a cerimônia e alguns membros da liga, que, em geral, permaneciam silenciosos e se lançavam olhares ansiosos. Tinham mandado alguns mensageiros posicionarem-se no caminho para interceptar o general Furtado e entregar-lhe uma carta comunicando-lhe as atividades de Castro para que se preparasse para tranquilizar a todos na reunião e tomar medidas decisivas imediatamente.

Mas o general não compareceu. Em seu lugar apareceu Gayongos, abatido, com aspecto mais velho e aturdido. Então disse a Stephen, ao vigário geral, ao padre Gómez e a Sam que Furtado, muito alterado, dissera que pelos rumores do ouro dos estrangeiros por toda parte e o ambiente carregado de corrupção, como homem de honra não podia pensar em realizar nenhuma ação mais nesse momento.

Não perderam tempo em protestos. Stephen perguntou se era possível que Castro se apoderasse da fragata.

— Naturalmente que não, antes que o vice-rei regresse — disse o padre O'Higgins. — E mesmo depois é bastante improvável. Mas é possível que se aventure a ordenar que lhe prendam com qualquer pretexto, assim que deve partir para o Chile. Escrevi uma carta para que entregue ao meu conterrâneo Bernardino, que o levará a Valparaíso, onde poderá subir a bordo da fragata.

— Eduardo lhe mostrará o caminho — disse o padre Gómez e, sorrindo, acrescentou: — Com ele não correrá perigo.

Stephen se voltou para Gayongos e perguntou se alguns dos fundos haviam sido transferidos.

— Não — respondeu Gayongos. — Além de vários milhares, só se emitiram letras para o Governo provisório. O ouro ia ser distribuído amanhã pela tarde.

— Então, por favor, retenha-os na forma em que seja mais fácil transferi-los até que receba instruções — ordenou Stephen. Depois se voltou para Sam e disse: — Padre Panda, aqui tem uma

brevíssima nota para o capitão Aubrey. Chegará logo, e estou seguro de que o senhor poderá explicar-lhe as coisas melhor que eu.

Todos se apertaram as mãos. Gayongos, na porta, disse:

— Sinto muito que tenha sofrido uma decepção. Por favor, aceite este presente.

Quando entregou um envelope a Stephen, por suas bochechas escorregaram silenciosas lágrimas, algo assombroso em seu abatido rosto terminado em uma grande papada.

CAPÍTULO 9

Na quarta-feira muito cedo o vento leste, que havia amainado durante a noite, deu passagem à calmaria. Cessaram os redemoinhos de poeira e os golpes dos postigos e as telhas deixaram de cair. Havia uma bendita calmaria. Quando o sol ascendeu uns dez graus, a brisa marinha começou a soprar para terra, e no meio da manhã começou a soprar um vento moderado do sudoeste. A Surprise poderia ter desdobrado todas as gáveas, mas Tom Pullings, que gostava menos de navegar a toda vela do que seu capitão, ordenou que colocassem um rizes.

O vento esteve fixo por todo o dia e o seguinte. Na sexta-feira Tom voltou a desviar-se do rumo para ir à ilha de São Lorenzo e a atravessou até o cabo onde ficava situado o farol, desde o qual se dominava uma imensa parte do oceano limitado pela nítida linha do horizonte.

Tom olhou o horizonte com sua luneta enquanto bebia chá gelado muito devagar. Ali ao oeste estava o que havia buscado por toda a tarde e toda a noite do dia anterior, um remoto ponto branco entre o céu e o mar. Subiu ao farol, sentou-se onde podia apoiar firmemente a luneta na rocha e o enfocou com muito cuidado. A essa altura já se podiam ver as gáveas da embarcação e as de outra que estava detrás, e muito antes de que a probabilidade se convertesse em uma certeza, o coração lhe pulou dentro do peito, pois estava certo de que o barco era o Franklin e de que trazia uma presa.

Pouco depois, quando sentia o calor do sol na nuca, já se podia ver o casco, e sentiu grande alegria e satisfação, pois por tê-lo tido sob seu comando sabia que não havia possibilidade de erro. Agora

podia regressar à Surprise e sentar-se tranqüilamente para contemplar sua nova exércia, recém feita, colocada e enegrecida onde devia ficar, incluídas as vergas. E agora podia contá-lo ao padre Panda.

Por dias Tom ficara cada vez mais preocupado, porque o doutor não estava e o reverendo vinha a cada noite para saber se tinha notícias do capitão. O reverendo estava muito angustiado e, obviamente, sabia que algo mau passava, porque havia trazido de volta os enfermos, tinha lhe aconselhado que terminasse de negociar a venda das presas, além de que carregasse a fragata com a água e as provisões e que a tirasse do estaleiro e a preparasse para zarpar. Sem dúvida havia algo raro no povoado, porque a gente corria de um lado para o outro e se comportava de uma forma muito estranha. Algumas pessoas que sempre tinham sido amáveis, e inclusive exageradamente amáveis, agora tinham se tornado retraídas. Um exemplo era o encarregado do estaleiro, que era todo sorrisos e lhe oferecera uma taça de vinho no domingo, e na segunda-feira tinha uma atitude reservada e mesmo distante. Por outro lado, os abastecedores de barcos e os empregados do estaleiro se tornaram muito cobiçosos. Além disso, três comerciantes de considerável importância tinham ido ver-lhe ao anoitecer (agora a maioria das visitas se produziam de noite) e lhe tinham pedido que levasse um tesouro até Valparaíso. O senhor Adams, que falava espanhol quase tão bem como o doutor e que se ocupava de todo tipo de negócios, disse que quando o vice-rei regressasse se formaria um grande alvoroço, haveria uma situação infernal e as pessoas roubariam o quanto pudesse. Não sabia realmente por que razão, posto que corriam diferentes rumores, mas parecia que os militares e alguns civis haviam se comportado mal.

Tom chegou ao seu bote (o esquife do doutor recém pintado de verde), começou a remar e avançou entre pequenos barcos que jogavam nassas para pescar lagostas. Havia visto muitos pescando dessa forma primitiva aproximadamente a uma milha da costa. Eram embarcações estreitas e alongadas, algumas delas simples canoas, e como não havia nenhum marinheiro entre seus tripulantes, não fez

caso quando lhe gritaram em tom brincalhão: “Espião inglês, sim, sim! Imundo! Herege!”.

Um daqueles sacanas, que se encontrava a certa distância em uma velha, miserável e desconjuntada embarcação quase do tamanho do bote de um barco de guerra, mas com só três remadores preguiçosos, era muito insistente e imitava repetidamente o grito de um leão marinheiro para provocar riso. Pullings franziu o cenho, começou a remar um pouco mas rápido, afastando a vista da distante embarcação, que tinha uma forma desconhecida para ele e levava bitas e outros cabos pendurados para fora da borda. Afinal de contas, ele tinha um alto car na Armada Real, era um capitão e nem um monte de leões marinheiros podiam zombar dele.

A medida que aumentava a velocidade, ouviam-se mais gritos de leões marinhos, que por ser tão roucos resultavam desagradáveis. De repente cessaram, e de um distante ponto nas tranqüilas águas pôde ouvir claramente uma voz áspera e não muito alta que dizia:

— Maldito canalha!

Esse não era o grito de um nativo nem uma frase para zombar dos hereges, mas uma típica expressão marinheira, que conhecia desde sua infância, e a haviam dito no característico tom da Armada. Virou-se e com uma mistura de horror e prazer viu a corpulenta figura de seu capitão, que subia na base de um mastro para dar um grito decisivo, e reconheceu o destroçado casco do bote do *Alastor*. Virou o esquife, atracou-o com o bote e, sem perder tempo perguntando o que havia acontecido ou comentando seu horrível aspecto, deu-lhes sua garrafa de chá gelado porque estavam tão sedentos que quase não podiam falar, seu rosto não parecia humano e tinham os lábios negros. Então lhes jogou um cabo e começou a rebocar o bote para a costa.

Pullings remava com uma força prodigiosa, movendo os remos para frente e para trás de maneira que rangiam e se dobravam sob suas mãos. Nunca vira o capitão com um aspecto tão mau, nem mesmo depois da batalha do *Alastor*. Em parte isso se devia à venda ensangüentada que tinha no olho, e em parte a estar barbudo, abatido e ter o rosto tão magro que era quase irreconhecível. Além

disso, se movia com dificuldade, como um velho, e remava lentamente. Pullings olhava o bote desde o esquife e observou que o capitão, Johnson, *O moreno*, e Bonden faziam tudo o que podiam com remos muito desiguais, feitos de paus quebrados; Killick tirava a água, e Joe Plaice e o jovem Ben estavam deitados e imóveis. Os dois botes quase não se moviam. Ainda tinham que percorrer quase três milhas, e a essa velocidade não percorreriam nem a metade antes que a maré baixasse e as arrastasse para o alto mar.

A *Surprise*, que se encontrava na baía, tinha a bordo três guardas-marinhas que supriam o que lhes faltava de inteligência com atividade física. Reade, como só tinha um braço, já não podia fazer travessuras na exércia, correndo pela parte superior desafiando a gravidade, mas seus companheiros Norton e Wedell o subiam com um moitão até uma altura assombrosa, e dali, como ainda lhe restava uma mão e podia dobrar as pernas ao redor de qualquer cabo, deslizava com grande satisfação. Agora estava no tope do maior, segurando-se levemente nos amantilhos da joanete maior, a mais de cem pés, com a intenção de deslizar por todo o contraestai da joanete, e ao olhar distraidamente para a ilha São Lorenzo viu um raro espetáculo: um bote pequeno rebocava outro muito maior. Ainda que estivessem a grande distância, notou que o bote pequeno se parecia muito ao esquife verde-ervilha do doutor, e então se inclinou para frente e gritou:

— Norton!

— Que é?

— Seja amável por uma vez em sua vida e mande-me a luneta.

Norton, um garoto sempre amável, fez algo mais que isso. Subiu como um hábil babuíno até onde estava Reade e lhe rogou que lhe desse lugar no pequeno cabo onde tinha apoiados os pés, soltou a luneta do ombro e lhe entregou, sem dar mais ofegos que se tivesse subido um par de degraus. Ver Reade usando a luneta no tope do mastro poderia fazer empalidecer a qualquer homem do interior, pois tinha que estirá-lo, dobrar seu único braço para agarrar-se aos amantilhos, aproximar o extremo da luneta ao olho e mantê-lo enfocado com uma pressão constante. Mas Norton estava acostumado a ver-lhe e se limitou a dizer:

— Nós iremos quando tenha acabado, companheiro. Não fique aqui toda a noite.

Reade respondeu gritando tão alto como lhe permitia sua voz, que agora estava mudando.

— Convés! Convés! Senhor Grainger! Pelo través! O capitão Pullings está tentando rebocar o bote do *Alastor*! O bote está destroçado, em muito mau estado! Estão tirando a água, o capitão está remando e posso ver a Bonden, mas...!

As palavras restantes foram afogadas pelos fortes gritos com que chamavam a todos os marinheiros e desciam os botes a água, sem importar-lhes que a nova capa de tinta não estivesse seca ainda.

O bote do *Alastor* e o esquife se atracaram com a fragata pelo pescante de bombordo. Bonden engatou o croque mecanicamente, e enquanto os marinheiros desciam rápido com os guarda-mancebos, Pullings se apressou a entrar pela popa para ajudar a subir a bordo ao capitão.

— Onde está o doutor? — perguntou Jack, levantando a vista para a borda.

— Em terra, senhor, já faz cinco ou seis dias. Mandou dizer que está estudando a natureza nas montanhas.

— Muito bem — disse Jack, muito decepcionado e com uma sensação de vazio.

Conseguiu subir pela borda apenas com um pequeno empurrão. Gostava tanto de sua fragata que, apesar de seu atual mau estado, alegrava-se de estar vivo e a bordo dela, mas não podia suportar as felicitações dos oficiais nem os olhares de assombro dos marinheiros. Mantendo o equilíbrio o melhor possível, desceu a escada do castelinho e foi até sua cabine. Depois de beber quatro pintas de água, pois pensava que mais quantidade seria excessiva e que seu efeito seria fatal, como o era para a vacas, os cavalos e as ovelhas, olhou para Plaice e para Ben, que estavam em suas macas, lavou-se, se tirou a roupa, comeu seis ovos com pão e uma melancia inteira e depois se deitou em sua maca e fechou os olhos assim que apoiou a cabeça.

Pouco depois do crepúsculo, saiu de um profundo sono. Havia um silêncio sepulcral na fragata e a luz diminuía com rapidez. Pensou no presente, lembrou o passado imediato, deu graças a Deus pelo que lhe dera e se perguntou: “Mas que se passa? Estou realmente aqui e vivo?”. Moveu-se e se apalpou o corpo. Sua fraqueza era real, e também o eram o ardor do olho, a barba e a tremenda sede.

— Ei! — gritou sem muita convicção.

— Senhor? — disse Grimble, o ajudante de Killick.

— Traga uma jarra de água com um jarrinho de vinho.

Quando terminou de bebê-la, ofegando, perguntou:

— Porque há tanto silêncio na fragata? Não se ouvem badaladas. Morreu alguém?

— Não, senhor. O capitão Pullings disse que se alguém o despertasse lhe daria cem açoites.

Jack assentiu com a cabeça e disse:

— Traga-me um pouco de água morna e diga a Padeen e ao jovem ajudante do doutor que venham.

Com eles também chegou Killick coxeando e com expressão mal-humorada. Por um momento Jack pensou que teria que discutir, algo que não poderia suportar, mas havia subestimado a bondade deles, pois dividiram a tarefa sem brigar. Padeen, experimentado em trocar vendas, tirou-lhe muito devagar a bandagem molhada; Fabien lhe tirou a pomada e trouxe outra do estojo de remédios; Killick lhe pôs dizendo que, pelo que podia ver com essa luz, o olho não tinha sofrido nenhum estrago, mas que pela manhã poderia emitir um julgamento com mais fundamento. Depois Padeen lhe pôs outra bandagem.

— Quer que lhe barbeie, estimado senhor? — perguntou. — Sem dúvida, o senhor ficará deit... deit... deitado.

— Calma — disse Killick.

Depois de barbeado e quase com o aspecto de um homem que poderia sobreviver, Jack recebeu a Pullings quando ia se trocar a guarda.

— Como se sente, senhor? — perguntou Tom em voz baixa.

— Muito bem, obrigado — disse Jack. — Mas diga-me, houve algo sobre Dutourd?

— Dutourd? — perguntou Tom, assombrado. — Não, senhor.

— Conseguiu escapar escondendo-se no bote ou no próprio *Alastor*. O doutor me disse que o mantivesse a bordo, e temos que levá-lo de regresso.

— Como vamos fazê-lo, senhor? — pergunto Pullings.

— Essa é uma boa pergunta. Talvez o doutor regresse esta noite e talvez eu tenha a mente mais clara pela manhã. Porém, por que a fragata está tão bem arrumada e preparada? Por que saiu do estaleiro tão cedo?

— Bem, senhor... — disse Pullings, rindo. — Estávamos desconcertados, não sabíamos o que fazer. Quando os carpinteiros a querenaram, descobrimos que lhe faltava uma placa de cobre não maior que essa mesa, sem dúvida por causa de uma baleia, mas os teredos tinham atuado de forma assombrosa. Mesmo que ainda pudesse impedir mais ou menos a entrada de água, as peças que ficavam ao redor apenas suportavam uma marejada. Os carpinteiros cortaram a peça até onde a madeira estava em bom estado, substituíram-na tão bem como o teriam feito em Pompey e lhe puseram em cima uma placa de cobre com o dobro da grossura que as nossas. Algumas curvas, como já sabíamos, não estavam bem, e havia outras que não o estavam e não sabíamos, mas os carpinteiros eram honestos e não se aproveitaram de nossa situação. Agora está perfeitamente estanque.

— Onde...? — começou a perguntar Jack, mas lhe interrompeu um grito no convés.

— Ei, esse bote! Que bote é?

— Acho que é o padre Panda — disse Pullings. — Geralmente vem a esta hora para saber se há notícias do senhor.

— Ah, é, Tom? — perguntou Jack, ruborizando. — Faça-o descer imediatamente. E mantenha a parte posterior do castelo de popa limpa, pode ser?

— Certamente, senhor — disse Pullings, e inclinando a cabeça para ouvir a potente voz que respondia à pergunta da fragata,

acrescentou: — De fato, é ele. Talvez possa nos dizer como capturar Dutourd.

Então se ouviram os golpes que o bote dava no lado da fragata devido ao fato do padre ser inexperto. E se ouviram vários gritos.

— Guarde o remo, senhor!

— Amarre-o à boça, Bill!

— Aí tem outro guarda-mancebos, padre! Agarre-se forte!

Entretanto Pullings exclamou:

— Oh, senhor! Esqueci de dizer que o Franklin está em alto mar e aparentemente tem uma presa. Vou trazer o reverendo.

Sam estava mais alto e gordo que quando ele e seu pai tinham se encontrado pela última vez. Jack se levantou fazendo um grande esforço e lhe pôs as mãos nos ombros, dizendo:

— Sam, quanto me alegro de ver-te!

Um grande sorriso iluminou o rosto de Sam, que, abraçando-lhe, somente respondeu:

— Oh, senhor! — Ao ver a bandagem do olho, sua alegre expressão deu passagem a outra preocupada e então disse: — Mas está ferido e enfermo. Sente-se.

Conduziu Jack até uma cadeira, ajudou-o a sentar muito devagar e depois sentou-se sob a lanterna que pendia do teto. Jack, que estava abatido, pior e cheio de cicatrizes, notou que Sam o olhava com tanto afeto que lhe disse:

— Não se preocupe, querido Sam. Acho que o olho está bom, posso ver perfeitamente. Quanto aos outros, tivemos dificuldades diante de uma costa a sotavento quando estávamos no bote do *Alastor*. Uma tormenta que chegou do leste a destroçou e a desmantelou. Perdemos a comida e a água, e só o que podíamos comer era leão marinho cru. Fomos obrigados a retroceder sete vezes depois de passar a ilha dos leões marinhos, e por fim eu disse a meus companheiros de tripulação: “Companheiros, se não a rodearmos navegando de bolina sem encontrar obstáculos, passaremos uma noite horrível”. E a rodeamos, mas não sem encontrar obstáculos. No outro lado havia um arrecife, e tratando de evitá-lo nos metemos em uma enseada. Estávamos com a costa a sotavento no meio de um vendaval, havia marejada, a corrente e a

maré nos empurravam para dentro e a âncora não nos segurava. Passamos uma noite horrível, certamente, e se prolongou por quatro espantosos dias. Pudemos mais ou menos remendar o bote e trazê-la ao porto. Mas tudo já terminou, e nos ganhamos um magnífico jantar.

Tocou a campainha e pediu o melhor jantar que o cozinheiro da fragata pudesse preparar. Mas viu com tristeza que as lágrimas resvalavam por aquele rosto de ébano, e então, para desviar os pensamentos de Sam, perguntou:

— Tem visto o doutor? Esperava que estivesse a bordo, mas não regressou ainda.

— Certamente que o tenho visto, senhor. Acabo de vê-lo nas montanhas.

— Está bem? Alegro-me tanto! Estava preocupado com ele.

Chegou a primeira parte da janta: pratos frios de alimentos que abundavam no mercado e que o cozinheiro do capitão, já que a fragata estava no porto, pudera conseguir. Consistia em rosbife, que os oficiais cederam sem hesitar, frango, pato, presunto, grande quantidade de vegetais, uma grande tija de maionese, várias garrafas de vinho peruano e uma jarra de água de cevada, que Jack esvaziou sem pensar. Comeu com voracidade, tragando os alimentos com a rapidez de um lobo, e enquanto isso escutava ou falava a curtos intervalos.

— Tínhamos um prisioneiro que se chama Dutourd — disse, untando um pedaço de pão com manteiga. — Nós o aprisionamos no Franklin, um barco corsário com bandeira estadunidense. É um francês exaltado e visionário que pensava fundar uma comunidade ideal sem Igreja em uma ilha Polinésia, sem rei, sem leis e sem dinheiro, onde a propriedade é comum, há paz e a justiça é perfeita. Conforme tenho entendido, tudo isto ia ser conseguido com a matança dos ilhéus. O doutor me disse que é um homem rico e acho que era o dono do *Franklin*, mas isso não está totalmente claro. A verdade é que não tinha patente de corso, ainda que ele e o capitão atacaram nossos baleeiros, e que eu ia levá-lo para a Inglaterra, onde poderia ser enforcado por pirata. Não me agradava em absoluto, e tampouco me agradavam suas idéias nem suas

maneiras. Era um tipo arrogante e presunso de ser estrangeiro. Contudo, tinha algumas qualidades, pois era valente e bom com seus homens, e... Sam, a garrafa está do seu lado. Como me parecia que não era consciente de que cometia atos de pirataria, pensava permitir-lhe desembarcar aqui e deixá-lo em liberdade sob palavra. É o que geralmente chamamos um cavalheiro: um homem educado e com dinheiro.

Começou a servir o rosbife e depois, ao terminar de encher os pratos, continuou:

— Era um homem educado. Sabia grego... Você sabe grego, não é, Sam?

— Um pouco, senhor. Temos que aprendê-lo obrigatoriamente, sabia?, porque o Novo Testamento foi escrito em grego.

— Em grego? — perguntou Jack, mantendo o garfo no ar. — Não sabia. Pensei que estaria escrito em... Qual é a língua que falam os malditos judeus?

— Hebraico, senhor.

— Exatamente. E contudo, escreveram em grego, os muito astutos. Estou surpreso.

— Só o Novo Testamento, senhor. E não era o mesmo grego de Homero ou Hesíodo.

— Ah, não? Bem, um dia que comi na câmara dos oficiais e que ele também era um convidado, nos falou desses jogos olímpicos.

Olhou de uma ponta a outra a mesa quase vazia, encheu a taça de Sam e disse:

— Pergunto-me o que trarão agora.

Serviram-lhes bifés e costeletas de cordeiro muito quentes e um prato feito com batatas recém trazidas dos Andes.

— Nos jogos olímpicos davam muito valor aos prêmios. Um dos Sete Sábios, já sabe, um tipo que se chamava Quilo, cujo filho ganhou uma vez, era um velho cavalheiro e morreu de alegria. Lembro-me dele e também de seus companheiros, porque sua história é uma das poucas coisas que aprendi sobre os clássicos. Quando era menino me deram um livro de capas azuis que tinha um desenho dos Sete Sábios, que eram todos muito parecidos, e tive que aprendê-lo. Começava: “Primeiro Solón, que fez as leis

atenienses. / depois Quilo, em Esparta, famoso por suas máximas". Porém, indubitavelmente, Sam, cair morto demonstra que um sábio tem idéias muito equivocadas.

— Muito equivocadas, senhor — concordou Sam, olhando seu pai com grande afeto.

— A verdade é que era simplesmente uma espécie de ferreiro, mas mesmo assim... Uma vez tive uma égua e esperava que ganhasse a corrida em Oaks, e se tivesse ganhado, não esperava cair morto. Finalmente nunca correu, e agora que penso, o doutor opinava que seu tronco reduzido trazia consigo a pequenez da anca. Mas estou tão satisfeito de estar em sua companhia e de poder comer e beber que falo demais, quase tanto como aquele desprezível francês, Dutourd. Além disso, como quando se está exausto o vinho sobe à cabeça, eu estou me desviando do tema.

— Não, em absoluto, senhor, em absoluto. Posso lhe servir outra costeleta?

— Certamente! Bem, o que ocorreu foi que quando estávamos a pairar diante de Callao, contei ao doutor que ia fazer alguns prisioneiros franceses desembarcarem e ele disse: "A Dutourd não". Depois, em voz baixa, acrescentou: "Poderia ser imprudente". Bem, isto é delicado, não sei como explicar. Vamos comer a sobremesa, se é possível que nos tenham preparado alguma com tão pouca antecedência, e quando chegemos ao vinho do porto, talvez volte a ter a mente fresca.

Foi possível que a preparassem, ainda que só consistia de uma creme feito com sagu, um pudim feito com o que podia achar-se no Peru e um simples pudim de arroz, muito diferente do autêntico pudim, o de sebo, que devia ficar horas e horas em uma panela.

Jack falou a Sam de um bosque de sagüeiros da ilha de Ceram que seus guardas-marinhas haviam percorrido, e do divertido que lhes havia parecido o espetáculo. Um bosque de sagüeiros! — Como essas pequenezas que mereciam pouca atenção, logo as deixou de lado. Retiraram a toalha da mesa e colocaram a garrafa de vinho do porto à direita de Jack e a Grimble disseram que talvez Jack quisesse deitar-se.

— Bem, Sam — continuou Jack, — deve saber que quando o doutor desce a terra, nem sempre o faz para recolher exemplares de plantas ou coisas parecidas. Às vezes o que faz tem que ver com a política, se é que me entende. Por exemplo, opõe-se totalmente à escravidão e devido a isso é possível que anime a quem compartilha de sua opinião no Peru. Certamente que isso é elogiável, mas as autoridades de um país escravista poderiam não gostar. Assim que quando disse que talvez seria imprudente que Dutourd, que sabe o que opina, desembarcasse, possivelmente tenha sido porque o considerava um delator. Além disso, há outros aspectos que não me atrevo a analisar porque isso seria como navegar em águas pouco profundas e sem carta marinha. Mas devemos ir ao ponto, Sam, e peço que me desculpe por ser tão lento e tão chato, mas esta noite me custa muito concentrar-me. Vamos ao ponto: Dutourd conseguiu desembarcar e temo que possa fazer muito estrago ao doutor, assim que vou fazer de tudo o que possa para levá-lo de novo a bordo e lhe rogo que me ajude, Sam.

— Senhor, estou a suas ordens — disse Sam. — Com relação às atuais atividades do doutor, nós dois temos muito em comum, e ele me fez algumas consultas. Também eu me oponho totalmente à escravidão e à dominação francesa, assim como muitos outros homens que conheço.

Além disso, como o senhor diz bem, há outros aspectos. No que se refere a esse miserável de Dutourd, acredito que está fora de nosso alcance, pois o Santo Ofício o aprisionou no sábado passado e agora está na Casa da Inquisição. Acho que terá muitos problemas quando termine o interrogatório, porque demonstrou publicamente ser um desprezível ateu, um blasfemo e um homem capaz de realizar atos violentos. Os amigos do doutor haviam preparado uma troca de governo, e como o vice-rei estava ausente, tudo avançava fácil e rapidamente para o fim desejado. Havia-se mobilizado as tropas, assegurado as pontes e tomado todas as precauções necessárias para manter a paz quando Dutourd chegou e disse que o doutor era um espião britânico e que a operação estava preparada com a ajuda de traidores pagos com ouro inglês. Ninguém fez caso de um homem tão exaltado que, além disso, era francês e estava

salpicado pelos crimes cometidos pela Revolução e as ações de Napoleão contra o Papa; contudo, um infame oficial, Castro, pensou aproveitar-se disso para levantar uma agitação e ganhar o favor do vice-rei. Contratou a um grupo de pessoas para que protestassem nas ruas e jogassem pedras nos estrangeiros. Toda a cidade estava alvoroçada. O general em chefe rompeu o acordo, o movimento fracassou e os amigos do doutor o aconselharam a abandonar o país imediatamente. Agora está nas montanhas mais distantes, viajando com um guia experimentado com destino ao Chile, que tem outro governo. Falamos antes de que partisse e combinamos que eu lhe comunicaria que ele faria todo o possível para estar em Valparaíso ao final do próximo mês e que ficaria com os monges beneditinos ou com dom Jaime O'Higgins. Obviamente, não poderá chegar tão longe nesse tempo viajando por terra, e uma vez que esteja no Chile confiamos em que possa viajar em pequenos barcos que vão de um povoado de pescadores para outro beirando a costa para que possa chegar a Valparaíso a tempo. Além disso, senhor, pensamos que até que o vice-rei volte, dentro de três ou quatro dias, o senhor não tem que temer pela fragata, e mesmo depois é pouco provável que se apoderem dela. Mas soubemos de fonte fidedigna que era aconselhável tirá-la do estaleiro, o que o capitão Pullings fez, para evitar incômodos como detenções, roubos ou coisas parecidas. Por exemplo, uma mulher está preparada para jurar que Joe Plaice, um membro de sua tripulação, engravidou-a. Os amigos que nos informam, que são homens de negócios, pensam que o senhor deveria vender todas as presas imediatamente, e que caso as ofertas não lhe interessem, deveria mandá-las a Arica ou Coquimbo. Inclusive a Coquimbo — repetiu em meio do profundo silêncio. — Mas voltarei a lhe contar tudo isto às oito e meia da manhã — sussurrou. — Deus o bendiga.

Sam era mais corpulento que seu pai, mas podia mover-se mais silenciosamente. Levantou-se, retrocedeu até a porta, abriu-a sem produzir nenhum som, ficou ali um momento, escutando a cadenciada respiração de Jack, e desapareceu na escura meia coberta.

Depois de uma semana ou dez dias de subir e descer montanhas, mais subir que descer, Stephen pensava que sua cabeça e seus pulmões haviam se adaptado ao escasso ar das montanhas. Afinal de contas, passara todo o dia andando e cavalgado depois de deixar o lugar onde havia descansado na noite anterior, passando por altas pastarias até chegar a uma altura de nove mil pés sem sentir nenhum incômodo. Tinha que admitir que não havia ido hora depois de hora ao mesmo passo daqueles índios de peito largo, a maioria terrivelmente pobres, que guiavam a caravana de lhamas carregadas pelas intermináveis ladeiras, entre os quais havia alguns aimaras de Cuzco, a terra natal de Eduardo. E quando desmontou e caminhou com Eduardo por uma faixa de terreno muito fértil, movia-se com tanta agilidade como se estivesse no Curragh de Kildare.

Naquele dia, cada vez indo mais alto, desviara-se três vezes com as mulas com a esperança de caçar uma perdiz ou um guanaco, e três vezes reunira-se com as lhamas não com as mãos vazias, posto que Stephen trazia um inseto ou capim para os animais de carga, mas sem caça, o que significava que seu jantar consistiria de novo em poquinho-da-índia frito e batatas secas. Eduardo havia comentado que esse ano era muito raro porque o tempo estava muito estranho e os animais estavam abandonando os costumes e os territórios em que permaneceram desde os tempos do inca Pachacútec. Para demonstrar o que dizia, na terceira ocasião levou Stephen até um monte de esterco, inesperado em um lugar desolado como aquele, e de seis pés de largura e várias polegadas de altura apesar do efeito da decomposição. Stephen o observou com atenção, pensando que, sem dúvida, eram excrementos de ruminantes, e Eduardo lhe disse que os guanacos sempre iam defecar no mesmo lugar e que vinham ali de lugares muito distantes porque isso era natural para eles, mas que ali, naquele monte, tão útil como combustível, não havia evacuações dos últimos meses, pois tanto a superfície como a periferia estavam ressecadas e decompostas.

A alteração da ordem estabelecida, junto com a vergonha de ter prometido encontrar aves e bestas que não apareciam, provocaram em Eduardo tanta tristeza como seu caráter alegre e otimista lhe permitia sentir, e durante grande parte da tarde ambos

cavalgaram em silêncio. Durante esse longo período, quando a estreita vereda ascendia por terrenos rochosos até o arredondado cume de uma montanha, a caravana avançou quase sem fazer ruído. Os índios, que por seu nariz arqueado e seus grandes olhos negros se pareciam às lhamas, falavam pouco e em voz baixa. Em todo esse tempo, Stephen não pudera estabelecer uma relação humana com nenhum deles, somente uma relação como a que tinha com os animais, apesar de que estavam juntos dias e noites porque Eduardo escolhia veredas afastadas dos povoados e dos caminhos mais frequentados, já que as lhamas levavam tudo o que necessitavam para a viagem. Era verdade que tinham visto duas compridas caravanas transportando minério das distantes minas situadas justo debaixo dos picos nevados, mas isso só aumentava a sensação de solidão, como a experimentada em um barco no meio do oceano. Pelo menos tinha o consolo de que somente algumas das lhamas de pior humor ainda lhe cuspiam. Acima e acima; acima e acima. Stephen, com a vista fixa no solo, via passar o terreno coberto de seixos e fina grama por baixo do estribo esquerdo (um grande pedaço de madeira oco), e seu pensamento estava a mais de dez mil milhas dali, onde estavam Diana e Brigit. Perguntava-se como estariam e se era correto que um homem se casasse e depois partisse para navegar pelo outro lado do mundo e durante anos.

Um aimará que parecia superior aos outros lhe deu um forte golpe no joelho, falando em tom grave e desaprovatório e apontando para Eduardo.

— Dom Esteban — repetiu Eduardo um pouco mais a frente, — estamos quase na borda da puna. Se quiser desmontar, acho que poderei mostrar-lhe algo desta vez.

Stephen levantou a vista. Justo diante havia uma parede rochosa avermelhada e em cima o arredondado cume para o qual se dirigiam há tanto tempo e que agora, de repente, estava muito perto. Pensou que deveriam de ter subido dois ou três mil pés mais, e se deu conta de que o ar era ainda mais escasso e o frio mais intenso.

— Nós nos reuniremos com eles na próxima curva — anunciou Eduardo.

Então conduziu Stephen por uma vereda de ardósia que subia pela parede rochosa, enquanto as lhamas seguiam pelo caminho, que naquele lugar era muito largo e se distinguia bem.

— Sem dúvida, aí havia uma mina — continuou Eduardo, enquanto assinalava um túnel e um monte de escória. — Ou tentaram escavar uma mina.

Stephen assentiu com a cabeça. Não haviam passado por nenhuma montanha, por muito devastada, distante, pouco acessível e escassa de água que fosse, em que não houvesse rastros de homens que estiveram ali buscando ouro, prata, cobre, cinábrio ou estanho. Mas não disse nada. O coração lhe pulsava como se quisesse ocupar todo o peito, sem deixar espaço para respirar. Quase não pôde chegar acima. Permaneceu ali, controlando ou tentando controlar seus ofegos, enquanto Eduardo lhe dizia o nome dos resplandecentes picos nevados que estavam de ambos os lados e em frente e que, um depois do outro, emergiam como ilhas de uma faixa de nuvens alaranjadas e brilhavam em meio do ar frio e transparente.

— Agora acho que poderei deixá-lo sem fôlego — disse Eduardo.

Stephen sorriu mecanicamente e o seguiu, caminhando com cuidado entre o alto e áspero mato amarelado, que crescia em pequenos montes. As árvores tinham ficado para trás fazia muito, muito tempo, e ali não havia nem um arbusto, por raquítico que fosse, somente os *ichos*^{11} se estendiam por todo o patamar alto e estéril. O terreno parecia plano, mas na realidade tinha altibaixos. Eduardo se deteve junto a um pico e olhou para Stephen com gesto triunfante. Stephen, que agora estava meio cego, seguiu seu olhar, e abaixo, ao final da ladeira, viu com assombro um conjunto de árvores que a princípio lhe pareceram palmeiras de tronco grosso de uns quinze pés de altura, mas algumas tinham uma grossa vara que se elevava acima da copa a uma altura quase igual à do tronco.

Correu, quase perdendo o equilíbrio, até a árvore mais próxima. Tinha as folhas parecidas às do agave, pontiagudas e com muitos espinhos nas duas faces; a grande vara era uma massa de

flores de colorido amarelo-pálido, milhares e milhares de flores que ficavam muito juntas.

— Mãe de Deus! — exclamou e, depois de um momento, disse: — É uma bromeliácea.

— Sim, senhor — disse Eduardo, satisfeito e orgulhoso. — Nós a chamamos de ferrão

— Ruiz não a conhecia. Não está descrita em nenhuma parte, e muito menos incluída na *Flora peruviana et chilensis*. O que teria feito Linneo com uma planta como esta? Oh, oh! — exclamou.

Nesse momento viu que vários beija-flores verdes, cuja presença ali era tão insólita como a das bromeliáceas, batiam as asas suspensos no ar sobre uma flor, da qual chupavam o néctar, e depois passavam para outra rapidamente, sem fazer-lhe caso.

Uma semana mais tarde e a dois mil pés mais alto, Stephen e Eduardo caminhavam com passo rápido pelo sopé de um vulcão inativo. À esquerda havia um caótico monte de rochas, algumas enormes; à direita, havia estendida grande quantidade de cinza vulcânica que se depositara ali há muito tempo e ficara de cor verdosa por causa de um recente aguaceiro. Levavam escopetas, porque na puna que ficava do outro lado era possível encontrar as perdizes de que Eduardo falava, mas seu principal objetivo era observar a face inacessível de um rochedo onde os condores haviam se aninhado no passado e poderiam estar aninhando agora.

Atravessaram aquele caos e, apesar das rochas viradas para o norte estarem cobertas de gelo quase perene, viram algumas plantas interessantes e alguns excrementos que, conforme Eduardo, eram de vicunhas.

— Em que se diferenciam dos do guanaco? — perguntou Stephen.

— Além de estarem separados em vez de acumulados em um único monte, eu não saberia dizer em que se diferenciam — respondeu Eduardo, — ainda que se visse uns e outros juntos, os distinguiria imediatamente. Mas este é um lugar baixo para a vicunha. Provavelmente desceu para comer a erva do outro lado.

— Talvez possamos caçá-la — aventurou Stephen. — O senhor mesmo disse que estava farto de comer poquinho-da-índia frito e presunto.

— Sim — respondeu Eduardo e depois de vacilar alguns momentos, acrescentou: — Porém, dom Esteban, ficaria triste se a matasse. Os incas sempre protegeram as vicunhas e mesmo os espanhóis as deixam em paz. Meus seguidores não gostariam.

— Bem, comigo estará segura. Mas meu poncho é feito de lã de vicunha.

— Efetivamente. Alguns as matam de vez em quando... Aí está o condor.

Ali estava, certamente, sua negra figura no céu azul escuro, voando pela parede rochosa ainda distante, e o observaram até que se perdeu de vista. Stephen não voltou a falar da vicunha e Eduardo estava envergonhado. Havia coisas que não estavam claras sobre os velhos costumes. Eduardo e seus seguidores eram católicos praticantes, mas isso não os impedia de meter um dedo na xícara e sustentá-la ao alto para agradecer embaixo do sol antes de beber, como seus antepassados haviam feito desde tempos imemoriais. E observavam outras cerimônias da mesma natureza.

— Como o senhor bem sabe — disse Eduardo, — a cria não pode voar até os dois anos; por isso, se está aí e se a luz for como eu gostaria, poderemos vê-la aparecer na borda.

— Não podemos subir e olhá-la de lá?

— Oh, não! — exclamou Eduardo. — Não poderíamos voltar antes do crepúsculo, e é horrível que ser surpreendido pela noite na puna. Pense nos terríveis ventos noturnos, nos terríveis ventos matutinos e no intenso frio, em que não teríamos nada o que comer, nada que beber nem um lugar onde nos refugiar.

Quando Stephen pensava nestas costures, enquanto atravessavam uma faixa de terreno acidentado para rodear um monte de rochas, ouviu a voz escandalosa de um guanaco. Os dois se detiveram em seco. À esquerda viram o guanaco que tinham ouvido, e um pouco mais longe a outros que fugiam em fila a grande velocidade e finalmente desapareciam ao descer a ladeira.

O guanaco voltou a gritar, ainda mais e com voz mais escandalosa, pisoteou os altos e pontiagudos ichos com as patas dianteiras, começou a levantar-se sobre as patas traseiras, movendo a cabeça com fúria, e não retrocedeu nem um pé enquanto eles se aproximavam.

— Está lhe desafiando — disse Eduardo. — Esteve lutando. Veja que tem sangue nos lados. É possível que lhe ataque dentro de pouco. Não pode pedir uma oportunidade melhor para disparar-lhe, nem um jantar melhor.

— Mas não se supõe que não devo matá-lo?

— Oh, dom Esteban! — exclamou Eduardo. — Como pode falar assim? Não é uma vicunha, é muito grande para ser uma vicunha e tem outro colorido. É um guanaco e uma peça de caça perfeitamente aceitável.

Stephen tinha uma escopeta com um cilindro carregado de munição e outro com uma bala. Ajoelhou-se, o que enfureceu ao guanaco, apontou e disparou. O animal, ferido no coração, deu um salto e desapareceu, aparentemente porque tinha desabado sobre o alto capim.

— No primeiro dia comemos bifes cortados muito finos — explicou Eduardo quando desciam pela ladeira com rapidez. — No dia seguinte, os quartos dianteiros são deixados embaixo do sol para que fiquem tenras.

Eduardo podia expressar tanta alegria como um europeu, mas era óbvio que por sua herança ancestral não demonstrava nenhum sentimento de pena mas de acalma estóica. Contudo, agora sua expressão alegre e expectante se transformou em uma de não simulado desencanto ao notar que o guanaco estivera pulando próximo da borda de um precipício e que ao dar aquele salto convulsivamente caíra em baixo.

Estava estendido duzentos pés mais abaixo e a parede rochosa era cortada verticalmente. Tentaram em vão encontrar um modo de descer e, depois de observar a posição do sol e das sombras que abaixo deles iam ascendendo, contra sua vontade, deram a volta. Nesse momento o condor macho, seguido por sua companheira, começaram a voar por cima deles.

Outro dia, quando estavam outra vez em uma puna, pararam junto a um grupo de puyas^{12} situadas tão convenientemente que Stephen pôde recolher sementes da flor mais baixa. Acabavam de descer de um lago onde nascia um rio que confluía com o Amazonas e finalmente chegava até o Atlântico (ainda que dali, quando as manhãs eram claras, podia-se ver o Pacífico brilhar) e na gelada margem do lago Eduardo havia mostrado a Stephen o bonito ganso com de corpo branco e asas verde-escuras que chamavam de huachua. Era tarde, mas pela primeira vez a noite era tão tranqüila como o dia e a caravana podia ser vista claramente no caminho mais abaixo.

— Desçamos separados — disse Eduardo, olhando seu rifle. — Ainda tenho esperanças.

— Muito bem — aceitou Stephen.

Os dois desceram separados vinte jardas e quando estavam a um tiro de pedra do caminho, uma ave de tamanho médio saiu de um monte de capim alto batendo as asas. Sem dúvida, era a ave de que Eduardo falava, e ele lhe disparou. Acertou-a tão forte que a ave quicou ao cair.

— Por fim! — exclamou, tão alegre como um menino. — Aqui está a perdiz de que lhe falei ou, pelo menos, a ave que os espanhóis chamam de perdiz.

— É uma ave muito bonita, sem dúvida — disse Stephen girando-a uma e outra vez. — É óbvio que se parece um pouco com a perdiz, mas duvido que seja uma galinácea.

— Eu também. Chamamos ela e sua parenta de *tuyas*.

— Acho que é o tinamú descrito por Lathan.

— Creio que tem razão. Uma coisa interessante com relação às *tuyas* é que o macho incuba os ovos de várias fêmeas, como a ema. Possivelmente tenham certa relação.

— Indubtavelmente, o bico não é muito diferente... Mas nunca me dissera que havia emas a tão grande altura.

— Tem aqui e inclusive mais acima. Não são como as desajeitadas emas do pampa, mas bonitas aves de plumagem cinzenta, de não mais que quatro pés de altura, que correm como o

vento. Se Deus quiser, eu lhe mostrarei alguns no altiplano, pouco depois de que deixemos o monastério.

— O senhor é muito amável, Eduardo! — exclamou Stephen. — Tenho tanta vontade de vê-las! — Então, apalpando a ave, notou os ossos sob o avultado peito e disse: — Eu gostaria de fazer-lhe uma dissecação.

— Isso significaria comer poquinho-da-índia frito outra vez.

— Não, se somente prestamos atenção a seus ossos — disse Stephen. — Se uma ave cozida em um recipiente durante umas horas, sempre deixa os ossos ali. O senhor poderá dizer que a carne não terá o mesmo sabor que se fosse assada, e é verdade, mas será muito melhor que a do chato poquinho-da-índia.

O monastério ao qual Eduardo se referia ficava a sudeste, a cinco dias de caminho, mas a idéia de ver As emas do altiplano, os lagos salgados com diferentes espécies de flamengos e os extensos desertos de sal branco havia dado asas a Stephen Maturin. Com ajuda do extraordinário bom tempo, chegaram à solitária missão em quatro dias, ainda que iam carregados com insetos, plantas e os despojos de animais do lago Titicaca: a pele de dois mergulhões, dois íbis de espécies diferentes, um pato com crista e várias ralídeas.

Eduardo e a caravana chegaram pouco depois que a escuridão. Tiveram que bater insistentemente na porta e dar gritos durante um tempo antes que abrissem, e quando por fim entraram foram recebidos com preocupação e desgostoso. O edifício pertencera a uma missão da Companhia de Jesus até que a ordem foi suprimida e agora era dos capuchinhos, e os monges, ainda que fossem muito caridosos e tivessem bom coração, careciam da educação e da capacidade de dissimulação atribuída aos jesuítas.

— Não os esperávamos até amanhã — foi o cumprimento do prior.

— Hoje é quarta-feira, não quinta-feira — disse o subprior.

— Não tem nada para comer — interveio um frade que estava detrás, na escuridão.

— Juan Morais ia trazer um porco assado e várias galinhas amanhã. Por que não nos mandaram avisar que viriam hoje? Se

tivessem avisado ontem pela manhã, teríamos dito ao negro López que pedisse a Juan que trouxesse o porco hoje, pois o negro López ia descer de toda maneira.

Depois de um silêncio, o irmão Porter disse:

— Bem, talvez restem vários porquinhos-da-índia onde se guardam os manuscritos.

— Corra, padre Jaime — instou-lhe o prior. — Animemo-nos, que pelo menos sempre temos um pouco de vinho.

Stephen escreveu:

Querida:

O prior disse: “Pelo menos sempre temos um pouco de vinho” e não tenho palavras para expressar o bem que senti ao bebê-lo. Tampouco as encontro para expressar quanto desejo que os próximos dias passem, pois meu amável companheiro prometeu mostrar-me as maravilhas do altiplano e levar-me até a borda da província de Atacama, onde chove uma vez a cada cem anos. Já me mostrou pequenos periquitos de colorido verde-brilhante que vivem a quinze mil pés de altura em desolados terrenos rochosos, as viscachas das montanhas, animais parecidos aos coelhos mas com a calda como a das esquilos que vivem no desolado terreno rochoso e emitem um alegre assobio, e também outros encantos destes lugares solitários rodeados de picos nevados, alguns dos quais são vulcões e se tornam incandescentes de noite. E prometeu mostrar-me mais coisas, já que em condições climáticas extremas todas as formas de vida chegam a limites extremos. Mas não queria que o poquinho-da-índia chegasse a limites extremos. Não é bonito nem inteligente e sua carne é a mais insípida que se pode imaginar, e quase não parece comestível depois que se come a primeira dúzia. Por desgraça, pode domesticar-se facilmente e, também, conservar-se bem seco, defumado ou salgado e depois transportar-se indefinidamente com este ar tão seco e frio, graças ao qual também se podem secar, congelar e voltar a secar as batatas para depois guardá-las em bolsas. Tratei de torná-lo um pouco mais agradável ao paladar acrescentando-lhe cogumelos, nossos cogumelos europeus comuns, *Agaricus campestris*, que para meu assombro encontrei em alguns pastos nas montanhas; mas meu querido

companheiro me disse que cairia morto se o fizesse e seus seguidores me asseguraram que eu incharia e depois morreria. Incomodou-lhes tanto que eu sobrevivesse uma semana, que Eduardo teve que rogar-me que parasse de usá-las porque isso poderia trazer má sorte para todo mundo. Olham-me como a um bicho raro e devo admitir que eu tampouco posso dizer que eles tenham bom aspecto. A esta altura, com este frio e fazendo um constante esforço, suas caras se tornaram de cor azul, um colorido azul-plúmbeo e apagado.

Pensou um momento nos índios e em Eduardo e depois voltou a molhar a pena na tinta e escreveu: "Vou dizer-te duas coisas agora, antes que me esqueça. A primeira é que aqui em cima não há mau odor, de fato não há nenhum odor. A segunda...". Tentou molhar a pena outra vez, mas a tinta havia se congelado, o que não lhe surpreendia. Então, envolvendo seu pequeno corpo no poncho de vicunha, foi meter-se na cama, onde, quando sentiu um pouco de calor, começou a pensar em Eduardo e nas conversas que tivera essa tarde quando subiram até ali desde a Guaira. Eduardo lhe contara muitas coisas do inca Pachacútec, o primeiro grande conquistador, e de sua família desde a época de Huaina-Cápac, o grande inca, até a de Atahualpa, que fora enforcado por Pizarro, e a do inca Manco, um antepassado de Eduardo. Também lhe falou das famílias colaterais descendentes de Huaina-Cápac que ainda existiam. Stephen não se assombrou a inimizade entre os primos, nem os feudos que se conservaram desde tempos imemoriais até o presente, nem o fratricídio, porque, afinal de contas, havia muitos precedentes; mas sim o surpreendeu advertir, depois de um momento, que Eduardo parecia cada vez mais interessado em levar a conversa para a idéia do apoio exterior a uma das famílias reais com o fim de que pudesse neutralizar os outros clãs quíchuas e reunir suficientes índios e homens de boa vontade para libertar pelo menos Cuzco, a cidade de seus antepassados. Surpreendeu-lhe porque teria jurado que um homem da inteligência de Eduardo devia perceber a impossibilidade de semelhante plano, a existência de um incrível número de interesses em conflito, a escassa probabilidade de reconciliação entre os grupos hostis e o nefasto resultado do recente

levante de Túpac Amaru, reprimido de forma sangrenta pelos espanhóis com a ajuda de outros índios, alguns deles de sangue real. Ocultou seu assombro e não prestou atenção ao que dizia, e deliberadamente tratou de não conservar em sua memória a genealogia, os nomes dos que apoiavam a causa e todos os que a tinham abraçado. Enquanto estava ali deitado no frio, sem dormir, sua memória, extraordinariamente retentiva, fez recordar-se das listas de nomes. Quando ainda ia pelos descendentes do inca Huáscar, um monge descalço chegou com um braseiro de carvão e lhe perguntou se estava acordado, e disse que, se estivesse, o prior gostaria que se reunisse com eles em uma nona dedicada a São Isidoro de Sevilha para rogar que intercedesse a favor dos viajantes.

Ao regressar ao seu quarto, agora mais quente, Stephen submergiu em uma cochilo. Sonhou que Diana estava sentenciada a morte por um crime sem resolver e se encontrava ante o juiz em um tribunal informal, custodiada por um guarda cortês mas reservado. Usava uma camisola, e o juiz, um homem bem educado e obviamente envergonhado pela situação e pela tarefa que devia realizar, estava fazendo um laço em uma corda nova e branca para enforcá-la. A tristeza de Diana aumentou quando o nó se fechou, e então olhou para Stephen com os olhos cheios de terror, mas ele não podia fazer nada.

Outro frade descalço entrou distraidamente na cela de Stephen e se surpreendeu ao ver que ele ainda não tivesse se reunido com dom Eduardo e seus acompanhantes, que já estavam no pátio com as lhamas carregadas, porque o sol já estava saindo por Anacochani.

De fato, estava saindo, ainda que o céu, a oeste, ainda tivesse um colorido anil na parte mais baixa. Quando Stephen olhou para lá, lembrou as palavras que queria escrever para Diana antes de queimar a carta com a vela: "Com este ar frio e imóvel, as estrelas não pestanejam, aliás ficam fixas como um conjunto de planetas", pois lá estavam, como contas douradas que não emitiam lampejos. Mas não sentia satisfação ao vê-las porque o sonho ainda o angustiava, e teve que esforçar-se para sorrir quando Eduardo lhe

disse que em vez de batatas secas reservara um pedaço de pão para o café da manhã, um pedaço de pão de trigo.

O lamurioso grito das lhamas ao partir, o constante ruído dos cascos da mula no caminho, a bonita luz do dia ascendendo pelo céu até uma altura incomensurável. De ambos os lados ficavam as pardas montanhas coroadas de branco e o ar escasso, que era cortante, esquentou quando o sol subiu acima dos picos.

Não falavam muito nem falariam até que o calor e o exercício tivessem eliminado a tensão em seu largo peito. Sua respiração era ainda irregular e pareciam totalmente absortos em suas meditações. Mas quase a caravana não tinha avançado duas ou três milhas quando o prolongado e ondulante grito de um aimará fez que todos parassem.

Foi dado por um aimará baixo e robusto que apareceu atrás deles em uma curva do caminho. Estava a grande distância, mas como havia tanta claridade, Eduardo disse imediatamente:

— Quipos.

E seus seguidores, de cada lado, murmuraram:

— Quipos.

— Estou seguro de que o senhor já viu quipos amiúde, dom Esteban — disse Eduardo.

— Nunca em minha vida, meu amigo — respondeu Stephen.

— Pois os verá logo — disse Eduardo, e ambos observaram como o índio se aproximava correndo pelo caminho, enquanto seu bastão colorido se movia para cima e para baixo. — São ramais de um conjunto de cordas com nós e finas tiras, nossa forma de escrita, que é concisa, engenhosa e secreta. Sou um pecador, mas apenas em umas poucas polegadas posso acumular tudo o que tenho que recordar na confissão e somente eu posso lê-lo porque o primeiro nó dá a pista para os restantes.

O mensageiro chegou correndo, com o rosto azul mas respirando tranqüilamente. Beijou Eduardo nos joelhos, desenrolou as cordas lorigadas com tiras do bastão e lhe entregou. A caravana seguiu avançando e Stephen puxou as rédeas.

— Não — Eduardo o deteve. — Por favor, olhe. Verá como os leio tão rápido e tão facilmente como as letras.

E assim o fez, mas enquanto lia, sua expressão mudou. Seu jovem rosto, de expressão amável e confiante, se pôs grave, e ao final disse:

— Sinto muito, dom Esteban. Pensava que era uma mensagem de meu agente de Cuzco perguntando-me se podia levar um grupo de lhamas a Potosí, porque este é o índio que costuma trazer suas mensagens, mas é algo muito diferente. Não devemos seguir avançando para o sul. Gayongos tem um barco que zarpará com destino a Valparaíso e vai fazer escala em Arica. Devemos pegar um atalho por Huechopillan... É um lugar muito alto, dom Esteban, mas o senhor não se importará em passar por um lugar muito alto, verdade? Sinto muito, mas desta vez devo renunciar ao prazer de mostrar-lhe as emas do altiplano e os grandes depósitos de sal. Contudo, não muito longe de Huechopillan há um lago onde lhe prometo mostrar alguns patos, gansos, gaivotas e ralídeas muito pouco comuns. Perdoe-me.

Rapidamente tomou a vereda, e enquanto Stephen o seguia, ouviu-o dar ordens que fizeram três quartos da caravana retrocederem pelo caminho.

Stephen estava convencido de que nos quipos havia notícias sobre alguns primos de Eduardo que se opunham a ele em relação com o movimento de liberação do qual havia falado no dia anterior, além da notícia do barco de Gayongos. Ainda que achasse mais sensato que o barco fizesse escala um pouco mais ao sul, no Chile, pois Arica, como ele e Eduardo sabiam, ainda estava sob a jurisdição do Peru, não disse o que era óbvio porque isso só poderia causar desgostos, discussões inúteis e mau humor.

A maior parte da caravana que retrocedia passou junto dele, que se detera montado na mula. Passou silenciosamente, com aparente indiferença, ou pelo menos ocultando sua desaprovação. Continuou cavalgando para reunir-se com os demais e notou que Eduardo tinha o rosto impassível e dava ordens com firmeza, mas às vezes o olhava inquisitivamente e com angústia. Stephen não dizia nada, mas observou que agora os índios que pareciam mais hábeis e mais amáveis eram os que guiavam as bestas mais fortes e com

maior carga. Seguiram adiante e ao cabo de meia hora recobriram o ritmo cadenciado.

Ao meio-dia se achavam em uma ampla plataforma rochosa e despovoada onde convergiam três cordilheiras sob o ardente sol e onde a vereda desaparecia, ainda que nem Eduardo nem seus homens pareciam preocupados com isso. Seguiram cruzando-a e dobraram à direita, onde a cordilheira situada mais ao oeste descia até uma pequena planície. Depois atravessaram um terreno relativamente fértil e resguardado, salpicado de arbustos onde se enredavam os montes de capim áspero e amarelado.

Avançavam com mais facilidade e com muita melhor orientação.

— Chegamos a um dos caminhos por onde os incas levavam as mensagens — explicou Eduardo, rompendo o silêncio. — Um pouco mais adiante, onde o terreno é pantanoso, é pavimentado. Meus antepassados não conheciam a roda, mas sabiam fazer caminhos. Além da parte pantanosa, onde poderemos parar para caçar algumas aves selvagens, há muitas rochas amontoadas devido a um terremoto que ocorreu há muito tempo e estão cobertas de musgo, além de curiosos cogumelos da madeira que acho que o senhor nunca viu. Chamam-se *yarettas* e crescem nesta altura, daqui para o oeste, e junto com os excrementos de guanaco suas cabeças produzem um excelente fogo. Nas rochas tem abundantes viscachas, e se levarmos nossas escopetas poderemos deixar de comer poquinho-da-índia durante muito tempo. As viscachas são muito saborosas. Porém doutor, parece que está triste. Sinto tê-lo decepcionado por não lhe mostrar as emas do altiplano.

— Não estou decepcionado em absoluto, meu amigo. Já vi uma pequena revoada de fringídeos de asas brancas e uma ave que acho que é um carcará das montanhas.

Eduardo não parecia convencido e, depois de escrutinar o rosto de Stephen, insistiu:

— Mesmo assim — disse, olhando ansiosamente para o céu limpo, — se este tempo se mantiver, chegaremos à garganta em três dias e, sem dúvida, encontraremos maravilhas no lago.

No segundo dia pela manhã a garganta podia ver-se claramente, um pouco acima da faixa nevada, entre dois picos iguais que se elevavam outros cinco mil pés, de um branco-brilhante sob a luz do sol, que estava quase a seu nível.

— Aí está a casa de postas dos incas — anunciou Eduardo, enfocando a luneta, — justo debaixo da faixa nevada e um pouco à direita. Foi construída por Huaina-Cápac e segue tão sólida como sempre. A garganta é alta, como pode ver, mas do outro lado o caminho é fácil porque é ladeira abaixo todo o tempo, até chegar à mina de prata de um de meus irmãos e a um povoado onde cultivam as melhores batatas do Peru, além de milho e cevada, e onde criam excelentes lhamas. Todos estes animais são dali, e essa é uma das razões pelas quais andam tão bem. É verdade que depois teremos que atravessar o precipício, por onde passa o Uribu, mas há uma ponte suspensa em muito boas condições e o senhor não tem medo de altura que encham de horror aos fracos. Os marinheiros não prestam atenção à altura porque alguém que dá a volta ao mundo está acostumado a ficar em enormes alturas. O que encontrou, dom Esteban?

— Um inseto curioso.

— De fato, muito curioso. Um dia estudarei os insetos a sério. O lago também fica do outro lado. Acho que chegaremos à casa de postas com tempo suficiente para que os homens descansem e nós vamos até o lago. Nesta época do ano não se formará gelo na superfície até muito depois de que se ponha o sol e poderemos encontrar centenas de patos e gansos. Levaremos a *Molina*, a melhor lhama, para trazer o que cacemos.

Stephen pensou: “Se o senhor estiver tão equivocado sobre as aves como sobre minha tolerância às alturas, *Molina* não terá nada o que trazer”. Amiúde tinha ouvido falar, cada vez com maior preocupação, das pontes suspensas dos incas. Por elas os intrépidos índios passavam por cima de torrentes situadas a milhares de pés de altura, levando inclusive animais imobilizados por meio de um primitivo torno, e contavam que todo o conjunto balançava desesperadamente mesmo quando apenas um só viajante chegava ao centro e que o primeiro passo em falso era o último.

Então se perguntou quanto tempo levaria para se cair mil pés. Tratou de fazer o cálculo, mas não se dava e nunca se dera bem com a aritmética e, descartando por absurda a resposta de sete horas e alguns segundos, pensou: “O bastante para fazer um ato de contrição”.

Avançavam e avançavam. Subiam e subiam. Essa era a rotina que seguiam há muito tempo, mas agora a ladeira era muito mais pronunciada e amiúde tinha que guiar a mula. Além disso, agora tinha que concentrar-se para seguir subindo, faltava-lhe o fôlego e seu coração batia a um ritmo de cento e vinte e cinco pulsações por minuto. Sua vista falhava.

— Está absorto em suas meditações — disse Eduardo, para quem a altitude havia levantado o ânimo.

— Estava pensando na fisiologia dos animais que vivem em uma atmosfera rarefeita — respondeu Stephen. — Sem dúvida, a dissecação de uma vicunha permitiria ver notáveis adaptações.

— Não resta dúvida — concordou Eduardo. — E agora nós também vamos nos adaptar com um pouco de mate para percorrer o último vão. Quer desmontar?

Stephen desmontou muito cuidadosamente para evitar perder o equilíbrio. Quase não podia ver, mas não queria deixar transluzir nenhum dos sintomas da vertigem que obviamente sentia. Quando sua mente se limpou, depois do esforço de descer da sela, levantou a vista e viu com alívio que estavam muito perto da faixa nevada, a mais de dezesseis mil pés de altura. Nunca estivera em um lugar tão alto e era compreensível que tivesse vertigem, isso não era um vergonhoso sinal de fraqueza.

Já saía fumaça dos excrementos do guanaco, das cabeças dos cogumelos da madeira e alguns dos arbustos que ardiam verdes, e pouco depois começaram a passar-se as tigelas com mate. Stephen bebeu o agradável mate quente pelo canudo de prata, comeu um pêssego do Chile seco e depois, como todos os outros, tirou sua bolsa de folhas de coca. Preparou uma bola de meio tamanho, untou-a com cinza de quina, mastigou-a levemente para que começasse a soltar suco e depois colocou-a na bochecha. Imediatamente começou a sentir o conhecido formigamento, ao qual

seguiu um curioso entorpecimento que tanto lhe maravilhou muitos anos atrás.

Desapareceu a vertigem, e com ela a ansiedade, e recuperou o ânimo. Olhou para o ascendente caminho, o último vão, formado por três trechos em ziguezague que passavam pela casa de postas, atravessavam a faixa nevada e levavam até a garganta. Teria que andar todo o tempo, mas não lhe importava em absoluto.

— Não vai montar, dom Esteban? — perguntou Eduardo, segurando o estribo para que subisse.

— Não, senhor — respondeu Stephen, — porque este animal está muito cansado. Olhe como seu lábio pende. Que Deus o proteja. Em troca eu me recuperei e me sinto tão leve como um pássaro.

Sentia-se um pouco menos leve quando chegaram à enorme casa de postas, que era construída, como algumas das seções dos caminhos situadas em partes profundas da ladeira, com grandes rochas de forma tão bem definida que eliminavam todas as dúvidas razoáveis. Sentia-se um pouco menos leve, mas mais humano, e observou com grande interesse os *yarettas* que cresciam sobre as rochas e nas paredes interiores.

— Quanto me alegro de vê-lo tão animado! — exclamou Eduardo. — Ainda que chegamos aqui com tanto tempo de sobra, acho que o senhor está muito cansado para ir ao lago. Gostaria de ir depois de, digamos, uma hora de descanso? Há algumas nuvens ao leste e, como o senhor sabe, às vezes há muito vento pela noite, mas depois de uma hora de descanso ainda teremos tempo de ir.

— Estimado Eduardo — disse Stephen, — quanto antes formos, mais veremos. Encantam-me os lagos das montanhas e este, conforme acredito, está rodeado de muitos juncais.

De fato, estava rodeado de muitos juncais, de muitos extensos juncais, algo que para Stephen Maturin, apesar de ter visto um grande número deles, pareceu-lhe único. Não cresciam no barro, mas em uma capa de pedregulho arrastados até ali por terremotos e inundações provocadas pelos glaciares próximos. Isto lhes permitiu caminhar com as escopetas e as lunetas sem molhar os pés,

deixando *Molina* amarrada com uma comprida corda entre montes de espinhosos ichos.

Quando tinham visto o lago pela primeira vez de cima, a certa distância, estava cheio de aves, sobretudo de revoadas de patos e gansos na parte mais distante, aonde chegava uma corrente desde os glaciares do norte, e gaivotas por toda parte; mas quando chegaram até um lugar resguardado próximo ao lago, de onde podiam vê-lo claramente sem serem vistos, perceberam que também havia grande quantidade de ralídeas e aves ancudas, especialmente pequenas garças.

— Que maravilha! — ambos exclamaram.

Então, com entusiasmo, começaram a tentar distinguir os gêneros e depois identificar as espécies. Um pouco depois, já mais calmos, adiando aquela delicada tarefa até que pudessem recolher exemplares, sentaram-se tranqüilamente para observar uma distante revoada de flamengos que emitiam incessantes gritos como os dos gansos. Depois viram chegar outros, cuja plumagem rosa-claro, escarlata e negra brilhava à luz do sol que se punha, e depois passar por seu lado para reunir-se com os demais. Quando Stephen os olhava passar da esquerda para a direita, disse:

— Para mim os flamengos pertencem fundamentalmente às lagunas do Mediterrâneo, que por definição estão ao nível do mar, e parece incrível que suas asas os suportem em um lugar com tão pouco ar. O fato de achá-los a esta altura dá a impressão de que esta paisagem é parte de um sonho. É verdade que seu canto é ligeiramente diferente e que sua plumagem tem um colorido vermelho mais intenso, mas isso reforça a impressão. É como se um se perdesse em uma cidade conhecida, é uma sensação de...

Interrompeu-se ao ver uma pequena revoada de cercetas que corriam ao alcance de suas escopetas e ambos as apontaram. Eduardo estava preparado para disparar, mas ao ver que Stephen baixava a escopeta, não atirou.

— Que absurdo! — exclamou Stephen. — Esqueci de perguntar como as pega sem um cachorro. Não poderíamos trazê-las até a margem nem ninguém poderia caminhar muito tempo e, muito

menos, nadar nestas águas tão frias, nem mesmo para recolher um fênix de duas cabeças.

— Não — disse Eduardo. — Os animais que não podemos trazer para a margem os largamos onde caem. O lago se congela pela noite e os recolhemos pela manhã. Mas é estranho que tenha falado da impressão de sonhar acordado. Eu tenho a mesma impressão, ainda que não pelo motivo. Há algo estranho aqui. As aves não estão tranqüilas, como vê, mas em constante movimento, e os grupos se separam. Além disso, há muito ruído. Estão intranqüilas, como *Molina*, à qual já ouvi duas ou três vezes. Aqui tem algo fora do normal. Deus queira que não haja um terremoto.

— Amém.

Depois de uma comprida pausa, Eduardo disse:

— Não acredito que esta noite possa matar nenhuma ave, dom Esteban. Que acha se nos sentamos aqui para contá-las e identificá-las até que o sol se encontre a meia hora de Taraluga, que fica ali embaixo? Tenho um quipo no bolso para anotar a conta. Depois, quando atravessemos Huechopillan e voltemos à casa de postas, poderá escrever tudo a sua conveniência.

— Com muito prazer — disse Maturin.

Agora era mais óbvio do que nunca que Eduardo hospedava em seu peito uma série de crenças que não tinham nada a ver com as da cristandade. Por outro lado, tinha um grande afeto ao jovem e nunca o vira tão emocionado, nem mesmo quando recebera a mensagem de Cuzco.

Ficaram sentados observando as aves que passavam, olhando as mais distantes com a luneta e comparando suas observações. Estavam falando da notável capacidade dos animais de pressentir a iminência de algo ominoso ou alguma mudança, por exemplo, um terremoto, a erupção de um vulcão ou um eclipse, e especialmente da dos morcegos, que pressentiam os eclipses lunares, e então uma revoada de *huachuas* se aproximou deles voando a grande velocidade e passou justo por cima de suas cabeças, batendo as asas com tanta força que por alguns momentos não puderam ouvir-se suas vozes. As *huachuas* giraram todas juntas, voltaram a alcançar a mesma altura e a mesma velocidade que antes, depois se

elevaram e finalmente se mergulharam na água, rasgando a superfície e lançando muito longe os salpicos. Depois, com a cabeça erguida, formaram um apertado grupo e acima delas começaram a voar as gaivotas gritando e gritando.

Passou outro minuto e se ouviu um grande estrépito que parecia um trovão ou um bombardeio. Os dois homens se levantaram, afastaram os altos juncos, olharam atrás deles e viram que a neve dos dois picos situados de ambos lados da garganta estava desprendendo-se e formando grandes acumulações a mais de uma milha de extensão. Então os picos e a garganta desapareceram em meio de uma massa branca.

— Possivelmente não durará — disse Eduardo, recolhendo sua escopeta.

Stephen o seguiu enquanto atravessava rapidamente os juncos para ir até onde haviam deixado a lhama. De fato, durante alguns minutos pareceu que essa demolição seria a última. Mas enquanto Eduardo estava amarrando seus pertences à sela da lhama, Stephen olhou para o lago e viu que na água quase não restavam aves porque estavam na margem metendo-se apressadamente entre os juncos.

Com passo lento, o passo típico dos índios, Eduardo e a lhama avançaram pela poeira de neve para a faixa nevada e a garganta. Ainda restava por transcorrer boa parte do dia e havia luz suficiente para atravessá-la ainda que fossem a um passo moderado.

Um segundo estrépito. Depois um estrondo triplo que se repetiu várias vezes. E então o vento primeiro e a neve depois os envolveram. Stephen, que não pesava muito, foi empurrado primeiro para frente, depois, violentamente, para trás, depois projetado para cima e finalmente lançado contra uma rocha. Durante alguns momentos não pôde ver nada e permaneceu ali agachado, protegendo o rosto para evitar respirar a neve em pó. Eduardo, que assim como a lhama tinha se jogado ao solo ao ouvir o primeiro estrépito, encontrou-o, amarrou uma corda à sua cintura e pediu que se segurasse nela e seguisse movendo-se. Acrescentou que ele conhecia perfeitamente bem a vereda, que chegariam até a faixa

nevada e mais adiante, que o caminho era muito mais fácil ali em cima e que a parte superior da passagem estaria desimpedida.

Mas não estava. Quando por fim terminaram de subir lentamente, ofegando, entre os rugidos do vento, que era muito inconstante, e em meio da crescente escuridão, perceberam que até então tinham se mantido em uma parte que estava relativamente protegida pela cordilheira mais alta e que a garganta não só fora afetada pelo desprendimento, como que este se concentrara lá e aumentara devido à convergência das duas paredes rochosas. O espaço intermediário era agora era uma torrente de ar e neve onde o frio se parecia cada vez mais ao da superfície dos distantes picos cobertos de neve e gelo de onde vinha o vento. O sol desaparecera atrás de uma amorfa massa branca em algum ponto esquecido ou despercebido, porém, graças a Deus, a lua tinha mudado fazia quatro dias e brilhava a intervalos pelas clareiras nas nuvens de neve, permitindo a Eduardo chegar a uma fenda na parede rochosa onde ficariam protegidos contra o embate do vento e seu ruído estrondoso e, até certo ponto, do frio mortal que aumentava com rapidez.

Era uma fenda triangular, e a parte mais próxima ao exterior estava cheia de neve. Eduardo a chutou a parte principal e imediatamente desmoronou. Depois empurrou Stephen pelo vértice e o seguiu, arrastando a lhama para o interior. A lhama se jogou em cima da neve que restava, no meio dos dois, e depois tratou de ir mais para o fundo, mas não pôde. Depois de lutar com ela, Eduardo a arrumou para atar-lhe um joelho dobrado e o pobre animal cedeu, baixando seu comprido pescoço e colocando-o entre eles e apoiando a cabeça sobre os joelhos de Stephen.

Pouco a pouco, a medida que se recuperavam do imenso esforço que tinham realizado nas últimas cem jardas e a medida que seus ouvidos se acostumavam aos inumeráveis tons que tinha o vento ao passar dando uivos, todos diferentes e exageradamente altos e incômodos, iam trocando algumas palavras. Eduardo pediu perdão a dom Esteban por tê-lo conduzido a isto e lhe disse que devia ter sabido, que havia sinais, que Tepec lhe dissera que esse era um dia de má sorte. Acrescentou que o vento cessaria quando

as estrelas de meia-noite ou o sol saísse. Depois perguntou ao doutor se queria uma bola de folhas de coca.

Stephen estivera tão perto da morte pelo acelerado ritmo cardíaco, a impossibilidade de respirar àquela altura e o extremo cansaço físico que quase tinha esquecido sua bolsa. Além disso, nesse momento não tinha forças físicas nem resolução espiritual para procurá-la debaixo de sua roupa, assim que aceitou a bola agradecido, passando a mão nervosamente por cima do pescoço da lhama para pegá-la.

Apenas cinco minutos depois de colocar a bola em sua boca, seu extremo cansaço desapareceu, e dez minutos mais tarde foi capaz de pegar sua própria bolsa de coca e cinzas e colocar-se em uma posição tão cômoda como era possível naquele espaço. Além disso, sentiu que a cabeça da lhama expelia um agradável calor, mas além disso, começava a sentir tranquilidade mental e a sensação de estar separado do tempo e dos problemas imediatos.

Falaram um pouco, aos gritos, da conveniência de que uma grande massa de neve tapasse a entrada. Mas devido ao frio, que aumentava constantemente, era necessário fazer um esforço tão grande para gritar que os dois ficaram meditando em silêncio e estenderam cuidadosamente toda a roupa que usavam para que cobrisse totalmente seu corpo, especialmente as orelhas, o nariz e os dedos. O que lhes parecia o tempo, ou pelo menos algo que tinha duração, continuou passando. Dormir nessas circunstâncias parecia impossível, mesmo sem o efeito que as folhas de coca, muito mais forte que o que qualquer tipo de café, tinha em um homem, sobretudo usadas em tão grandes doses e tantas vezes como agora.

Em um determinado momento Stephen percebeu o abafado som de seu relógio, que do fundo de seu peito deu as cinco e meia. Perguntou-se: "Será possível?", meteu a mão no peito e apertou o botão repetidor. O relógio voltou a dar as cinco e depois, com um som mais agudo, marcou meia hora. Então se deu conta de que o vento havia cessado, de que a lhama tinha a cabeça e o pescoço frios e estava rígida e de que Eduardo respirava profundamente. Também notou que sua própria perna não estava coberta pelo poncho há muitas horas e não tinha sensibilidade e que sobre a

massa de neve que fechava quase por completo a entrada da fenda havia luz.

— Eduardo! — gritou quando assimilou todas estas coisas e as pôs em ordem. — Eduardo, por Deus e a Virgem, já amanheceu e faz menos frio!

Eduardo despertou imediatamente e com a mente muito mais limpa. Bendisse a Deus e, fazendo aprovisionamento de suas forças, rodeou a lhama morta, empurrou a massa de neve e disse:

— Agora a garganta está desimpedida e Tepec já está descendo com outros dois homens.

Depois tirou o pobre animal dali. De repente, a luz inundou o lugar e Stephen olhou sua perna ferida.

— Eduardo, meu amigo — disse, vacilante, depois de examiná-la cuidadosamente. — Lamento dizer que minha perna congelou. Se tenho sorte, só perderei alguns dedos, mas mesmo nesse caso, só o que poderei fazer é me arrastar. Por favor, passe-me um punhado de neve.

Quando esfregou com neve sua pálida perna e o pé, cuja cor azulada parecia um mau presságio, Eduardo se mostrou de acordo.

— Mas por favor, não se preocupe — disse. — Muitos de nós havemos perdido dedos nas punas sem mais consequências. Com respeito a chegar a Arica, não se preocupe, porque usará uma cadeira peruana. Mandarei buscá-la no povoado e o senhor viajará como o inca Pachacútec, cruzando as pontes, as montanhas e os vales em uma cadeira peruana.

CAPÍTULO 10

Quando soaram as sete badaladas na guarda da manhã, a *Surprise* se pôs em paio somente com as gáveas desdobradas. Os oficiais começaram a se reunir no castelo de popa e os guardas-marinhas no corrimão, todos com quadrantes ou sextantes, porque o sol estava se aproximando ao meridiano e iam medir sua altitude no momento que o cruzasse para calcular a distância em que se encontravam ao sul do Equador ao meio-dia. Para qualquer homem do interior, para um observador superficial, isso teria sido um trabalho inútil, porque pela amura de bombordo se via claramente a ponta Anjos, o extremo ocidental da baía de Valparaíso, cuja posição fora calculada com extrema exatidão desde tempos imemoriais, e em meio do ar brilhante e transparente se podiam ver várias milhas da grande cordilheira, o pico Aconcágua, uma perfeita indicação do nordeste. Contudo para Jack Aubrey isso não tinha importância, gostava de governar um barco de guerra como sempre fora governado, considerando o meio-dia como o início do dia, e esse dia era especialmente importante porque era o último dia do mês e o primeiro no qual podia ter a esperança de encontrar Stephen Maturin em Valparaíso. Por isso desejava que não se fizesse nada que pudesse romper a rotina ou trazer má sorte. Era verdade que poucos anos atrás um tipo exaltado, indubitavelmente um civil partidário dos *whigs*, havia decretado que o dia devia começar à meia-noite, mas Jack, apesar de ser um cientista e um oficial progressista, acreditava, como muitos capitães companheiros seus, que não devia dar importância a essa estúpida inovação. Além disso, levara anos para persuadir Stephen de que os dias no mar realmente começavam ao meio-dia, e não queria que isso se pusesse em

dúvida por nada. Por outro lado, assim que o último dia do mês começasse, ia fazer umas medições para seu amigo o multifacetado Alexander Humboldt, agora que navegavam pela corrente norte, fria e cheia de pingüins que levava seu nome.

Havia silêncio de proa a popa e muitos homens olhavam através do olho-mágico dos instrumentos. Jack mediu três vezes a altura do sol com relação ao horizonte, e a terceira estava um pouco mais baixa que a segunda, que era a verdadeira altitude. Anotou o valor do ângulo e ao virar a cabeça viu a Tom Pullings, que naquele anômalo barco desempenhava mais cargos que o do imediato. Estava ali com a cabeça descoberta e disse:

— Meio-dia e trinta graus ao sul, senhor, com sua permissão.

— Muito bem, capitão Pullings, são doze horas.

Pullings voltou-se para Norton, o ajudante do encarregado da guarda e com voz forte e grave anunciou:

— São doze horas.

Norton, com a mesma gravidade, gritou para o suboficial que estava a apenas alguns pés de distância:

— Toque oito badaladas e gire o relógio.

Os quatro tangids duplos soaram e, quando o último ainda se propagava pelo ar, Pullings se voltou para o contramestre e disse:

— Chame a todos para almoçar.

Os leões da torre de Londres faziam um enorme ruído quando lhes davam de comer, mas seus rugidos eram simples miados de gatos comparados com os rugidos dos tripulantes da *Surprise*. Além disso, aos leões não serviam a comida em bandeja de madeira, e aos marinheiros sim, e as golpeavam com muita força hoje quinta-feira, o dia em que lhes davam carne de porco salgada, porque iam servir-lhes um extraordinário pudim de passas pelo aniversário de lorde Melville, o irmão do amigo íntimo do capitão Aubrey, Heneage Dundas e primeiro lorde do Almirantado quando Jack foi reabilitado. O barulho era tão normal e comum que Jack quase não o notou, mas a quietude que o seguiu o surpreendeu. A *Surprise* não era uma dessas embarcações rigorosas onde os marinheiros não podiam falar quando estavam cumprindo seu dever, porque isso não só Jack acharia horrível, mas também era contrário ao seu conceito de

comando (“uma tripulação contente é só o que importa para um barco que luta duramente”), e, ademais, com uma tripulação como aquela não funcionaria. Com excessão de ocasiões em que havia grande atividade, sempre se ouvia um burburinho no convés. Nesse momento, o silêncio fez o convés quase deserto parecer ainda mais vazio. Jack falou em voz baixa ao seu escrevente e ajudante nas tarefas que requeriam esforço intelectual:

— Senhor Adams, quando tenhamos medido as temperaturas e a salinidade, poderíamos fazer uma medição com a sonda. Com os dois cabos temos um estupendo triângulo, e eu gostaria de saber como é o fundo neste lugar se for possível alcançá-lo. Quando tenhamos terminado, faremos a fragata avançar um pouco mais e depois o senhor seguirá adiante no cúter, como se fosse buscar o correio. Eu lhe darei dois endereços nos quais poderá encontrar o doutor e se ele estiver em algum deles, traga-o imediatamente mas com a maior discrição. Também com a maior discrição deve perguntar por elas. Neste caso, é necessário agir com a maior discrição, por isso não levo a *Surprise* ao porto. Talvez necessitemos de algum sistema de sinais, mas seria estupendo que pudéssemos tirá-lo imediatamente da costa. — Acrescentou baixando a voz: — Não diga a ninguém, mas parece que teve problemas com um esposo muito furioso que ocupa um alto cargo, problemas do tipo legal e muitos desgostos, se me entende.

A tranqüilidade durou todo o tempo durante o qual fizeram as medições e os marinheiros comeram e beberam o grogue. Durante esse tempo, Reade preparou os rolos de corda para medir grandes profundidades a intervalos desde o castelo até o pescante de mezena, com o fim de que os marinheiros os soltassem sucessivamente. Não havia ido ao camarote dos guardas-marinhas porque estava convidado para almoçar na cabine, convidado para comer uma refeição muito melhor do que acharia no camarote, mas duas horas mais tarde que sua hora habitual de almoçar, e agora, para;or] distrair sua fome canina, fazia travessuras impróprias para sua idade e sua classe, como por exemplo dar golpes com a sonda contra o costado da fragata. O rítmico ruído interrompeu os cálculos de Jack:

— Senhor Reade, senhor Reade, por favor, atenda a suas obrigações!

Atendeu a suas obrigações dois minutos depois, quando a guarda da tarde chegou ao convés e os marinheiros encarregados de sondar ocuparam seus postos, cada um com um rolo de corda da sonda na mão. Reade foi até o pescante de bombordo com o bloco de chumbo de vinte e oito libras oscilando na mão, sob os olhares ansiosos dos marinheiros alinhados no costado. Então o deixou cair na água e gritou:

— Chumbo na água!

Depois regressou para seu posto sem vacilar.

De proa a popa, cada homem, sustentando na mão vinte braças de corda, gritou enquanto a desenrolava:

— Cuidado, cuidado!

Cada um dos dez homens repetiu o mesmo, exceto o último, que estava no pescante de mezena e, sustentando fortemente o extremo (já não restavam mais rolos), olhou para Reade, sorriu e, negando com a cabeça, disse:

— Esta corda não chega ao fundo.

Reade atravessou o castelo de popa, tirou o chapéu e por sua vez repetiu:

— Esta corda não chega ao fundo. — Ao ver que Jack já não estava incomodado, continuou: — Senhor, queria que olhasse para o través de bombordo. Há uma embarcação muito rara, uma balsa, acho, que se move de uma forma muito estranha. O vento virou para sotavento três vezes durante os últimos cinco minutos, e o pobre diabo que está nela parece atrapalhado nas escotas. É um tipo muito valente para sair a navegar, mas não sabe manejar uma embarcação melhor que o doutor.

Jack olhou para a embarcação, cobriu o olho ferido, e olhando fixamente com o outro, ordenou:

— Senhor Norton, suba imediatamente ao cesto da gávea com esta luneta e observe aquela balsa com a vela roxa, e diga-me o que vê. Senhor Wilkins, baixe para a água o cúter vermelho imediatamente.

— Convés! — gritou Norton com voz trêmula pela emoção. — Convés! É o doutor! Caíu pela borda, não, voltou acima outra vez! Acredito que perdeu o leme!

A balsa, ainda que estivesse sobrecarregada, por definição não podia afundar, e os marinheiros subiram a bordo ao doutor entre gritos de alegria. Ajudaram-no a subir pelo costado com tanto afã, que teria caído de cabeça no castelo se Jack não o tivesse agarrado com as duas mãos.

— Bem-vindo a bordo, doutor! — exclamou Jack.

Então, desafiando a ordem e a disciplina, os tripulantes gritaram:

— Bem-vindo a bordo, sim, sim, bem-vindo a bordo! Hurra, hurra!

Assim que chegou à cabine, e enquanto Killick e Padeen tiravam sua roupa molhada e punham a seca, e enquanto preparavam café, Stephen examinou as feridas de Jack. Achou a perna boa, ainda que com uma cicatriz feia, e observou o olho sem fazer muitos comentários, limitando-se a dizer que necessitava vê-lo com mais luz. Depois, quando se sentaram para tomar uma cheirosa xícara de café, explicou:

— Antes de perguntar como a fragata está navegando, como tem passado, e como estão os tripulantes, vou dizer por que vim encontrar-me contigo tão precipitadamente e de uma forma que poderia ser qualificada de temerária.

— Sim, por favor.

— Tinha motivos para desejar que as autoridades não prestassem atenção à Surprise, mas a causa principal de vir precipitadamente é que tenho informação com a qual poderia agir sem perder um minuto.

— Ah, é? — perguntou Jack, e em seu olho bom apareceu o antigo brilho de predador.

— Quando abandonei o Peru por causa das injustificadas suspeitas de um militar que interpretou mal o exame que fiz em sua mulher, um tipo muito estúpido, poderoso e sanguinário — essa explicação era para algumas das ações mais estranhas de Stephen,

que eles dois entendiam perfeitamente. Era calculada, e muito bem calculada, para satisfazer a curiosidade dos marinheiros, que durante muito tempo haviam considerado a vida licenciosa do doutor em terra com indulgência, — uma noite um amigo íntimo, que sabia que eu pertencio a um barco corsário britânico, informou-me que três barcos estadunidenses que faziam o comércio com a China haviam zarpado de Boston. Ele me deu este documento como presente de despedida, junto com detalhes sobre seu seguro, os portos onde fariam escala e o cálculo aproximado de seu avanço, com a esperança de que pudéssemos interceptá-los. Naquele momento, e ao longo de centenas de milhas mais, não lhe prestei grande atenção ao assunto porque sei que não há nada seguro com relação às viagens marinhas nem havia com a minha, por terra; contudo, tão logo cheguei a Valparaíso recebi uma mensagem do sócio de meu amigo na Argentina: os barcos tinham saído de Buenos Aires no dia da Candelária, iam atravessar o estreito de Le Maire e bordejar a ilhas Diego Ramírez pelo sul no fim do mês, e depois iam rumar para nordeste para ir a Cantão. Olhei o mapa do abate e pensei que, se desdobrássemos todas as velas e fizéssemos todos os esforços possíveis, poderíamos chegar lá a tempo.

— Poderíamos — confirmou Jack depois de refletir um momento, e saiu da cabine. Quando regressou perguntou: — Stephen, o que vai fazer com a balsa e as inumeráveis caixas e volumes que formam uma borda como a de um barco cristão?

— Por favor, diga que os subam a bordo com muito cuidado. Com respeito à balsa, a essa má besta, deixe-a abandonada, ainda que isso suporá a perda de meia coroa e dezoito peniques que paguei pela vela, que estava quase nova. Fizeram-na no mesmo estaleiro, e seguindo o mesmo modelo da que sai do monastério para pescar, e o abate me assegurou que só tinha que puxar um cabo, a escota, para trás para que fosse mais rápido, mas não foi assim, ainda que possivelmente tenha puxado o cabo errado. Havia tantas caixas na balsa... Tantas, e restava tão pouco espaço para mim, que algumas vezes quase caí ao mar.

— Não podia ter jogado as piores ao mar?

— O amável monge que as atou o fez com muita força, e os nós estavam muito molhados. Além disso, na pior estava um mergulhão que não voa, um mergulhão do Titicaca, e não acreditará que eu ia jogar um mergulhão que não voa.

Mas os monges me prometeram rezar por mim, e com pouca habilidade pude sobreviver.

A insistente tosse de Killick se ouviu desde a porta, e depois seus golpes com os nós dos dedos.

— Os convidados chegaram, senhor — anunciou, e a gravidade de seu rosto deu passagem a um afetuoso sorriso que deixou à mostra seus dentes separados quando viu ao doutor Maturin.

— Quer comer algo, Stephen? — perguntou Jack.

— Qualquer coisa — respondeu com convicção Stephen, que acabava de sair de um monastério ascético onde faziam jejum como penitência, e baixando a voz, acrescentou: — Inclusive um desses infernais poquinhos-da-índia.

A refeição consistiu em anchovas frescas, ainda presentes a milhares nessas águas, uma fatia de atum, um tolerável bolo marinho e finalmente um esperado e bem acolhido *cachorro manchado*^{13}. Stephen comeu vorazmente e em silêncio até que terminou o bolo marinho. Depois, como estava entre amigos desejosos de escutá-lo, jogou-se para trás, afrouxou o cinturão e lhes contou algumas coisas sobre as observações da natureza que fizera em sua viagem de Lima a Arica, onde havia tomado um barco para Valparaíso.

— Mas para chegar a Arica — contou, — tivemos que atravessar uma garganta muito alta, Huechopillan, a mais de dezesseis mil pés, e lá meu amigo Eduardo, uma pobre lhama e eu fomos apanhados pelo que se chama naquele lugar de vento branco, e teríamos morrido se Eduardo não tivesse encontrado um pequeno refúgio na rocha. A pobre lhama morreu e eu me congelei.

— Foi muito doloroso, doutor? — perguntou Pullings com o rosto grave.

— Não, em absoluto, até que comecei a recobrar a sensibilidade. Mesmo então, vi que a lesão era menos grave do que

esperava. Pensara que perderia a perna abaixo do joelho, mas no final só perdi um par de dedos dos pés que não têm importância. Porque tem que considerar — disse, dirigindo suas palavras a Reade, — que a base do impulso dos pés são o dedo gordo e o pequeno. Se se perde um dos dois, tem um grande problema, mas com os dois não há problema algum. O avestruz só tem dois durante toda sua vida, e contudo corre mais rápido que o vento.

— Certamente, senhor — disse Reade assentindo com a cabeça.

— Ainda que pude conservar a perna, não podia mover-me bem, sobretudo depois de que me cortei os dedos.

— Como o fez, senhor? — perguntou Reade, sem desejo de escutá-lo mas com vontade de saber.

— Ora, com um cinzel, tão logo cheguei ao povoado. Não podia esperar que gangrenasse. Mas durante um tempo tive que ficar imóvel, e então foi quando meu nobre amigo Eduardo mostrou sua magnanimidade. Fez uma coisa que se coloca por cima do peito e que lhe permitiu carregar-me sobre seus ombros ou um pouco mais abaixo, enquanto eu ficava sentado comodamente e de rosto para trás. A chamam de cadeira inca, e nessa cadeira me transportaram pelas terríveis pontes incas que estão suspensas sobre os desfiladeiros, pontes suspensas que se balançam, e sempre me levaram índios fortes e descansados que meu amigo escolhia, que também é índio e descendente dos incas. Geralmente viajava junto de minha cadeira, exceto quando a vereda beirava um precipício, o que ocorria muito amiúde, quando não havia espaço para que passassem duas pessoas, e me contou muitas coisas do antigo império do Peru e a magnificência de seus governantes. Sem dúvida... — disse, e se interrompeu para escutar o som da água nos lados da fragata e os sons da exércia tensa, dos mastros, moitões, velas e vergas. — Sem dúvida, vamos muito rápido.

— Acho que aproximadamente a oito nós, senhor — disse Pullings, enchendo a taça de Stephen. — Por favor, falem-nos do esplendor do Peru.

— Bem, se o ouro se pode considerar esplendor, e sem dúvida que a inclusão de ouro na missa é um símbolo imperial, então as

histórias de Eduardo sobre Huaina-Cápac, o grande inca, e sua corrente lhe agradarão. Foi feita quando iam celebrar o nascimento de seu filho Huáscar com uma cerimônia onde os cortesãos iam executar um baile formal em que, com as mãos agarradas e formando um círculo, davam dois passos para frente e um para trás, de modo que se aproximavam cada vez mais até que chegavam à distância apropriada para fazer uma reverência. Mas o inca desaprovava que se pegassem as mãos porque o considerava um excesso de confiança, algo impróprio, e deu ordem de fazer uma corrente para que os bailarinos a segurassem e pudessem manter a formação evitando o contato físico direto, que poderia conduzir à imoralidade. Naturalmente, fizeram uma corrente de ouro. Os elos eram da largura do pulso de um homem e o comprimento total era o dobro do da grande praça de Cuzco (quer dizer, mais de setecentos pés), e pesava tanto que duzentos índios quase não podiam levantá-la do solo.

— Oh! — exclamaram seus ouvintes, entre os quais, como era natural, estavam Killick e seu companheiro Grinshaw.

Quando todos ainda tinham a boca aberta, chegou o jovem Wedell, que em nome do senhor Grainger apresentou seus respeitos ao capitão e lhe perguntou se podiam desdobrar as alas de barlavento, porque pensava que se manteriam bem devido ao vento ter rolado cinco graus.

— Certamente, senhor Wedell! — exclamou Jack. — Vamos navegar a toda vela até que tudo volte a ranger.

Não se podia saber com certeza como todos os tripulantes da fragata se informaram de que a razão de navegar a toda vela era que o capitão tinha em perspectiva capturar uma presa, que não só a alegria de regressar à Inglaterra era a causa de que desdobrasse tanto velame, passasse tanto tempo no convés tratando de aproveitar todo o vento possível e aplicando e arriando bujarronas e velas de estai; contudo, nenhum dos oficiais nem seus ajudantes tinham que dar ênfase e muito menos repetir as ordens que podiam fazer a fragata avançar mais rápido pelas altas latitudes sul.

Ainda que em parte o tinham deduzido do fato do doutor, a pesar de não saber distinguir um bote de um navio nem uma bolina de um ballestrinque^{14}, não era tão tonto como parecia (isso seria muito difícil) e não passava todo o tempo em terra bebendo e examinando as senhoras em saíote, aliás que às vezes se informava de notícias importantes. Contudo, isso não explicava que amiúde se ouvissem na coberta inferior as frases “dois ou três mercantes que fazem o comércio com a China zarparam de Boston” e “para o sul das ilhas Diego Ramírez”, assim como o cálculo de que avançando a cinco nós de um meio-dia ao seguinte todos os dias chegariam lá com tempo de sobra. A única explicação era que alguém escutara uma conversa particular ou havia percebido todas as possíveis pistas, como que o capitão observava atentamente as cartas marítimas das desoladas zonas ao sul do cabo de Hornos.

O desejo de capturar uma presa, normal na tripulação de um barco de guerra, estava pintado e acentuado pela história da corrente inca que Stephen havia contado, algo que não tinha nada a ver com os mercantes de Boston, botados duzentos e cinquenta anos mais tarde, mas que influía no estado de ânimo coletivo.

— Que peso acha que um índio medianamente forte pode levantar? — perguntou Reade.

— Bem, são nativos destas terras, sabia? — respondeu Wedell, — e todo mundo sabe que os nativos destas terras, ainda que meçam pouco mais de cinco pés, podem levantar grandes pesos.

— Uns dois quintais — aventurou Norton.

— Então, duzentos índios podem levantar quatrocentos quintais — disse Reade, escrevendo a cifra na tabuinha que usava para seu trabalho diário, — o que equivale a vinte toneladas, ou quarenta e quatro mil e oitocentas libras, ou setecentas e dezesseis mil e oitocentas onças. Quanto vale uma onça de ouro?

— Três libras, dezessete xelins e dez peniques e meio — respondeu Norton. — Esse é o preço que o senhor Adams calculou quando repartiram o último butim, e foi aceito por todos os marinheiros.

— Então tem que multiplicar três, dezessete e dez e meio por setecentas e dezesseis mil e oitocentas — disse Reade. — Não há

espaço suficiente para isso na tabuinha e, ademais, são onças de nosso sistema de pesos, não do sistema Troy. Mas de qualquer forma que se calcule, a resposta será mais de dois milhões de libras. Conseguem imaginar dois milhões de libras?

Sim, imaginavam em forma de uma reserva de caça cheio de veados, uma matilha, mirantes e uma banda particular em um refinado conservatório; e os outros também imaginavam, desde o primeiro ao último marinheiro. Mas nenhum era tão tonto a ponto de misturar essas duas idéias tão diferentes, e para eles as hipotéticas presas que estavam longe ao sul tinham mais atrativos, apesar de que quase todos a bordo, graças a capturas anteriores, já eram mais ricos do que poderiam imaginar em sua vida, e o capitão e o cirurgião já não necessitavam mais de dinheiro.

— É vergonhoso sentir prazer em tirar de outros homens seus pertences à força, abertamente, legalmente e receber felicitações e inclusive condecorações — disse Stephen, afinando seu violoncelo, que tinha descuidado durante um longo tempo. — Reprimos ou trato de reprimir esse sentimento cada vez que começo a experimentá-lo, o que ocorre muito amiúde.

— Passe-me a colofônio — pediu Jack, e antes de que começassem a tocar o *alegro vivaz* do concerto de Bocherini, acrescentou: — Possivelmente será muito difícil ver você pela manhã, porque vamos fazer práticas de tiro com os canhões durante muito tempo, mas creio que não se esquecerá de que fui convidado para almoçar na câmara dos oficiais.

Mas nada podia ser menos verdade, pois o doutor Maturin se concentrava tanto em abrir os pacotes que haviam subido a bordo da balsa, em classificar, limpar e proteger os exemplares recolhidos e em anotar dados, que era capaz de esquecer todas as suas obrigações exceto as que tinha que cumprir na enfermaria, incluídas as sociais. E Jack pensou: “Também é capaz de acreditar que a tripulação da fragata está quase igual à que deixou”, pelo que ao final do último movimento, disse:

— Acho que não comeu na câmara dos oficiais ainda, né?

— Não — respondeu Stephen. — E com o trabalho da enfermaria e a classificação dos exemplares quase não tive tempo

de subir ao convés nem de perguntar à metade de meus companheiros de tripulação como estão. Não pode imaginar como são frágeis as peles das aves, meu amigo.

— Então acho que deveria lhe falar de algumas mudanças que verá. Vidal deixou a fragata com dois de seus primos seguidores de Knipperdolling e foi substituído por William Sadler, um experiente marinheiro. Além disso, dos marinheiros falta o pobre John Proby, que morreu dois dias após sair de Callao.

— Eu sabia. Estava muito mal, apesar do que pudemos fazer por ele, que foi muito pouco, administrando-lhe quina, ferro e outro remédio sólido que se chupa. Mas Fabien, muito amavelmente, guardou-me uma mão porque se lembrou de meu interesse na extraordinária calcificação dos tendões. Fabien é um inestimável ajudante.

Jack ainda sentia mal-estar com comentários como aquele e tardou alguns momentos em continuar.

— Tampouco verá a Bulkeley.

— O divertido contramestre?

— Exatamente. Também era contramestre na Armada, sabia? E como a *Surprise* está governada como um barco de guerra, foi voltando pouco a pouco a seus velhos hábitos adquiridos lá. Suponho que conhece a palavra barraganete.

— Certamente! Não sou um marinheiro novato. A última peça alta da roda-de-proa.

— Sim. Pois nós usamos a palavra barraganería para referir-nos à tendência que têm os contramestres dos barcos do rei de roubar os apetrechos que não estão immobilizados e fixos com pregos. Eu o repreendi uma vez por pegar uma âncora pequena em Annamooka e um rolo de cânhamo de Manila de três polegadas em Moahu e Deus sabe quantas coisas mais no meio, e ele prometeu reformar-se; contudo, em Callao se apoderou de vários pés de corrente, um gancho, e nosso pára-raios, um excelente pára-raios de Snow Harris. Quando lhe falei disso, teve a audácia de justificar-se dizendo que todo mundo sabe que o metal atrai a carne e a única proteção real era uma bola de vidro na ponta de um mastro. E com respeito às outras coisas, disse que estavam muito gastas.

Falando dos perigos do mar em geral e dos raios em particular, quase chegaram a falar de assuntos profissionais, um delito castigado com uma pena mais leve que a sodomia (que se castigava com a pena de morte), mas não muito mais, e os oficiais olharam nervosamente para seu convidado, o capitão, um estrito cumpridor da etiqueta naval. Mas por sua expressão alegre e as anedotas que contava, era óbvio que falar dos raios estava deste lado da barreira que separava o bem do mau, e o tema ocupou a atenção do grupo durante o considerável tempo que levaram para comer uma excelente tartaruga até esvaziar a vasilha.

A câmara dos oficiais estava menos cheia, já que os comerciantes e os reféns haviam partido, e agora era quase totalmente ocupada por marinheiros. Jack, Stephen e Pullings eram oficiais da Armada em atividade; Adams ocupara o posto de oficial na Armada durante a maior parte de sua vida laboral; Wilkins havia sido guarda-marinha ou ajudante do oficial de derrota em meia dúzia de barcos do rei; e Grainger e seu cunhado Sadler aceitaram o cargo de oficial com naturalidade. A conversa, portanto, era muito distendida, e para isso contribuía o fato de que a fragata regressava para a Inglaterra.

— Nesta mesma fragata caiu um raio quando estava diante de Penedo, no Brasil, e perdeu um mastro com a verga e o que leva na frente, o gurupés — contou Stephen. — Estava dormindo nesse momento, mas o estrépito foi tão grande que pensei que estávamos em meio de uma batalha com toda a frota.

— Morreu alguém, doutor? — perguntou Grainger.

— Não.

— Ah! — exclamou William Sadler. — Meu primo Jack era um ajudante de carpinteiro no *Diligent* quando lhe caiu um raio perto das ilhas do Canal numa quinta-feira, causando a morte de três marinheiros no cesto da gávea do maior. Ele me contou que os corpos se mantiveram quentes até depois do serviço religioso do domingo, quando tiveram que jogá-los pela borda.

— Uma vez, em 1810, o *Repulse* estava diante da Espanha. Também era uma quinta-feira e os marinheiros haviam lavado a

roupa — explicou Pullings. — Ao anoitecer as nuvens começaram a se acumular e os marinheiros que descansavam debaixo do convés, temerosos de que a roupa, que estava quase seca, se molhasse com a chuva, subiram para recolhê-la. Então caiu um só raio e sete desabaram mortos no convés e outros treze sofreram horríveis queimaduras.

— Quando o príncipe Guillermo estava ao comando do *Pégaso*, um único raio destruiu o mastro maior.

A isto seguiram considerações gerais sobre os raios: que eram mais freqüentes entre os trópicos, que algumas árvores eram mais propensas a que lhes caíssem que outras e deviasse evitar salgueiros, freixos e carvalhos solitários. Acrescentaram que o clima quente os favorecia, que eram bastante comuns nas zonas temperadas e, em troca, não se produziam na Finlândia nem na Islândia nem na baía de Hudson, provavelmente devido à aurora boreal. Mas estes comentários e a especulação sobre a natureza do fluido elétrico foram interrompidos pela aparição de um leitão assado em uma bandeja de prata peruana, um presente dos comerciantes resgatados à Surprise. Foi colocada, como era costume, na frente do doutor Maturin, cuja habilidade para cortar era conhecida por muitos dos presentes. A conversa se animou mais e versou sobre os porcos. Falaram de qual era a melhor forma de preparar os porcos, dos porcos que havia na Inglaterra, dos porcos selvagens que haviam alimentado o capitão Aubrey e seus homens durante muito tempo em uma remota ilha do mar da China, de uma porquinha negra domesticada que o pai de Pullings tinha em sua fazenda, nas proximidades de New Forest, e que era capaz de encontrar uma cesta de trufas em uma manhã, gritando cada vez que encontrava uma mas sem comer nenhuma.

Quando chegaram ao vinho do porto, a conversa se animou ainda mais e as palavras “regresso à Inglaterra” se repetiram com muita freqüência, junto com conjeturas relativas às mudanças favoráveis que esperavam ver em seus filhos, seus jardins, seus arbustos e outras coisas.

— Meu avô era ajudante de veleiro no *Centurião* quando o comodoro Anson capturou o galeão de Acapulco em 1743 — disse

Grainger. — E lhe correspondeu uma parte do milhão, trezentas e treze mil e oitocentas e quarenta e duas moedas de oito que encontraram no interior, uma quantidade que sempre recordarei, e se pôs muito contente, como podem supor; contudo, dizia que ficara ainda mais contente quando soube que iam de regresso para a Inglaterra.

— Ah, ah! — riu Wilkins, vermelho por causa do vinho. — Ir de regresso à Inglaterra é muito bom, mas ir de regresso com os bolsos cheios do dinheiro de um butim é melhor ainda. Hurra! Pelo cabo de Hornos!

Isto foi seguido por ruidosas exclamações de alegria e mais risos dos comensais do que era correto. Jack recuperou a seriedade e, negando com a cabeça, disse:

— Vamos, cavalheiros, não desafiemos ao destino. Não digamos nada que demostre arrogância porque pode trazer má sorte. Não venda a pele do urso antes de tê-lo morto...

— Muito verdade! — exclamaram Pullings e Grainger. — Muito verdade! Tem razão!

— De minha parte — continuou Jack, — não me queixarei se não encontrarmos nada no cabo de Hornos. Temos que passar por lá de qualquer maneira e se, apesar de ir depressa, não pudermos ficar mais ricos, pelo menos chegaremos antes em casa. Tenho muita vontade de ver meus novos semeados.

— Não me agrada a idéia de chegar ao cabo de Hornos tão rapidamente — interveio Stephen em voz baixa. — Este ano é excepcional em todos os sentidos e inclusive foram vistas cegonhas voando para o norte em Lima. Além disso, provavelmente lá embaixo o tempo será mais desagradável do que nunca.

— Porém, ainda restam estupendos tramos, doutor — tentou animar-lhe Adams. — Se seguirmos navegando a toda vela, chegaremos... Poderemos chegar ao cabo de Hornos em um momento ideal para dobrá-lo, quando quase não há ondas e até se pode passar um bom momento na ilha, conforme me disseram.

— Estou pensando em minha coleção — disse Stephen. — Diga o que diga, no cabo tem muita umidade e os exemplares que recolhi são de uma das zonas mais secas do globo terráqueo. É necessário

dedicar-lhes muita atenção, empregar acres de seda untada com óleo, passar semanas descrevendo-os, desenhando-os e empacotando-os paciente e cuidadosamente. Caso se misturem e se amontoem por causa das grandes ondas, tudo se arruinará, perderão seu esplendor para sempre.

— Bem — disse Jack, — acredito que posso prometer ao doutor várias semanas tranqüilas. Suas cegonhas perderam a cabeça, mas os ventos alísios, isto é, os contra-alísios, não perderam, e estão soprando tão moderadamente como nossos melhores amigos desejariam.

Passaram as semanas prometidas com a *Surprise* inclinando a proa e dirigindo-a contra o forte vento, navegando sem dificuldade, amiúde avançando duzentas milhas de um meio-dia ao seguinte. Foram semanas em que Stephen realizou um árduo e satisfatório trabalho, e estava muito comprazido porque Fabien tinha feito excelentes aquarelas de muitas espécies quando ainda estavam em perfeito estado. Foram semanas em que Jack fazia incessantes manobras e com noites cheias de música, semanas em que pescavam do costado e os pingüins estavam sempre presentes. E quando os contra-alísios amainaram e abandonaram a fragata, em menos de um dia começou a soprar um vento mais favorável, o vento do oeste. Foram semanas idílicas, mas era muito difícil recordá-las, trazê-las à mente como uma experiência realmente vivida quando a fragata, quinze dias depois, navegava pelo Antártico, onde habitavam o albatroz, todas as espécies de pardelas, o petrel comum, o petrel fétido e o alca. Navegavam por essas verdes águas a catorze nós, com as gáveas, as maiores e uma bujarrona desdobradas, empurrados por um forte vento pela alheta. A mudança não foi inesperada. Muito antes de chegar a esse ominoso paralelo, os tripulantes se ocuparam de tirar, enrolar e guardar as velas de lona fina e substituí-las por outras de lona muito mais grossa e, além disso, de pôr velas de capa e tomar outras medidas de emergência. Durante as guardas dedicaram muitas horas a colocar estais, contraestais, braças e amantilhos, assim como empuñaduras^{15}, envergues, rizes, moitões para as maiores e

velas para as gáveas, além de escotas e chafaldetes^{16} de proa a popa. Por outro lado, todos haviam dobrado o cabo de Hornos pelo menos uma vez, e alguns muitas, assim que puseram os longos calções de lã, as luvas e casacas com capuz que lhes entregaram. E os que eram previdentes procuraram em seus baús chapéus de Monmouth, perucas galesas e gorros acolchoados com orelheiras e tiras para amarrá-los debaixo do queixo. Estas mudanças chegaram numa terça-feira, um dia claro, com bom tempo e um vento do noroeste que permitia levar as joanetes desdobradas, assim que parecia absurdo; contudo, a sexta-feira, quando a fragata navegava para o leste, quatro homens iam ao leme, as escotilhas estavam cobertas, a neve impedia ver claramente as duas bitáculas e os homens de guarda estavam agachados no castelo para se protegerem e tinham medo de que lhes ordenassem atar cabos porque os aparelhos estavam congelados e as velas rígidas.

Agora, em constante tensão, e em meio dos rugidos do mar e do vento, a imagem das cálidas e tranqüilas águas do Pacífico desapareceu sem deixar nenhum rastro, além dos exemplares recolhidos por Stephen e as provisões que o senhor Adams havia comprado. Os exemplares, perfeitamente classificados, descritos, envolvidos em seda untada com óleo e depois em lona e finalmente metidos em barris impermeáveis feitos pelo toneleiro, estavam armazenados na bodega. Com relação às provisões, eram abundantes porque o senhor Adams não tinha que olhar até o último penique, como ocorria nos barcos do rei, pois a *Surprise* era agora um barco corsário e, conforme a tradição, só tinha que contar com o dinheiro conseguido por ela mesma e usar suas reservas, que correspondiam a uma determinada parte de todas as presas, para comprar apetrechos, comida e bebida. A soma era muito grande depois da venda do *Franklin*, do *Alastor* e dos baleeiros, e agora a fragata navegava para o leste cheia até os topes de provisões da melhor qualidade, com uma quantidade suficiente para dar outra volta ao mundo.

Isso era conveniente, porque aos poucos dias da primeira tormenta de neve, quando o intenso frio penetrou na fragata da ponta da sobrequilha para a cabine, todos os marinheiros

começaram a comer com mais voracidade que de costume. E a fome persistiu, porque a tormenta, que chegou do leste, tinha feito a fragata avançar a grande velocidade para o sudeste, até a zona dos cinqüenta graus de latitude, onde geralmente fazia frio, e esse ano tão incomum fazia mais, mesmo quando não soprava o vento. Além disso, eram freqüentes as chuvas e ainda mais a água e neve, assim que todos os marinheiros sempre tinham frio e a maioria deles ficavam molhados constantemente.

Com um tempo tão ruim, foi impossível fazer medições durante muitos dias. Ainda que Jack tivesse cronômetros e um bom sextante e houvesse outros três navegantes especialistas a bordo, não estava seguro de qual era a latitude e a longitude e, com esse vento e essa marejada, a estimativa não era muito exata. Portanto, diminuiu velame para que a fragata não navegasse a mais de três nós para o leste, às vezes com todas as velas rizadas, outras com uma vela desdobrada que lhe permitisse alcançar uma velocidade suficiente para manobrar quando o vento soprava com força do oeste. Mas também havia os estranhos períodos de calma do Antártico, em que os albatrozes (meia dúzia seguiam a *Surprise* junto com várias pombas do Cabo e outros petréis menores) planavam sobre o mar sem querer ou sem poder levantar vôo. E durante dois desses períodos o tambor chamou todos para seus postos, como fizera desde que saíra de Valparaíso, e os artilheiros fizeram práticas de tiro com os canhões, e depois, ainda mornos, os guardaram preparados para usar de imediato, secos, com nova carga, com o ouvido coberto e com os tapa-bocas impermeabilizados com gordura. Foi durante a segunda prática, em que dispararam duas estupendas descargas quase com a precisão e a rapidez assombrosas da antiga tripulação da *Surprise*, quando o céu se limpou e Jack pôde fazer uma série de medições precisas. Primeiro calculou a posição do sol, depois a de Achernar e depois a de Marte, e todas foram confirmadas pelos outros oficiais, o que demonstrou que, apesar do tempo que tinham perdido, pelo fato de terem navegado tão rápido desde o início, haviam chegado ao ponto de encontro muito cedo. Os mercantes que faziam o comércio com a China tinham a intenção de passar pelo sul das ilhas Diego Ramírez

com a lua cheia, e a fase da lua nova tinha começado fazia somente três dias; isso significava que teriam que passar muito tempo aproximando-se e afastando-se nas mais inóspitas águas conhecidas pelo homem. E tinham poucas probabilidades de êxito, já que além dos ventos imprevisíveis, independentemente de que fizesse bom ou mau tempo e de qual fosse o estado do mar, nessa rota os mercantes nunca tentavam fazer movimentos muito precisos.

— Teremos que nos aproximar e afastar até depois da lua cheia — explicou Jack durante a janta, que consistiu em sopa de pescado, um prato feito com moelas, queijo peruano e duas garrafas de clarete de Coquimbo. — Naturalmente, depois da lua cheia.

— Não é uma idéia sensata — disse Stephen. — Ontem à noite não podia controlar meu violoncelo porque o piso se movia de forma errática, e esta tarde a maior parte da sopa caiu em meu colo. Além disso, dia depois de dia levam abaixo marinheiros que caíram da exércia porque os cabos estão congelados, ou que escorregaram no convés gelado e que têm horríveis hematomas e inclusive ossos quebrados. Não acha que seria melhor irmos para casa?

— Sim. Amiúde o penso, mas então minha inata nobreza me grita. “Ei, Jack Aubrey, tem que cumprir com seu dever, está me ouvindo?” Sabe o que é o dever, Stephen?

— Acredito que já ouvi falar bem dele.

— Bem, existe. E além do óbvio dever de perturbar aos inimigos do rei, que é meu dever ainda que não tenha nada contra os estadunidenses, pois são excelentes marinheiros e nos trataram muito bem em Boston... apesar disso, como lhe dizia, também temos o dever de respeitar os oficiais e os marinheiros, que trouxeram a fragata até aqui com a esperança de encontrar três mercantes que fazem o comércio com a China, e se digo “Ao diabo com os três mercantes!”, o que eles vão dizer? Não são marinheiros de barcos de guerra, e ainda que o fossem...

Stephen consentiu com a cabeça. O argumento era irrefutável, mas ele não estava satisfeito.

— Esta tarde, quando estava dissecando um periquito verde dos Andes — contou, — ocorreu-me outra coisa. Como disse, os estadunidenses são excelentes marinheiros e, além disso, eles nos

venceram quando íamos no *Java* e nos fizeram prisioneiros. Não acha que é pouco prudente atacar a três de seus mercantes? Não acha que isso soa a orgulho e pode acarretar a destruição?

— Oh, não! Esses mercantes não são tão fortes como os que fazem o comércio com a Índia. Não são mercantes de mil toneladas como os da Companhia das Índias, que são equiparáveis a barcos de guerra. São embarcações mais modestas, particulares, e só levam poucos canhões de seis libras, alguns giratórios, e armas leves, o suficiente para vencer aos piratas do mar da China. Além disso, não têm tripulantes tão duros como os barcos de guerra, especialmente os estadunidenses, e não poderiam disparar uma descarga nem mesmo se tivessem canhões, o que não têm. Mesmo no caso improvável de que se mantivessem juntos e fizessem as mesmas manobras, seriam vítimas de qualquer fragata que pudesse disparar três precisas descargas de cento e quarenta e quatro libras em menos de cinco minutos.

— Bem — disse Stephen, — se temos que esperar por esses mais ou menos míticos mercantes que fazem o comércio com a China, se temos que esperar até que seu senso do dever esteja satisfeito, não poderíamos ir um pouco mais ao sul, até a borda do gelo? Isso seria estupendo.

— Com o devido respeito, Stephen, devo dizer que me nego a ir a qualquer lugar que esteja minimamente perto do gelo, ainda que só tenha uma delgada capa e esteja cheio de focas, mergulhões maiores e outras maravilhas das profundezas. Detesto o gelo desde aquele infernal momento em que nos chocamos contra um iceberg quando íamos no velho *Leopard*. Jurei que nunca voltaria a vê-lo.

— Meu amigo, como lhe cai bem um pouco de covardia! — brincou Stephen, servindo-lhe outra taça de vinho.

Stephen Maturin não estava em uma posição tão vantajosa como para falar de covardia. No dia seguinte, em meio da tranqüilidade da guarda da manhã, o capitão Aubrey mandou colocar um cesto da gávea de serviola como o dos baleeiros no tope do mastaréu maior e mandou forrar o interior com palha para que quem estivesse dentro não morresse congelado. E como o doutor

Maturin tinha expressado publicamente seu desejo de olhar para o sul para procurar gelo, já que o dia era muito claro, Jack, diante dos oficiais e de alguns marinheiros, convidou-o para dar uma espiada desde essa altura. Stephen olhou para os mastros (a fragata se inclinava vinte e um graus com o balanço e doze com o cabeceio) e empalideceu; mas lhe faltou coragem para negar, e poucos minutos depois estava subindo por entre a maranha de aparelhos, amarrado com duas tiras de couro com várias voltas ao redor de seu corpo e com uma expressão de horror contido. Bonden e o jovem Wedell lhe conduziam através dos amantilhos, brandais e seus reforços e Jack lhe precedia, subindo por seu próprio pé, e entre todos o fizeram chegar são e salvo ao cesto da gávea.

— Agora que o penso — disse Jack, que não tinha pretendido causar-lhe nenhum dano, — acho que nunca havia subido ao alto da exércia com o barco movendo-se tanto. Espero que não se incomode.

— Não, em absoluto — respondeu Stephen, olhando por cima da mureta para a distante zona do mar jaspeada de branco, a estibordo, e depois voltou a fechar os olhos. — Encanta-me.

— Temo que não verá muito ao sul — disse Jack.

Dirigiu a luneta para lá e a manteve fixa enquanto o mastro onde se encontrava girava de tal maneira que a trança se movia para a esquerda, logo para a direita e depois para trás.

Stephen, que encolhido na palha observava o mastro, perguntou:

— Quanto acha que nos movemos?

— Bem — respondeu Jack, ainda percorrendo com a vista a linha do horizonte ao sul, — com o balanço nos inclinamos uns vinte graus e com o cabeceio uns doze, assim que a esta altura o balanço faz deslocar-nos setenta e cinco pés e o cabeceio quarenta e cinco. E descrevemos uma elipse bastante aguda. Está seguro de que não se incomoda?

— Não, em absoluto — repetiu Stephen, obrigando-se a olhar por cima da grade outra vez, e depois continuou: — Diga-me, meu amigo, as pessoas vem para aqui voluntariamente? Quero dizer, além das que navegam de uma ponta a outra da costa americana.

— Oh, sim! Com o vento do oeste quase permanente, esta é a via mais rápida para ir de Nova Gales do Sul até O Cabo. Oh, sim! Começaram a usá-la desde o início do estabelecimento dessa colônia infernal, recorda-se? E a Armada ainda... eu lhe direi uma coisa, Stephen, há um horrível temporal ao sul. A marejada será mais forte e temo que se desate uma horrível tormenta. Bonden, Bonden! Segure o cabo porque vou mandar o doutor para baixo. Dá uma mão, dá uma mão!

Era uma horrível tormenta. A Surprise se afastou o quanto pôde da fileira de ilhas rochosas Diego Ramírez, às vezes avançando de uma vez longos vãos, mas em ocasiões as imensas ondas que vinham do sul a obrigavam a ficar a pairar com as velas de capa; contudo, sempre se mantinha afastada da costa, para segurança dos que iam a bordo, pois todos, até o último marinheiro, temiam a costa a sotavento mais que a nada neste mundo e talvez também no outro, e pelo menos esse foi o único consolo que tiveram até que a tormenta cessou. Durante o restante do tempo, a fragata esteve movendo-se violentamente, com água do mar atravessando o convés de proa a popa, e todos os marinheiros estavam de guarda durante a noite e nenhum se deitava seco, nem entrava em calor, nem comia nem bebia nada quente.

Mas a tormenta cessou. O vento do oeste voltou a soprar e a fragata regressou com dificuldade, atravessando as grandes ondas do sul que o vento cortava lateralmente produzindo uma terrífica marejada. A maioria dos ventos fortes e instáveis têm nefastos efeitos, e esse não era uma excessão. Ainda que não se perdeu nem resultou ferido gravemente nenhum homem, o mastaréu e o mastaréu de joanete de reserva que ficavam na parte de sotavento do convés, fortemente amarrados com cabos duplos, caíram pela borda junto com outros paus importantes como um monte de galhos. Além disso, o esquife do doutor, que ficava metido dentro do bote, foi despedaçado, ainda que o bote ficou intacto. O doutor, contemplando aquele espetáculo apocalíptico desde o escotilhão da cabine (não lhe permitiam subir ao convés), viu algo que nunca tinha visto. Um albatroz que passava pelas cristas e as fossas das

ondas, usando seus dotes naturais, foi surpreendido por uma massa de água empurrada pela contracorrente e jogado ao mar. Alçou-se movendo vigorosamente as asas e fugiu atravessando a onda que estava elevando-se. Certamente, não se pôde ouvir nenhum som, mas Stephen achou que tinha uma expressão indignada.

A fragata voltou ao seu posto, de onde se avistavam as ilhas pelo través de bombordo, mas os tripulantes trouxeram consigo o frio, o típico frio do Antártico, que sempre havia abaixo dos sessenta graus de latitude. Os guardas-marinhas sentiam um perverso prazer ao pegar os pedaços de gelo que caíam para jogá-los no grogue, que já estava frio, mas os marinheiros mais velhos, sobretudo os que haviam navegado em baleeiros do Pacífico sul, olhavam-nos com desaprovação e preocupação ao mesmo tempo, porque para eles o gelo era um sinal de que algo pior, muito pior, ainda estava para ocorrer.

Esse frio e a estranha presença do gelo no final do verão significavam que quando o vento do oeste cessasse, o que às vezes ocorria sem aparente razão, haveria neblina ou névoa espessa.

E o vento cessou na sexta-feira, no dia seguinte da lua cheia, e então começou a soprar o vento do norte, que aumentou de intensidade quando o sol saiu. Imediatamente depois do café da manhã, o marinheiro que estava no cesto da gávea de serviola gritou com força e emoção:

— Barco à vista! Dois barcos à vista pela amura de bombordo!

O grito chegou à cabine, onde Jack estava comendo ovos e bebendo café em uma jarra de meia pinta descascada. E já os tinha afastado quando Reade entrou precipitadamente gritando:

— Dois barcos à vista pela amura de bombordo, senhor!

Jack subiu rapidamente, sem pausa, ao alto da exércia, enquanto sob seus pés se desprendiam os pedaços de geadas dos enfrechates. O serviola desceu para a verga para fazer-lhe lugar, dizendo:

— Acabam de passar a ilha do meio, senhor. Têm as maiores e as gáveas desdobradas. Eu os vi claramente antes que a névoa se tornasse tão espessa.

O tempo passou. Duas badaladas interromperam o absoluto silêncio do convés, onde não se ouvia o constante rugido das ondas que vinham do sudoeste. Nessas latitudes, a névoa podia resistir ao embate do vento de quase qualquer intensidade, porque se formava desde a superfície; contudo, o vento podia formar clareiras, e isso foi justamente o que ocorreu quando o nariz e as orelhas de Jack Aubrey começavam a congelar devido ao frio. A três milhas para nordeste, viu os dois barcos com suas velas brancas recortando-se sobre as negras ilhas Diego Ramírez. Eram mercantes de trezentas ou quatrocentas toneladas, de proa arredondada e largos na parte da coxia. Sem dúvida, eram barcos robustos, capazes de levar uma grande carga no porão, mas muito, muito lentos.

Aproximou a luneta ao olho bom e observou o mais próximo. Pareciam se preparar para trocar de rumo, de modo que tivessem o vento pela alheta para avançar para o oeste e passar pela costa sul da última ilha do grupo. Depois orçaria e se dirigiria ao Pacífico navegando com rumo tão próximo ao norte como o vento o permitisse. Naturalmente, toda a tripulação, que não era muita, estava no convés, e com tão poucos marinheiros não podia manobrar rápido; contudo, parecia vacilar muito para realizar uma operação tão simples. De repente, Jack pensou que esse mercante era o líder, o que indicava o caminho, e que havia passado antes por ali, mas lhe custava conseguir que o barco que estava atrás visse os sinais. Indubitavelmente, o segundo mercante estava envolvido na névoa a maior parte do tempo e também, com essa luz, as bandeiras de sinais eram difíceis de ler. Sua teoria se confirmou quase imediatamente, pois o mercante líder fez uma salva e todos os tripulantes correram para a popa para ver o efeito que tinha. Parecia que não havia nenhum serviola vigiando, e ainda que tivesse, Jack estava completamente seguro de que não haviam visto a *Surprise*, já que estava pairando com as maiores rizadas e era difícil de ver porque não se distinguia bem sobre o fundo cinza. E também pensava que seria praticamente invisível para quem não esperava encontrar um barco inimigo ao longo de cinco mil milhas.

A intenção dos mercantes era óbvia, e se a *Surprise* se deslocasse um pouco para o leste e depois rumasse para o norte

teria vantagem e poderia entrar em combate quando quisesse. Contudo, Jack não queria precipitar os acontecimentos, porque era possível que houvesse um terceiro mercante. Como os mercantes foram tão pontuais como a cuagem postal de Bath a Londres, era muito provável que a informação sobre o número deles também fosse exata. Tinha que esperar até que o terceiro mercante terminasse de bordejar as ilhas e se reunisse com seus companheiros, porque quando chegasse ao alto mar já não poderia regressar com esse vento. Logo o vento rolaria para o oeste e, com a grande habilidade da *Surprise* para navegar de bolina, os mercantes não teriam esperanças de escapar.

Inclinou-se sobre a borda do cesto da gávea do serviola e, sem alçar a voz, chamou Pullings.

— Capitão Pullings!

— Senhor?

— Por favor, ordene aos marinheiros que vão para seus postos sem fazer ruído. E não haverá toque de tambores. Depois, tão logo a névoa nos envolva, começaremos a navegar devagar rumo nordeste. Diga ao senhor Norton que suba com uma luneta ao cesto da gávea de mezena e a Bonden com outra ao do traquete.

Ouviu-se o abafado som de muitos passos na cobertura inferior. Os marinheiros puxaram os canhões com infinita precaução, sem que se ouvisse mais que o débil chiado de uma carreta e o inevitável som que produziam as balas ao chocar. Depois a névoa envolveu a fragata, e sem que se dessem ordens, os marinheiros desdobraram as velas, largando-as desde as vergas ou subindo-as pelos estais.

A fragata ganhou velocidade. Enquanto o timoneiro tratava de mudar o rumo, ouviu-se Pullings dizer:

— Assim, assim, muito bem.

Soaram três badaladas, e Jack, em voz bastante alta, ordenou:

— Larguem esse maldito sino!

Quinze minutos mais. Como esperava, o vento se tornou mais frio e rolou para o oeste. Sentiu que um arrepio lhe percorria todo o corpo, mas não era o único, pois os baleeiros olharam uns para os outros consentindo com a cabeça.

— Senhor — disse Bonden, — dois barcos pelo través de bombordo. Um bergantim e outro barco.

— Onde? — perguntou Jack.

Agora o olho ferido lacrimejava, e isso afetava a visão de ambos.

— Eu os perdi, senhor — respondeu Bonden. — O bergantim parecia bastante grande. Tinha as gáveas desdobradas e acho que a traquete também. Mas aparecem e desaparecem. Às vezes o outro barco parece uma corveta e outras um navio de linha.

Silêncio. Confusão. Cinzentas faixas de névoa entre a exércia, largando geada em todos os cabos. Jack pôs um lenço por cima do olho mau, e quando lhe estava amarrando um redemoinho formou uma claridade na névoa. Os mercantes, que eram três agora, já haviam passado as ilhas e estavam a certa distância pelo sul, exatamente onde, por lógica, deveriam estar; porém, paradoxalmente, os recém chegados, que se encontravam entre a *Surprise* e suas presas, viam-se com muito menos nitidez, só se distinguiam suas silhuetas. Mas se viam com suficiente claridade para que Davies *O Lerdo*, com um entusiasmo que foi reprimido imediatamente, exclamasse:

— Agora há cinco sacanas! Cinco!

Durante um instante, Jack pôde ver uma fila de portalós no barco maior, antes que ambos, como duas manchas escuras, se fundissem com a névoa cinza e desaparecessem por completo.

Seguiu um comprido período de total incerteza, pois a névoa se tornava mais espessa, depois mais fina e depois de novo mais espessa, e os marinheiros confundiam os barcos sobre os quais informavam, às vezes tomando o bergantim pelo outro barco ou vice-versa. Além disso, as duas embarcações se moviam bastante rápido e mesmo Bonden, um experimentado marinheiro, dava variada informação sobre seu tamanho.

Jack não via quase nada. Estava quase seguro de que os barcos eram mercantes espanhóis que se dirigiam ao norte, a Valparaíso. O de maior tamanho, se realmente fosse tão grande como parecia, era de mil toneladas ou mais, e possivelmente seu destino era Filipinas. O fato de que tivesse uma fila de portalós não tinha importância, pois, ainda que fossem de verdade, isso não

significava que detrás houvesse canhões, já que a maioria dos mercantes usavam portalós reais ou pintadas como medida dissuasória.

— Barco à vista! Barco à vista pela amura de estibordo! — gritou Norton.

Jack girou e viu uma grande massa branca entre a névoa, onde havia diminuído de espessura, e então ouviu Norton dizer:

— Oh, não, senhor! Sinto muito! É uma ilha de gelo!

Sim. E havia outra detrás, e começaram a ver outras ao sul e a leste a medida que se formavam claros. E desde os blocos gelo soprava um vento cortante.

A *Surprise* estava perfeitamente situada para lançar um ataque contra os mercantes, que se encontravam a considerável distância das ilhas. Navegavam devagar para o sudoeste, e com o vento que soprava, a fragata poderia cruzar sua esteira em uma hora mais ou menos com uma moderada quantidade de velame desdobrado. Os recém chegados se encontravam entre a *Surprise* e suas presas, e provavelmente a fragata passaria muito perto deles. Enquanto Jack contemplava essas borradas formas, que agora pareciam muito grandes, quase de duplo tamanho devido aos reflexos das partículas de gelo que haviam na névoa e a sombra que projetavam, pensou que talvez o outro barco fosse um navio de guerra espanhol enviado para enfrentar o *Alastor*, porque havia chegado de Cádiz a notícia dos estragos que causara. Então se disse: “Se for assim, pedirei a Stephen que fale com eles civilizadamente”.

Inclinou-se para frente com o fim de ordenar a Pullings mudar de bordo em redondo para rumar para oeste, mas quando estava tomando fôlego, ouviu o inesquecível som do desprendimento de um pedaço de gelo, pois um pedaço do tamanho de uma paróquia se desprende da ilha mais próxima e se submergiu cem pés no mar, fazendo saltar para o ar um enorme penacho de água. Então mudou a ordem e mandou que desse bordejadas, uma manobra mais rápida mas que requeria mais esforço, e pensou: “quanto antes sairmos daqui, melhor”, olhando para as enormes massas de gelo que estavam pela popa e se moviam para o norte, ainda que se

encontrassem muito mais ao norte do que deveriam nessa época do ano.

A fragata mudou de bordo. Os marinheiros enrolaram todos os cabos e, quando muitos deles já estavam nas vergas das joanetes, apareceu o bergantim como uma escura forma e foi fazendo-se cada vez mais visível.

— Ei, do bergantim! — gritou Jack com sua vozeirão, já no castelo de popa outra vez.

Não houve resposta, mas através da névoa que se dissipava, pôde ver que havia grande atividade a bordo.

— A bandeira! — gritou Jack para Reade, o encarregado dos sinais, e depois, em voz mais alta, quando a içavam, perguntou: — Que barco vai?

— O Arca de Noé, que saiu faz dez dias de Ararat, Nova Jérsei! — gritou uma voz entre risos.

Então, os tripulantes puxaram a enorme vela maior para popa, o bergantim abateu violentamente para sotavento, fez fogo com o canhão de popa, lançando uma bala que perfurou a vela de estai de proa da fragata e desapareceu entre a névoa.

A *Surprise* respondeu disparando a cegas. E quando o eco do estrondo da caronada do castelo, a única peça de artilharia que fez fogo, ainda se ouvia de proa a popa, entre as cortinas de névoa apareceu outra forma escura pela amura de estibordo. Imediatamente pôde-se ver nitidamente e de repente disparou uma ensurdecadora descarga com dezoito clarões que iluminaram a névoa. Como disparou quando descia no balanço, a maioria das balas, de dezoito libras, não acertaram o alvo, mas algumas alcançaram a *Surprise* de rebote, atravessando as macas na anteparo e rodando pelo convés. A fumaça se propagou para sotavento, dissipando-se, e grande parte da névoa se dissipou com ela. Então Jack viu claramente uma potente fragata estadunidense, uma embarcação de trinta e oito canhões que disparava descargas de trezentas e quarenta e duas libras, além dos disparos que fazia com as caronadas e os canhões de proa e popa.

A *Surprise*, desafortunadamente, tinha menos canhões, e, por ser um pequeno barco corsário, menos tripulantes. Além disso, o

bergantim também estava disposto a perfurar-lhe os costados ou disparar-lhe uma descarga pela popa.

— Fogo a discrição! — ordenou Jack.

Depois virou o leme e a fragata desviou a proa em direção contrária à do vento. Depois os marinheiros apontaram e dispararam um canhão depois do outro com grande precisão.

A fragata se movia a grande velocidade e Jack, em um aparte, disse a Tom:

— Vou mudar de bordo para avante, se for possível. Faça o que possa. — E, alçando a voz, ordenou: — Canhões de bombordo, disparem uma série! Marinheiros, a orientar as velas!

Jack girou o leme, e a nobre fragata respondeu virando lentamente a proa para a parte de onde vinha o vento. Se perdesse os estais, se abatesse a sotavento, tudo estaria perdido. Seguiu virando e superou o ponto crucial enquanto os marinheiros ajudavam levando os punhos das velas para a coxia e mudando de orientação a bujarrona e as velas de estai de proa para que se inchassem. Por fim a fragata virou e os canhões de bombordo lançaram balas a curta distância. Um momento depois de que os marinheiros dispararam e ataram o último canhão, correram para levar para popa as escotas que haviam soltado e para pôr ordem na visível confusão.

Jack deu ordem de fazer rumar para o este-nordeste com a esperança de bordejar o iceberg mais próximo, que estava pela amura de estibordo, pois essa era a única maneira de escapar desse enfrentamento impossível. Tão logo como alguns marinheiros ficaram livres, ocupou-se com vários deles dos canhões que ainda não estavam carregados e depois ordenou:

— Joanetes e alas de barlavento!

O capitão da fragata estadunidense estava surpreso, porque a *Surprise* tinha virado de forma inapropriada. A manobra a tinha aproximado tanto da amura de bombordo de sua embarcação que, além do terrível efeito de suas balas, fragmentos de buchas e de madeira ardendo chegaram a bordo e caíram sobre o conteúdo de um cartucho derramado, provocando uma explosão. Então virou em redondo e, depois que os marinheiros desdobraram o velame com

extraordinária rapidez, fez rumo ao noroeste, um rumo paralelo ao da *Surprise*, situando-se a sotavento dela. Depois começou a navegar contra o vento, um vento que agora vinha do noroeste e aumentava de intensidade.

Obviamente, virou depois que Jack, pelo que sua fragata ficou situada cerca de uma milha mais atrás, e quase a essa mesma distância mais ao leste. Apesar disso, pensou que também devia bordejar o iceberg, ainda que agora avançava continuamente para o norte. Essa ilha de gelo em particular (pois havia muitas outras à vista ao sul e leste) podia ver-se agora em sua totalidade porque havia mais luz. Tinha duas milhas de largura e era formada por um monte de enormes pontas empinadas e coroadas por pináculos, geralmente de cor verde, ainda que na parte central eram azulados. A ponta mais ocidental, que a *Surprise* devia bordejar para poder evitar a destruição e para qual a fragata estadunidense se dirigia, terminava em um escarpado de gelo rematado com pináculos.

Como a fragata norte-americana tinha a tripulação de um barco de guerra completa, pôde desdobrar mais velame apesar dos danos sofridos no breve ataque com disparos a curta distância. Também pôde reduzir um pouco a distância que separava ambas embarcações. Mas quando os tripulantes da *Surprise* puseram em ordem a cobertura onde ficavam os canhões, mantiveram a distância constante. Os dois barcos sulcavam as geladas águas a grande velocidade, com tanto velame desdobrado como os mastros podiam suportar, com as bolinas retesadas e disparando um ao outro.

Jack deixou Pullings e o senhor Smith encarregados da artilharia e ele ficou ao leme, governando a fragata de modo que se aproximasse até a última polegada da direção contrária à do vento, calculando a inclinação, observando o perigoso escarpado com o olho bom. Seu coração se partia a cada vez que ouvia a proa e o quebra-mar se chocarem contra pedaços de gelo que iam à deriva, um som muito freqüente que às vezes anunciava um grave perigo. Não se atrevia a pôr defesas na proa porque não podia arriscar-se a diminuir nem um pouco a velocidade. Via com horror, como se estivesse em uma pesadela, o lento e ominoso movimento da ilha de gelo. A imensa massa se movia, aparentemente, com a facilidade de

uma nuvem, e a faixa de água por onde se podia passar sem sofrer danos se estreitava mais a cada minuto.

— Senhor — disse Wilkins, — o bergantim há mudou de rumo.

Naturalmente, Jack o esperava. Pelo efeito do giro das duas fragatas e por suas próprias manobras, o bergantim se encontrava a oeste de ambas, pela alheta da *Surprise* e um pouco mais perto dela que da potente fragata. Além disso, nas últimas duas milhas perdera velocidade constantemente. Agora, em resposta a uma sinal, estava virando com a óbvia intenção de passar pela popa da *Surprise* e disparar-lhe uma descarga que a atravessaria de popa a proa. Era uma ação temerária, pois Jack só tinha que mudar de bordo um pouco para bombordo para que os canhões do lado pudessem disparar-lhe uma descarga que possivelmente a afundaria. Contudo, o tempo que empregaria em mudar de bordo, ainda que fosse pouco, assim como em fazer a descarga e abater para voltar ao rumo estabelecido, quase certo impediria a *Surprise* de ganhar a corrida ao iceberg.

— Apresente meus respeitos ao capitão Pullings e diga-lhe que concentre sua atenção no mastaréu de proa e sua verga — ordenou Jack depois de olhar para proa e para popa.

Os canhões de popa, no convés inferior, aumentaram o ritmo dos disparos. Oito canhonaços se sucederam com rapidez e se ouviram gritos triunfantes. Jack se virou, viu o bergantim movendo a proa para a parte de onde vinha o vento, com a vela traquete sobre o convés e a vela maior balançando sem controle. Assentiu com a cabeça, mas pensou que o mais importante estava adiante, a menos de meia milha.

— Senhor — disse Wilkins de novo, — a fragata virou para estibordo.

Jack voltou a assentir com a cabeça. A fragata estivera a sotavento da *Surprise* desde o início e agora não tinha possibilidades de bordejar a ponta do iceberg, pelo que tentava lançar contra a fragata um ataque tão feroz como pudesse e destroçá-la antes que ficasse fora de seu alcance. Se encolheu de ombros, pensando que agora não podia mudar o rumo. Voltou a levar o leme com tranqüilidade, observando a verde faixa de água com tanta atenção

como se fosse uma cerca à qual se dirigia a galope sem saber o que havia detrás. Observou a branca espuma das ondas que subiam pela base do branco escarpado de gelo e o branco albatroz que passou por cima das ondas, e antes de ouvir o estrondo da descarga da fragata estadunidense, ouviu o ensurdecido estrepito produzido pela queda de um pedaço de gelo do escarpado. Sentiu o tremor do casco e depois o som que produzia ao roçar a superfície do pedaço de gelo submerso. Então viu o mastro mezena partir-se em dois lugares, balançar, romper e cair lentamente pela borda.

— Machados, machados! Cortem tudo! Cortem tudo para soltá-lo!

Os marinheiros cortaram amantilhas, estais e outros cabos da exércia para soltá-lo. A fragata passou junto ao escarpado de gelo roçando-o com a verga maior e chegou a uma zona do mar onde tinha muito espaço para manobrar, uma zona de umas três milhas, além da qual as águas estavam cheias de ilhas de gelo.

Respondeu ao leme perfeitamente bem e parecia ter vida. Agora havia um enorme bloco de gelo entre ela e os canhões do inimigo. Jack estava um pouco perturbado e não sabia muito bem em que ordem se haviam sucedido os acontecimentos, mas isso não importava porque agora a fragata estava navegando por águas sem obstáculos. Mandou Reade pedir ao carpinteiro que sondasse a sentina e observou o convés para ver os destroços causados, porém, assombrosamente, não eram muitos. O mastro mezena tinha caído sem causar estrago e o contramestre e seus ajudantes já estavam fazendo nós e atando.

— Que danos a tripulação sofreu? — perguntou a Wilkins.

— Nenhum neste último tramo, senhor. O gelo não nos alcançou por um cabelo.

Pullings chegou à popa sorrindo, com um passador na mão e assombrosamente com grande loquacidade.

— Felicito-lhe por ter passado, senhor — disse. — Por um momento pensei que a fragata não poderia conseguir e meu coração encolheu. E quando caiu o pedaço de gelo, pensei: “Chegou sua hora, Pullings”. Mas não nos caiu encima.

— Viu o que aconteceu?

— Sim, senhor. Acabava de assomar a cabeça pela parte superior da escada quando a fragata ianque começou a fazer fogo. No início fez disparos isolados e precisos, um dos quais deu na parte baixa do pau mezena, e depois, quando estávamos bordejando a ponta, disparou ao mesmo tempo com todos os outros canhões e algumas balas atravessaram o gelo, ou talvez simplesmente se chocaram com ele. O certo é que um grande número de balas, com um peso total em torno de uma tonelada, elevaram-se muito alto e logo caíram com grande estrondo. Nunca tinha visto nem ouvido nada semelhante. Afundaram-se na esteira, empapando-nos a todos, e alguns fragmentos estragaram as grinaldas do coroamento.

Jack se deu conta de que estava empapado pelas costas e ainda um pouco aturdido pelo terrível estrondo.

— Lamento muito ter perdido o pau mezena — disse, — mas se tivesse tentado salvá-lo, teríamos nos chocado contra a massa de gelo. De toda forma, passamos roçando e temo pelas placas de cobre. Sim, senhor Reade?

— Com sua permissão, senhor. Diz Astillas que...

— Que é isso, senhor Reade?

— Desculpe, senhor. Diz o senhor Bentley que só há duas polegadas de água na sentina.

— Muito bem. Tom, temos que navegar com o vento em popa ou o mais perto possível até que possamos pôr uma bandola. Escolha os melhores baleeiros e ordene que subam um a um aos cestos das gáveas de serviola para que escolham uma rota para passar entre as massas de gelo, pois há grande quantidade delas a sotavento. Também mande preparar uma grossa defesa para a proa. Por outra parte, como não é provável que vejamos ao nosso potente inimigo até que tenha virado umas duas vezes — acrescentou, assinalando o oeste com a cabeça, — ordene acender o fogo da cozinha e dar de almoçar aos marinheiros.

— É possível que considere seu dever regressar rapidamente onde está o comboio para protegê-lo — aventurou Pullings.

— Esperemos que tenha um grande senso do dever, um extraordinário senso do dever — respondeu Jack.

A grande fragata estadunidense não bordejou a ponta essa tarde, e o diligente bergantim não só perdeu a verga (uma bala cortou os guinchos), mas também tinha um buraco abaixo da linha de flutuação que lhe tinha feito uma bala de nove libras, e por ali entravam água e pedaços de gelo. A *Surprise* então, com o vento a dez ou vinte graus pela alheta de bombordo, de acordo com o que o gelo permitia, tinha percorrido dez milhas em linha reta, sem contar as percorridas ao desviar-se para esquivar os icebergs e as plataformas de gelo. A essa distância, quando grande parte da névoa se dissipou, o serviola pôde ver por fim a grande fragata. Mas ela também teria que passar por esses canais tão enganosos e bordejar as mesmas ilhas, assim que Jack se sentou para almoçar sua tardia refeição tão tranqüilamente como lhe permitiam a perda de um mastro, a presença de um inimigo ativo e com brio e o fato de ter pela frente uma enorme quantidade de ilhas e placas de gelo.

Já havia descido à enfermaria para ver os poucos homens feridos que tinha. Dois tinham feridas provocadas por pedaços de madeira desprendidos e um deles, como sempre, era Joe Plaice; a outro lhe caíra em cima um moitão e estava em coma, mas sua situação não era desesperadora; outro tinha os dedos do pé e o metatarso destroçados porque fora esmagado por um canhão ao retroceder. E ali disse a Stephen que o almoço estaria preparado quando soassem as oito badaladas e, para se não soubesse, acrescentou:

— Já sabe, às quatro em ponto.

Ele sabia, e ao ouvir o primeiro toque entrou na cabine muito animado e secando as mãos.

— Sinto ter-lhe feito esperar, mas no final tive que cortar aquele pé, porque era uma massa de pequenos fragmentos de ossos. Por favor, diga-me como estamos.

— Muito bem, obrigado. A fragata se encontra três milhas mais atrás e não acredito que possamos ficar ao alcance de seus canhões antes de que caia a noite. Permita-me que lhe sirva um pedaço deste pescado, que acho que é um parente do bacalhau.

— Disseram-me que perdemos um mastro. Acha que isso impedirá nosso avanço até o ponto de que corramos perigo? Isso

reduzirá a distância que nos separa em, por exemplo, um terço?

— Espero que não. Quando navegamos a um largo, assombrosamente, o pau mezena influe muito pouco nisso, e quando navegamos de bolina, menos do que poderia imaginar. Mas com o vento pelo través, a fragata poderia virar e desviar-se do rumo irremediavelmente. Não me agradaria que nos perseguisse em alto mar um arenqueiro quando tivéssemos um forte vento a um largo. Espero que o vento do oeste ou do sudoeste continuem soprando até que o senso de responsabilidade faça o capitão dessa fragata voltar para junto do comboio.

— Não acho que estivesse escoltando esses mercantes. Acho que se encontraram por casualidade em algum lugar, talvez no rio da Prata, ainda que isso não importa muito porque estou convencido de que agora os protegerá. Meu amigo, parece triste e não tem apetite. Beba outra taça de vinho e respire tão fundo como possa. Esta noite lhe darei uma boa dose de remédio para relaxar.

— Não, Stephen. Muito obrigado, mas não será conveniente porque não vou me deitar nem pôr a fragata a pairar. Não vou permitir que esse tipo, malvado e decidido como não há outro, aproxime-se dela de noite. Necessito mais de café que de remédio, por mais relaxante que seja. Vamos provar estas costeletas. Gosto das costeletas de cordeiro secas, realmente bem secas, girando-as duas vezes ao dia.

As costeletas bem secas lhe sustentaram durante toda a noite, que passou no cesto da gávea de serviola. Ali não pôde manter-se quente, mas pelo menos não morreu de frio graças à sucessão de baleeiros e à extrema solícitude de Killick e seus ajudantes, que cada duas horas lhe traziam luvas e uma cafeteira pendurada em uma laçada que sustentavam com os dentes.

Era uma noite bastante clara, especialmente entre dez e vinte pés acima da superfície do mar. havia uma moderada marejada e a bendita lua, que quase não tinha começado a fase de lua cheia, brilhava tanto como o intenso frio lhe permitia. Os homens de guarda, com casacas com capuz e camisas de flanela sobre a cabeça, estavam preparados para afastar pedaços de gelo à deriva com quantos paus tinha a fragata. A Surprise, seguindo a rota que

aconselhavam os baleeiros, avançava às apalpadelas mas cautelosamente, com um rumo o mais próximo possível ao leste ou ao nordeste. Apesar da grossa defesa da proa e da diligência dos marinheiros que afastavam os pedaços de gelo, recebeu o terrível impacto de algumas placas de gelo muito grossas e bastante submersas. Várias vezes Jack Aubrey, lá no alto, tremeu por causa do intenso frio, do cansaço e da grande tensão que lhe produzia guiar a fragata por aquele labirinto potencialmente mortal, e sentiu que já não era um jovem.

Chegou o curioso amanhecer e Jack se sentiu ainda mais velho. Quando o sol saiu, o céu limpo tomou um colorido azul-safira claro, enquanto que o mar adquiriu um tom mais escuro. As ilhas de gelo tinham algumas partes de colorido rosa e outras azul-marinho brilhante. A sete milhas ou menos se encontrava a obstinada fragata estadunidense, agora muito mais ao sul. Com essa luz o casco parecia negro e estava começando a desdobrar mais velame.

Jack passou por cima do parapeito do cesto da gávea de serviola, e quando agarrou os amantinhos mais altos sua mão gelada escorregou pela capa de gelo. Teria caído se não tivesse as pernas acostumadas a estar no mar e não tivessem rodeado imediatamente o amantinho de baixo, sustentando-lhe nesse momento crucial.

Ao chegar ao convés disse:

— Tom, quando os marinheiros tenham desjejuado, soltaremos os rizes e largaremos a joanete de proa. Olhe para aquele tipo — acrescentou, assinalando com a cabeça para o sul. — Tem desdobradas as alas de ambos os lados acima e abaixo.

— Acho que pelo momento tem pele frente uma zona sem obstáculos, mas há uma plataforma de gelo que parece muito sólida — replicou Pullings esperançado.

Então ambos se cambalearam porque a *Surprise* chocou-se de novo com uma placa de gelo.

Na cabine havia um forninho aceso pendurado, mais café, inumeráveis ovos com bacon, torradas e uma digna geléia de laranja peruana. Jack, desnudo até a cintura, acabou com tudo isto e o calor, mas falou pouco, limitou-se a dizer que tinha visto um albatroz, algumas focas e uma enorme baleia. Stephen falou de

forma desconexa das ilhas de gelo e da repentina mudança de cor no ponto de onde se desprendiam os grandes blocos que caíam ao mar.

— Eu o vi pela luneta... — disse, mas imediatamente parou porque Jack tinha a cabeça inclinada sobre o peito.

— Com sua permissão, senhor — interveio Reade, irrompendo na cabine, cheio de alegria juvenil. — O capitão Pullings pergunta se gostaria de subir ao convés.

— Hã? — perguntou o capitão Aubrey.

Reade repetiu a mensagem e Jack se levantou, erguendo seu corpo de duzentas e trinta e oito libras, e subiu ao convés pestanejando, precedido por Reade, que lhe deu uma luneta e disse:

— Ali, justo a barlavento, senhor.

Jack olhou para ali, passou a luneta para o olho bom, voltou a olhar e um amplo sorriso iluminou seu rosto cansado. Então atravessou o gelada convés e disse:

— Cantou vitória antes da hora. Ah, ah, ah!

A grande fragata estava imóvel, com as velas aferradas, e os tripulantes estavam descendo os botes pelo costado.

— Convés! — gritou o serviola, um dos baleeiros da *Surprise*. — Senhor, meteu-se em um canal na plataforma de gelo, em uma espécie de beco sem saída. Um beco sem saída, ah, ah, ah! Agora terá que retroceder três milhas a reboque e contra o vento. Ah, ah, ah! — Depois, em voz mais baixa, disse ao seu companheiro que estava no tope do traquete: — Aquele estúpido serviola as pagará. Ah, ah, ah!

A distante fragata disparou uma salva para bombordo fez que voassem um monte de estercorarius que estavam sobre uma baleia morta a deriva.

— O inimigo fez uma salva, senhor, com sua permissão — disse o guarda-marinha encarregado dos sinais.

— O senhor me assombra, senhor Reade — disse Jack. — E agora vejo que está fazendo um sinal. Tenha a amabilidade de lê-lo.

Norton deu um passo adiante e Reade apoiou a luneta sobre seu ombro, enfocou e disse:

— É alfabética, senhor, com nosso alfabeto: “Feliz regresso”.

— Vá! — exclamou Jack. — Quanta amabilidade! Responda: “Igualmente”. Quem é seu presidente, Tom?

— Acho que é o presidente Washington — respondeu Pullings, depois de refletir alguns momentos.

— “Meus respeitos ao senhor Washington...” Não, seria muito comprido. Deixe-o assim, senhor Reade, e faça uma salva em resposta. Tom, não vamos navegar a muita velocidade. Faremos rumo este-nordeste lentamente até que saíamos desta zona infernal cheia de gelo. Não vamos buscar a ruína como um bando de lunáticos. Lentamente, capitão Pullings. E pela tarde começaremos a trabalhar para fazer uma bandola.

Com a alegria e a tranqüilidade que sentia agora foi diretamente para a esquentada cabine para deitar-se, e não se moveu até antes do almoço. Despertou descansado e com a cabeça limpa, sabendo que a fragata não havia se chocado com nenhum pedaço de gelo durante horas. Deu uma volta pelo convés, observou que o céu estava escuro pelo nordeste e que a fragata tinha pela frente uma extensão de mar tão ampla como a do Canal, ainda que muito mais ao sul. Ainda podiam ver blocos de gelo e seu reflexo na água e grandes ilhas de gelo recortando-se sobre o horizonte. Deu passeios de um lado para o outro do castelo de popa até que ouviu a voz mal-humorada de seu despenseiro, que, quase sem respeito, queixava-se:

— O cozinheiro pergunta se ele vai vir ou não, porque tudo está esfriando e vai se estragar.

Depois do almoço, Jack, Pullings e o senhor Bentley falaram do pau mezena de reserva. Então se deram conta de que a perda de paus que tinham sofrido na recente tormenta era enorme. Ainda que a fragata tinha muitas coisas que tinha conseguido como butim, como âmbar cinzento, tecidos bordados de ouro que haviam tirado do *Alastor*, especiarias, cofres cheios de prata e grande quantidade de provisões de boa qualidade, que causariam o assombro de um navio insígnia, quase não tinha paus.

— Depois de intermináveis lamentos e do consabido “se tivéssemos...” — disse Jack quando Stephen e ele se preparavam

para tocar música — decidimos que com o mastro e outro pau do bote teríamos um mastro macho suficientemente alto e uma verga, assim que poderíamos desdobrar uma vela mezena bastante grande. Seria alto o suficientemente para navegar com o vento em contra a moderada velocidade sem forçar tanto o leme que possa sair-se das charneiras. Pode ser que não seja elegante, mas ao diabo com a elegância.

— Que são charneiras?

— São peças formadas por duas chapas articuladas que se colocam na frente do leme e o conectam ao codaste com anéis ou vergas, como nós os chamamos, para que o leme gire como uma porta sobre seus gonzos.

Quando terminaram de tocar a peça, um dueto doce, profundo, cuja partitura original anônima haviam comprado em uma leilão, Jack exclamou:

— Meu Deus! Quando um recorda com que afinco perseguimos esses mercantes faz tão pouco tempo e que papel de tontos teríamos feito se nos tivessem aprisionado, pois aquela condenada fragata com canhões de dezoito libras e o bergantim nos teriam atacado porque estavam em uma posição vantajosa... Quando se vê o quanto estamos felizes agora por termos saído de tudo isto sem perder mais que o pau mezena..., isso faz pensar.

— Não acredito que eu chegasse tão longe — disse Stephen.

— Muito bem, muito bem. Pode ser tão irônico como queira, mas acredito que havemos saído disto extraordinariamente bem. Nunca pensei que esta noite poderíamos deitar e dormir tranqüilamente.

Dormiram profunda e tranqüilamente, com a grande tranqüilidade com que podem dormir os homens exaustos, sem preocupações e bem alimentados, pelo menos até a guarda de meia. No convés iluminado pela lua Grainger substituiu Wilkins quando soaram as oito badaladas.

— Aqui a tem — disse Wilkins. — Leva as maiores rizadas e o velacho pronto para ser ajustado. O rumo é nordeste quarta ao norte. As ordens do capitão estão na gaveta da bitácula. É possível

que caia um aguaceiro dentro de uma hora mais ou menos — acrescentou em um tom coloquial.

— Sim — disse Grainger, olhando para o nordeste, onde o céu estava coberto de nuvens escuras e baixas. — Acho que sim. Um pouco de chuva com este intenso frio me despertará. Meu Deus, estava tão profundamente adormecido e tão quentinho!

— Eu estarei igual dentro de dois minutos. Tanto o dia como a noite foram muito duros — disse Wilkins, e quando já havia posto um pé na escada do castelinho, parou e acrescentou: — Não é normal que caiam raios nestas latitudes, verdade?

— Bem, acho que são bastante freqüentes — respondeu Grainger, — ainda que não tanto como nos trópicos, mas bastante. Mas aqui não se fica muito tempo no convés e talvez por isso pareçam muito mais raros.

Quatro badaladas. Começou a nevar. A Surprise mantinha a moderada velocidade de cinco nós.

Seis badaladas. O vento aumentou de intensidade e era tão inconstante que uma vez esteve a ponto de empurrar a fragata para trás. Grainger rizou o velacho e quase imediatamente depois todo o céu se cobriu de nuvens. Não se viam nem a lua nem as estrelas. De repente começou a cair uma violenta chuva mesclada com água e neve, tão violenta e tão persistente que a água saía aos jorros pelos embornais de sotavento, os homens de guarda se refugiaram sob a escada do castelo de popa e foi impossível tocar as sete badaladas.

Mas eram três e meia da madrugada e o relógio de Stephen o indicou. E quando o relógio dava a hora, pela segunda vez em sua vida e no mesmo barco, Stephen se despertou ao ouvir um grande ruído, isto é, uma combinação de ruídos que reconheceu no instante e pensou que havia caído um raio na fragata.

De fato, assim era. O mastro maior estava completamente destroçado e os fragmentos tinham saído expelidos e tinham caído na água; as vergas, contudo, estavam atravessadas no convés e, assim como o mastaréu de proa, estavam intactas. A fragata tinha virado a proa imediatamente e agora navegava com vento em popa, fizessem o que fizessem os timoneiros, mas apesar de ser

ingovernável, tinha bastante estabilidade porque o mar havia se acalmado pela neve e a chuva. Stephen foi chamado à enfermaria.

Havia somente três feridos. Um deles, um seguidor de Knipperdolling chamado Isaac Rame, aparentemente não estava ferido, mas tinha uma marca negra do tamanho de um xelim no lado do coração e estava inconsciente. Stephen, ao ouvir o ritmo anormal do coração, moveu a cabeça de um lado para o outro. Os outros dois feridos eram marinheiros encarregados do mastaréu e tinham estranhas queimaduras, pois eram superficiais mas lhes produziam muita dor e, além disso, eram muito extensas e abarcavam todas as costas formando uma rede de linhas divergentes. Stephen, Padeen e Fabien tardaram tanto em curá-los que quando Stephen entrou na cabine para desjejuar, já se via a pálida luz do dia sobre a mesa.

— Bem, começamos bem — exclamou Jack. — Estamos em uma boa confusão. Beba uma xícara de café — acrescentou, servindo-a, aparentemente muito alegre, como se a perda do mastro maior tivesse pouca importância; e era assim, em comparação com o que seguiu: — Quando tenhamos terminado de desjejuar... Por favor, sirva-se de bacon e passe-me a vasilha... direi algo ainda mais raro: o leme caiu ao mar.

— Oh, oh! — exclamou Stephen, atônito. — Então, estamos sem leme?

— Não vou enganar-te, meu amigo. Não temos leme. Recordasse quando me perguntou o que eram as charneiras? — Stephen assentiu, com gesto preocupado. — Bem, parece que em algum momento de nosso perigoso avanço entre os blocos de gelo à deriva, uma placa de gelo separou todas ou a maioria delas da barra e destruiu as vergas, assim que a prancha ficou pendurada apenas por uma união, ainda que não nos demos conta porque, como navegávamos a um largo, não tocávamos o leme. O raio caiu na parte superior do leme, rompeu a prancha até a linha de flutuação e então a prancha se despreendeu.

Apontou a parte superior do leme, agora coberto por um pano decente.

— Há alguma solução para uma situação como esta?

— Estou seguro de que encontraremos alguma — respondeu Jack. — Importar-se-ia de passar-me a geléia? Tem que reconhecer que é uma excelente geléia, ainda que não tão boa como a de Sophie.

Frequentemente Stephen ouvira Jack dizer que quando a vida no mar era mais dura do que um ser humano podia suportar, “não servia de nada lamentar-se”; contudo, nunca o vira mostrar tanta leveza, tanta falta de preocupação e inclusive se atreveria a dizer de responsabilidade. Até que ponto correspondia isso ao que era o dever de um capitão em uma situação desesperada? Até que ponto correspondia à reação natural de Jack? Não era um homem propenso a adotar diferentes atitudes. Era realmente desesperada a situação? Stephen podia ainda confundir charneiras com vergas, mas sabia o suficiente sobre a marinha para perceber que um barco que estava longe de terra, tinha um único mastro e carecia de leme se encontrava em uma situação horrível. Por outro lado, ainda que seus conhecimentos de navegação fossem limitados, sabia que um barco que tinha um só mastro com velas na parte dianteira e não tinha leme só podia navegar com o vento em popa e, também, que o vento nessas latitudes quase sempre soprava do oeste, assim que não encontrariam terra de novo até que não dessem a volta ao mundo e chegassem outra vez ao cabo de Hornos.

Não queria perguntar diretamente, mas comentou estes pontos com vários companheiros de tripulação e comprovou com tristeza que todos, invariavelmente, concordavam com ele.

— Ah, doutor, as coisas estão muito mal! — exclamou Joe Plaice.

— Nunca tinha visto nada tão espantoso como perder o leme a cinco mil milhas de terra — disse o senhor Adams, — pois, em nossa situação, a América do Sul não conta porque está a barlavento.

Contudo, ao mesmo tempo detectou a mesma alegria e aparente falta de preocupação entre os tripulantes, inclusive em uma pessoa tão mal-humorada como Killick. Então se perguntou: “terei estado navegando pelos oceanos com um monte de estóicos, ou terei muito medo devido a minha ignorância?”. Mas em seus freqüentes encontros com os marinheiros, com quem tinha uma

relação muito diferente e, em alguns casos, muito mais estreita que os outros oficiais, teve a oportunidade de ver um aspecto distinto da situação, o aspecto moral.

Os marinheiros sabiam muito bem que Vidal e os seguidores de Knipperdolling mais fiéis a ele tinham levado clandestinamente Dutourd para terra, e estavam convencidos de que Dutourd dera certa informação sobre o doutor que havia posto sua vida em perigo. Além disso, acreditavam que a traição trouxera má sorte à Surprise, ainda que Vidal tenha agido de boa fé. "Má sorte" era um termo que abarcava muitas coisas, e outros poderiam falar de maldição ou castigo divino por um ato ímpio, mas independentemente de como a chamassem, a verdade era que não haviam capturado os mercantes que faziam o comércio com a China e a fragata estivera a ponto de afundar pelo ataque dos barcos estadunidenses e o choque com ilhas e placas de gelo, e, ademais, um raio lhe caíra. Contudo, um seguidor de Knipperdolling já as havia pago todas juntas, e quando o jogassem pela borda a má sorte desapareceria. Jogaram-no dois dias depois após sofrer derrame cerebral, na terça-feira pela manhã. Seus companheiros o olharam com sincera tristeza, pois não tinham nada contra Isaac Rame, nada em absoluto, mas quando as grandes ondas que vinham do sudoeste o cobriram, regressaram ao seu trabalho com uma grande satisfação que se refletiu em sua atitude.

Seguiram sentindo essa satisfação durante uma semana ou mais. Stephen, quase invariavelmente atrapalhando no convés quando os marinheiros realizavam complicados trabalhos, escreveu uma análise sobre o tema para Diana, sob o título de *Consenso e coesão dos marinheiros em certas situações adversas*, e um trabalho intitulado *Comentários sobre os cirrípedes peruanos* para a Royal Society.

O tempo quase sempre era bom; o vento, ainda que amiúde fosse muito forte, sempre soprava do leste; as chuvas eram freqüentes e, apesar de que houve duas cegantes tormentas de neve, não havia gelo ao redor; a temperatura estava acima do ponto de congelamento durante o dia. Não tinham leme, mas até que pudessem fazer e colocar um, tinham posto um remo na alheta que

permitia desviar a fragata do rumo leste dez ou vinte graus ao norte. Agora três pequenos paus ocupavam o lugar onde antes havia robustos mastros. O mastro traquete só lhe restava o pau macho, pois o mastaréu e o mastaréu de joanete estavam unidos ao mastro do bote para substituir o destroçado mastro maior, e um conjunto ainda mais estranho substituía o pau mezena, onde agora estava desdobrada uma miserável vela de remendo do tamanho da toalha de mesa da cabine, que pelo menos contribuía para que a fragata mantivesse o equilíbrio. No pau traquete e no maior estavam desdobradas velas muito amplas mas muito baixas, tão baixas que quando levaram Stephen ao convés para vê-las perguntou onde iam colocá-las.

— Já estão colocadas — responderam em tom incômodo.

Mais adiante, no gurupés ainda intacto, estavam a cevadeira e a sobrecevadeira. Por outro lado, como a fragata tinha grande quantidade de provisões para o uso do contramestre e do veleiro, levava desdobradas todas as velas de estai que podia.

— Isto parece um dia de lavar roupa na casa de Bridie Colman — disse Stephen em outra desafortunada tentativa de agradar. — E tudo está à mão.

— Este pedaço de pudim de passas é sumamente pequeno — disse no final do almoço do domingo na cabine. — Espero que isto não seja um ato de vingança por meu inocente comentário desta manhã de que a fragata tinha a aparência de um inofensivo bote. Foram palavras inocentes, eu lhe asseguro, e inclusive graciosas, porque as disse em tom de brincadeira; contudo, só vi ao meu redor lábios franzidos e caretas. E agora me dão este raquítico, miserável pedaço de pudim. Tinha melhor opinião de meus companheiros de tripulação.

— Está equivocado, meu amigo — replicou Jack. — O senhor Adams e eu, como desempenhamos conjuntamente o cargo de contador, contamos os víveres ontem, inclusive o que havia em todas as caixas e armários do paiol do pão e até o último quarto de barril de aveia, sem excetuar os víveres que são de propriedade privada, e dividimos o total entre a quantidade de pessoas que há a

bordo. Esse pedaço de pudim é a ração que lhe corresponde, meu pobre amigo.

— Ah, é? — perguntou Stephen, assombrado.

— Sim. Falei disto à tripulação e disse a menos que possamos fazer e colocar um leme...

— Se voltar a passar dois minutos com a água ao pescoço a esta temperatura, tratando de colocá-lo, não respondo por sua vida. Da outra vez se salvou por pouco, com unguentos, cobertores quentes e meia pinta de meu melhor conhaque.

—... A menos que possamos colocar um leme que nos permita navegar de bolina até Santa Elena, penso navegar rumo ao Cabo, virando um pouco ao norte todo o tempo com o remo ou algo muito melhor. Fica a três mil e quinhentas milhas e, ainda que tenhamos avançado bastante nos três últimos dias com esta ridícula exércia, a estupenda corrente em direção leste e o vento fixo, somente percorremos cinqüenta, um dezessete avos do total, conforme meus cálculos. E cinqüenta multiplicado por dezessete dá três mil quinhentos, Stephen, e esse succulento e apreciado pedaço de pudim que tem na frente é dezessete avos de todo o pudim que vai comer antes de que avistemos Table Mountain.

— Meu Deus! Que coisas me conta, Jack!

— Nunca perca a esperança, Stephen. Recorda que Bligh navegou quatro mil milhas em um bote sem ter sequer a milésima parte de nossas provisões. Sei que você nunca perderá a esperança. E estou seguro de que não verá a nenhum dos tripulantes perdê-la.

— Não — disse Stephen, tratando de apagar a lembrança das enormes ondas que se formavam durante as tormentas nessas latitudes, o constante perigo de que a fragata recebesse um golpe do mar pela popa, de que virasse e de que se perdesse com todos os tripulantes em um torvelinho de espuma. — Não, não perderei a esperança.

— Além disso, Stephen, queria pedir que não falasse com ironia da fragata. Os marinheiros são muito susceptíveis e lhes afeta que falem de sua aparência. Se alguma vez quiser dizer alguma bajulação, eu lhe aconselho que junte as mãos e exclame "Oh!", ou

“Estupendo!”, ou “Nunca vi nada melhor!”, mas sem entrar em detalhes.

— O doutor recebeu uma reprimenda por ser um sátiro — disse Killick a Grimble.

— O que é um sátiro?

— Que tipo mais ignorante você é, Art Grimble! É realmente ignorante. Um sátiro é um tipo que fala com sarcasmo. Além de dar-lhe uma boa reprimenda, tiraram seu pedaço de pudim e o comeram diante dele.

Ainda que na fragata todos os homens estivessem ocupados, a notícia se difundiu com a rapidez habitual. E quando Stephen se dirigia ao castelo para observar os albatrozes e o petrel não descrito que seguia a fragata há dias, cumprimentaram-no com amabilidade e lhe trouxeram um rolo de cânhamo de Manila para que se sentasse e duas cavilhas para que apoiasse firmemente a luneta. Também lhe deram informação sobre as aves que tinham visto nesse dia, entre as quais estava incluída uma grande revoada de petréis fétidos que voavam para o sul, um sinal inequívoco de bom tempo. Tudo isso concordava com o que havia visto no mar tão amiúde, e mais uma vez a amabilidade dos marinheiros o comoveu.

Pensou nela com satisfação quando se deitou, mas no dia seguinte notou com assombro que faltava, assim como sua alegria costumeira, quando subiu ao convés para tomar ar. Havia passado uma tarde esgotadora e angustiante porque nem o paciente com o pé amputado nem os que possuíam queimaduras tinham melhorado e, além disso, porque em sua coleção estava se criando uma destruidora mariposinha noturna e na fragata já não restava pimenta para combatê-la. Em vez de ir ao convés da forma habitual, subindo pela escada do castelinho e atravessando o castelo de popa, saiu pela escotilha de proa depois de atravessar o convés inferior para comprovar se a antiga cabine de Dutourd era o melhor lugar para o paciente com o pé amputado caso se confirmasse suas suspeitas de que havia uma epidemia de pneumonia (uma doença muito freqüente). Teve que passar pelo castelo, que estava cheio de marinheiros, e todos se tocaram o chapéu e lhe desejaram um bom

dia, mas mecanicamente, quase sem sorrir, e imediatamente retomaram a conversa em voz baixa e em tom angustiado, que às vezes interrompiam para chamar alguns de seus companheiros que se amontoavam no corrimão de estibordo. Seguiu avançando até o castelo de popa, e também ali viu rostos graves e cinzentos pelo frio e o desalento que olhavam fixamente para barlavento, quer dizer, um pouco mais ao sul da pequena esteira.

— O que está acontecendo? — sussurrou ao ouvido de Reade.

— Venha por aqui, senhor, e olhe para barlavento — disse Reade, conduzindo-o até o coroamento.

Via-se a gávea de uma corveta navegando a um largo e várias milhas mais atrás outro barco também navegando com rumo nor-nordeste com as joanetes e as alas desdobradas, algo que era digno de se ver, mas que não produzia satisfação.

— É a cruel fragata estadunidense que vem para nos pegar — disse Reade.

— Deveria ter vergonha de vir depois daquela amável mensagem — murmurou Wedell.

— Onde está o capitão?

— No alto da exércia, senhor, mas não vê muito bem hoje porque com o frio seus dois olhos lacrimejam — murmurou Reade.

— Faz frio, sem dúvida — disse Stephen.

Então enfocou sua melhor luneta, que acabava de limpar. Era um magnífico instrumento que feita por Dolland expressamente para ele, com mais aumento que os da Armada, para que pudesse identificar as aves.

— Diga-me, Reade — perguntou pouco depois, — as fragatas têm uma só fila de canhões, né?

— Sim, senhor, só uma — respondeu Reade pacientemente, levantando um dedo.

— Bem; aquele barco ou navio tem duas e alguns canhões em cada extremo.

— Não, senhor — disse Reade, negando com a cabeça e depois, com ansiedade, acrescentou: — Por favor, deixe-me ver. — Então, dirigindo-se a Pullings, que estava no coroamento, gritou: —

Oh, senhor, não é a fragata ianque! É um navio de duas pontes, um navio de sessenta e quatro canhões! O doutor o viu!

— Convés! — gritou Jack desde o alto, interrompendo o inútil alvoroço. — É um navio de sessenta e quatro canhões, o velho *Berenice*, da base naval de Nova Gales!

— E aquele barco que está mais perto é o que chamamos no mar de uma escuna — disse ao atônito Reade. — Mas não tem que se preocupar porque leva muito poucos canhões.

— Acho que é um clíper de Baltimore, senhor — interveio o senhor Adams.

— Ah, é? Teria jurado que era uma escuna, apesar das velas retangulares que leva na frente.

— Na verdade, senhor, tem exércia de escuna. O nome de clíper se refere ao casco.

— Então também tem um casco, né? Não tinha percebido. Porém, diga-me, senhor Adams, acha que poderia encontrar uma pequena bolsa de pimenta, de umas sete libras mais ou menos, no paiol onde o capitão guarda suas provisões?

— Senhor, tive buscado por toda parte, apesar da oposição do maldito Killick e... Olhe, vê? Agora está virando em redondo.

A escuna diminuiu a velocidade e um jovem e alto guarda-marinha, de pé sobre a parte mais baixa da borda e agarrado a um amantilho, gritou:

— Ei, do barco! Que barco é? — E acrescentou em voz mais baixa: — Se é que se pode chamar de barco a um miserável casco.

— É a fragata *Surprise*, um barco alugado por Sua Majestade! — respondeu Tom. — Sou o capitão Pullings!

Ao longo dos costados da escuna os marinheiros se agruparam e olharam a fragata com curiosidade, sorrindo zombadoramente e fazendo gestos ofensivos. Os tripulantes da *Surprise* os olharam com ódio.

— Venha a bordo com sua documentação! — gritou o guarda-marinha.

— Leve esse artefato ianque junto ao *Berenice* outra vez! — gritou Jack dos enfrechates, a meio caminho do convés. — E

apresente meus respeitos ao capitão Dundas e diga-lhe que o capitão Aubrey irá visitá-lo! Ouviu?

— Sim, senhor! — respondeu o guarda-marinha, e de ambos os lados desapareceram os sorrisos brincalhões. — Sim, senhor, apresentarei os respeitos do capitão Aubrey! Senhor! — acrescentou quando a faixa que separava as embarcações se alargava. — Com sua permissão, senhor, Philip Aubrey está a bordo!

Na *Surprise* todos ficaram contentes. Alguns dos mais jovens subiram à exércia e ostentadamente se deram palmadas no traseiro zombando da escuna que se afastava navegando o mais possível contra o vento. Mas mais, muitos mais marinheiros se agruparam no castelo ou no castelo de proa e, esquecendo-se do frio, cheios de alegria porque haviam conservado seu butim, riam e se davam palmadas nas costas.

Os barcos se aproximaram mais e mais.

— Sei perfeitamente o que ele vai dizer — murmurou Jack para Stephen quando estavam junto aos pontais do corrimão com suas capas de chuva. — Vai dizer: “Bem, Jack, a quem Deus ama, Deus castiga”, e todos vão rir. Aí está Philip! Meu Deus, como cresceu!

Philip era o meio irmão de Jack, a quem Jack havia visto pela última vez quando era guarda-marinha sob as ordens de Heneage Dundas em um barco que tinha anteriormente sob seu comando.

Posto que a *Surprise* tinha os paus tão frágeis, não podia descer com facilidade o bote pelo costado; por isso Dundas mandou sua falua para recolhê-los. A desceram com a habilidade dos bons marinheiros e, quando zarpou, o capitão Dundas, agitando o chapéu desde o castelo de popa do *Berenice*, gritou:

— Bem, Jack, a quem Deus ama, Deus castiga! Ah, ah, ah! Você deve ser um de seus favoritos! Que mau aspecto tem, por Deus!

— Capitão Dundas! — gritou Stephen. — Acha que poderia dar-me umas poucas libras de pimenta recém moida?

A resposta foi afogada pelos gritos do contramestre e seus ajudantes quando baixavam o capitão pelo costado.

Stephen, Pullings e Philip se retiraram muito cedo do esplêndido jantar; Stephen com a pimenta.

— Hen, você converteu Philip em um estupendo jovem — disse Jack. — Eu lhe estou muito agradecido.

— Não há de que — respondeu Dundas. — Parece que nasceu para navegar. Cobbold diz que o nomeará ajudante de oficial de derrota e o enviará ao *Hyperion* no próximo ano, se lhe parece bom.

— Acho muito bom. Era hora de que deixasse de ficar sob o estrito controle familiar, e sei que o seu é o mais moderado do mundo.

Sentiam-se muito à vontade juntos porque eram velhos amigos e velhos companheiros de tripulação, e bebiam o vinho do porto a tragos e passavam a garrafa um para o outro. Dundas ordenou aos serventes que fossem dormir e pouco depois disse:

— Acho que teve dificuldades, Jack, e Maturin também.

— Sim, muitas. E ele também. Além disso, estivemos fora da Inglaterra muito tempo e tivemos muito poucas notícias dos acontecimentos de lá, sabia? A isso acrescenta a dureza de uma viagem normal comprida, ainda que nesta ocasião a viagem não foi ordinária. Diga-me, como estão as coisas em casa?

— Estive em Ashgrove no passado mês de julho e todos estavam bem. Sophie tinha um aspecto esplêndido; sua mãe vive lá com uma amiga, uma tal senhora Morris; as crianças estão muito bem e, em particular, as meninas estão muito bonitas e são modestas e amáveis, bem, bastante modestas e muito amáveis. Não vi Diana, porque se encontrava na Irlanda quando eu estava de licença, mas sei que os cavalos estão muito bem. Quando a visitei vi Clarissa Oakes, a jovem viúva de Oakes, que vive lá. Que bonita jovem! — Fez uma pausa e depois seu rosto se iluminou e ele continuou: — Porém, diga-me como foi sua missão, na medida em que possa, na medida que seja correto, pois Melville me disse que era uma missão secreta.

Melville ou, mais formalmente, lorde Melville, era o irmão mais velho de Heneage Dundas e o primeiro lorde do Almirantado.

— Bem, acho que na primeira parte, nas Antilhas, Stephen se saiu bem, e pelo menos molestamos aos franceses, mas a *Diane*

encalhou em um arrecife no mar da China e isso terminou em uma perda total. Na segunda parte, que termina agora, graças a Deus, capturamos um considerável número de presas e também um odioso barco pirata, o *Alastor*, mas não pudemos pegar três mercantes que fazem o comércio com a China. Meu Deus, quanta riqueza levavam! A verdade é que estavam protegidos por um bergantim e uma fragata de trinta e oito canhões que quase destruiu a fragata. Além disso, Hen, ao sul das ilhas Diego Ramírez encontramos horríveis massas de gelo que avançavam para o norte, e escapamos por muito pouco. Apesar de tudo, acho que a missão foi um fracasso. Acho que Stephen foi atraído, que seu plano não saiu bem e que isso o afetou muito.

— Vou trazer mais vinho do porto — disse Heneage.

Beberam enquanto observavam as brasas no forninho pingente e determinavam quantos mastros e paus a *Berenice* podia dar à *Surprise*, e em um longo parêntese Dundas lhe ofereceu o clíper de Baltimore, que havia capturado em perfeito estado mas vazio, sem uma alma viva nem um pedaço de papel, no Pacífico sul, e elogiou suas extraordinárias qualidades para navegar.

— Analisando detalhadamente esta viagem — disse Jack, — acho que em geral foi um fracasso, um caro fracasso. Mas estou muito contente de regressar a salvo para a Inglaterra — acrescentou, rindo por esse novo pensamento. — Estou muito contente, contentíssimo de estar vivo.



- {1} Bedlam: Assim se chamava vulgarmente ao manicômio Saint Mary of Bethlehem Hospital, onde no século XIX se internavam uns 50 membros da Armada real por ano para receber tratamento.
- {2} Seguidores da doutrina do pastor reformista John Traske.
- {3} Castelinho: coberta parcial existente em alguns barcos que vai do mastro mezena ao coroamento de popa.
- {4} Lanteon ou aparelho de lantia: é unido a um cabo grosso que passa por um moitão costurado ao peso que se suspende.
- {5} Jimelga: Mar. Reforço de madeira em forma de telha, e de comprimento variável, que se dá aos paus, vergas, etc.
- {6} Jardim: nome dado ao sanitário nos barcos.
- {7} Joe ou janees: Nome que se dava nas colônias britânicas a uma moeda de ouro portuguesa equivalente a uns 36 xelins. A moeda se cunhou pela primeira vez no século XVIII e a chamaram assim porque na legenda aparece o nome do rei português João V.
- {8} Royal Society: Organização criada por Carlos II da Inglaterra em 1662 para o desenvolvimento das ciências, sobretudo da náutica.
- {9} Pompey: Era como os marinheiros britânicos antigamente chamavam a Portsmouth.
- {10} Estadio: Medida de longitude equivalente a 201,2 metros.
- {11} Icho: Planta gramínea que cresce na puna.
- {12} Puya: é um gênero botânico de plantas terrestres pertencente à família Bromeliaceae.
- {13} Cachorro manchado: Pudim de sebo com passas.
- {14} Ballestrinque: Mar. Nó marinheiro que se forma com duas voltas de cabo, dadas de tal modo que os chicotes ficam cruzados.
- {15} Empuñidura: Mar. Cada um dos cabos firmes nos punhos altos ou de borda das velas e nos extremos das faixas de rizes, que servem para segurar uns ou outros à verga, passando-os por detrás dos degraus da escada de corda que, conforme os casos, correspondem.
- {16} Chafaldete: Mar. Cabo que serve para carregar os punhos de gáveas e joanetes levando-os ao centro de suas respectivas vergas.

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base tradução do *Espanhol* para o *Português* feita em
16/07/2012 por
Kleber de Souza Andrade

